

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Hernando Vaca Gutiérrez

**PROCESSOS INTERATIVOS MIDIÁTICOS DA RÁDIO SUTATENZA
COM OS CAMPONESES DA COLÔMBIA
(1947-1989)**

São Leopoldo

2009

Hernando Vaca Gutiérrez

**PROCESSOS INTERATIVOS MUDIÁTICOS DA RÁDIO SUTATENZA
COM OS CAMPONESES DA COLÔMBIA
(1947-1989)**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
Área de concentração: Processos Mudiáticos

Orientador: Dr. Pedro Gilberto Gomes

São Leopoldo

2009

Hernando Vaca Gutiérrez

**PROCESSOS INTERATIVOS MUDIÁTICOS DA RÁDIO SUTATENZA
COM OS CAMPONESES DA COLOMBIA
(1947-1989)**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Área de concentração: Processos Mudiáticos

APROVADO EM: dia ____ mês ____ ano ____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Doris Fagundes Haussen – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - RS

Dr. Atílio Hartmann, S.J. - CENTRO CULTURAL PE. REUS

Dr. Valério Cruz Brittos - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Dr. Antônio Fausto Neto - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Dr. Pedro Gilberto Gomes, S.J. – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Dedico esta investigación a los campesinos, y entre ellos, a mis padres Floralba y Juvenal (+), que me enseñaron el valor de la escucha, del trabajo y de la fé.

AGRADECIMENTOS

Ao Pe. Pedro Gilberto Gomes, meu orientador, pelas suas sábias indicações e pela sua grande dedicação para orientar esta pesquisa. Sem sua ajuda este trabalho final não teria sido possível.

Ao professor Fausto Neto pelas sugestões tão significativas para esta investigação. Também ao professor Valério Brittos pelas oportunas indicações.

Ao professor José Luiz Braga pelas valiosas contribuições metodológicas para esta pesquisa.

E na pessoa da Professora Christa Berger, Coordenadora do Pós-graduação em Comunicação da Unisinos, o agradecimento pelos aprendizados com toda a equipe maravilhosa de educadores/as.

Ao professor Danilo Streck pelos ensinamentos teóricos e existenciais desde o campo da educação popular.

Um agradecimento muito grande ao Programa de Lideranças Católicas (PROLIC) pela bolsa de estudos que me concedeu.

A Elide Fogolari, fsp, e Attilio Hartmann, sj, que me levaram ao encontro da UNISINOS.

Ao Pároco de Sutatenza, Pe. Manuel Mojica, pela amizade e ajuda durante minhas estadas em Sutatenza; ao Dr. Germán Vallejo, Presidente de ACPO, pela disponibilização dos arquivos da instituição para realizar a pesquisa; a Hilária Gutiérrez, aluna e líder camponesa da Rádio Sutatenza, atual responsável da Vila Esperança, em Sutatenza, por tantas horas dedicadas à busca de material e a contar histórias da Instituição.

À Irma Laurita Coronita Ortíz (+) pelo estímulo recebido aqui na terra e agora no céu para esta pesquisa;

A “mis florecitas queridas” que me acompanharam com alegria e sacrifício nestes anos: Ana e Sisamar.

A meus irmãos Humberto, Henry e Héctor, e a minhas irmãs Gladys e Adela. Em especial a Humberto a quem devo de coração esta aventura.

A Nossa Senhora Aparecida, mãe do Filho de Deus e dos pobres, pela luz e pelo amor para encontrar o caminho.

*A Don Emigdio Rincón
queremos felicitar
por ese bello programa
que nos hace progresar.*

Copla. Víctor M. Villabón (Rafael Reyes, Cundinamarca)

*Seguimos siendo los mismos
los mismos seguiremos siendo
mientras no nos eduquemos
nos seguirán oprimiendo.*

*Nos falta estudio y dinero
siempre somos explotados
y podemos defendernos
siendo bien organizados*

*no hay trabajo no ha dinero
si hay trabajo yo sugiero
que nos paguen con justicia
a los pobres jornaleros*

*Luis Tianejo nos humilla
ahora ya es patrón
nos recuerda que vivió
también esta situación*

*Dejemos ese egoísmo
si ahora estamos mejor
no seamos gamonales
como Luis se convirtió*

No hay trabajo no hay dinero [...]

*Disco: Colombia campesina canta. Faixa 6: Así estamos,
Danza (D.R. de A. – Esaú Chimborazo G.) Esaú y Olmedo.*

Yo alumna de la Escuela Radiofónica número 2 en la vereda de Laderas, tengo el gusto de saludarlos para darles mi agradecimiento por todas las clases transmitidas en el curso de este año que fue el único año talvez feliz para mí por haber podido aprender a leer y escribir, y como fue para mí esta felicidad, estoy haciendo lo posible para llevar otras compañeras para que aprendan lo que yo aprendí en la Escuela Radiofónica (carta. María Elisa Morales. Miraflores, Boyacá, Boletín de Programas, febrero de 1955).

RESUMO

A pesquisa examina os processos interativos midiáticos da Rádio Sutatenza com os camponeses da Colômbia (1947-1989). Metodologicamente, distingue entre um modelo de interação “estrita”, carta, telefone etc., com retorno pontual e direto do receptor para o emissor, e um modelo de interação social ampla, depois da circulação do produto, a circulação social das informações, ofertas, interpelações etc., com retorno diferido e difuso. A interação “estrita” foi muito intensa na Rádio Sutatenza. Dentro do sistema combinado de meios, a correspondência se constituiu num meio de ação. Em princípio toda carta foi respondida de maneira pessoal, além de serem muitas delas difundidas na Rádio e no Jornal. A Rádio Sutatenza respondeu 1.229.552 cartas dos alunos e ouvintes das emissoras e dos leitores. A interação social ampla foi dinamizada pela programação educativa, informativa e recreativa da Emissora. Toda a programação da Rádio Sutatenza foi educativa, pois o rádio foi entendido como meio de cultura. As aulas, as campanhas, os programas dramatizados e musicais geraram processos interativos, de socialização, relevantes segundo os dados apresentados na pesquisa. A interação midiática foi observada no subsistema produtor/produto e o subsistema receptor/produto. A Escola Radiofônica foi o lugar privilegiado destes processos interativos com e sobre os produtos; mas também o foi a paróquia, os encontros comunitários, a programação natalina, etc.. A música, os programas dramatizados e as campanhas esportivas, conduziram à criação de grupos musicais em todo o país, grupos de teatro rural, esquadras de basquete, futebol e xadrez. A tese valoriza como operou a interatividade além de verificar se houve ou não interatividade: no caso da correspondência a interação foi operada como mecanismo de controle da eficácia da mensagem; como motivação para desenvolver a criatividade, a participação, a organização e o reconhecimento; como experiência de aprendizagem; como ativador da competência comunicativa e como forma de superar complexos ancestrais. Entre as estratégias da Rádio Sutatenza para interagir com os camponeses se destacam: o imaginário religioso, as características da audiência, as especificidades do meio radiofônico, as necessidades de aprendizagem, a oferta de cobertura nacional com som e produto de qualidade, o sistema combinado de meios. A tese começa com uma aproximação teórica e metodológica ao objeto: valoriza, no referencial teórico sobre rádio, autores como Bertold Brecht, Rudolf Arnheim, Mario Kaplún e Maria Cristina Mata; na proposta multimetodológica privilegia a análise documental para a aproximação aos registros escritos, audiovisuais e entrevistas. A tese contextualiza a prática da Sutatenza dentro da comunicação para o desenvolvimento e oferece uma breve biografia midiática de José Joaquín Salcedo, seu pensamento comunicacional e estratégico. As fontes consultadas abarcaram três países: Colômbia, Equador e Brasil.

Palavras chave: Rádio Sutatenza. Rádio educativo. Processos interativos. Camponeses. Interface comunicação e educação. José Joaquín Salcedo.

RESUMEN

La investigación examina los procesos interactivos mediáticos de Rádio Sutatenza con los campesinos de Colombia (1947-1989). Metodológicamente, distingue entre un modelo de interacción “estricta”, carta, teléfono, etc., con retorno puntual y directo del receptor para el emisor, y un modelo de interacción social amplia, posterior a la circulación del producto, circulación social de informaciones, ofertas, interpelaciones, etc., con retorno diferido y difuso. La interacción “estricta” fue muy intensa en Radio Sutatenza. Dentro del sistema combinado de medios, la correspondencia se constituyó en un medio de acción. En principio toda carta fue contestada de manera personal, además, muchas de ellas fueron difundidas por la Emisora y en el periódico “El Campesino”. Radio Sutatenza contestó 1’229.552 cartas de los alumnos, oyentes y lectores. La interacción social amplia fue dinamizada por la programación educativa, informativa y recreativa de la Emisora. Toda la programación de Radio Sutatenza fue educativa. La radio fue entendida como medio de cultura. Las clases, las campañas, los programas dramatizados y musicales generaron procesos interactivos, de socialización, muy significativos según los datos presentados en la investigación. La interacción mediática fue observada en el subsistema productor/producto y el subsistema receptor/producto. La Escuela Radiofónica fue el lugar privilegiado de estos procesos interactivos con y sobre los productos; pero también lo fue la parroquia, los encuentros comunitarios, la programación navideña, etc. La música, los programas dramatizados y las campañas deportivas, llevaron a la creación de grupos musicales en todo el país, grupos de teatro rural, equipos de baloncesto, fútbol e ajedrez. La tesis valoriza cómo operó la interactividad más allá de verificar si hubo o no interactividad: en el caso de la correspondencia la interacción obró como mecanismo de control de la eficacia del mensaje; como motivación para desenvolver la creatividad, la participación, la organización y el reconocimiento; como experiencia de aprendizaje; como activador de la competencia comunicativa y como forma de superar complejos ancestrales. Entre las estrategias de Radio Sutatenza para interactuar con los campesinos se destacan: el imaginario religioso, las características de la audiencia, las especificidades del medio radiofónico, las necesidades de aprendizaje, el ofrecimiento de cobertura nacional con sonido y producto de calidad, el sistema combinado de medios. La tesis comienza con una aproximación teórica y metodológica al objeto: valoriza, en el referencial teórico sobre radio, autores como Bertold Brecht, Rudolf Arnheim, Mario Kaplún y María Cristina Mata; en la propuesta multimetodológica privilegia el análisis documental para la aproximación a los registros escritos, audiovisuales y entrevistas. La tesis contextualiza la práctica de Sutatenza de la comunicación para el desarrollo y ofrece una breve biografía mediática de José Joaquín Salcedo, su pensamiento comunicacional y estratégico. Las fuentes consultadas abarcaron tres países: Colombia, Ecuador y Brasil.

Palabras claves: Radio Sutatenza. Radio educativa. Procesos interactivos. Campesinos. Interface comunicación e educación. José Joaquín Salcedo.

ABSTRACT

This research examines media interactive processes of Sutatenza Radio with Colombian peasants (1947-1989). Considering its methodology, this study presents the differences between a pattern of “estric” interaction, letter, phone call etc, with the straight feedback from the receiver to the sender; from a wide social interaction pattern, after the product circulation, the social circulation of the information, supplies, interpellations etc., with the diffuse and differed feedback. “Estrict” interaction was very intense at Sutatenza Radio. Inside the combined media system, lettering corresponding constituted an action means. In the beginning, every letter was answered in a personal way; besides, many of them were defunded in the Radio and the Newspaper. Sutatenza Radio answered 1.229.552 letters from the students and listeners of the radio and also from the newspaper’s readers. The wide social interaction became dynamic because of the educative, informative and recreational programming of the radio station. All the programming of Sutatenza Radio was educative, as radio was taken as a cultural means. Classes, campaigns, drama and musical programs generated interactive processes, of socialization, which were relevant according to the data presented in this study. Media interaction was observed in the subsystem producer/product and in the subsystem receiver/product. Radio School was the privileged place of this interactive processes with and about the products; as well as also were the parish, the community meetings, the Christmas programming, etc. Music, drama programs and sports campaigns led to the upbringing of music groups in the whole country, countryside theater groups, and also soccer, basketball and chess teams. The thesis takes into account how interactivity operated, and it also verifies if interactivity occurred or not in these following situations: considering correspondence, interaction was operated as a control mechanism of the message effectiveness; as a motivation to develop creativity, participation, organization and recognition; as a learning experience; as communicative competence activator and as a mean of getting over ancestral complexes. Some strategies of Sutatenza Radio to interact with the peasants can be remarked: the religious imaginary, audience’s characteristics, specificities of radio means, learning needs, national broadcasting offer with quality of sound and product, and a combined system of means. At first, the study presents a theoretical and methodological approach of the object, valuing, in the theoretical basis about the radio, authors as Bertold Brecht, Rudolf Arnheim, Mario Kaplún and Maria Cristina Mata; and in the multi-methodology propose, it takes into account a documental analysis aiming the approach to interviews, written and audiovisual data. The thesis also contextualizes Sutatenza’s practice in communication for development and it offers a brief media biography of José Joaquín Salcedo and his communicational and strategy thought. The sources were researched in three countries: Colombia, Ecuador and Brazil.

Key words: Sutatenza Radio. Educational radio. Interactive processes. Peasants. Communication and Education Interface. José Joaquín Salcedo.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACPO – Ação Cultural Popular

ALER – Associação Latino-americana de Educação Radiofônica

CEC – Conferência Episcopal Colombiana

CELAM – Conselho Episcopal Latino-americano

CEPAL – Comissão Econômica para América Latina

CIA – Central de Inteligência Americana

CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina

DT – Documento de Trabalho

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

OSAL – Oficina de servicios para América Latina

RENEC – Representação Nacional de Emissoras Católicas

UNDA – Associação Católica Internacional de Rádio e Televisão

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO METODOLÓGICO	22
2.1 PONTO DE PARTIDA: O MUNDO DA VIDA	22
2.2 TEORIA E METODOLOGIA.....	31
3 CONTEXTO LATINO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO	64
3.1 A RÁDIO SUTATENZA E A COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO	65
4 PRODUTOR/RÁDIO: BREVE BIOGRAFIA MIDIÁTICA DO FUNDADOR DA RÁDIO SUTATENZA	95
4.1 A RÁDIO SUTATENZA NO AR: 1947-1989	107
4.2 PENSAMENTO COMUNICACIONAL E ESTRATÉGICO DE SALCEDO.....	120
5 PRODUTOR/PRODUTO: GRAMÁTICA DA PRODUÇÃO	140
5.1 ESCOLAS RADIOFÔNICAS DE SUTATENZA.....	147
5.2 DISCURSO RELIGIOSO	174
5.3 DISCURSO RADIOFÔNICO.....	182
5.4 DISCURSO EDUCATIVO	231
5.5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	233
6 RECEPTOR/PRODUTO/AÇÕES DE RETORNO: RECEPÇÃO E INTERAÇÕES	245
6.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS	248
6.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	260
7 CONCLUSÕES.....	264
REFERÊNCIAS	278
APÊNDICE A - CONTEXTO RADIOFÔNICO E DADOS CRONOLÓGICOS DA RÁDIO SUTATENZA	301
ANEXO A – EVENTOS SIGNIFICATIVOS DA RÁDIO SUTATENZA/AMÉRICA LATINA E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS.....	306
ANEXO B – ESCOLAS RADIOFÔNICAS NA AMÉRICA LATINA	307
ANEXO C – A RÁDIO SUTATENZA – ACPO: MODELO DO PROCESO DE COMUNICAÇÃO	308
ANEXO D – ORGANOGRAMA ACPO – ESCOLAS RADIOFÔNICAS 1957.....	309
ANEXO E – MODELOS DE PROGRAMAÇÃO RADIO SUTATENZA	310
ANEXO F - PROGRAMA NUESTRO BIENESTAR	316

ANEXO G – FOTOS ALUNOS DAS ESCOLAS RADIOFÔNICAS	319
ANEXO H: MENSAGEM DE DESPEDIDA DO AR DA RÁDIO SUTATENZA.	321
ANEXO I – TRANSMISSORES DA RADIO SUTATENZA	324

1 INTRODUÇÃO

A Rádio Sutatenza foi a primeira emissora que escutei na minha vida, em 1965. Lembro que tinha um som forte e nítido. Era tal seu poder que na escola municipal rezávamos todos os dias, antes de começar as aulas, a oração que de madrugada faziam na emissora. A Sutatenza foi sempre uma realidade muito próxima, talvez porque esse município se encontrava a uns trinta minutos de meu povoado. Em 1988, tive a oportunidade de conhecer os estúdios centrais da Rádio Sutatenza, em Bogotá, por causa de um estágio, para conhecer de perto essa experiência midiática.

Mas esses não foram os motivos para escolher a Rádio Sutatenza como objeto da pesquisa. Foi a cúpula mundial da sociedade da informação (Genebra, 10-12 de dez. de 2003) que destacava essa experiência da Rádio-educação, e era a única mencionada na área do rádio. Esse fato me chamou a atenção e despertou em mim a “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996, p. 27) por esse objeto. Além disso, a pesquisa de Mestrado sobre a Rádio América de São Paulo, no Brasil (VACA GUTIÉRREZ, 2003), deixou certa insatisfação pela falta de um Projeto Institucional que resgatasse sua missão, visão, objetivos etc.

A Rádio Sutatenza nasceu no ano de 1947 como uma emissora rural de caráter cultural, fundada pelo padre José Joaquín Salcedo, para oferecer educação fundamental integral aos camponeses da Colômbia e, desta forma, transformar suas condições de vida pessoal, familiar e social. Com fins e métodos próprios, pretendia-se, através da comunicação e da educação, fazer do camponês analfabeto, marginalizado e in-comunicado um agente social.

O modelo implementado estava constituído de: *radiodifusão* (programas), *radiorrecepção* (audição organizada – Escolas Radiofônicas), *acesso* (disponibilizando aparelhos de rádio e garantindo cobertura com som de qualidade), *sistema combinado de meios* (rádio, cartilhas, livros, periódico, disco-estúdio etc.) e *comunicação interpessoal* (auxiliar imediato, líderes, dirigentes etc.).

A estratégia consistia em facilitar e multiplicar o acesso à educação através das Escolas Radiofônicas, partindo dos problemas concretos dos camponeses; o pensamento

chave: “O subdesenvolvimento está na mente do homem”. A experiência foi adotada por vários países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Panamá, República Dominicana e Venezuela. Concretamente: no Brasil deu origem ao Movimento de Educação de Base, MEB; no Equador, ao trabalho educativo popular com os indígenas através da Rádio ERPE, Escolas Radiofônicas Populares do Equador, entre outras; em Honduras, as Escolas Radiofônicas etc.

Em 17 de fevereiro de 1989, a Rádio Sutatenza saiu do ar pela venda de sua rede devido a dívidas contraídas com entidades financeiras. A Rádio Sutatenza foi o principal meio da ação educativa da organização Ação Cultural Popular, ACPO, organização que, para atingir seu objetivo, empregou não só o rádio, senão um sistema combinado de meios. Mas não iremos estudar os diversos meios, e sim, especificamente, a Rádio Sutatenza, porque foi o principal e primeiro meio de ação do modelo, porque foi o meio básico e ativador do sistema.

A Rádio Sutatenza esteve no ar de 1947 a 1989 (Apêndice A). Portanto, sua origem, crescimento e decadência se situam no período do desenvolvimento da guerra fria, do neoliberalismo e da globalização, a nível mundial; na época da criação do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), do Concílio Vaticano II, das Conferências latino-americanas de Medellín e Puebla, da Teologia da Libertação, no âmbito da Igreja universal e latino-americana; da manutenção de privilégios, da Igreja colombiana, com relação ao Estado. No campo sociopolítico colombiano, foi o tempo da violência, da ditadura militar, da Frente Nacional e da disputa hegemônica pelo poder por parte dos partidos tradicionais o Liberal e o Conservador. Do ponto de vista comunicacional, foi o período da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e de sua publicação em 1947 da “dialética do esclarecimento”, das teorias dos efeitos, do funcionalismo e da Comunicação para o Desenvolvimento.

No contexto da comunicação radiofônica, a Rádio Sutatenza nasceu dezoito anos após iniciada oficialmente a Rádio na Colômbia (1929). Desses dezoito anos cabe lembrar o rápido interesse da política pela radiodifusão. Os partidos, liberal e conservador, incursionaram no rádio com programas, emissoras e projetos de lei. Por influência do diário liberal *El Tiempo*, conseguiu-se que o executivo expedisse o decreto 627, de 23 de março de 1934, que proibia às emissoras lerem as notícias publicadas nos periódicos antes de transcorridas doze horas de sua aparição. Alberto Lleras, do partido liberal, em 1936, “apresentou um projeto de lei, sem sucesso, que propunha a estatização do rádio” (PAREJA, 1978, p. 5). Em meados de 1936,

sempre no ambiente de pugna radiofônica, conseguiu o governo fazer aprovar um decreto (lei 198) mediante o qual se proibia a transmissão de notícias políticas.

Durante a década de trinta, o rádio obteve um rápido desenvolvimento comercial. Na década de quarenta, no contexto da segunda guerra mundial e da crise econômica, criou-se o ambiente para o surgimento da radionovela e das redes de rádio. No período do pós-guerra cresceu o número de emissoras registradas: de 70, em 1941¹, para 117 no fim da década. A experiência das redes voltou a surgir no pós-guerra. Em 1945, um grupo de pessoas dos círculos financeiros e políticos, entre eles Alfonso López, adquiriu a Rádiodifusora Interamericana, base do que seria mais tarde a Rede Caracol (Cadena Radial Colombiana).

A empresa Fabricato investiu numa rede que deu origem à RCN (Radio Cadena Nacional) que, conseguiu consolidar-se em pouco tempo. O crescimento do pós-guerra concentrou-se, segundo Pareja (1978, p. 12-13) “na ampliação dos estúdios, na edificação de rádioteatros, na importação de aparelhos mais atualizados e na instalação de transmissores mais potentes”. Por outro lado, “ampliaram-se os horários de transmissão, especialmente os da madrugada, com o objetivo de incorporar, o operário das fábricas e o camponês à massa de ouvintes (ainda que de forma restrita devido ao custo dos aparelhos de rádio)”.

Nesse contexto nasce a Rádio Sutatenza². Ela nasce na marginalidade. Seja pelos atores: camponeses; pelos meios: um modesto transmissor de menos de 100 *watts*; e pelo cenário: um insignificante e desconhecido povoado do departamento de Boyacá chamado *Sutatenza*.

Com efeito, os camponeses de Sutatenza “levavam uma vida quase primitiva, semelhante à maioria da gente do campo colombiano. Trabalhavam suas terras com sistemas rudimentares e irracionais. O analfabetismo era muito elevado; os moradores não sabiam ler nem escrever, nem, o que é pior, tinham interesse de aprender” (TORRES, CORREDOR, 1961, p.11). As causas dessa situação eram complexas e entre elas se identificavam: as

1 A história da Radiodifusão Católica no Brasil começa durante a Segunda Guerra Mundial: “Entre as primeiras emissoras católicas do país encontra-se a Rádio Excelsior da Bahia, fundada em 2 de setembro de 1941, pelo frade franciscano Hildebrando Kruthaup, de origem alemã” (CORAZZA, 2000, p. 39).

² Na Colômbia, Rádio Sutatenza foi a primeira rádio da Igreja Católica. Mas, a primeira Rádio Católica no ar na América Latina foi a Radio Fides da Bolívia. “Fundou-se em 2 de fevereiro de 1939. Era a primeira emissora católica no ar, na América Latina. Em seus inícios foi uma emissora do Colégio São Calisto, dos jesuítas. Fez educação radiofônica nos anos 50, 60 e 70 quando foi diretor o P. José Gramunt de Moragas S.J. Seguiu o modelo educativo do P. Salcedo na Rádio Sutatenza [Colômbia]” (CPAL, 2007).

insuficiências do orçamento oficial em educação, a falta de pessoal docente e de escolas, os baixos salários e a despreocupação das elites com a sorte dos moradores do campo.

Um modesto transmissor realizado de maneira artesanal pelo irmão de Joaquín Salcedo, Antonio José, também sacerdote, foi o instrumento-base para colocar a Rádio Sutatenza no ar. Conta Salcedo que foi toda uma odisséia fazer com que esse transmissor de baixa potência entrasse em sintonia. Essa entrada no ar não foi noticiada por nenhum meio de comunicação.

O cenário onde nasceu esta experiência foi um “pequeno vilarejo engastado na cordilheira dos Andes, dentro da rusticidade e da pobreza de uma população de 180 moradores” (VÁSQUEZ CARRIZOSA, 1967, p. 5), sem nada especial para destacar a não ser sua simplicidade e os conflitos próprios de um lugar sem futuro e esperança. Por tudo isso dizemos que a Rádio Sutatenza nasceu na marginalidade, ao lado do povo camponês.

O grande desafio na aproximação do nosso objeto Rádio Sutatenza, consistiu em encontrar e definir um ângulo desde o qual aproximar-nos dela. Nesse processo ficou clara a inevitabilidade de uma abordagem histórica, dadas as características do objeto, atualmente, fora do ar. Seria, então, uma abordagem comunicacional também em perspectiva histórica. Não se trataria simplesmente de fazer uma descrição de dados, fatos e episódios, destacando os que parecem impressionisticamente mais relevantes e eventualmente enaltecendo pessoas e ações, senão de construir uma história das ideias e das práticas, utilizando várias fontes, que relacionassem a Rádio Sutatenza com nosso foco específico.

Não obstante se tenha material escrito sobre a Rádio Sutatenza, desconheço uma história que tente compendiar seu ciclo vital (1947-1989), suas peripécias, seu projeto; pelo contrário, as informações são fragmentárias, dispersas e parciais, nos vários materiais, tanto institucionais quanto aqueles realizados na academia, em nível de graduação e pós-graduação, e os realizados por outros pesquisadores. Portanto, dentro do problema de pesquisa situa-se o desafio de recuperar, tecer, interligar esses materiais para tentar superar a condição de objeto fragmentado, disperso e desarticulado como se encontra atualmente.

Depois de várias tentativas de leitura, desde o ângulo da comunicação para o desenvolvimento e da educação, decidimos trabalhar as *relações ou processos interativos*

mediáticos da Rádio Sutatenza e sua audiência rural, ou seja, como configurou sua audiência, quais foram as propostas identitárias e comunicativas. Essa relação da Rádio com a audiência tem suas especificidades, práticas e estratégias e dirige seu olhar primordialmente à produção radiofônica, a suas lógicas ou, em termos de Verón (2004, p.51), a sua “gramática de produção”, com as de reconhecimento.

Os processos midiáticos são entendidos como “conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias, que operam segundo diferentes linguagens, por meio de dispositivos como o rádio” (GOMES, 2004, p. 17). Quando falamos de processos interativos midiáticos nos estamos distanciando dos processos interativos conversacionais, caracterizados pela reciprocidade constitutiva que leva a um dialogismo imediato. A interatividade midiática não é dialógica, não apresenta em geral reciprocidade entre os interlocutores, é tipicamente assimétrica.

De acordo com Braga (2006, p. 23), podemos distinguir um modelo de “interatividade estrita” (carta, telefone etc.), cujas ações de retorno são diretas e pontuais, do receptor para o emissor, e de “interatividade social ampla” para falar “da circulação com retorno *diferido e difuso* – ou seja, aquela na qual as informações circulam na sociedade, tornando-se de domínio comum (em determinado âmbito) e, nesse nível, podem chegar ao emissor original como retorno”. Portanto, é no nível amplo e generalizado das interações sociais que se deve observar a interação midiática, entre um subsistema produtor/produto e um subsistema receptor/produto.

A questão da interatividade tende-se associá-la, direta e exclusivamente, aos meios, esquecendo-se de observar o produto e suas estruturações (BRAGA, 2001). É em torno do produto que se constrói a interatividade social. Na direção produção → recepção, distinguimos, para nossa pesquisa da Sutatenza, dois momentos: produção e produto, e receptor e produto e ações de retorno.

Pretendemos identificar as marcas da produção presentes no produto. Com efeito, a produção deixa suas marcas no produto: marcas discursivas (ofertas, interpelações etc.), marcas no planejamento (objetivos do produto), marcas da conjuntura e da realidade (o produtor interage com fatos sociais, com expectativas sociais e culturais sobre o tipo de produto), marcas na técnica radiofônica (competências de comunicabilidade, de gênero). A

relação produtor/produto é de interatividade.

Na relação receptor/produto/ações de retorno, são vários os níveis: interações com o produto em forma de interpretações, interpelações, ofertas e direcionamento do produto, por parte do ouvinte que interpreta, responde, se apropria, seleciona ou edita o material; interações sobre os produtos: em forma de conversas e reinterpretaciones construídas; ações de retorno: a partir das interações sociais sobre os produtos e que podem repercutir na gramática de produção.

Os processos midiáticos estão basicamente constituídos por dois subsistemas o de produção/produto e o de recepção/produto. As relações entre emissores e receptores, através dos produtos, são complexas, mas constituem um dos lugares-chaves na construção dos sentidos sociais predominantes.

Vamos descobrir esses processos interativos midiáticos da Rádio Sutatenza, portanto das lógicas da produção com as de reconhecimento, a partir de uma leitura analítico-hermenêutica de arquivos impressos e audiovisuais da instituição, de materiais avaliativos, de pesquisa acadêmica, entrevistas e análise de um programa educativo. É nos processos de relação, de interação, que se encontra a gramática da produção e suas estratégias; é no discurso, no produto, que se pode perceber a marca discursiva dos enunciadores e também nos elementos extradiscursivos.

A pesquisa seguiu uma estratégia multimetodológica, isto é, utilizou várias técnicas de pesquisa: quantitativas, qualitativas, entrevistas, análise documental, temática etc. O método principal foi a análise documental que consiste na “identificação, verificação e apreciação de documentos para um determinado fim” (MOREIRA, 2008, p. 271), no nosso caso para examinar os processos interativos midiáticos da Rádio Sutatenza com a audiência camponesa.

As fontes que utilizamos na nossa pesquisa foram encontradas na Colômbia: na Rádio Sutatenza Bogotá; na biblioteca de minha casa em Macanal; nas bibliotecas (fora de serviço) da Instituição, em Sutatenza (Boyacá); no escritório de ACPO, em Bogotá; na Biblioteca Luis Angel Arango; na Internet, através de amizades pessoais. No Equador: ALER, Biblioteca de CIESPAL e na Biblioteca da Universidade Católica, em Quito. No Brasil: Biblioteca UNISINOS em São Leopoldo, Biblioteca ECA, USP, em São Paulo, Base de dados CAPES.

Além disso, fizemos três entrevistas: a Efraín Medina Mora, mestre e compositor musical que entrou na instituição em 1950; a Floralba Gutiérrez, camponesa ouvinte da Rádio Sutatenza; à religiosa Laurita³ Coronita Ortíz, que em 1962 esteve em Sutatenza, capacitando-se para produzir programas em Quíchua para as Escolas Populares do Equador, ERPE; utilizamos as entrevistas realizadas em 1962 pela Rádio Sutatenza com os irmãos Arevalo do sítio de Irzón, onde foram colocados os três primeiros aparelhos de rádio para fazer as provas de radiodifusão; Outro material que utilizamos foi o disco “Colômbia campesina canta” que continha as 12 canções finalistas de um concurso nacional sobre música camponesa.

Também realizamos uma escuta/análise de um dos programas da noção de saúde, *Nuestro bienestar*; produzido para o curso de educação permanente; análise da correspondência dos camponeses com a Rádio Sutatenza, publicadas pela produção entre 1953 e 1955 em uma revista informativa da Rádio Sutatenza.

Sobre as hipóteses estruturantes, de acordo com João Freire Filho (2004), partilhamos da ideia de que as hipóteses de trabalho são estruturantes, na medida em que sugerem não respostas hipotéticas, mas propostas sobre como relacionar, os aspectos a serem estudados. Portanto, avançamos na pesquisa com esta hipótese de trabalho: relacionar “processos interacionais” e “processos de transformação social”, enquanto ação cultural.

Para abordar nosso problema de *como se relacionava a Rádio Sutatenza com sua audiência camponesa*, a pesquisa realizou três movimentos. O primeiro contextualiza e situa as práticas, ideias e os projetos da Rádio Sutatenza dentro da comunicação para o desenvolvimento na América Latina; o segundo, a partir das lógicas de produção se aproxima da relação produtor/rádio e da relação produtor/produto.

A relação da produção com o rádio a concentramos na figura de seu fundador José Joaquín Salcedo, dada a centralidade que desempenhou dentro da obra, por quarenta anos como seu Diretor geral. Assim, aproveitamos para construir uma biografia midiática de Salcedo, a partir de sua relação com a mídia, de seu pensamento comunicacional e estratégico (ideologias profissionais da emissora).

³ Congregação religiosa fundada por Madre Laura, na Colômbia, para trabalhar na evangelização dos povos indígenas.

A relação produtor/produto identifica as marcas discursivas presentes no produto. Aborda o produto através de três tipos de discurso: religioso, radiofônico e educativo. Analisa também a interface comunicação e educação, identificando quais foram as estratégias da Rádio Sutatenza para desenvolver um processo educativo da população rural colombiana.

O terceiro movimento, receptor/produto/ações de retorno, analisa a relação da recepção com o produto e sobre o produto, ou seja, a interação estrita e a interação social midiaticizada ampla. Perguntamo-nos, entre outras questões, qual é a relação que o destinatário constrói com a Rádio Sutatenza e como é tratada a emissão pelo campo da recepção.

Por que escolhi o rádio como objeto da pesquisa? Foi um desafio. Sabemos com Mata (1988, p. 59) que o rádio em nosso continente tem “uma frustrada e pobre vida enquanto objeto do conhecimento”; que ele costuma “ser o ‘parente pobre’ na família dos meios e nos meios acadêmicos” (MATA, 1998, p. 91). Acreditamos, não obstante, que o rádio dá visibilidade e existência social; que o rádio promove ações afirmativas e de reconhecimento; que o rádio educa e socializa e desta forma motiva e potencializa processos de transformação, de mudança e de inclusão social; que o rádio faz parte constitutiva da cultura popular e isto é muito evidente na Colômbia. Portanto, esperamos contribuir com nosso relato sobre a Rádio Sutatenza para o enriquecimento da história do rádio, em geral, e do rádio popular e educativo, em particular, e sua contribuição aos processos interacionais na sociedade.

Concretizando nossa problematização, estabelecemos os seguintes objetivos da pesquisa. *Objetivo geral:* Examinar a relação da Rádio Sutatenza (1947-1989) com sua audiência camponesa, desde uma perspectiva histórica e teórica da comunicação, na América Latina. *Objetivos específicos:* 1. Situar a experiência da Rádio Sutatenza no contexto da comunicação para o desenvolvimento na América Latina; 2. Construir uma biografia midiática do fundador da Rádio Sutatenza para identificar sua relação com a mídia e suas ideologias profissionais; 3. Identificar nos diversos registros as estratégias da produção da Rádio Sutatenza para interagir ou relacionar-se com a audiência camponesa, ou seja, como configurou sua audiência, quais foram as propostas identitárias e comunicativas e entender os processos interativos da interface comunicação/educação para a mudança social na Rádio Sutatenza. 4. Identificar na relação receptor/produto/ações de retorno como é tratada a emissão pela recepção; 5. Estabelecer possíveis relações entre “processos de interação” e “processos de transformação social” na prática da Rádio Sutatenza.

Desenvolvemos o trabalho em sete capítulos. O capítulo primeiro é constituído por esta introdução. O capítulo segundo aborda o percurso metodológico. Está dividido em duas partes: na primeira o autor relata suas experiências de relacionamento com o rádio como ouvinte, produtor, diretor, educador e pesquisador. Relata seus aprendizados na rádio na Colômbia, no Equador e no Brasil. Na segunda parte aborda especificamente a teoria e a metodologia da pesquisa: conceitos como produção discursiva e enunciação, com Verón; gêneros radiofônicos, com Mata, Barbosa Filho etc.; modelos educativos com Díaz Bordenave e Kaplún; as teorias do rádio com Brecht, Arnheim e Kaplún; interações e interatividade com Braga, Berger, Luckmann etc.; estratégia multimetodológica, análise documental, abordagem histórica etc., com Lopes, Moreira etc.

No capítulo terceiro situamos o contexto latino-americano de comunicação e a Rádio Sutatenza e a comunicação para o desenvolvimento, guiados principalmente por um dos estudiosos mais prestigiosos no assunto: o boliviano Luis Ramiro Beltrán. Este autor não só analisa o desenvolvimento geral, rural e a comunicação rural, na América Latina, senão que situa nos primórdios da comunicação para o desenvolvimento a prática da Rádio Sutatenza. Esta emissora foi entendida como uma “agência de desenvolvimento”, como um modelo, seguido por muitos países da região.

São apresentadas as ideias de Lerner, Rogers e Schramm sobre a comunicação para o desenvolvimento, destacando seu papel nos processos de modernização, o papel da difusão de inovações, nesse sentido, e a interdependência entre desenvolvimento das comunicações e os processos de desenvolvimento. A Rádio Sutatenza afirma sua ideia de desenvolvimento humano como uma via alternativa, frente à teoria da dependência e das ajudas da América do Norte e propõe, nessa linha, a criação de instituições de caráter latino-americano para socializar experiências e aproveitar as vantagens de uma cooperação organizada. Também se sublinham as contribuições de Sutatenza à criação de ALER, por ocasião de seus 25 anos de serviço à educação.

Aproximamo-nos, no capítulo quarto, do fundador da Rádio Sutatenza mediante uma biografia midiática para compreender na relação produtor/rádio como descobre, define e utiliza o rádio para educar o povo camponês; entender as origens, filosofia, trajetória e projetos de Salcedo com o rádio, quais foram as ideias-chave que orientaram a instituição desde o ponto de vista comunicacional e estratégico. Dada a incidência de Salcedo no projeto

como um todo e na Rádio Sutatenza, essa biografia midiática se constitui no referencial das ideologias profissionais da emissora.

O capítulo quinto, produtor/produto: a gramática da produção é central na pesquisa. A apresentação dos dados está dividida em quatro partes: as escolas radiofônicas de Sutatenza, discurso religioso, radiofônico e educativo e uma quinta parte dedicada à análise e interpretação dos dados.

Os dados mostram como a Escola Radiofônica foi construída, quais seus elementos e estratégias de “audição organizada”; como promoveu o acesso oferecendo aos camponeses aparelhos de rádio com sintonia sincronizada. Destaca dois atores sociais fundamentais na sua constituição: o professor locutor e o auxiliar imediato. A partir das várias avaliações desenvolvidas se apontam os aspectos positivos e as críticas sobre as aulas radiofônicas, seus conteúdos, interações e se analisa a estratégia das campanhas desenvolvidas pela Instituição a partir das necessidades dos camponeses.

Neste capítulo são analisados os três tipos de discurso que parecem caracterizar a Rádio Sutatenza: discurso religioso, radiofônico e educativo. Os dados mostram como se construiu simbolicamente o discurso religioso em sintonia com os objetivos institucionais; o discurso radiofônico a partir dos dados se aproxima da imagem do enunciador, de quem fala; da imagem do ouvinte, do destinatário; da programação da Rede Sutatenza: educativa, informativa e recreativa, de seus objetivos, metodologia, dos resultados de um estudo da audiência camponesa da Rádio Sutatenza; do curso de formulação de uma aula radiofônica e de produção radiofônica. No discurso educativo os dados apontam à compreensão do conceito de Educação Fundamental Integral.

No capítulo sexto, receptor/produto/ações de retorno, se faz uma descrição, análise e interpretação de 50 cartas, dos camponeses, publicadas pela produção da Rádio Sutatenza entre 1953 e 1955; apresenta-se uma visão da Rádio Sutatenza expressa pelos camponeses e o papel da correspondência; descrevem-se impressões das testemunhas da primeira transmissão radiofônica em Sutatenza.

No capítulo sétimo apresentam-se as conclusões mais relevantes da presente pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Início este percurso metodológico relatando alguns aspectos da minha experiência de relacionamento com o rádio como ouvinte, como produtor e diretor, como educador e pesquisador, sublinhando os processos de relacionamento mídia e audiência como pano de fundo. A seguir, apresento os principais elementos teóricos envolvidos na minha pesquisa

2.1 PONTO DE PARTIDA: O MUNDO DA VIDA

Em minha família camponesa, começamos a viver a experiência de relacionamento com o rádio lá por 1965. Foi nesse ano que nasceu meu irmão Humberto e essa é a data que minha mãe tem como referência, para a compra do Rádio Sutatenza Sanyo, o primeiro aparelho de rádio na minha família. O primeiro meio eletrônico a entrar em nosso lar. E esse aparelho, como para milhares de camponeses na Colômbia, tinha um nome: “*Acción Cultural Popular – Radio Sutatenza*” (gravado no aparelho). Esse aparelho foi conservado por minha mãe que, com muito carinho, o deu para mim quando soube que ia fazer minha pesquisa de doutorado sobre essa emissora tão familiar ao mundo camponês da Colômbia.

Mas foi no ano de 1963 que escutei falar do rádio pela primeira vez. Era criança e estava com meu pai e outros vizinhos perto de casa semeando milho, ervilha e plantando mandioca. A lembrança ficou em mim porque a notícia que veio trazer um amigo foi acompanhada de uma advertência. A notícia era a morte do Papa João XXIII e a advertência ou a crença, compartilhada pelo grupo, era a de que “quando morre um Papa a terra estremece”. E aí fiquei apavorado, olhando para os eucaliptos e aguardando a terra tremer.

Em 1971, minha mãe levou o aparelho a Garagoa (cidade vizinha de meu povoado chamado Macanal), onde havia um técnico “muito bom”, capaz de arrumar o aparelho que só sintonizava a Rádio Sutatenza, de tal forma que pudesse pegar outras emissoras. Minha mãe dizia que só com a Sutatenza “a gente fica às vezes aborrecida”. Desde então, lembro que começamos a sintonizar, entre outras, a Rádio Santafé, Todelar e a Rede Super. Esta última com um som bastante fraco. Mas foi esta emissora que me permitiu redigir meu primeiro

livrinho chamado “Coplerío”, quando estava na segunda série. A Rede Super tinha um programa de “coplas”¹, aos sábados, e eu, metido (mexendo o aparelho, as pilhas, a antena e aproximando a orelha) consegui, depois de vários meses, armar um interessante repertório.

Quem mais gostava de escutar rádio em minha casa era meu pai. Sempre acompanhava os serviços informativos: manhã, ao meio dia e à noite. Quando era a hora, sempre dizia: - “As notícias”. Mais tarde, quando chegou a televisão, em meados da década de 80, aí começou a assistir aos noticiários de meio-dia e da noite na TV e pela manhã no rádio, além dos *flashes* informativos.

Da Sutatenza o programa que mais gostava era *Charlas con la familia*, com o padre Roberto Mora Mora. Éramos, então, crianças e aproveitávamos os espaços e tempos da vida do campo para brincar. Mas, quando o relógio marcava uma e trinta da tarde meu pai anunciava: “Bom, silêncio, chegou a hora do programa”. Aí parávamos de brincar e nos sentávamos ao redor da mesa para escutar a conversa enfática e argumentada do comunicador.

No final da década de 70, eu tive uma experiência na Rede Todelar. Era Semana Santa (momento de muita sensibilidade e significação na Colômbia); a emissora me encarregou de produzir um segmento, para a sexta-feira santa, com uma das sete palavras de Jesus na cruz: “Hoje estarás comigo no paraíso”. Por analogia, nesta palavra se deveria apresentar o “paraíso da droga”. O coordenador me pediu para entrevistar envolvidos nesta aventura e concluir com aqueles que se encontravam em processo de recuperação. Foi interessante perceber nesta experiência que a emissora buscava relacionar-se com a audiência, conectando os fatos histórico-religiosos, com uma problemática atual: a droga.

Em 1985, estive assessorando a Rede Super, por ocasião da visita de João Paulo II à Colômbia. Nessa ocasião foi estabelecida uma relação especial com a audiência mediante um concurso que oferecia ao vencedor uma viagem a Roma e um lugar especial na audiência, das quartas-feiras, do Papa.

No ano de 1987 fui convidado numa madrugada pela Rede Caracol da Colômbia para apresentar as músicas finalistas de um concurso juvenil que eu organizava todos os anos, a

¹ Composição poética breve, geralmente em quatro versos, que muitas vezes serve de letra nas canções populares.

nível nacional. Enquanto eu contava a história do festival, seus objetivos e participantes, íamos escutando as músicas, e o apresentador ia chamando os músicos e intérpretes das respectivas músicas para entrevistá-los. O programa se originava em Bogotá. Mas, quando ligou para entrevistar um grupo de Medellín, às três da madrugada, o pai de uma entrevistanda disse: “A minha filha está dormindo”. E o locutor lhe diz: “Mas está chamando a Rádio Caracol. Somos Caracol”. E imediatamente a entrevistada estava ao telefone. Entendi aí como esta emissora, que é líder de audiência na Colômbia, utiliza sua marca para se relacionar com seu público.

Além de ouvinte, como foi narrado, meu contato com a Sutatenza, aconteceu no final de 1987 e começo de 1988. Em 1987, a Sutatenza e a Sociedade de São Paulo (instituição católica dedicada à comunicação), celebravam seus 40 anos de fundação na Colômbia. A Sociedade de São Paulo patrocinou, então, a transmissão radiofônica do VI *Festival Juvenil de la Canción Cristiana* que tinha por lema: “Porque a Cristo amamos, los jóvenes cantamos”. Gabriel Rodríguez, Diretor de programação da Rádio Sutatenza, estava transmitindo o evento. Além disso, durante um mês passaram vinhetas promocionais do festival.

Em janeiro de 1988, estive 15 dias fazendo um estágio na Rádio Sutatenza. Tive a oportunidade de conversar com os diretores, produtores, condutores e técnicos da emissora e receber diversos materiais da instituição, entre eles um curso de produção radial. Foi naquela ocasião que conheci a situação crítica da Sutatenza: tinha uma dívida muito grande que ameaçava sua continuidade. E, com efeito, um ano depois, a rádio foi vendida.

Entre os motivos que escutei naquela oportunidade, em conversas informais com alguns funcionários da rádio, foi o de que Salcedo tinha confiado muito em alguns de seus colaboradores e que eles não corresponderam às suas expectativas.

O mais satisfatório daquele estágio foi o diálogo com o Padre Jose Ramón Sabogal, comunicador consagrado da Sutatenza por seu programa *Mis viejos queridos*, título que recolhe sua forma carinhosa de saudação da Rádio: “Campesinos de Colombia *mis viejos queridos* cómo están”. Sabogal dedicou toda sua vida à comunicação radiofônica. Ele viu, com muita Fé e Esperança, o nascer dessa emissora dos camponeses e esteve aí trabalhando até o encerramento de suas atividades em 1989, fato que acompanhou com muita dor. Dizem

que ele morreu de “pena moral”, alguns anos depois, pelo sofrimento da perda desse sonho, desse serviço que ajudou tanta gente a crescer, particularmente das áreas rurais da Colômbia.

Sabendo Sabogal que eu ia trabalhar no Equador, numa Rede Católica, me recomendou insistentemente que antes de tudo estudasse o pensamento social da Igreja Equatoriana: sua filosofia, suas realizações, seus acertos e fracassos. Isso ele considerava chave para fazer um trabalho em coerência com uma proposta eclesiológica.

Entre 1988 e 1991, estive como Diretor do Departamento de Evangelização da Rádio Católica Nacional do Equador. Dessa situação, resgato para este estudo duas experiências relevantes: a primeira, não tínhamos uma rádio senão três rádios. O diretor geral da emissora, membro da *Opus Dei*, era especializado em direito civil e canônico. Numa ocasião, relevante para a Rádio Católica Nacional, porque inaugurava suas antenas no Troje, em Quito, perguntaram-lhe sobre a identidade da RCN e respondeu: “O volume”. Com efeito, com 50 *quilowatts* era uma das mais potentes de Quito. Mas volume não significa nada. Volume não é audiência. Eu conheço a Rádio América, que tem 50 *quilowatts* em São Paulo, e conseguiu, em várias oportunidades, colocar-se em primeiro lugar, na frente da Globo e da Capital, que têm 200 *quilowatts*, cada uma.

O diretor de programação tinha um conceito clássico do fazer rádio como resultado de suas experiências em várias emissoras, entre elas, a *Voice of América* e a Rádio Quito; o Diretor de Informação, especializado em leis, tinha construído autênticos tijolos de programas, com mais de uma hora de notícias sem parar; e o Diretor de Evangelização, que dava espaço aos setores populares e privilegiava os fatos provenientes dos setores eclesiais comprometidos e inspirados na Teologia da Libertação.

Essa forma de fazer rádio não permitia ter um objetivo nem um projeto comum, senão três. E, portanto, não tínhamos uma forma de relacionar-nos com a audiência porque não tínhamos uma audiência, em sentido genérico, senão três audiências que, gostavam ou não, da forma e do conteúdo dos programas (conteúdos o mais das vezes diametralmente opostos).

A outra experiência relevante foi a programação em quíchua. Esta língua indígena é falada por 25% da população equatoriana. Pertencendo, a Rádio Católica Nacional, à Conferência Episcopal, entidade que tem entre suas opções pastorais uma opção pastoral

pelos indígenas (e, inclusive, várias circunscrições eclesiásticas com população majoritariamente indígena), ela tinha, como parte de sua identidade, programas em quíchua. Aí tive a oportunidade de dirigir e produzir alguns destes programas.

A programação em quíchua estava constituída por um programa diário, na madrugada: *Ñucanchic Pacarina Pacha* (Nosso amanhecer), um informativo semanal e a celebração da Missa em quíchua: *Runacunapac Misa*. A minha participação era sobretudo no programa da madrugada. Eu na verdade aprendi a ler e a pronunciar corretamente o idioma e, parcialmente, o entendia, mas não estava em condições de manter uma conversa em quíchua. É uma língua difícil de aprender. O engraçado e o dramático era quando os indígenas chegavam à rádio e falavam comigo. Eles não conversavam em castelhano senão que em quíchua, e eu não conseguia compreender bem a eles e dizia: “Fala em castelhano. Não entendo que quíchua”. Eles me respondiam: - “Você fala e muito bem nossa língua. Nós o escutamos todos os dias na rádio”. É evidente que a relação que a língua cria entre meio e ouvinte é de identidade e de proximidade. Em outras palavras, a identidade de códigos entre o emissor e o receptor é indispensável para que aconteça a comunicação. E isto é fundamental, especialmente para todo comunicador-educador.

Desta maneira, estamos identificando elementos significativos para falar da importância do rádio na América Latina: ele cria e promove identidade. O rádio estimula a luta, a resistência e a emergência dos setores sociais empobrecidos. O rádio dá visibilidade e existência social. O rádio promove ações afirmativas e de reconhecimento. O rádio educa e socializa e desta forma ativa processos de transformação e de mudança social.

Uma experiência relevante para o papel social do rádio aconteceu no Equador a 28 de maio de 1990. Nessa data, teve lugar o “Levantamento indígena”, coordenado pelas principais organizações indígenas, como a CONAIE e ECUARUNARI, e por setores progressistas da Igreja Católica, o levantamento tomou simbolicamente a Igreja de Santo Domingo em Quito e declarou um levante indígena nacional, mediante o fechamento de vias e a realização de marchas. Entre as exigências dos indígenas estava o direito à terra, a solução de vários conflitos pendentes e uma maior atenção às populações indígenas.

Na preparação e realização desse “Levantamento”, que tomou de surpresa os demais setores sociais e do governo, foram responsáveis diversas emissoras como a Rádio Latacunga

em Cotopaxi e a Rádio ERPE em Chimborazo. Estas emissoras difundiram os planos dos indígenas, deram informações permanentes às bases sobre como se desenvolvia a luta e animaram a resistência; só que eles o fizeram em quíchua e, portanto, a sociedade em geral, e as forças armadas em particular, nem sabiam o que estavam falando, nem se interessavam. Jamais até aquele momento a sociedade, como um todo, tinha olhado com atenção os indígenas. Mas foi o rádio o meio por excelência dos indígenas: pela sua popularidade, cobertura e aprendizado técnico e de produção nas cabines populares e como repórteres. A TV não chegou lá por falta de luz elétrica e por não ter programas em quíchua.

Depois de diversas tentativas de desarticulação empregadas pelas forças repressivas do estado, o governo teve que ceder às pretensões indígenas, dialogar e fazer concessões. A partir daquela data, emergiu uma nova classe social no Equador: o setor indígena que, entre outras coisas, teve o poder de contribuir na destituição de três presidentes da República nos últimos anos: Abdalá Bucaram, Jamil Mahuad e Lúcio Gutiérrez. Os indígenas do Equador, um setor silenciado durante séculos, é hoje uma força sociopolítica. E o rádio faz parte dessa história de insurreição social.

A outra experiência no Equador foi a Rádio Católica Manabí (RCM) 88.9 e 88.7 FM. Em minha condição de diretor geral, tinha o desafio de aumentar a audiência. Para isso, planejamos toda uma programação mista (musical e falada), orientada à família, tentando atingir três grupos específicos dessa realidade: adultos, jovens e crianças. Mas apostamos particularmente num programa infantil para chegar a toda a família. Por sua parte, o arcebispado pediu que se instalassem repetidoras da RCM em alguns lugares estratégicos da Província com o objetivo de oferecer cobertura a toda a audiência-alvo. Foi assim que se instalaram quatro repetidoras interconectadas via microondas.

O programa *Infantilísimo* era transmitido, todos os dias, às 14h30 da tarde. Tinha duração de uma hora. Sua produção era coletiva, sempre com crianças. Tinha espaços de participação pelo telefone, por carta ou pessoalmente no rádio. Uma vez por semana, o programa se realizava numa creche, escola ou organização popular ou de outro tipo, dentro dos limites da cobertura da emissora. *Infantilísimo* era um híbrido de segmentos de música, contos, brincadeiras, canções, concursos didáticos, participações com saudações, entrevistas e muito mais. O programa foi um sucesso, seguido por uma audiência de todas as idades que se divertia, aprendia e relaxava, escutando as crianças. Nossa relação com a audiência era muito

próxima. Colocávamo-nos no lugar dos ouvintes, e eles se comunicavam diretamente pela rádio.

Esse programa nos abriu portas. Nele aprendemos a comunicação como intercâmbio de significações, de negociações, de trocas de lugares e papéis: do mundo da audiência ao mundo da produção midiática; de educar entretendo e entreter educando. *Infantilísimo* contribuiu para socializar através da mídia a realidade das crianças, em suas famílias, na escola, na realidade cultural manabita; para socializar seus modos de ser, de relacionar-se e de brincar.

Mas também tivemos desafios permanentes: como facilitar a participação quando o acesso ao telefone era de só 10% da população-alvo? E que fazer para manter a boa qualidade do som, com linhas telefônicas que muitas vezes não prestavam? Como manter o ritmo da produção sem cair na monotonia e sem negar a todos a participação? E que fazer com as críticas de algum bispo que considerava o programa de mau gosto?

Depois das experiências radiofônicas na Colômbia e no Equador, tive a oportunidade de realizar uma nova experiência, esta vez no Brasil, na Rádio América de São Paulo e sua Rede Paulus Sat. Esta emissora, e sua rede, considerada um símbolo da presença dos Paulinos no rádio no mundo, se encontrava num momento difícil de seu processo. Por tal motivo, decidi assumi-la em vista de minha dissertação de mestrado, em 2003. Especificamente na dissertação, trabalhei a “implantação, o desenvolvimento e as perspectivas” da Rádio América (GUTIÉRREZ, 2003).

Esta Rádio foi desde 1967 de propriedade da Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos), congregação religiosa dedicada à evangelização e à promoção humana através dos meios de comunicação social. Foi a quinta emissora fundada em São Paulo, em 1933. Desde agosto de 2006, o responsável pela programação é o grupo Canção Nova, segundo a informação que aparece no site (RÁDIO AMÉRICA, 2009).

A Rádio América é uma das grandes emissoras paulistanas: pelos nomes que passaram por ela, pelos programas criados, pelas estratégias de comunicação, pela audiência e pelos comentários da imprensa. Ao final de 2001 e início de 2002, ocupou o primeiro lugar na audiência, entre as 29 rádios AM de São Paulo. Depois caiu para o sexto lugar, perdendo

milhares de ouvintes, uma vez que seus comunicadores âncoras, o Eli Correa e o Padre Marcelo Rossi, deixaram a emissora e foram para duas emissoras AM também de grande porte, a Capital e a Globo, respectivamente.

A Rádio América é uma rádio comercial. Dentro da lógica do mercado, a rádio comercial tem como finalidade o lucro. E, para lucrar, há de ter audiência para vender aos anunciantes. Quanto maior audiência, maior será o preço. Daí a importância das pesquisas de audiência para conhecer gostos, preferências, tendências e carências. Daí a importância dos dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, IBOPE. O trabalho de rádio depende do IBOPE, porque é de onde lhe vem o retorno financeiro, afirma Mancini, diretor da América por quase vinte anos.

Nessa perspectiva foi pensada a Rádio América nos últimos 25 anos: “Rádio é audiência”:

O Rádio aqui em São Paulo vive de concorrência: ou você entra na concorrência e entra para ganhar ou é melhor não entrar. Então, nós temos que concorrer com empresas grandes, economicamente poderosas como Globo, Capital, Bandeirantes, Jovem Pan. Ou você entra com as mesmas armas, ou tem que achar um caminho alternativo. Nós fizemos a programação musical que ninguém fazia e deu certo; agora encontrei estas duas estrelas, aguentei até que deu para aguentar (GUTIÉRREZ 2003, p. 104).

A guerra pela audiência é mais agressiva entre as emissoras AM que têm perdido muita audiência para as FM. Segundo o IBOPE, em São Paulo, entre agosto e outubro de 2002, de segunda a sexta, das 6h às 19h, num universo de 14.995.029, escutam rádio 21,08%, isto é, 3.160.347. Aproximadamente 81%, isto é, 2.559.443 escutam FM. Apenas 19%, isto é, 600.905, escutam AM. Em São Paulo, são 29 AM e 35 as FM (VACA GUTIÉRREZ, 2003, p. 112).

Para Américo Dos Santos (2003), Diretor da BBC-Brasil desde 1998, a BBC de Londres, apesar de não visar lucro, procura “garantir que o maior número de pessoas tenha acesso à sua programação, já que, sendo empresa pública, seu interesse é transmitir para o maior número de pessoas”. Com efeito, o interesse por atingir ao maior número de pessoas é uma aspiração de qualquer mídia, seja esta comercial, pública, privada, seja comunitária ou

popular.

A este panorama se agrega que só 5% da publicidade se destina ao rádio. Isso torna particularmente preocupante a situação econômica das emissoras. E o problema é decorrente da audiência. Sem audiência não há publicidade, e a manutenção de uma rádio AM precisa de bom nível publicitário.

Apesar de ser América uma rádio comercial e de ter validade a conclusão de que “Rádio é audiência”, seus gestores têm sérios problemas com a identidade da rádio, com seus objetivos (político-culturais, comunicacionais, empresariais e organizacionais), com sua teleologia, porque é um meio que pertence a uma instituição cuja missão é a promoção humana e a evangelização e não o lucro; é, portanto, uma emissora que não pode utilizar qualquer meio para aumentar audiência, e isso ela fez muitas vezes; é uma rádio que deveria ter um planejamento bem definido e não tinha.

Portanto, uma ideia que se pretendeu passar foi a seguinte: “Rádio é gestão”. Rádio não é só audiência, ela é também “gestão” de objetivos, atividades, recursos, avaliações. Fazer rádio supõe gerir através do diagnóstico e do planejamento.

Mas, como era a relação com a audiência? No final da década de 70, América se transformou numa emissora musical. Isso deu certo porque naquela época ainda não imperava a FM musical como agora. Em doze meses, o IBOPE passou do décimo primeiro, para o primeiro lugar. Esta fórmula musical resistiu por quase duas décadas.

Daquele período resgato uma experiência de relacionamento com a audiência que foi estratégica e que lembra com muito interesse Mancini:

A Rádio América tinha, todos os dias, de dez a vinte meninas, e conforme a época até cinquenta, que a gente mandava para escolherem o lugar, passar casa por casa, todos os dias, fazendo o seguinte: voltar para casa com cem fichas preenchidas e cem nomes de pessoas. Nessa ‘ficha’ constavam: endereço, os dados pessoais, residência, se conhecia a Rádio América, se sabia o dial da Rádio América. Eram duas coisas ao mesmo tempo; começamos a pedir para o ouvinte qual era a música que gostaria de ouvir e para quem gostaria de oferecê-la. Isso mexeu muito com o sentimento e a autoestima das pessoas. Com base nessas pesquisas, fazíamos a nossa programação. No começo foi fácil atender a 50 ou 100, 1.000 pedidos. Quando porém se chegou a 200.000 mil pedidos por mês, criou-se uma série de outros problemas que foram resolvidos também. Já não era possível atender todos com a mesma velocidade. Mas quem pede a música hoje vai ouvir amanhã. Era preciso

programar. As meninas informavam as pessoas quando iam escutar: depois de uma semana, tal hora, tal dia. Só que isso trazia como consequência para nós o que eu chamo ovo de Colombo, porque a audiência era garantida. A pessoa que se comprometeu a pedir essa música ia ter também a paciência de esperar tal dia, tal hora, para ouvir. Somando e misturando, deu o resultado que deu. Inventamos também uma revistinha *Cantando com América*, que trazia as músicas tocadas durante o dia e a noite. Chegamos a tocar 10 a 15 vezes por dia a mesma música. Mas não cansava. Por quê? Nós só fazíamos a programação musical com base em pesquisa. Não era a cabeça do diretor artístico, senão a pesquisa, que começou por telefone, por carta e sobretudo o pedido das meninas que passavam de casa em casa todos os dias (GUTIÉRREZ, 2003, p. 74).

Queria deixar aqui consignadas estas pinceladas da experiência radiofônica vivida na Colômbia, Equador e Brasil. Tais experiências foram enriquecidas por estudos e conhecimentos concretos, *in loco*, de produção radiofônica na Itália (no *Studio Paolino Internazionale della Comunicazione Sociale*, SPICS, da Rádio Itália e Nova Rádio A) e na Espanha (na *Cadena de Ondas Populares Espanholas*, COPE).

Tentamos na comunicação destas experiências apontar para a relação rádio-audiência, que é nosso foco de pesquisa. E percebemos que algumas das estratégias e metodologias descritas acima, como esta última da Rádio América, foram implementadas a sua maneira pela Rádio Sutatenza que acreditou na tarefa fundamental da comunicação interpessoal para aproximar à mídia de seus destinatários e deste jeito atingir seus objetivos de oferecer educação fundamental integral ao camponês.

2.2 TEORIA E METODOLOGIA

Uma primeira observação metodológica sobre o objeto Rádio Sutatenza é a propósito de sua individualidade, ou seja, nosso objeto é a Rádio Sutatenza. Com efeito, um ano depois de estar no ar a Rádio Sutatenza, foi criada a fundação “Ação Cultural Popular”, pela resolução 260, do Ministério de Justiça, a 18 de outubro de 1948. O objetivo da fundação, segundo os primeiros estatutos (aprovados a 13 de outubro de 1949), foi o de “trabalhar pela cultura do povo, utilizando especialmente o invento da radiodifusão e ademais outros meios culturais como o cinema, o teatro etc., para elevar o nível religioso, moral, cívico e educacional do campesinato, de acordo com as normas sociais do catolicismo” (ACPO, 1950, p. 61).

Já nos inícios da instituição, fica evidente uma das características do modelo: o uso daquilo que as diretivas da Rádio Sutatenza chamariam de “sistema combinado de meios”². Com efeito, a fundação “Ação Cultural Popular”, mais conhecida como ACPO, empregou diversos meios de ação para atingir seu objetivo de dar educação fundamental integral aos camponeses da Colômbia: “Os programas de ACPO são levados à sua audiência rural através de múltiplos canais que se reforçam mutuamente. Estes podem ser agrupados em três principais vias de comunicação: rádio, impressos e contatos pessoais” (BRUMBERG, 1978, p. 61).

O uso do sistema combinado de meios cria algumas ambiguidades nominais que é preciso esclarecer: “O fato de que ACPO se chamasse Rádio Sutatenza e fosse conhecida sob a classificação geral de Escolas Radiofônicas pode ser enganoso. O trabalho não se faz unicamente através dos programas radiofônicos cotidianos” (YOUNG, BRAUER, 1978, p. 104), ainda que digam imediatamente os autores que eles “são vitais”. Portanto, nesta pesquisa, quando dizemos Rádio Sutatenza, estamos nos referindo à Rádio especificamente e não ao conjunto de meios de ação da ACPO.

Por outro lado, nos diversos registros, o pesquisador se encontra na maioria das vezes com a utilização generalizada da ACPO, seja para referir-se a um meio em particular (por exemplo, a Rádio Sutatenza), seja ao sistema combinado de meios. Portanto, nós não pretendemos estudar o sistema ACPO como sistema combinado de meios. Nossa preocupação é a Rádio Sutatenza. Quando seja necessária a utilização da ACPO, isso será feito, ou porque referido à emissora, ou porque esclarecedor, ou porque extensivo ao nosso objeto.

Como dito, uma das características do modelo de Ação Cultural Popular -ACPO- foi a utilização de um sistema combinado de meios para atingir a educação do povo camponês. Mas, nossa opção não foi estudar esse sistema combinado de meios, senão a Rádio Sutatenza, por ser o principal e primeiro meio de ação do modelo, por ser o meio básico e ativador do sistema.

Com nosso objeto nos propusemos trabalhar as relações ou processos interativos da Rádio Sutatenza e sua audiência rural. Foi, portanto, um olhar dirigido primordialmente à

² Corresponde à atual “convergência midiática”.

produção radiofônica, nas suas lógicas ou, em termos de Verón (2004, p.51), na gramática de produção entendida como “modelo de um *processo* de produção discursiva”, constituído de um “conjunto complexo de regras, que descrevem operações”. Para reconhecer essa gramática, o analista dos discursos deve reconstituir o processo de produção a partir do “produto”, passando do texto (inerte) à dinâmica de sua produção.

“*Nunca é exaustiva*” uma gramática de produção ou de reconhecimento, diz Verón (2004, p. 52), e isso deve ser levado em conta na hora de realizar a análise de um ou vários discursos: “Todo texto sendo um objeto heterogêneo, todo texto sendo o lugar de encontro de uma multiplicidade de sistemas diferentes de determinação podem-se construir tantas gramáticas quantas maneiras houver de abordar o texto”. Se os discursos são objetos heterogêneos é claro também que eles supõem diversas leituras e interpretações do texto midiático em idênticos ou diversos ambientes socioculturais.

São as marcas da produção presentes no produto, visando interatividade, o que pretendemos identificar. Com efeito, a produção deixa suas marcas no produto: marcas discursivas (ofertas, interpelações etc.), marcas no planejamento (objetivos do produto), marcas da conjuntura e da realidade (o produtor interage com fatos sociais, com expectativas sociais e culturais sobre o tipo de produto), marcas na técnica radiofônica (competências de comunicabilidade, de gênero). Não há produto sem produção e vice-versa. Isto significa que há uma relação recíproca, vital. Por isso, as relações produtor/produto, como diz Braga (2001), são já de interatividade.

A análise dos discursos consiste na identificação, na superfície discursiva, dos traços, dos rastros, das marcas, que remetem às condições de produção dos discursos. Segundo Verón (2004, p. 246-247), um dispositivo de produção está composto de três níveis: 1. Produção de seus ouvintes. Isto se faz por meio das percepções-representações que os atores sociais implicados na produção do programa enquanto produto possuem dos atores sociais visados como alvo. A constituição de uma audiência passa pela estruturação, “no discurso do título, de um vínculo proposto ao receptor sob a forma do que eu denominei, em outra ocasião, de um *contrato de leitura*”. Nesse sentido, quais foram as percepções-representações da produção da Rádio Sutatenza dos camponeses da Colômbia? 2. Posicionamento do programa em face dos programas concorrentes – como são percebidos pelos produtores. Como foi o posicionamento da produção da Rádio Sutatenza em relação com a concorrência? 3. Vender o programa como

coletivo de consumidores potenciais junto a diversas categorias de anunciantes.

Entendemos por discurso “não apenas a matéria linguística, mas qualquer conjunto significativo considerado como tal (isto é, considerado como lugar de investimento de sentido), quaisquer que sejam as matérias significantes em questão” como, por exemplo, a linguagem, o corpo, a imagem etc. “Um discurso nada mais é, afinal, do que uma colocação de sentido no espaço-tempo” (VERÓN, 2004, p. 61-62).

Dentro do discurso é fundamental a noção de enunciação. Verón distingue enunciado/enunciação. O primeiro se refere ao que é dito (conteúdo) e, a enunciação é da ordem do dizer e suas modalidades. O dispositivo de enunciação comporta: 1. a imagem de quem fala (imagem do enunciador): “Diz respeito ao lugar ou lugares que aquele que fala se atribui a si mesmo. Contém a relação de quem fala ao que ele diz”; 2. Imagem daquele a quem o discurso é endereçado: o destinatário. “A construção do lugar de quem fala define igualmente seu destinatário”; 3. A relação entre enunciador e destinatário, que é proposto no e pelo discurso, produtos, ou programas (VERÓN, 2004, p. 217-218).

Este dispositivo de enunciação é chamado por Verón de “contrato de leitura”, ou seja, “modos de o emissor criar vínculos com o receptor -produzir efeitos de reconhecimento- através da produção de discurso” (MELO, 2008, p. 26). Este é portanto um conceito-chave na nossa pesquisa que trata de estabelecer as modalidades de criação de vínculos, de aproximação, entre a Rádio Sutatenza e seus ouvintes. Verón insiste em que a baixa de consumidores de um suporte, o sucesso (ou fracasso), não passa pelo que é dito (o conteúdo), mas pelas modalidades do dizer, ou seja, por alterações, modificações e incoerências no contrato de leitura. “É o contrato de leitura que cria o vínculo entre o suporte e seu leitor” (VERÓN, 2004, p. 219).

O contrato de leitura, que talvez seja mais apropriado chamar de “contrato de comunicação” (DUARTE, 2004, p. 29), pela especificidade própria do rádio, é a proposta discursiva da emissão para se aproximar e segurar o ouvinte ou leitor, mediante um percurso que só pode ser completado pelo destinatário. Esta relação é única, segundo o suporte de comunicação empregado.

O conceito de “contrato de leitura” constitui-se em parâmetro explicativo dos

processos de relação do suporte com os destinatários. O “contrato de leitura” é da ordem da estratégia discursiva. Isto nos leva a considerar três noções metodológicas que Verón sublinha para uma análise na produção: “tipo”, “gênero” e “estratégia”.

Com relação ao Tipo de discurso, este é associado aos “suportes institucionais” (relações, normativas, modalidades de construção), de uma parte, e, de outra, às “relações sociais” de ofertas/expectativas (VERÓN, 2004, p. 242). Para a Rádio Sutatenza nos concentramos em três tipos de discurso: religioso, radiofônico e educativo.

Nos Gêneros, a teoria está atravessada pela questão literária que o vincula necessariamente a “*um certo arranjo da matéria linguística*”. Este é denominado de Gênero-L, (expressões como “entrevista”, “reportagem”, “enquete”, “mesa-redonda”). O gênero quando vinculado ao produto recebe o nome de Gênero-P (expressões como “cotidiano de informação”, “mensal feminino generalista” designam gêneros da imprensa escrita). Na caracterização de um gênero P “entram muito frequentemente em consideração algumas invariantes de “conteúdo”, isto é, um conjunto relativamente estável de campos semânticos é assumido” (VERÓN, 2004, p. 244-245).

Sobre os gêneros radiofônicos, constata Haye que sua conceitualização é “inespecífica, insuficiente e imprecisa” (2003, p. 93). Assim, os autores sublinham diversos aspectos: “estrutura que se repete sempre” (NUNES, 2000, p. 93), destacando temáticas como música, política, esportes; “verdadeiros códigos comunicativos, já que possibilitam o intercâmbio e a compreensão entre emissores e receptores” (MATA, SCARAFIA, p. 28), ativando experiências culturais entre um “saber produzir” e um “saber escutar”.

Em geral, os autores compartilham da ideia de que um gênero é uma estratégia de comunicabilidade (DUARTE, 2004, p. 50; HAYE, 2003, p. 94), que supõe certas exigências de produção e cujo resultado são produtos diversos.

Em sua classificação dos gêneros, André Barbosa Filho dá entrada ao *gênero educativo-cultural* (2003, 109-113), destacando os seguintes formatos: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e o programa temático. Quando Barbosa Filho tenta definir esse gênero, ele se apoia nos conceitos de “educação radiofônica” de Kaplún. Portanto, apresentamos, a seguir, uma aproximação ao “rádio educativo”, a partir de

Instituições como o Banco Mundial e a ALER, e o que sobre essa especificidade refletiram autores como Bertolt Brecht e Rudolf Arnheim, em obras publicadas na década de vinte e de trinta do século passado respectivamente. Isto é, autores que foram anteriores à Rádio Sutatenza e, finalmente, um autor pós-Rádio Sutatenza, que se interessou muito pela rádio popular e alternativa, pelos modelos educativos, e que foi um dos maiores produtores de rádio na América Latina: Mario Kaplún. Este autor preocupou-se muito com as interações rádio e educação.

Na década dos anos 1970, o Banco Mundial desenvolveu uma pesquisa sobre as rádios com finalidade educativa³. A pesquisa sublinha os fins e as estratégias de utilização do rádio para realizar uma comunicação para o desenvolvimento (MERAYO PÉREZ, 2000). São quatro os fins do rádio educativo para fazer uma comunicação eficaz: *motivação* (reflexão), *informação* (local, nacional e internacional; espaços e atividades de serviço público), *ensino* (usar o rádio para adquirir conhecimentos e destrezas mediante uma educação não-formal) e *modificação de condutas* (desenvolvendo atividades determinadas e ações concretas).

Sobre as formas de organização do meio e dos recursos disponíveis para atingir seus fins, ou seja, sobre as estratégias de utilização do meio, o informe do Banco Mundial propõe três: *emissões abertas* (produção e emissão de mensagens sem envio de material de apoio ao ouvinte; os autores sugerem três âmbitos para estimular a aprendizagem com bons resultados: aplicação de técnicas publicitárias à educação; a participação do público e o concurso educativo), *grupos de audição regular* (grupos de ouvintes organizados que escutam, discutem e partilham a experiência de aprendizagem, com apoio de material impresso) e *campanhas*.

As campanhas se realizam durante breves períodos de tempo: centram-se em um tema específico, têm poucos objetivos, porém bem definidos e atrativos. Como a campanha pretende abarcar grupos significativos da população, é necessário: prepará-la com tempo e em detalhe; organizar o público durante o período da campanha; coordenar com diversas instituições e conseguir apoio popular para atingir os objetivos da campanha.

Para ALER (GEERTS; OEYEN, 2001), podem-se diferenciar três tipos de estratégias

³ A publicação leva por título “La radio al servicio de la educación y el desarrollo”.

comunicacionais, segundo os conteúdos educativos que proponha a emissora: conteúdos educativos formais, conteúdos educativos não-formais e conteúdos educativos informais.

Os *conteúdos educativos formais* são típicos das chamadas “Escolas Radiofônicas” que nos anos 60 e 70 se estenderam por grande parte da América Latina e ainda hoje continuam funcionando em vários países (Guatemala, Costa Rica, República Dominicana, Venezuela, Equador e Bolívia). As aulas são reforçadas por materiais impressos (cartilhas) e um monitoramento presencial (mestres corretores). Os conteúdos são validados pelo Ministério de Educação e, portanto, os alunos que concluem os cursos recebem diplomas homologados ou oficialmente reconhecidos. Isto possibilita a continuação dos estudos dentro do sistema educativo do país.

Os *conteúdos educativos não-formais* são aqueles que as emissoras oferecem através de atividades educativas organizadas e sistemáticas, mas que estão fora do sistema escolar formal. Assim temos rádios que apresentam conhecimentos específicos, bem definidos, mediante programas de saúde, técnicas agrícolas, espiritualidade etc.

Os *conteúdos educativos informais* são construídos dentro dos programas sem organização especial, mas por seu direcionamento e enfoque provocam no ouvinte a aquisição de conhecimentos, valores e atitudes. Parte-se da premissa de que o ouvinte está em condições de reelaborar o escutado e dar-lhe um sentido segundo o contexto. Este tipo de conteúdos são os que criam maior empatia com as organizações comunitárias e populares.

Falamos de três tipos de estratégias comunicacionais, segundo os conteúdos educativos que proponha a emissora; pois bem, qual seria o tipo de estratégia educativa seguida pela Rádio Sutatenza na comunicação da educação fundamental integral? Em outras palavras, como fez a Sutatenza a comunicação educativa? Qual foi sua pedagogia?

Na década de 70, Juan Díaz Bordenave (apud KAPLÚN, 1999, p. 29-42) destacou três modelos de educação: educação que põe ênfase nos conteúdos, educação que põe ênfase nos resultados e educação que põe ênfase no processo.

A educação que põe ênfase nos conteúdos. É a educação tradicional, baseada essencialmente na transmissão de conhecimentos e valores de uma geração a outra, do

professor ao aluno, da elite às massas. A este tipo de educação Paulo Freire chamou de “educação bancária”: o educador deposita conhecimentos na mente do educando.

Muitas das tão meritórias “Escolas Radiofônicas” da América Latina, destinadas à educação de camponeses adultos, reagiram saudavelmente contra este método passivo e o rejeitaram em muitos casos com indubitável sinceridade. Em seus postulados hoje sustentam os princípios de uma educação “libertadora” e “personalizante”; mas suas transmissões, não obstante, continuam sujeitas a este esquema mecanicista - mestre que “ensina”, aluno que “aprende” – porque não encontraram outra maneira de educar através do rádio nem desenvolveram outros tipos de produção de programas educativos (KAPLÚN, 1999, p. 31).

Neste modelo o professor e o texto são a base do método. No caso dos serviços de educação radiofônica, o texto é a cartilha que se entrega aos alunos e cujas lições e exercícios estes devem seguir estritamente. Concede-se pouca importância ao diálogo e à realimentação, premia-se a boa retenção dos conteúdos.

Entre as consequências deste modelo sublinha-se a passividade do aluno, a não desenvoltura da capacidade de raciocinar e da consciência crítica; a relação assimétrica entre professor e aluno; a domesticação para o exercício autoritário; a formação do aluno de uma mente “fechada” ou dogmática, incapaz de julgar as mensagens recebidas pelos próprios méritos, independentemente da autoridade da fonte.

A educação que põe ênfase nos resultados: considerado o modelo que mais influencia na comunicação. Apareceu na América Latina como uma primeira resposta aos problemas do subdesenvolvimento. “Pensava-se que a solução para a pobreza em que se encontravam mergulhados nossos países, era a “modernização”, isto é, a adoção das características e os métodos de produção dos países chamados desenvolvidos. A introdução de inovações tecnológicas era vista como a panaceia para todas nossas doenças; elas por si só nos permitiriam alcançar progressos espetaculares”.

A educação devia servir para lograr estas metas. Devia ser aplicada para persuadir os camponeses “atrasados” a abandonar seus métodos agrícolas primitivos e ensinar-lhes rapidamente as novas técnicas. A mídia deveria servir para persuadir nesta direção: provocar significados e produzir comportamentos.

Outra expressão típica desta educação vertical-persuasivo-difusionista, era a “mudança de atitudes”, entendida como a substituição de hábitos tradicionais por outros favoráveis às novas tecnologias. E, segundo o cientista David Berlo, este tipo de comunicação educativa prefere empregar “campanhas massivas”, baseadas em vinhetas de 10 a 15 segundos, insistentemente repetidas.

Bordenave diz que este tipo de educação oferece vantagens sobre a educação bancária. Não obstante, os críticos têm suas reservas: o aluno se acostuma a ser guiado por outros; se implantam ou reforçam os valores de caráter mercantil ou utilitário – consumismo, individualismo, competência e rentabilidade; o método não dá atenção ao desenvolvimento da inteligência em si. Quanto à comunicação, a esta se lhe concede uma função instrumentalizadora e persuasiva, deixando-se de lado outras funções importantes, como o autoconhecimento, a auto-expressão e o relacionamento mútuo.

A comunicação aplicada à transferência de tecnologia recebe rechaço das mensagens pelos usuários. Cada vez se faz mais evidente que nenhum desenvolvimento é possível sem a participação ativa do povo, sem tomada autônoma de decisões.

A educação que põe ênfase no processo: acentua a importância do processo de transformação das pessoas e das comunidades. Não se preocupa tanto com matéria a ser comunicada nem com os resultados em termos de comportamento, senão antes com a interação dialética entre as pessoas e a realidade, e o desenvolvimento da capacidade intelectual e da consciência social, sublinha Bordenave. Trata-se de uma educação problematizadora.

Este modelo também propugna uma certa “mudança de atitudes”, mas não associada só nem principalmente à adoção de novas tecnologias. A mudança fundamentalmente aqui consiste na passagem de um homem acrítico a um homem crítico; a um homem que assume seu próprio destino. Um homem que tem como vocação ontológica a de ser sujeito e não objeto. Este tipo de educação se interessa não só com o desenvolvimento da inteligência mas também com o desenvolvimento da consciência. Com a passagem de uma consciência mágica e ingênua a uma consciência crítica.

O maior trunfo deste modelo é a tomada de consciência da própria dignidade, do

próprio valor como pessoa. Este tipo de educação envolve e prepara para a participação. Tarefa da educação popular é a de criar condições pedagógicas para uma prática da participação.

Em sínteses: o primeiro tipo de educação busca que o homem “aprenda”, segundo, que “faça”, e terceiro que “pense”.

Quais são as consequências da educação como processo para a prática radiofônica? Entre os aspectos que sublinha Kaplún (1999): produzir programas que se orientem a estimular um processo nos ouvintes, mais que lhes inculcar conhecimentos ou perseguir resultados práticos imediatos; ajudar o ouvinte a tomar consciência de sua realidade, tanto física como social, e partir de sua própria problemática concreta; facilitar os elementos para compreender e problematizar a realidade. Serão programas problematizadores; estimular a inteligência e exercitar o raciocínio; identificar-se com as necessidades e interesses da comunidade e procurar que ela descubra essas necessidades e interesses; estimular o diálogo e a participação; estimular o desenvolvimento da consciência crítica e a tomada de decisões autônoma, madura e responsável; estimular o ouvinte para que seja consciente da própria dignidade como pessoa.

A forma e a intensidade com que os programas assumem estas características estará naturalmente condicionada a vários fatores: “Os objetivos de um programa de comunicação e educação não existem no vazio, senão que são condicionados pelo momento histórico e as circunstâncias do lugar onde o auditório se encontra” (KAPLÚN, 1999, p. 43). Por isso, para ser eficaz, o processo deverá ser lento, gradual e realista. Há que respeitar as pessoas, seu ritmo e sua capacidade de captação.

Retomando nosso assunto rádio, segundo Brecht, o rádio para ser mais eficaz e aumentar a sua importância social deveria: a) Estar comprometido com a democracia. Isto é, fazer produtivos os acontecimentos reais e aproximar-se deles com seus aparelhos, ao invés de limitar-se à reprodução da informação; b) Transformar a realidade mediante campanhas com programas claros que superem posturas meramente decorativas; c) Converter-se num meio de comunicação, de interação, que não só transmite senão também recebe. Não só fazer ouvir ao radiouvinte, senão também fazê-lo falar e não isolá-lo. Que o radiouvinte seja um abastecedor do meio; d) Veicular instrução, mas não num sentido só. Em tratando-se de um

meio de comunicação: “O público não só tem que ser instruído, senão que também tem que instruir” (BRECHT, 1974, p. 58). Esta é a sua missão principal. E esta programação instrutiva tem que ser verdadeiramente interessante.

Especificamente encontramos uma série de estratégias no trabalho radiofônico: a produção deve ser intensificada. E, para as produções, seja radionovela ou radiocomédias, se deve convidar a colaborar unicamente os melhores; a arte e o rádio devem pôr-se à disposição de fins pedagógicos; reabilitar o ouvinte como produtor. Para isso, liberar a rebelião do ouvinte e sua ativação; produzir um rádio sério. Ter alguma coisa a dizer.

Para Brecht (1974), o rádio é um triunfo colossal da técnica que consegue pôr ao alcance de todos diversos produtos culturais: desde uma música clássica até uma receita de cozinha. Para Arnheim (1987), o rádio é um grande milagre: de onipresença, isto é, de tudo o que os homens fazem e dizem em qualquer parte do mundo; de eliminação das fronteiras; de superamento do isolamento espacial; de importação de cultura através das ondas sonoras; de cardápio comum para todos. O rádio é meio expressivo e criativo. É um meio para transmitir a realidade através de seus sons. Por isso, a ideia de Arnheim é que o rádio não seja um simples meio de transmissão, senão que crie um mundo acústico. Com efeito, duas artes apelam exclusivamente ao ouvido: a música e o rádio. Finalmente, para Mario Kaplún (1999), o rádio é um instrumento de educação e cultura populares; nesse sentido, sublinha Kaplún, o rádio, como todo meio de comunicação coletiva, tem uma função social.

Naqueles anos da década de 1930, o rádio era percebido como um dos meios mais válidos colocados à disposição do indivíduo e da comunidade: meio de informação e de educação, como não o tivera à disposição nenhuma geração precedente. Sublinha Arnheim que, na Europa, desde os seus começos, o rádio foi tratado como um meio portador de cultura. É por isso que ele fala do rádio como educador (1987, p. 158). Porque se dirige ao homem individual e, portanto, é ele que deve responder somente a si mesmo pela sua relação com as coisas belas e preciosas. O rádio pode fazer muito para educar à disciplina. Mas, para Arnheim, a função educativa do rádio não acontece com a simples transmissão de programas de grande valor filosófico-científico. Enfim, “o rádio será para o homem criativo um meio de informação e de educação como não o tinha à disposição nenhuma geração precedente” (ARNHEIM, 1987, p. 160).

De acordo com Kaplún (1999), no rádio não basta ter uma mensagem (enunciado), é preciso determinar o que queremos dizer; temos que saber como dizê-lo (enunciação) através do rádio, para sermos escutados, atendidos e entendidos. Em outras palavras, o rádio tem uma especificidade própria.

A partir de sua experiência de produtor, de ouvinte e de pesquisador, Kaplún (1999, p. 154-155) percebe que o rádio não serve “para difundir conferências ou dissertações”. Tampouco para ensinar técnicas, métodos e procedimentos. O rádio tem-se mostrado eficaz como “meio para informar, para transmitir conhecimentos e para promover uma reflexão sobre valores e atitudes, estimular o raciocínio, favorecer a formação de uma consciência crítica”.

Quando se fala de *rádio educativo*, diz Kaplún (1999, p. 24), a imagem que nos surge espontaneamente é a de um solitário professor instalado ante um microfone e ensinando, com voz e tom de mestre, a um aluno invisível, as tradicionais noções da clássica escola elementar. Mas, para Kaplún, a “educação radiofônica” não são simplesmente as emissões especializadas que realizam serviços de alfabetização e difusão de conhecimentos elementares (cuja utilidade não se questiona), senão também todas aquelas que procuram a transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade; as que se propõem a elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação de seu meio natural, econômico e social.

Kaplún postula uma presença dinâmica do educativo e do cultural no rádio; propõe programas educativos e culturais que não briguem com o entretenimento e programas de entretenimento que não sejam alheios à educação e à cultura bem entendidas.

Diante da dependência cultural externa (música, radionovelas etc), Kaplún propõe o conceito de “mudança de cenário cultural”. O desafio de começar a produzir novelas situadas em outros cenários: no bairro, numa fábrica, numa aldeia camponesa. Onde o protagonista seja pessoa do povo e as situações se aproximem mais de sua realidade concreta.

Sobre a questão da transferência de tecnologia, observa-se que há resistências à mudança e, inclusive, casos de repúdio à adoção de novas tecnologias. Isto a comunicação persuasiva não enfrenta, senão que procura simplesmente esquivar o conflito. Muito diferente

será o método de um comunicador que se preocupa com a educação como processo. Interessar-se-á não só com que o indivíduo ou grupo adote a inovação, senão que saiba por que o faz e o aceite num ato pessoal, livre e consciente.

A introdução de uma tecnologia estranha tem levado a profundos desníveis culturais, à perda de identidade. Em face da invasão de práticas tecnológicas exógenas, “ainda em termos de puro crescimento econômico, não resulta rentável introduzir tratores ao preço de destruir a personalidade de quem tem que usá-los” (KAPLÚN, 1999, p. 49). Por outro lado, às vezes, as resistências à mudança têm fundamento. Como, por exemplo, os desequilíbrios ecológicos produzidos por certos defensivos químicos.

Portanto, o comunicador-educador começará por fazer com que os motivos de resistência à mudança proposta sejam expressos e explicitados, para que o grupo tome consciência deles. Desta forma, uma situação que seria ruptura cultural violenta, poderá ser assumida pelo grupo como uma situação de continuidade cultural. Deixará a decisão entregue à comunidade.

Dissemos mais acima que o “contrato de leitura” é da ordem da estratégia discursiva, e que isso nos leva a considerar três noções metodológicas que Verón sublinha para uma análise na produção: “tipo”, “gênero” e “estratégia”. Já falamos do tipo e do gênero, agora falamos da estratégia.

As estratégias discursivas são “*variações declaradas dentro de um mesmo tipo de discurso ou de um mesmo gênero*” (VERÓN, 2004, p. 245). Ditas variações remetem aos fenômenos de concorrência interdiscursiva, enquanto mercado de produção do produto. Por sua parte, Martín-Barbero, participa da diferenciação de Michel de Certeau (1980) entre estratégia e tática: “Estratégia seria o modo de luta de quem tem um lugar próprio ao que se pode retirar para planejar o ataque, e tática seria o modo de luta daqueles que, não tendo um lugar próprio ao qual retirar-se, lutam sempre desde o terreno do adversário” (1998, p. 205). Goffman chama de “estratégia aos aspectos da interação que podem ser previstos, calculados, controlados” (BATESON et alii, 1994, p. 103).

Os dois pólos do sistema produtivo são a produção e o reconhecimento. Nossa pesquisa indaga pela gramática de produção da Rádio Sutatenza reconstituída a partir de

documentos, isto é, de material de arquivo. Nesses documentos também olhamos a recepção, principalmente a partir das cartas da audiência camponesa, publicadas pela produção na década de 1950 em uma revista informativa da Rádio Sutatenza chamada *Boletín de Programas*. Tentamos aproximar-nos das lógicas de produção e de reconhecimento, ou seja, do sistema de circulação. Com efeito, a partir da análise da gramática de produção não é possível concluir seus efeitos de reconhecimento, para uma tentativa de completude na apresentação da experiência. A análise do produto midiático será feita basicamente na programação explicitamente educativa.

A operação metodológica que consiste em constituir um determinado *córpus* de discurso (em nosso caso as falas sobre os produtos e as falas dos destinatários com e sobre os produtos) permite automaticamente distinguir o próprio *córpus* de todos os outros elementos que devem ser considerados na análise, mas que não estão dentro do *córpus*. Tais elementos, que podemos chamar de extradiscursivos, constituem as condições tanto de produção quanto de reconhecimento (VERÓN, 2004). Consideramos elementos extradiscursivos, a concepção que a Rádio Sutatenza tem dos camponeses; a cultura profissional dos produtores; suas rotinas produtivas, as escolas radiofônicas, os professores e os auxiliares imediatos.

Nosso objetivo axial consiste em examinar as relações ou os processos interativos midiáticos da Rádio Sutatenza com os camponeses da Colômbia. O problema principal da interação, da interatividade, é o de que sua referência parece ativar imediatamente o *modelo das interações conversacionais* (face a face) e cujas características são:

Reciprocidade constitutiva, que determina um dialogismo imediato; o processo é redirecionável com construção em tempo real das trocas, na dependência sucessiva das reações e respostas entre interlocutores. Um forte componente destas trocas é a implicação – viabilizada e solicitada por compartilhamento de saberes e de experiência local comum, de cumplicidades e de tensões vividas (BRAGA, 2001, p. 110).

Braga sugere que devemos nos afastar decididamente deste modelo conversacional quando procuramos observar o que seja interatividade em outras processualidades midiáticas não caracterizadas pela reciprocidade. Tal é o caso dos chamados meios “de massa” (televisão, rádio, cinema). Certamente mantém-se a percepção de que a interatividade midiática não é dialógica, não apresenta em geral reciprocidade entre interlocutores, é

tipicamente assimétrica. Mas deve-se evitar *caracterizá-la* por estas lacunas, diz Braga. Em segundo lugar,

dar consequência à percepção evidente de que a interatividade mediática afasta no tempo e no espaço os ‘interlocutores’ – instaurando entre eles canais e produtos que por isso mesmo incluem outras instâncias de passagem, outras ações e interações que não são apenas aquelas - que se passam entre interlocutores (nem redutíveis ou assimiláveis àquelas) que se passam ‘entre interlocutores’, exatamente porque diferidas e difusas” (BRAGA, 2001, p. 115).

Nesses processos interativos midiáticos o que acontece, em última instância, é uma experiência de comunicação que representa um “processo social primário, com relação ao qual os chamados meios de comunicação de massa são simplesmente a mediação tecnológica: em suas extremidades se encontram sempre as pessoas, o mundo da vida em sociedade (RÜDIGER, 1998, p. 17).

Esta teoria da comunicação concebe um processo dinâmico, uma interação entre o comunicador e o perceptor. Esta comunicação, diz Kaplún (1999), não termina quando o destinatário recebe a mensagem, senão que este reage ante a mensagem e responde a ela.

A interatividade não pode ser vista como atributo substancial de um meio de comunicação, enquanto não de outros. Em vez disso, a interatividade deve ser vista como um processo socialmente construído, utilizando variadamente determinadas características dos meios de comunicação.

A interatividade como processo socialmente construído nos leva a pensar, na perspectiva macrossocial, no papel dos processos interacionais na construção da realidade e aí o que parece relevante é a

teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam [...]. Construimos *socialmente* a realidade social exatamente na medida em que, tentativamente, vamos organizando possibilidades de interação (BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas, 1966).

Nesse horizonte, os camponeses e a Rádio Sutatenza impulsionaram processos de

construção social da realidade através de diversos processos de interação, de divulgação pública e de agendamento da sociedade e dos governos, sobre a questão agrária, mediante processos interacionais.

Braga (2001) pontua que as interações se complexificam em um modelo de interatividade como processo mediatizado e envolvem (além de algumas possibilidades “entre interlocutores”) interações homem/produto e homem/meio-de-comunicação, além de relações entre outros interlocutores sobre e a partir de produtos, sem necessária interferência de produtores/receptores em conjunto. Para Braga a interatividade mediática geral

ultrapassa a situação concreta de espaço e tempo em que alguém produz; ou alguém lê (usa) um produto; ou alguém reage a um produto; ou alguém age de tal forma a fazer chegar às instâncias produtoras suas reações, etc. Deve-se perceber a interatividade social em uma sociedade de comunicação como um conjunto de todas estas (e outras) ações de tal forma que uma parte significativa das interações em sociedade se desenvolve em consequência e em torno de “mensagens” (proposições, produtos, textos, discursos etc.) *diferidas no tempo e no espaço* (BRAGA, 2001, p. 117).

À diferença do modelo conversacional, o que caracteriza a *interação social mediatizada* é a existência de uma produção objetivada e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores. Nessa perspectiva é preciso superar uma visão reducionista da interação como ações mútuas entre produtor e receptor.

Portanto, onde devemos observar a interatividade midiática?

É no nível amplo e generalizado das interações sociais que devemos observar a interatividade mediática. Mais do que na relação entre produtor e receptor em torno de um produto específico, trata-se de relações amplas entre um subsistema produtor/produto e um subsistema receptor/produto, permeadas ainda em outras mediações (BRAGA, 2001, p. 119).

Um modelo de interatividade diferida/difusa envolve, portanto, mais que relações diretas e bidirecionais entre produtores e receptores. Além de buscarmos relações entre subsistemas – através de interações diferidas e difusas *nos dois sentidos* -, é preciso ainda

permeiar estas relações com fluxos mais amplos na sociedade, através de suas mediações culturais.

No modelo interativo diferido/difuso podem-se observar três momentos-chave: na direção produção > recepção: *produção e o produto* (objetivos do produto; expectativas sociais e culturais que ele cria e competências desenvolvidas de gênero); *receptor e produto*: são três os níveis, interações com o produto em forma de interpretações, interpelações, ofertas e direcionamento do produto e, por parte do ouvinte que interpreta, responde, se apropria, seleciona ou edita o material; interações sobre os produtos: em forma de conversas e de reinterpretções construídas. Finalmente, *ações de retorno*: a partir das interações sociais sobre os produtos e que podem repercutir na gramática de produção: a escuta deve ser, em primeiro lugar, escutada. A escuta retroage sobre a produção, participando da construção de tipos e gêneros de produto.

É em torno do produto que se constrói a interatividade social. Como nos modernos meios de comunicação, o produto é tipicamente associado a uma tecnologia de produção/difusão, tende-se a abordar a questão da interatividade “como direta e exclusivamente relacionada aos meios esquecendo-se, para este tema específico, de observar os produtos e suas estruturas” (BRAGA, 2001, p. 128).

Mas, a interação com os produtos tem exigências próprias: competências sociais gerais (para superar incompreensões, manipulação, inculcação e usos interesseiros, - na produção -, ingênuos, na recepção e equivocados, na análise); preocupação de produzir produtos só para convencer: o complemento básico da comunicação personalizada oral dialógica). Aqui cabe, portanto, pensar na função do auxiliar imediato, dos líderes e dirigentes das Escolas Radiofônicas.

Em síntese, uma boa interação social em torno de produtos midiáticos solicita: produtos com estruturas eficientes para seus objetivos interativos; e produtos e receptores (a sociedade em geral) com competências bem desenvolvidas para interagir - de suas posições respectivas - com estes produtos. Um esforço nesse sentido foi desenvolvido pela Rádio Sutatenza, capacitando seus líderes camponeses para produzir programas radiofônicos.

Portanto, pesquisamos os nexos entre mídia e audiência, a partir dos dados, indícios,

fragmentos, afirmações, acontecimentos e sugestões presentes nos documentos escritos (livros, atas, entrevistas escritas ao pessoal da produção e aos camponeses etc.), nos registros audiovisuais (programas, entrevistas gravadas, acontecimentos vários), nas cartas dos camponeses enviadas à produção e publicadas no *Boletín de programas*, entre 1953 e 1955.

Os nexos, mídia e audiência são constitutivos de identidade recíproca. Acreditamos, portanto, que a identidade se constrói na relação, na medida em que a mídia se apropria da realidade e das demandas de participação da audiência. A mídia neste sentido se transforma em instrumento de comunicação, enquanto facilitador de conversas da audiência e em outorgante de certo *status* social.

Pesquisar a relação da Rádio Sutatenza com a audiência camponesa exige pensar o espaço da produção e o tempo do consumo, ambos articulados pela cotidianidade (usos/consumos/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos (gêneros) do meio radiofônico (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002).

Falamos da relação da Rádio Sutatenza com a audiência camponesa porque entendemos o rádio como um espaço de interação:

O rádio possui uma grande capacidade para promover diversos níveis de interação a partir do contexto comunicativo gerado por relações 'perenes' entre os comunicadores e seus públicos. Seus programas ativam relações no cenário social mediante a produção e circulação de discursos impregnados de significados simbólicos que expressam ideias, pautas e comportamento, críticas ou defendem ações, pessoas ou posturas por parte daqueles que os produzem. O meio se apresenta potencialmente como um elemento dinâmico da realidade social, influenciando-a e sendo também por ela influenciado. Um processo dialético que se manifesta no perfil das programações oferecidas pelas emissoras (ESCH, 2006, p. 192).

Se o rádio é espaço de interação, tentemos, a seguir, uma proposta das características da interação midiática radiofônica. Iniciamos dizendo que todo ato comunicativo é único e nele "os interlocutores assumem papéis distintos, dependendo do contexto e situação em que ocorre, das relações afetivas cognitivas que contraem os interlocutores, dos investimentos de poder neles concentrados, dos interesses e dos valores e afetos em causa" (DUARTE, 2004, p. 36). Dentro dessa dinâmica, acontecem os processos de interação midiática e, especificamente, a interação radiofônica.

Quais propomos que sejam as características da interação midiática radiofônica? A partir de nossa experiência e do estudo comparado de alguns autores, destacamos as seguintes: identificação, imaginário, interação diferida e difusa e participação do destinatário na produção.

A postura do locutor em relação ao ouvinte deve ser de **identificação**. O locutor deve se identificar com o ouvinte e não o contrário. Para isso, seja “intensamente agradável no ar [...] seja simples, sincero e acessível [...] O ouvinte gosta de entender o que o locutor está falando” (CÉSAR, 1990, p. 84). “O público se identifica com determinados locutores, com determinados artistas, com determinados personagens, com determinados programas de rádio, e estabelece com eles uma relação afetiva especial” (Kaplún, 1999, p. 83). Para o ouvinte, o rádio é uma companhia, uma presença na sua vida, com a qual estabelece relações que respondem a necessidades culturais e a motivações psicológicas profundas.

Para Kaplún (1999, p. 84), o rádio educativo comete o erro de ignorar ou desconhecer este fenômeno que é a chave fundamental de toda comunicação: “Sem certo grau de identificação, a comunicação não se estabelece. A identificação está na base mesma de todo processo de comunicação”.

Há que construir empatia com o ouvinte: inserir-se em sua realidade, em suas vivências e aspirações. Criar laços entre o programa e o ouvinte. Na identificação, ajuda ser interessante, sem forçar o destinatário; aproveitar o poder de sugestão do meio; utilizar uma linguagem radiofônica: palavra, música, efeitos e silêncios. O efeito sonoro serve para caracterizar um ambiente, para colocar em destaque, de modo mais ou menos marcado a atmosfera de uma cena. Na peça radiofônica deve existir um vínculo expressivo entre o conteúdo da cena e o caráter sonoro do lugar no qual ela se desenvolve. Arnheim critica o fato de que os efeitos sonoros não são utilizados tanto quanto se deveria.

Por ser um meio auditivo, o rádio é mais propício à palavra-emoção que à palavra-conceito. Se se quer uma comunicação eficaz, é preciso o ingrediente afetivo, emocional, estético. A especificidade essencial do meio fônico é a de privilegiar a emoção, a de produzir efeitos íntimos, dirigindo-se à mente e ao coração dos ouvintes. Para Cyro César (1999), é necessário inspiração e transpiração para alguém se emocionar com você. A inspiração para

colocar a palavra oportuna no momento inesperado; a transpiração inevitável da produção de um produto radiofônico e a emoção como resultado das duas. Tiveram inspiração, transpiração e emoção as produções da Rádio Sutatenza?

Exigências da identificação: linguagem, libreto radiofônico criativo, afinidade de códigos experienciais e criatividade.

Sobre a *linguagem* estamos querendo aludir à utilização de um *código oral popular* para nos expressar por meio dele; utilização de um *código comum* ao emissor e ao receptor para que exista comunicação; a *lei do menor esforço* (KAPLÚN, 1999, p. 97, 99, 103). Os melhores resultados são produzidos com uma linguagem tranquila, íntima, solta e pessoal.

Para manter uma relação atraente com o ouvinte, o apresentador deve *partir do concreto*, de seus interesses. Tratar o ouvinte como uma pessoa capaz de entender. Evitar um tom artificial, em particular quando a relação é com crianças. Saber dirigir-se à *cultura popular*. O apresentador no rádio, como mediador, deve adequar-se à possibilidade de compreensão do ouvinte. Portanto, deve integrar na forma estilística o tipo de tom a usar e o modo. A pessoa que fala no rádio não deveria esquecer que não tem só a tarefa de capturar a atenção do ouvinte, senão também aquela de exercitar uma função pedagógica quanto ao bom uso da linguagem.

Em relação ao *Libreto radiofônico criativo*, Kaplún faz diferença entre formatos estáticos e formatos dinâmicos. A forma mais utilizada na região em emissões de educação radiofônica é o discurso ou monólogo (em espanhol, *charla expositiva*). Ao máximo, para fazer mais leve o resultado, se distribui o texto entre dois locutores que se alternam lendo uma frase cada um; mas sem que isto constitua um verdadeiro diálogo senão um monólogo lido a duas vozes. Esta é a forma mais fácil, mais também a mais cansativa.

Dos formatos dinâmicos fazem parte o diálogo, a peça radiofônica e o radioteatro. Estes são considerados os mais aptos para emissões radiofônicas. O diálogo é sempre mais atrativo que o discurso, porque não diz as coisas diretamente, senão que as sugere.

Kaplún faz própria a opinião de Osorio: “Um libreto radial educativo é antes de tudo

um libreto radial; daí que em sua elaboração se tem que respeitar todas as técnicas da criação radiofônica” (1999, p. 93).

Outro elemento importante é a *afinidade de códigos experienciais*, ou seja, aprender por relação a algo conhecido: “Sem experiências comuns não há comunicação” (KAPLÚN, 1999, p. 97); atenuação dos ruídos que afetam a produção das emissões: ruídos semânticos, tecnológicos, mecânicos, fisiológicos, estruturais.

A tarefa do rádio é a de representar o mundo para o ouvido, o que exige *criatividade*. Está é a última exigência da identificação.

Por outro lado, é no mundo do **imaginário**, isto é, dos esquemas construídos socialmente e que, portanto, configuram a experiência social, que a mídia pode estabelecer processos interativos permanentes e duradouros. Assim, entendo a afirmação de Certeau de que o destinatário da mídia não é preservado de sua ação porque “é sobre seu imaginário que se estende o poder dos meios” (apud NUNES, 2000, p. 92). Esse parece ser o caso da Rádio Sutatenza que através do discurso religioso consegue despertar o interesse do camponês pelo discurso educativo e superar suas resistências à mudança social. Em certo sentido parece que se dá uma dialética entre “imaginários com uma função estática, isto é, que busca reafirmar a ordem social e imaginários dinâmicos que tratam de questioná-la” (CELY, 2008, p. 18-19).

Na audição radiofônica, a interação entre o produto e o ouvinte se dá “através de elementos presentes na mente de quem escuta. Uma identificação intensa vai-se processando na medida em que o discurso radiofônico captado encontra eco nas expectativas mais íntimas dos ouvintes” (NUNES, 2000, p. 91).

De acordo com Verón (2004, p. 242), as estruturas institucionais e as relações sociais “são inseparáveis do sistema de representações, que, na produção, estruturam o imaginário no qual se constroem as figuras dos emissores e dos receptores dos discursos” (VERÓN, 2004, p. 242).

Para o professor Vizer (2008, p. 26-27), os dispositivos expressivos tradicionais como o rádio possibilitaram o desenvolvimento global de uma *expansão espacial* da tecnologia e dos mundos imaginários como nunca aconteceu. “Neste sentido, podemos falar de processos

de mediatização tecnológica, marcando uma revolução imaginária em relação a meios anteriores, como o livro, a pintura ou ainda a fotografia”. Isto ajuda na compreensão dos processos interativos da Rádio Sutatenza e a audiência camponesa que representa, em geral, a primeira incursão de um dispositivo de comunicação eletrônico no mundo rural.

De acordo com Lozada (2008), em sentido geral, o imaginário social compreende “todo o mundo de representações, crenças, ideias, mitos, imagens, ideologias construídas socialmente (pelo sujeito individual e coletivo), referidas a objetos reais ou simbólicos que caracterizam uma sociedade ou cultura determinada”. Foi a partir desse mundo de representações dos emissores e receptores da Rádio Sutatenza que foram ativados os processos interativos.

Devido a características próprias do meio tecnológico de produção radiofônica o receptor não pode, em geral, se servir do mesmo tipo de mediação radiofônica para visibilizar a sua resposta, “sendo obrigado a se utilizar de outras formas de mediação para expressá-la. Mesmo essa invisibilidade de sua mensagem-resposta na mídia televisiva (radiofônica), não é sinônimo de sua inexistência ou de uma pretensa passividade do telespectador” (DUARTE, 2004, p. 37). Por isso, como foi dito, é uma interação **diferida** no tempo e no espaço e **difusa** pela diversidade e quantidade dos ouvintes.

Outra característica da interação midiática radiofônica é **a participação do destinatário na produção** dos programas. Ter em conta suas necessidades e aspirações, para orientar segundo elas a programação. Mais que comunicação de retorno, se deveria colocar o destinatário no princípio do processo: originando as mensagens, inspirando-as. Para Kaplún não se pode considerar participativa uma rádio educativa na qual o ouvinte se converte em aluno, em mero receptáculo de conhecimentos e informações ministradas pelo professor.

Problemas da participação. Falamos de programas que respondam às necessidades das comunidades: necessidades sentidas e não-sentidas. Portanto, primeiro, o comunicador não pode apoiar-se simplesmente no que a comunidade expressa e sente como necessidade. Em segundo lugar, a participação direta dos ouvintes nos programas de rádio nos coloca em face de outro problema: a formação do povo. Como diz Freire: “O dominador tem introjetada sua ideologia no dominado e este a tem internalizada e muitas vezes pensa com as categorias e valores do dominador”.

Abrir o rádio à expressão direta do povo pode ser muito libertador, mas também pode significar estar abrindo-o inadvertidamente às atitudes e valores que se busca questionar. É o povo aquele que se está expressando; mas expressa o que a cultura dominante lhe tem introjetado (KAPLÚN, 1999, p. 150).

Não convém, pois, confundir participação com espontaneidade nem com populismo demagógico. Não basta com que o povo se expresse.

Os processos interacionais são vistos como complicados e problemáticos, dadas as características específicas do meio radiofônico, na opinião de Mario Kaplún:

O problema de como conseguir que o ouvinte se integre realmente na comunicação através de um meio coletivo e intrinsecamente unidirecional, como o é o rádio, é uma questão atualmente em debate e sobre a qual não há ainda respostas nem soluções definitivas (KAPLÚN, 1999, p. 145).

O problema de Kaplún é abordado por Braga em uma nova perspectiva. Ele sugere, poderíamos dizer, um deslocamento do meio ao produto:

Se um componente do processo merece alguma centralidade, não seria o “meio”, mas o “produto” real, concreto, historicamente elaborado e em elaboração, nas suas estruturas. Mas mesmo este componente, ainda que seja visto como “central”, não esgota a necessidade de observação, pois o que importa efetivamente é como ele circula na sociedade, desde sua produção até seus usos, incluindo nestes usos não só a perspectiva imediata do “receptor”, mas também de sua presença como objeto de cultura. Nossa premissa básica é que, se um produto mediático é posto em circulação na sociedade, e efetivamente circula, há inevitavelmente interatividade (BRAGA, 2001, p. 116).

E na rádio Sutatenza o produto circulou por quase 42 anos, iniciando com uma ou duas horas ao dia, em seus inícios, e chegando a 19 horas diárias, desde finais da década de 1960. Esta preocupação da Rádio Sutatenza de se relacionar com o camponês foi motivada não por interesses econômicos e financeiros, senão que, segundo seu Fundador, por demandas de transformação social, de vida digna e de construção de agentes dinâmicos no tecido social. Com efeito, em mais de uma ocasião, Salcedo sublinha, diante de críticas ou pesquisas sobre a obra, que ela é uma entidade sem fins lucrativos.

Quando falamos da relação da rádio Sutatenza com os ouvintes, a estes últimos damos

o nome de audiência⁴. O termo significa basicamente o ato de ouvir ou de dar atenção àquele que fala. Audiência significa assembleia de ouvintes.

Entre os conceitos de que audiência mantém proximidade, três se destacam por seus nexos com o discurso midiático: audição, atenção e cobertura. Audição se refere à percepção de sons pelos ouvidos, ao número de ouvintes ou de espectadores que se supõe, por estimativa, ou se comprova, por pesquisa direta, estarem em dado momento sintonizados com determinado programa de rádio ou televisão. Audiência tem relação com atenção a, com ouvir, com estar disponível para ouvir, para responder ao chamado, com atração, inclinação afetiva, interesse, curiosidade, afeição.

Finalmente, audiência tem relação com cobertura, com o ato ou efeito de cobrir. Quer significar o total da audiência potencial na área atingida por um veículo de comunicação. No campo da mídia, significa a presença da reportagem, para registro ou transmissão de um fato, no próprio lugar de ocorrência do mesmo.

A audiência é percebida como realidade paradoxal. De uma parte, ela é submissa e dócil. Limita-se a escutar, ver ou ler o que lhe ponham na frente. Por outra parte, ela é livre para mudar de canal ou de emissora. É passiva, mas não menos poderosa. Sua resposta não passa despercebida. “A audiência prescreve o que deve ser feito, dito ou escrito nos meios de comunicação de massa” (CAMPUS, 1993). E, em outro lugar, Campus (1993) sublinha que a audiência é tirana só num certo sentido: se tem que comprazer. Para os estudos culturais, a audiência é “uma estrutura complexa que reúne indivíduos em classes, grupos ou subculturas, em que cada formação social tem sua própria identidade e seu próprio código” (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002, p. 29).

Com esses sentidos nós estamos empregando o conceito de “audiência camponesa”. Existem autores que fazem distinção entre público e audiência (GEERTS, OEYEN, 2001). Por *público* entendem eles os destinatários, por exemplo, o setor social, ao qual a rádio quer chegar com sua programação e *audiência* como os ouvintes, aqueles que de verdade escutam a rádio. Em nosso caso, estamos entendendo os ouvintes como audiência, isto é, como aqueles que de verdade escutam Sutatenza.

⁴⁴ Segundo o dicionário Houaiss (2001), audiência é um vocábulo medieval que aparece aproximadamente no ano 1340. Essa raiz *ouv* vem de *aus*, que significa orelha, ouvir, escutar.

A nossa opção por *audiência* é motivada também pela prática da produção da Rádio Sutatenza que, em geral, assim designou seus ouvintes desde os inícios da emissora.

Na nossa pesquisa seguimos uma “estratégia multimetodológica” (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002, p. 30), que se caracteriza por “combinar várias técnicas de pesquisa”, de maneira que as diversas angulações do objeto possam ser exploradas, ou melhor, construídas por dados empíricos de variada observação. Dentro da pesquisa, “a conformação técnica dos dados é uma questão epistemológica” (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002, p. 48).

Uma das abordagens seguidas na pesquisa é de caráter historiográfico: tratou-se de construir um relato da Rádio Sutatenza (1947-1989) sobre sua relação com a audiência camponesa. Um desafio desse relato foi o de recuperar, tecer, interligar materiais que se encontravam dispersos, fragmentados e desarticulados. O outro desafio do relato consistiu em pretender ser complexo, não linear, nem principalmente descritivo. Tratou-se também de uma história com gente, isto é, com sujeitos: os camponeses e o pessoal diretivo e docente da Rádio Sutatenza.

O exame dos processos interacionais da Rádio Sutatenza e a audiência camponesa foi elaborado a partir de registros impressos, de audiovisuais e de entrevistas. É, portanto, uma história mista, no sentido de empregar várias fontes documentais. Esses documentos, essas fontes, são sempre portadores de discursos, logo não podem ser vistos como algo transparente. Daí que o relato não se pode reduzir aos textos. Tratou-se de relacionar texto e contexto.

Recuperamos e relacionamos relatos sobre aspectos do passado, sem cair em endeusamentos, deixando claro, entre outras coisas, aquilo em que se insiste hoje na história: primeiro, não há interpretações definitivas, posto que estamos hoje num cenário de provisoriades, de crise de paradigmas, de incertezas, de fragmentações: “Os relatos totalizantes que serviam de explicação de mundo, como o cristianismo e o marxismo, entram em crise” (FÉLIX, 1998, p. 14); segundo, as “condições objetivas” como condições externas, a objetividade do conhecimento histórico, são um mito (idem, p. 16). “Todo conceito é histórico, constituído em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos, com interesses, valores também reais, concretos” (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1989, p. 9).

O que significa a história? Tratando-se de uma palavra polissêmica, a *história* permite que seja entendida como: “Ciência ou disciplina do acontecido, isto é, história-conhecimento; história como notícia dos fatos e história como fatos acontecidos, ou seja história-processo” (FÉLIX, 1998, p. 27). História como “experiência vivida”. Entendemos, portanto, que a história tem um compromisso com o acontecido.

A história é ação do sujeito e das estruturas. Questões sempre em tensão, sujeitos e estruturas. A verdade é produto da cultura, das relações de poder. Não se pode separar verdade de poder. A verdade se diz desde um lugar.

Para João Freire Filho (2004), a elaboração e o desenvolvimento de uma pesquisa histórica comportam uma série de estágios, dentre eles: formulação de hipóteses estruturantes; etapa de coleta e organização dos dados; assimilação dos fatos e eventos relevantes em quadros de referência coerentes: cronologia, periodização – ordenamento cronológico da história em fases significativas, em consonância com desenvolvimentos no campo tecnológico, social, institucional ou estético; causalidade – individual, coletiva e estrutural; importância– influência, singularidade, tipicidade.

Sobre as hipóteses estruturantes, aproximando-nos da perspectiva de João Freire (2004, p. 204), diríamos que as hipóteses de trabalho são estruturantes, na medida mesmo em que sugerem não *respostas hipotéticas*, mas propostas sobre como articular (relacionar), *para o caso em estudo*, os aspectos a serem estudados. Portanto, avançamos na pesquisa acompanhados desta hipótese de trabalho: relacionar “transformação social” e “processos interacionais” enquanto ação cultural.

Nosso principal método e técnica de pesquisa é a *análise documental*. O que temos para examinar, as relações ou interações entre a Rádio Sutatenza e a audiência camponesa, são arquivos, são registros impressos e audiovisuais.

A utilização do método de análise documental, argumenta Moreira (2008, p. 270), se faz no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos: “As fontes mais comuns são os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques). Mas também serve como expediente a consulta a documentos oficiais, técnicos ou pessoais (arquivos particulares reunindo originais)”. A análise documental consiste na “identificação, verificação e

apreciação de documentos para determinado fim”. Na pesquisa científica, a análise documental, é, ao mesmo tempo, método e técnica: “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário” (MOREIRA, 2008, p. 271-272).

Ao verificar o teor, o conteúdo do material selecionado para análise, ele é na maioria das vezes qualitativo, podendo ser também quantitativo. As fontes da análise documental são frequentemente de origem secundária, ou seja,

constituem conhecimento, dados ou informação já reunidos ou organizados. São fontes secundárias a mídia impressa (jornais, revistas, boletins, almanaques, catálogos) e a eletrônica (gravações magnéticas de som e vídeo, gravações digitais de áudio e imagem) e relatórios técnicos [...]. Fontes primárias: pertencem a essa categoria escritos pessoais; cartas particulares, documentos oficiais; textos legais; documentos internos de empresas e instituições (MOREIRA, 2008, P. 272).

Para nossa pesquisa, temos um expressivo material de fontes secundárias. Por exemplo, da mídia impressa: boletins, revistas e jornais, com publicações em espanhol, inglês e italiano; obras do Departamento de Planeación y Programación (División Internacional) da Instituição; avaliações realizadas por pessoas e entidades nacionais e internacionais; obras publicadas por pessoal vinculado e não vinculado à instituição; material de áudio: programas educativos da emissora e programas sobre como fazer produções radiofônicas educativas; discos com músicas e campanhas da Rádio; fitas com discursos e intervenções de interesse para a história da Rádio Sutatenza; vídeos e fotos.

Entre as fontes primárias consultadas nesta pesquisa: atas da Instituição especialmente dos primeiros anos e de outros momentos significativos; escritos pessoais do fundador, José Joaquin Salcedo; cartas à Instituição ou sobre a vida da Instituição; documentos oficiais da emissora, realizados por pessoal especializado e a partir de encontros periódicos, como, por exemplo, as Assembleias Gerais do Episcopado promovidas pela Instituição; documentação interna da empresa; fitas de áudio com discursos ou reuniões presididas pelo fundador.

Essas fontes foram encontradas basicamente nestes lugares: na Rádio Sutatenza Bogotá, em um estágio que realizei no ano de 1988; na biblioteca de minha casa em Macanal onde conservamos diversos materiais da Rádio Sutatenza; nas deterioradas cinco bibliotecas

da Instituição, em Sutatenza (Boyacá) e no escritório de ACPO, em Bogotá; na Biblioteca Luis Angel Arango, a mais importante da Colômbia e uma das melhores da América Latina; na Internet e através de amizades pessoais.

Uma vez procurados todos os registros possíveis sobre a Sutatenza, fiz um levantamento de todas as referências do material impresso da Rádio Sutatenza, em particular, e de Acción Cultural Popular, em geral, das monografias, dissertações e teses e do material audiovisual.

Para a análise crítica dos registros construímos umas técnicas básicas como fichamento de dados, categorização básica ao redor dos movimentos centrais da pesquisa, criação de códigos para facilitar o controle e o manuseio (PIMENTEL, 2001), anotações e comentários pessoais do pesquisador no processo de leitura. Definimos alguns passos específicos para a análise da emissão das Escolas Radiofônicas e das cartas dos ouvintes publicadas pela produção no *Boletín de Programas*.

Para realizar a aproximação, Rádio Sutatenza e audiência camponesa, especificamente, a pesquisa realizou três movimentos. O primeiro tem a ver com o *contexto comunicacional latino-americano* no qual nasce a Rádio Sutatenza. Este contexto, num determinado momento, está atravessado pela comunicação para o desenvolvimento rural, que aproxima o discurso e a prática da Rádio Sutatenza e a população camponesa.

O segundo movimento, de uma parte, se aproxima da relação *produtor/rádio* e, de outra, da relação *produtor/produto*. Este movimento situa-se na perspectiva da produção e trata-se de uma experiência vencida no tempo. O que se tem são documentos, artigos, relatos, isto é, arquivos pensados e construídos pelo nicho produtivo da Rádio⁵.

⁵ Outra alternativa que tínhamos para nos aproximarmos do “produto” da Rádio Sutatenza era recuperar diversos programas da emissora entre 1947 e 1987. Inicialmente, tentamos esta proposta, mas desistimos pela dificuldade real de encontrar programas dos inícios da Rádio, devido a diversos fatores como a conservação de materiais de áudio de mais de meio século; em segundo lugar, tecnologicamente falando foi toda uma odisseia conseguir reproduzir fitas dos anos 50 e 60, porque estavam gravadas em velocidades distintas das máquinas convencionais de finais do século XX. Com a ajuda de um camponês de Sutatenza conseguimos fazer funcionar uma máquina daquelas (com um pouco de chiado) para reproduzir as fitas, e colocamos muitas fitas e aquilo que estava escrito na caixa da fita não correspondia ao conteúdo da fita. Isto aconteceu na generalidade das rádios que reutilizavam as fitas, e terminava-se perdendo o programa anterior. É provável que existam nesse monte de material empilhado de fitas algumas que sejam dos inícios da Rádio Sutatenza, esse será um trabalho para quem tenha tempo e deseje tentar essa busca; finalmente, em entrevista com o mestre Efraím Medina Mora, compositor de música e criador da Banda camponesa de Sutatenza, na década de cinquenta, ele contou que nos inícios da Rádio Sutatenza os programas eram ao vivo e que naqueles tempos não existia a rotina de gravar os programas. É por isto que preferimos aproximar-nos do produto através dos registros escritos.

Aproximamo-nos do fundador da Rádio Sutatenza mediante uma biografia midiática para compreender na relação *produtor/rádio* como se descobre, define e utiliza o rádio para educar o povo camponês; entender as origens, filosofia, trajetória e projetos de Salcedo com a Rádio, quais foram as ideias-chave que orientaram a Instituição desde o ponto de vista comunicacional e estratégico. Dada a presença de Salcedo na Rádio Sutatenza e no projeto como um todo, essa biografia midiática se constitui no referencial das ideologias profissionais da emissora.

Na relação *produtor/produto*, consideramos os tipos de produto ou de discurso: religioso, radiofônico e educativo. A partir da relação produtor/produto, procuramos identificar estratégias da Rádio Sutatenza para desenvolver um processo educativo da população rural colombiana através do rádio. Neste sentido, tentamos relacionar processo comunicacional e projeto educativo.

Identificamos limites concretos de ordem comunicacional que hoje podemos perceber e que reduzem a eficácia das Escolas Radiofônicas (sem que isso seja nenhum desmerecimento para os que trabalhavam na experiência, pois justamente não podiam mesmo ter percepção sobre a mídia que hoje temos); assim mesmo, ressaltamos as descobertas (sobre possibilidades, mas também sobre limites e dificuldades comunicacionais), implicitamente viabilizadas pela experiência.

Para nos aproximarmos destas questões, nessa relação produtor/produto, examinamos as marcas discursivas, de planejamento, de conjuntura e de realidade e as marcas da técnica radiofônica na programação educativa da Rádio Sutatenza: filosofia, características (programas, produtores e apresentadores, objetivos, fatos sociais e culturais, tempo de duração, linguagens e gêneros). Assim mesmo, contemplamos as rotinas produtivas, a visão da Rádio Sutatenza, dos ouvintes, de seu entorno de trabalho e da “aula radiofônica”.

Além da análise de documentos impressos, de variada característica, examinamos a emissão de um programa de aproximadamente doze minutos, de um dos cursos das Escolas Radiofônicas. A análise documental foi feita mediante os seguintes procedimentos: 1) Tipo de produto: formato e gênero; 2) Estrutura do texto: entrada, desenvolvimento e conclusão, formas de apresentação e temáticas desenvolvidas; 3) Estratégias discursivas; 4) Clareza expositiva, transmissão pedagógica das ideias e qualidade sonora na recepção; 5) Recursos

radiofônicos: palavras, música, efeitos, silêncios.

O terceiro movimento: *receptor/produto/ações de retorno*. Esta abordagem da recepção é construída principalmente a partir dos documentos da produção ou filtrados pela produção. Por isso, quando falamos de recepção, não estamos pretendendo realizar uma pesquisa de recepção ou caracterizá-la dessa maneira no sentido de resultados obtidos direta e exclusivamente com os receptores, tendo como pano de fundo modelos teóricos específicos e executando diversas técnicas de pesquisa. É uma aproximação feita fundamentalmente através de documentos escritos ou audiovisuais da produção ou de documentos da recepção selecionados e apresentados pela produção ou de pesquisas acadêmicas sobre o objeto. Tudo isto em função da compreensão dos processos interativos midiáticos da Rádio Sutatenza com a audiência camponesa.

Nos discursos identificamos as falas da audiência camponesa: sua realidade, seus problemas, seus limites e valores (família), escutas do rádio (horários, lugares e qualidade sonora) sua visão da Rádio Sutatenza, de sua programação e de seus programas, de seus atores sociais. Em outras palavras, qual é a relação que o destinatário constrói com a Rádio Sutatenza? Como é tratada a emissão pelo campo da recepção? Também identificamos os espaços de socialização, isto é, a interatividade midiática da Rádio Sutatenza nas interatividades sociais dos camponeses.

Na relação *receptor/produto/ações de retorno*, a Rádio Sutatenza foi para a grande maioria dos camponeses da Colômbia a primeira experiência de caráter midiológica. E foi a produção da Rádio Sutatenza a primeira a perceber, antes mesmo que a BBC, a Rádio Nederland ou Canadá Internacional, a importância não só de fazer programas educativos, senão que de pensar a recepção.

Metodologicamente é possível distinguir entre uma relação com os produtos e uma relação sobre os produtos, chamada de interação social mediatizada ampla. Também temos relações entre usuários e outros: os receptores passam a reagir nos seus grupos de participação, de algum modo tendo incorporado (por aceitação ou por crítica) tais produtos em seu repertório. O processo se torna imperativo na medida em que as próprias leituras e usos feitos do produto são já informados por mediações culturais outras em que os usuários se inscrevem. Assim, Braga (2001) conclui que as interações face a face em torno de um produto

fazem parte intrínseca do processo interativo midiático.

Outras questões que surgem neste patamar estão as de examinar as relações receptor/produto (interpretações, apropriações, respostas, recusas, edições e reflexões sobre as interpelações); observar o grau de acuidade histórica ou conjuntural dos receptores para interpretar e “editar” competentemente os produtos em exame no espaço da pesquisa. Observar a relação entre produtor e receptor em torno de um produto específico, e ainda, observar as relações amplas entre o subsistema produtor/produto e o subsistema receptor/produto.

Verificamos se os receptores resistem a determinadas proposições via mídia e se outras interações se desenvolvem em maior profundidade, resultando em aprendizagem, modificação de atitudes, formação de perspectivas sobre questões da sociedade.

Para uma aproximação da relação receptor/produto, além dos documentos escritos, analisamos uma série de cartas enviadas pelos camponeses à Rádio Sutatenza e publicadas pela produção da emissora na revista *Boletín de Programas* na seção intitulada: “Opinan nuestros oyentes”, entre 1953 e 1955.

O *Boletín de Programas* foi uma publicação mensal destinada aos “auxiliares imediatos” e, intencionalmente, também aos alunos, sobretudo os mais adiantados, que tinha como objetivo constituir-se “num guia para conhecer antecipadamente os programas que se iam transmitir desde a Rádio Sutatenza para as Escolas Radiofônicas” (QUE ES, 1953, p. 1).

A análise documental, análise temática, de aproximação às cartas contém estes passos: 1) *Revisão individualizada dos Boletins de Programas*, de 1953 a 1966; 2) Pesquisa dos *dados de identificação* de cada uma das cartas publicadas e de *dados complementares* (número de homens, número de mulheres, número de cartas publicadas e de quais regiões do país); 3) *Indicadores da análise temática* das cartas: motivos das cartas, experiências relevantes, fatos sociais e culturais (cultura camponesa e cotidiano familiar), demandas à Emissora, relações ouvinte-Rádio Sutatenza, programas (forma e conteúdo), pedagogia e expectativas; 4). Coleta, descrição e análise dos dados recolhidos.

A partir da interatividade social sobre os produtos, estudamos as repercussões e

impactos sobre o sistema de produção. Como é que a audiência (a recepção, a “fala”) participou da modelização da “fala” em situações alheias ao modelo conversacional? Foi a Rádio Sutatenza referência de empoderamento popular e de espaços de participação?

Finalmente, esses processos interacionais da Rádio Sutatenza com o camponês: O que ficou dessa experiência radiofônica? Transformou a vida do camponês, de lavrador (arado) em agricultor (tratores)? Diante da situação atual que vive o país, onde ficou a mensagem da Rádio Sutatenza? Foi Salcedo um extensionista? Defendeu uma teoria desenvolvimentista ou da dependência?

O segundo momento da pesquisa foi o tratamento dos dados que compreendeu a transcrição e análise dos dados, tendo como pano de fundo o quadro teórico exposto, junto com a metodologia e outras fontes. O trabalho de campo combinou vários métodos e técnicas: análise documental, análise temática, entrevistas etc.

Aproveitamos a *entrevista* como método e técnica de pesquisa para completar e aprofundar as informações que nos proporcionaram os registros escritos e audiovisuais. Estas entrevistas foram realizadas através dos diversos meios disponíveis: escritas, áudio-conferência, Internet, face a face. Dispomos, de partida, de um número significativo de entrevistas realizadas em diversas circunstâncias. Por exemplo, *entrevistas na Rádio Sutatenza*, que foram transcritas posteriormente e das quais se tem só o material escrito. Por sua proximidade no tempo, aproveitamos aquelas realizadas em 1962, por ocasião dos 15 anos da Emissora e onde foram entrevistadas testemunhas de primeira mão dos começos da Emissora (camponeses, sacerdotes, professores-locutores, bispos etc.).

Outra série de entrevistas foram feitas *para a história da Rádio Sutatenza*, por Indalecio Rodríguez (1967), com o fundador, Salcedo, e alguns de seus colaboradores mais próximos, José Ramón Sabogal, Luis Alejandro Salas, Lázaro Jiménez e Aurora Prieto.

Para a presente pesquisa, realizamos algumas entrevistas não estruturadas. Uma, via internet, no ano de 2005, com a religiosa Laurita, Corona Ortíz, a qual foi a Sutatenza, enviada pelo Bispo de Riobamba (Equador), Leonidas Proaño, para capacitar-se na produção de programas. Na volta, ela foi encarregada da produção dos programas em quíchua na Rádio ERPE (Escolas Radiofônicas Populares do Equador). Isso foi em 1962. Outra entrevista

realizei em agosto de 2006 em La Capilla, Boyacá, Colômbia, com o mestre e compositor Efraim Medina Mora, que foi trabalhar na Rádio em 1950 e compôs muitas das letras e músicas das diferentes campanhas da Rádio Sutatenza e sobre outros temas.

Entrevistei a Floralba Gutiérrez, mulher camponesa de Macanal (Boyacá), que começou escutar a Rádio Sutatenza em 1965 e tinha em sua casa uma pequena biblioteca com os livros, cartilhas, discos e outros materiais produzidos para o projeto educativo dos camponeses.

Finalmente, qual é a relevância de examinar a relação da Rádio Sutatenza com sua audiência? A relevância desse ângulo de pesquisa, o interacional, está na contribuição que se faz à história do rádio, em geral, e ao rádio educativo e popular, em particular, a partir de um ângulo de observação não muito trabalhado nos estudos disponíveis hoje sobre esta mídia. Também é importante porque mostra como o rádio se entrosou com a realidade marginal do povo e ativou estratégias de comunicabilidade, buscando transformar suas condições de vida. Finalmente, percebemos relevante este ângulo de observação porque ele se constitui em lugar de identidade, de troca de sentidos, de contratos de interação, de construção de imaginários e de espaços de negociação.

3 CONTEXTO LATINO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO

Existem diversos caminhos para relatar a história da comunicação na América Latina. Por exemplo, Christa Berger (2001) a conta a partir da identificação dos *centros de estudo*, as *publicações* e os *autores* que fundaram e deram rumo ao campo. Ela parte de uma premissa que se enquadra nas motivações do surgimento da Rádio Sutatenza como projeto de comunicação: “São demandas políticas e sociais, mais do que inquietações científicas, o que impulsiona a produção de conhecimento em comunicação na América Latina” (2001, p. 241). Nós diríamos que, no caso da Rádio Sutatenza, além disso, são demandas políticas e sociais, mais do que inquietações científicas, o que impulsiona a utilização da comunicação para a produção de conhecimento e, portanto, a mudança social.

É desde essa perspectiva da comunicação e seus meios que consideramos produtivo elaborar nosso relato. E a corrente teórica que incursionou nessa direção foi a chamada “comunicação para o desenvolvimento”. Ela apareceu uma década depois de fundada a Rádio Sutatenza, e um dos estudiosos que viveu, acompanhou e contou esse processo foi o boliviano Luis Ramiro Beltrán, considerado, pelas suas influências teóricas na região, um dos pais fundadores da pesquisa em comunicação na América Latina.

A Rádio Sutatenza e seu sistema combinado de meios, chamados em conjunto “Acción Cultural Popular”, (ACPO), foi considerada em seu momento uma Agência de Desenvolvimento por sua intervenção “na promoção humana, por meio da incorporação das pessoas, grupos e coletividades na obtenção de níveis mais aceitáveis de bem-estar individual e comunitário” (BERNAL, 1971, p. 16). Na história da radiodifusão colombiana o Governo nacional lembra a Rádio Sutatenza como “um modelo especial de comunicação para o desenvolvimento” (MINISTERIO DE COMUNICACIONES, 2004).

Além do dito, Beltrán arrola outros motivos: seu interesse pelo campo da comunicação e da educação para o desenvolvimento já nos começos da década dos anos 50; seus conhecimentos da Rádio Sutatenza e por situar esta experiência original como ponto de partida da comunicação para o desenvolvimento; seus conhecimentos da Colômbia onde foi diretor do Centro Interamericano de Desenvolvimento Rural e Reforma Agrária e, de 1973 a 1984, trabalhou em Bogotá, junto ao Centro Internacional de Pesquisa para o desenvolvimento.

3.1 A RÁDIO SUTATENZA E A COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

A ideia de contextualizar a experiência da Rádio Sutatenza da Colômbia a partir da chamada “Comunicação para o Desenvolvimento” solicita retomar algumas abordagens teóricas sobre a comunicação para o desenvolvimento rural.

Para Luis Ramiro Beltrán, a questão do desenvolvimento rural não se pode entender sem relacioná-lo com o contexto maior do desenvolvimento geral. Para isso, sugere separar os períodos assim: os anos republicanos até 1949; a seguir, a década dos anos 50 aos 59; depois, a década dos anos 60 aos 69; a década dos anos 70 aos 79 e, por último, a década dos anos 80 aos 89.

Até 1949, predomina, vitorioso, intacto e inquestionável, o modelo clássico liberal. Nos países nem sequer se fala de “desenvolvimento”; fala-se de “progresso”; não amadurece ainda muito firmemente na nossa região o conceito de que o Estado tem que intervir numa ação de mudança para que o país possa progredir. Segundo Luis Ramiro Beltrán, transitamos, entre 1940 e 1949, por um período ingênuo como aquele que os colombianos chamam o da “pátria boba”. Só ao final da década, estabelece-se a Comissão Econômica para América Latina, CEPAL, e rejuvenesce a Organização dos Estados Americanos, OEA, as duas já pensadas como organismos para o desenvolvimento.

Na década dos anos 1950 começa formalmente a aplicar-se um modelo intervencionista-desenvolvimentista.

Optar pelo desenvolvimento significava não deixar ao azar a prosperidade e o bem-estar e limitar-se à inação providencialista, senão prever e organizar racionalmente a intervenção estatal ativa para alcançar rápido o melhoramento substantivo da economia, com apoio da tecnologia a fim de forjar o adiantamento material (BELTRÁN: 2005).

É nos inícios desta década que o governo dos Estados Unidos cria um programa de assistência técnica e financeira para o desenvolvimento dos países latino-americanos, com ênfase na agricultura, a educação e a saúde.

Os governos latino-americanos adotam, com cego otimismo, o modelo de desenvolvimento vigente nos Estados Unidos e nos países de Europa Ocidental. Mas já nos inícios dos anos 60 se percebem claros indícios de inoperância daquele paradigma. Portanto, dos 60 aos 69 se dá certa evolução do modelo desenvolvimentista, no sentido de apontar a reformista. Isto é, começa a sentir-se a pressão social na América Latina para superar as injustiças que afligem as maiorias. Também ao fechar esta década entra já com bastante força a “Teoria da dependência”, termo que tinha sido criado pelo filósofo mexicano Leopoldo Zea, na década dos anos 50, para caracterizar as relações das sociedades latino-americanas com o mundo ocidental (ALTMANN: 2005, p. 146).

A Teoria da dependência denunciava as duas forças de dominação: “colonialismo interior” e “dependência externa”, especialmente dos Estados Unidos. Os críticos em suas análises políticas assinalavam, talvez pela primeira vez, que o desenvolvimento não é um fato acidental, senão fruto destas condições de submissão interna e externa. Portanto, o subdesenvolvimento é atribuível à influência desses fenômenos de alta concentração de poder nacional e internacional. Em tais circunstâncias, busca-se forjar novos modelos de desenvolvimento. Deseja-se que este seja humanista, justo, não elitista, participativo, não mercantilista etc.

A Rádio Sutatenza e seu fundador têm um posicionamento de abertura à mudança social: não participa da “Teoria da dependência”, como será dito na biografia midiática de Salcedo mais à frente. Com efeito, Salcedo (MUSTO, 1971, p. 22) percebe o problema da dependência como um problema de capacidade, um problema educativo:

O problema da dependência e escravidão é essencialmente um problema de capacidade; e a atividade capacitadora uma ação eminentemente subversiva, que mina dita relação de dependência e cria uma nova sociedade [...] Aquele que sabe, porque sabe, pode impor-se. O ignorante, por mais esforços que realize, sempre é susceptível de ser dominado. Esse é o significado de alguns dos *slogans* mais repetidos pela instituição: ‘O ignorante é um escravo’.

Salcedo não percebe o problema da dependência como uma questão política e econômica. Para ele, representa uma perda de tempo estar criticando e responsabilizando os outros de nossos males e problemas. Ele acredita que o melhor remédio para nossos males é agir e agir já, na linha de capacitar o povo porque só desse jeito se consegue deixar de “ser

objeto de dominação”. Nesse sentido a Sutatenza deixou, em geral, de promover uma crítica radical à realidade do “poder” na Colômbia e latino-americana e de contribuir na criação de uma consciência crítica, individual e coletiva, da política e da economia, a nível nacional e internacional.

O modelo, ou os modelos de desenvolvimento, está baseado no conceito de crescimento material, como se somente o avanço econômico determinasse o desenvolvimento da pessoa humana. É um modelo fundamentalmente materialista, economicista, tecnologista e do bem-estar. Aferra-se ao preceito de que se tem que aumentar a produção e o consumo a qualquer preço. “O que se tem que procurar é encher o copo até a abundância e, por fartura, surgirá algum dia a justiça social; o desenvolvimento filtrar-se-ia dos de cima aos de baixo. Este modelo é o que temos tratado de aplicar nos últimos 15 ou 20 anos” (BELTRÁN: 1988, p. 5).

Não se trata de negar que se tem que produzir mais bens e serviços, mas o modelo de produção e consumo levado de sociedades altamente industrializadas, com outras vocações e outras capacidades, a sociedades como as nossas não parece ser solução. Ao contrário, aqui se tem que perguntar para benefício de quem se produzirá mais. É o que analisa Leopoldo Zea na História das Ideias na América Latina: “Importaram-se ideias e projetos civilizatórios descolados das circunstâncias históricas reais, os que se convertiam, por isso, em ineficazes teorias acadêmicas ou eram instrumentalizados por minorias ilustradas” (ALTMANN: 2005, p. 146).

Beltrán lembra que as décadas de 60 a 70 foram chamadas pelas Nações Unidas “Décadas de desenvolvimento”. A primeira delas, com nome próprio, a década da “Aliança para o Progresso”, em parte como antídoto ao castrismo. O certo é que não produziram nenhum desenvolvimento tangível para as massas latino-americanas e consolidaram as injustiças a favor das minorias de poder que dominaram a vida da região em todo sentido.

Produto das injustas relações econômicas e sociopolíticas entre o Norte e o Sul, acentua-se a pobreza e a iniquidade em nossos países, enquanto a população não deixa de crescer nos ritmos mais altos da história da humanidade. “Nossa região tem a taxa mais rápida de crescimento do mundo; mais que a China, mais que Índia. Crescemos a 3% global, nas grandes cidades a 7%, nas favelas das grandes cidades até 15% pela força da migração rural

gerada pela falta de emprego no campo” (BELTRÁN: 1988, p. 6). Entretanto, as condições de subdesenvolvimento, depois de 30 anos de esforços, de planos, de declarações, de aspirações, são de exacerbação das circunstâncias que determinam a injustiça social.

A obra de Salcedo foi entendida como uma “agência de desenvolvimento”:

Isso se percebe claramente de várias publicações e declarações oficiais da instituição. Para ACPO o conceito de desenvolvimento implica mudança de estruturas sociais e satisfação das crescentes aspirações humanas [...]; para isto é necessário basicamente capacitar o indivíduo a reconhecer suas necessidades e empreender os esforços necessários para satisfazê-las. Este é o princípio no que se baseia a educação fundamental integral: a ideia de que a educação e capacitação do indivíduo, a construção da personalidade, é a condição fundamental de todo desenvolvimento (MUSTO, 1971, p. 128).

Um programa de três etapas está na base da política de desenvolvimento da Rádio Sutatenza: predispor a população rural marginalizada à modernização; induzir a melhorar as condições de vida; e, finalmente, integrar o camponês marginalizado à sociedade e à economia do país (MUSTO, 1971).

É em meados desta década que a dívida externa dos países latino-americanos começa a crescer rapidamente devido aos acordos de intercâmbio comercial internacional. Calcula-se que em 1978 cerca de 40% das famílias da região tinham caído até níveis críticos de pobreza. Os baixos salários, o desemprego, os preços altos e uma inflação galopante levaram as massas a migrar do campo.

Nessa perspectiva, Daniel Prieto Castillo afirma que a primeira, única e só resposta ao porquê de milhares de seres humanos abandonarem a terra de seus antepassados é o problema econômico; a deterioração das condições de vida no meio rural, os crescentes problemas da propriedade da terra, o crescimento demográfico fazem que a tendência à migração resulte irrefreável (1982, p. 17). Só a partir desta causa fundamental é possível reconhecer outros motivos: a falta de serviços básicos, de educação, de saúde; também exercem influência os meios de difusão coletiva e as vias de comunicação.

Rádio Sutatenza desenvolveu verdadeiras campanhas para que o camponês permanecesse em seu meio; acreditava que a capacitação ajudaria a melhorar radicalmente as

suas condições de vida, iria a produzir mais e, portanto, superar suas condições de pobreza. Isso se conseguiu em parte porque o fenômeno da migração foi de todas maneiras irrefreável. E talvez até provocasse efeito contrário no sentido que os camponeses sentindo-se com um pouco de preparação emigraram com a esperança de defender-se melhor na cidade.

Sutatenza acreditava que o problema da terra era um dos problemas centrais do camponês. Nesse sentido desenvolveu campanhas de reforma agrária e celebrou com entusiasmo a criação do Instituto Colombiano para a Reforma Agrária (INCORA) em 1961, estabelecendo entre seus objetivos a “distribuição da terra, o aumento da produtividade agrícola, o melhoramento do nível de vida da população rural” (MUSTO, 1971, p. 138).

Desde começos da década de 1960 Salcedo iniciou campanhas sobre paternidade responsável ou controle da natalidade. Essa foi uma preocupação muito grande na instituição. Com efeito, as famílias camponesas naquela época eram muito numerosas e isso criava problemas muito grandes dada a marginalização total da população camponesa. Para Salcedo

O problema principal consiste em convencer às massas de que a discussão deste tema não é pecado. É muito difícil educar o povo para a dignidade humana e uma maternidade responsável em povos regidos por presunções religiosas, ACPO não entra a discutir ou repudiar sistemas químicos ou físicos de controle [...] O problema é mais profundo: é o da independência (autonomia) da pessoa. O único caminho que conduz a esta independência é o da educação. Só a educação é capaz de criar os fundamentos para tomar decisões independentes e responsáveis (MUSTO, 1971, p. 131).

A colocação de Salcedo foi criticada pela hierarquia da Igreja Católica colombiana, sobretudo depois da aparição da Encíclica *Humanae Vitae* que condenou todo tipo de controle artificial da natalidade. Essas críticas despertaram suspeitas sobre Salcedo e sua obra e foi motivo para que os inimigos de Salcedo o atacassem através da mídia, para que o desprestigiasses entre seus colegas sacerdotes e para que a mídia mesma lhe passasse a conta de cobrança pela concorrência publicitária. O posicionamento de Salcedo frente a este tema foi como o ‘aperitivo’ do processo de decadência que iniciou a obra na década de 1970.

Luis Ramiro Beltrán propôs em 1973 entender o desenvolvimento como

um processo dirigido de profunda e acelerada mudança sociopolítica que gera transformações substanciais na economia, ecologia e cultura de um país a fim de favorecer o avanço moral e material da maioria da população em condições de dignidade, justiça e liberdade (BELTRÁN: 2005).

Para América Latina, a década de 80 é a “década perdida”. Longe de melhorar a situação, esta se agravou radicalmente: juros altos, fortes decréscimos nos empréstimos e nas inversões privadas, protecionismo e redução na assistência externa. A dívida externa da região que era de 67 bilhões em 1975, chegou à soma de 300 bilhões de dólares em 1982.

É dentro desse marco global que podemos ver adequadamente o desenvolvimento rural. O principal a dizer e fácil de sustentar é uma contradição central: apesar da importância da agricultura, esta ocupa os lugares inferiores na escala dos esforços dos países. A metade da população vive no campo, mas é a menos assistida, menos socorrida pelos planos e ações para o desenvolvimento (BELTRÁN: 1988, p. 6).

Até o ano de 1949, o campo esteve tranquilo, em geral, salvo exceções como a terrível guerra civil na Colômbia. Que estratégias para o desenvolvimento agrícola aplicaram-se neste período? As estratégias clássicas foram a colonização, as cooperativas e, um pouco mais adiante, a incipiente política de desenvolvimento comunal.

Neste contexto de esquecimento do campo, nasce a Rádio Sutatenza como um projeto orientado exclusivamente ao setor rural, acreditando em seus valores e preocupada com seus problemas de analfabetismo, pobreza, insalubridade etc.

De 1950 a 1959, o campo já não está tão tranquilo. Na Bolívia, acontece a revolução nacional em 1952; na Guatemala, Arbenz trata de fazer a Reforma Agrária, mas é derrotado por Castillo Armas mediante uma invasão apoiada pela Central de Inteligência Americana, CIA. No Brasil, em meados da década, se levantam as “Ligas camponesas” de Julião; e, ao concluir a década, os camponeses da Sierra Maestra tornam possível o triunfo da revolução castrista contra a longa ditadura batistiniana. Estratégias adicionais desta época: a extensão agrícola, a divulgação de inovações ou transferência tecnológica, a reforma agrária e a organização camponesa.

De 1960 a 1969, o desenvolvimento rural implementa outras estratégias: empresas

comunitárias camponesas de autogestão. São especialistas nesta matéria: Chile, Venezuela, Peru, Colômbia e Panamá. A extensão agrícola inspirada no modelo norte-americano perde vigor; a reforma agrária, que parecia chegar ao auge, logo revela-se que foi apenas fugaz esperança, uma ficção política. Isto apesar de, em 1961, se ter assinado, em Punta del Este, o documento da “Aliança para o Progresso”, onde os governos da América Latina comprometiam-se a impulsionar a reforma agrária, como eixo estrutural para modificar o sistema de distribuição do poder sem o qual reconhecem não haverá desenvolvimento.

O Conselho Interamericano Econômico e Social da OEA, em 1964, afirma: “Muito pouco progresso se tem feito até a data quanto à redistribuição da terra”. Em 1967, o venezuelano Victor Jiménez Landínez, a partir de dados sobre a reforma agrária na América Latina, conclui que não se tem avançado absolutamente nada na redistribuição da terra.

De que se fala na década de 1970? Não se fala tanto de extensão agrícola, nada de desenvolvimento comunal, de reforma agrária e muito pouco de empresas comunitárias camponesas. Agora se fala de desenvolvimento rural integral.

Na década de 1980, irrompem na cena do exercício do poder o neoliberalismo e a globalização que chegariam a mudar em pouco tempo as bases estruturais da economia, da política, da cultura e da comunicação no mundo. E, uma outra vez, as nações gestoras daqueles fenômenos prometeram às outras a aurora do desenvolvimento universal. Mas, entre 1981 e 1983, acontece a pior recessão desde a histórica “grande depressão” que afetou os países desenvolvidos e teve consequências graves para os subdesenvolvidos (BELTRÁN: 2005). O aumento da dívida externa chegou, em 1989, ao expressivo montante de 416 bilhões de dólares.

Para Beltrán (2005), a estreia do modelo de mercado, em substituição ao modelo de Estado, foi “catastrófico” na América Latina, gerando não só estancamento, senão que regressão nos programas para o desenvolvimento.

Como se situa nestas quatro décadas a comunicação rural? Até 1949, diz Luis Ramiro Beltrán, o que se tem nesta matéria se chama jornalismo agrário; quase não existem programas de rádio sobre agricultura. A outra atividade dessa época são as campanhas de alfabetização que incluem com frequência o rural com técnicas especiais. “Até antes de 1949,

nenhum governo da América Latina tinha feito nada substantivo pelos camponeses” (BELTRÁN: 1988).

Na América Latina se começa a fazer alguma coisa quando o presidente da América do Norte Harry Truman anuncia, em 1949, a criação de um programa internacional de assistência, técnica e financeira, para o desenvolvimento nacional e chega dinheiro do exterior, dos Estados Unidos, para a extensão agrícola e outras atividades semelhantes.

Nesse contexto nasce a comunicação rural como a entendem Juan Diaz Bordenave, Jorge Ramsay e Luis Ramiro Beltrán. Por estas influências, na década de 1950, sobre o desenvolvimento em geral e sobre o desenvolvimento rural cria-se a disciplina do comunicador rural na América Latina. Nasce sob o nome de “informação de extensão” a nível massivo.

Por outra parte, nasce na América Latina nessa época uma estratégia eminentemente nossa. Monsenhor Joaquim Salcedo funda na Colômbia as “Escolas Radiofônicas” de Sutatenza que alcançariam um vigor excepcional e iriam a multiplicar-se pela região mediante umas 40 ou 50 organizações em uns 15 países (BELTRÁN: 1988, p. 12).

Beltrán, fazendo uma avaliação dos 40 anos de comunicação para o desenvolvimento¹ na América Latina se pergunta: qual tem sido a trajetória da comunicação para o desenvolvimento no continente? Tem feito esta região contribuições significativas a ela? E responde dizendo que durante quase 45 anos a América Latina tem sido notavelmente ativa, imaginativa e produtiva em tratar de pôr a comunicação a serviço do desenvolvimento. Começou a utilizar a comunicação para o desenvolvimento muito antes de que se tenham proposto teorias para isso e inclusive quando a denominação mesma não existia.

Começa destacando, como pioneiras, duas experiências de comunicação para o desenvolvimento: a da Rádio Sutatenza, da Colômbia, a Rádio dos Camponeses (1947) e as rádios Mineiras da Bolívia (1948-1952).

Da Rádio Sutatenza, destaca onde, quem, como, que e para que se criou esta emissora:

¹ Discurso inaugural de Luis Ramiro Beltrán, na IV Mesa Redonda sobre Comunicação e Desenvolvimento, organizada pelo Instituto para a América Latina (IPAL) em Lima, Peru, entre 23 e 26 de fevereiro de 1993.

“Com os modestos propósitos de ampliar a difusão da doutrina católica e contribuir para reduzir o analfabetismo dentro de sua área de influência”. Em poucos anos, não obstante, esta iniciativa individual evoluiu até converter-se em “Acción Cultural Popular” (ACPO), uma das instituições de diversos meios maiores, complexas e influentes do mundo em matéria de educação não formal a distância e desenvolvimento rural (BELTRÁN: 1993).

Beltrán destaca a metodologia das Escolas Radiofônicas de Sutatenza:

A estratégia das “*Escolas Radiofônicas*” da ACPO – que inclui a audição coletiva e o debate dos programas especiais, com o apoio de um voluntário local capacitado e de materiais impressos – logo foi adotada por organizações similares em muitos dos países da região. Com o apoio do Estado e depois também contando com uma substancial ajuda estrangeira, ACPO – Rádio Sutatenza constituiu, em seu momento de auge, o primeiro caso de sucesso de Comunicação institucionalizada de apoio ao desenvolvimento da América Latina (BELTRÁN: 1993).

Avaliando os 50 anos de comunicação para o desenvolvimento, Luis Ramiro Beltrán (2005) adiciona alguns elementos novos à descrição da Rádio Sutatenza. Para ele, se tratou de uma experiência prática que antecedeu à teoria da comunicação para o desenvolvimento, em mais de 10 anos. Além disso, para falar de sua estratégia, não a menciona como “Escolas Radiofônicas”, senão como “Radioescolas da Colômbia”; quanto ao propósito deixa fora a ideia de que era para difundir a doutrina católica: “Dar aos camponeses apoio mediante a comunicação massiva educativa, a fim de fomentar o desenvolvimento rural”.

Destaca que a estratégia das “radioescolas” consistia em audição, mediante receptores a bateria, em pequenos grupos de vizinhos de programas especialmente produzidos por eles. Faziam-no auxiliados por guias capacitados que levavam a aplicar o aprendido, a tomar decisões comunitárias para procurar o melhoramento da produção agropecuária, da saúde e da educação. E, a partir disso, sintetiza o método: “Recepção – reflexão – decisão – e ação coletivas”. E Beltrán conclui dizendo que as radioescolas da Colômbia, ACPO, apoiadas pelo governo colombiano e por alguns organismos internacionais, chegaram a contar com uma rede nacional de oito emissoras, com o primeiro jornal camponês do país, com dois institutos de campo para formar líderes e com um centro de produção de materiais de ensino.

Com efeito, a Rádio Sutatenza foi uma iniciativa que superou as expectativas do

próprio país e se transformou em “um modelo para a mobilização rural” (MUSTO, 1971, p. 45). Esta emissora inspirou experiências semelhantes, ou radicalmente novas, especialmente na América Latina e a consciência desta dimensão, por parte dos responsáveis do sistema de produção, levou a construir propostas, oferecer apoio teórico-prático e desenvolver cursos de capacitação, entre outras opções.

O discurso de Salcedo nas Nações Unidas, em 1948, estabeleceu as bases de sua obra e teve enorme “ressonância nos países latino-americanos que estavam realizando, por seu lado, esforços para promover o desenvolvimento rural através dos meios de comunicação de massas” (MUSTO, 1971, p. 151). Esse discurso e a conferência realizada em Santiago de Chile em 1964 levaram à criação de uma série de projetos radiofônicos orientados à educação de adultos inspirados na ideia da educação fundamental integral. A seguir, apresentamos dois quadros que descrevem até 1968 os eventos mais importantes nas relações da Rádio Sutatenza e a América Latina (Anexo A) e as instituições que assumiram o sistema das escolas radiofônicas, até inícios de 1969 (Anexo B).

Vale a pena lembrar com Luis Ramiro Beltrán (2005), que a estratégia colombiana das Radioescolas foi difundindo-se sem demora na região. Na Bolívia, por exemplo, em meados da década de cinquenta,

surgiu a primeira emissora desse tipo em uma zona rural habitada por indígenas aimarás: Rádio Peñas. Para meados da década dos anos 60, com o patrocínio não impositivo da Igreja Católica, o número de tais emissoras, maiormente camponesas, cresceu no país ao ponto de fazer necessária sua agrupação na rede cooperativa chamada de Escolas Radiofônicas de Bolívia [ERBOL].

Sobre a experiência das rádios mineiras da Bolívia, Beltrán enfatiza o papel protagonista e de participação popular dos mineiros na comunicação massiva; com estações de rádio próprias, eles se converteram em participantes-chaves de um processo de revolução nacionalista radical, que instauraria o voto universal, realizaria a reforma agrária e nacionalizaria a mineração do estanho, da qual dependia então, em grande medida, a subsistência do país.

Ao trabalhar de forma autofinanciada, não partidária, autogerida, sem publicidade

comercial e praticando verdadeiramente a democracia na comunicação, os mineiros bolivianos constituíram-se, sem o saber, nos precursores da *comunicação alternativa para o desenvolvimento*. Aproximadamente duas décadas antes de que Paulo Freire propusesse devolver a palavra ao povo, já a tinham tomado paupérrimos trabalhadores indígenas da Bolívia, conclui Beltrán.

As duas experiências anteriores – a de extensão agrícola e de educação sanitária e educação audiovisual co-patrocinada pelos governos dos Estados Unidos e da região, iniciada em princípios da década dos anos 50, diz Beltrán – não contavam ainda com capacidade de investigação científica e, de outra parte, careciam de fundamentação teórica integral e substantiva.

De 1960 a 1969, surge uma nova área em nosso campo: a “Comunicação para o desenvolvimento”. Onde surge? No Massachusetts Institute Technology e em Stanford. Pesquisadores destacados: Schramm, Lerner, Pool, Pye and Frey. Eles estudam as possibilidades de utilizar a comunicação, principalmente a massiva, para conquistar o desenvolvimento.

Lerner, em 1958, publicou um estudo sobre a extinção da “sociedade tradicional” para dar passo à sua “modernização”. Verificou a existência de clara e estreita correlação entre o desenvolvimento nacional e a comunicação social. Constatou que essa transição dava-se nas seguintes etapas: urbanização (junto com industrialização); participação do povo na comunicação massiva; alfabetização; e participação em política. Propôs que as funções da comunicação em tal processo eram as de criar novas aspirações; indicar o crescimento de novos líderes para a mudança social; fomentar uma maior participação dos cidadãos nas atividades da sociedade e ensinar a eles “empatia”, a atitude para colocar-se na situação do outro. E afirmou, em resumo, que a comunicação era ao mesmo tempo indutora e indicadora de mudança social (BELTRÁN: 2005).

O sociólogo Everett Rogers, em 1962, deu a conhecer sua teoria da difusão de inovações como motor da modernização da sociedade. Definiu a inovação como uma ideia percebida como nova por um indivíduo e comunicada aos demais membros de um sistema social. Afirmou que, para a inovação ser alcançada, a conduta tinha que passar por estas etapas: percepção; interesse; avaliação; prova e adoção. Agregou que a difusão das inovações

dependia de sua taxa de adoção. E comprovou que os inovadores eram, em geral, aqueles que tinham elevados índices de ingresso, educação, cosmopolitismo e comunicação. Verificou que, em cada uma das etapas do processo, a comunicação cumpria papel-chave através de diversos meios.

Objetivo do trabalho da pesquisa do comunicólogo Wilbur Schramm foi mostrar que o desenvolvimento das comunicações e os processos de desenvolvimento encontram-se inter-relacionados, são interdependentes. Mais ainda, existe uma interação permanente entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento das comunicações.

Schramm publicou em 1964 um estudo sobre comunicação e mudança nos países “em desenvolvimento”. Percebendo a comunicação massiva como “vigia”, “mestra” e “formuladora de políticas”, estabeleceu em detalhe um conjunto de papéis que ela teria na atenção das necessidades das pessoas quanto ao desenvolvimento. Afirmou que estas eram: 1. Estar informado dos planos, ações, sucessos e limites do esforço pró-desenvolvimento; 2. Fazer-se partícipe do processo de tomada de decisões sobre assuntos de interesse coletivo; e 3. Aprender as destrezas que o desenvolvimento exige dominar. Ao cumprir aquelas funções, os meios de comunicação configuravam, diz Schramm, uma atmosfera geral propícia para conseguir a mudança social indispensável para obter o desenvolvimento.

Derivadas em parte dessas teorias norte-americanas principais, tenderiam a prevalecer na América Latina duas conceitualizações a respeito da relação entre comunicação social e desenvolvimento nacional: “comunicação de desenvolvimento” e “comunicação de apoio ao desenvolvimento”.

A “comunicação de apoio ao desenvolvimento” é o uso dos meios de comunicação – massivos, interpessoais ou mistos como fator instrumental para conseguir a realização das metas práticas de instituições que executam projetos específicos em prol do desenvolvimento econômico e social.

A “comunicação de desenvolvimento” é a criação, graças à influência dos meios de comunicação massiva, de uma atmosfera pública favorável à mudança que se considera indispensável para obter a modernização de sociedades tradicionais mediante o avanço tecnológico, o crescimento econômico e o progresso material.

Mas a que desenvolvimento se refere? Quando falam de desenvolvimento de que coisas estão falando exatamente? Do modelo clássico; do modelo produtivista. Para isso, os meios de comunicação cumprem um papel extraordinariamente adequado. Nesta década aparece Freire e, desde então, a teoria da dominação e da dependência tem dado certas bases sistemáticas para pensar também nesses termos sobre a comunicação: com ela, se produz em nós uma dissonância. O que nos estão ensinando desde a América do Norte entra em choque com as percepções novas que começamos a adquirir sobre nossa realidade. Isso nos leva a uma revisão dessa proposta de comunicação para o desenvolvimento.

Destaca-se, nesta década dos anos 60, o pensamento de Paulo Freire com sua proposta de educação para a liberdade e a comunicação dialógica que tem influência em muitos pensadores latino-americanos, como Juan Díaz Bordenave, João Bosco Pinto, Mario Kaplún, Frank Gerace. No nível institucional começa intensamente a televisão escolar ou instrutiva. Nasce o CIESPAL, em Quito, como centro regional de comunicação para América Latina.

O Instituto de Desenvolvimento Alemão realizou “uma análise da eficiência da “Ação Cultural Popular – Rádio Sutatenza”, desde 10 de novembro de 1968 até 20 de janeiro de 1969. Na introdução o informe afirma que

as Escolas Radiofônicas de Sutatenza, conhecidas sob o nome de Ação Cultural Popular, com quase 250.000 alunos matriculados e 20.000 Escolas Radiofônicas, é na Colômbia a organização mais importante a serviço da educação popular e na América Latina, um modelo para a mobilização rural (MUSTO, 1971, p. 45).

Como modelo, a Rádio Sutatenza tentou contribuir para a criação de espaços de formação para aprofundar sistematicamente a experiência da educação radiofônica de adultos. Um dos resultados mais significativos desses esforços de integração e cooperação internacional foi a criação, em 1963, da Confederação Latino-americana de Educação Fundamental Integral (COLEFI) e do Instituto Latino-americano de Comunicação de Massas (ILCODEMA).

Essas duas instituições foram criadas no *Primeiro Congresso Latino-americano de Escolas Radiofônicas*, realizado em Bogotá, de 13 a 19 de setembro de 1963, sob os auspícios do Conselho Episcopal Latino-americano, CELAM, da Rádio Sutatenza e da Associação

Católica Internacional de Rádio e Televisão, UNDA. Este evento reuniu 170 delegados e 44 observadores de 22 países².

O objetivo do Congresso das Escolas Radiofônicas, em palavras do Presidente da Junta Diretiva de ACPO (1963), era estudar o uso que se pode fazer dos meios de comunicação social para colocar a educação básica ao alcance de todos os latino-americanos. Segundo Obregón, é através da educação que os povos da América Latina se podem unir na “construção de um homem novo, o latino-americano que até hoje não existe nem para si mesmo nem para o resto do mundo” (1963, p. 22). Desta maneira se poderá incorporar a metade de nossas populações que subsistem em nossas “colônias internas”, para superar a violência e mudar a imagem que o mundo tem de nós.

Em nome da Comissão Organizadora do Congresso (integrada em sua totalidade por pessoal da Rádio Sutatenza), o doutor José de Recasens expôs as necessidades pelas quais surgiu a ideia do Primeiro Congresso Latino-americano das Escolas Radiofônicas: “despertar uma consciência social na América, confrontar experiências, juntar esforços e aproveitar as vantagens de uma cooperação organizada” (PRIMER, 1963, p. 30).

O Representante do Conselho Episcopal Latino-americano (PRIMER, 1963) deixou claro na abertura do evento a preocupação do CELAM pelo desenvolvimento e progresso do apostolado radiofônico no continente e desejou que o encontro contribuísse para o fortalecimento do catolicismo na América Latina com esses meios tão poderosos de capacitação, coordenação e ação no campo do apostolado radiofônico, mediante a criação do Instituto, a Confederação e o escritório de serviços. Deste jeito, augurou o representante do CELAM que a Igreja consiga travar no futuro a batalha da opinião pública, porque, lembrando ao Papa João XXIII, “só semeando ideias poderemos regenerar e salvar a nossa América”.

A representante da Associação Católica Internacional de Rádio e Televisão, UNDA/RIO, Marina Bandeira (1963), contou que foi a partir da realização do Primeiro Congresso Latino-americano de Emissoras Católicas, realizado no Rio de Janeiro, em julho de

²² Países participantes no Primeiro Congresso Latino-americano de Escolas Radiofônicas: Argentina, Alemanha, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Estados Unidos, França, Guatemala, Haiti, Honduras, Inglaterra, México, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

1960, que surgiu o Secretariado Latino-americano de UNDA, com sede no Rio de Janeiro. Para Bandeira, a distinção se atribuiu ao fato de o Brasil contar com 70 emissoras de rádio em pleno funcionamento e com a RENECA (Representação Nacional de Emissoras Católicas) que reunia as emissoras para um esforço conjunto de valorização e assessoria.

Para Bandeira “o trabalho pioneiro da Rádio Sutatenza trouxe a solução para o problema que vinha desafiando todos aqueles que se viam diante do espetáculo doloroso da América Latina” (1963, p. 26). Esse problema-desafio era o de como levar os elementos essenciais de educação de base, ou educação integral, ou qualquer outro nome que se prefira, à mais da metade da população de um continente?

A Pontifícia Comissão para América Latina diz em carta a monsenhor Salcedo, promotor do Congresso, que o encontro é uma resposta a um desejo do CELAM, manifesto em sua fundação em 1955, no Rio de Janeiro. O CELAM pedia aproveitar estas experiências radiofônicas, com fins religiosos e educativos, para estimular a instalação de emissoras que estejam dotadas de pessoal cultural e tecnicamente bem preparado para sua direção e funcionamento³. Também em sua primeira reunião em Bogotá (5-15 novembro 1956) o CELAM se interessou pelas Escolas Radiofônicas de Sutatenza. A IV reunião do CELAM, em Fômeque (8-15 de novembro de 1959), recomendou sua atividade, e no México, na VI reunião (13-19 de novembro de 1961), formulava-se esta conclusão:

Sendo a educação elemento indispensável do desenvolvimento da família e, por outra parte, alta a proporção de analfabetos em certas nações da América Latina, se recomendam, como meios altamente eficazes, entre outros, as Escolas Radiofônicas, que tantos frutos de formação estão conseguindo para bem da população camponesa (PRIMER, 1963, p. 14).

A Pontifícia Comissão para a América Latina menciona os países que se apropriaram

³ Salcedo relata que o Movimento de Educação de Base da ‘Acción Cultural Popular Brasileña’ nasceu precisamente “no Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro quando se fundou o CELAM e quando o cardeal Barros Câmara, que esteve antes em Sutatenza, nos pediu que fôssemos ao Congresso Eucarístico e aproveitássemos o Congresso para ensinar ao clero e aos dirigentes brasileiros os sistemas de Ação Cultural; então, se levaram no avião presidencial que lhe deram ao Cardeal Luque uma grande exposição dos materiais e lá se fez, com palha e com madeira, uma choça camponesa, e no lugar onde se reunia a grande assembleia de todo o Episcopado Latino-americano se estabeleceu uma escola radiofônica em português e um bispo fazia de auxiliar imediato e os outros bispos faziam de alunos da escola. Então, assim passaram numerosíssimos bispos sabendo como era o sistema. Foi a primeira grande apresentação no exterior de ‘Acción Cultural Popular’ [...] e assim foi como nasceu no Brasil o movimento que hoje é em número de alunos tão grande com ‘Acción Cultural’ (RODRÍGUEZ, 1967f, p. 127).

da experiência das Escolas Radiofônicas e seus meios complementares na educação integral do povo: Argentina, Bolívia, Brasil, Costa Rica, Chile, Equador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, El Salvador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. A Comissão espera que o Congresso seja um compartilhar experiências de todos os países e, sobretudo, que favoreça uma maior colaboração e coordenação entre todas as obras radiofônicas com finalidade educativa existentes no continente. Nesse sentido, expressa sua satisfação pelo projeto de uma “Federação Latino-americana de Escolas Radiofônicas” e do “Instituto de Comunicação de Massas”

O Congresso aprovou e definiu os perfis da “Confederação Latino-americana para a Educação Fundamental Integral” e do “Instituto de Comunicação de Massas”. A constituição da COLEFI significou, entre outros pontos: propiciar uma cooperação nas atividades latino-americanas para a Educação Fundamental Integral; reunir e propiciar informação sobre as atividades culturais que se levavam a cabo nos países; promover a máxima unificação nos programas de educação básica integral, adaptada às necessidades de todos os grupos étnicos latino-americanos.

O “Instituto Latino-americano de Comunicação de Massas” foi planejado para que funcionasse em todos os países da região, com o objeto de formar dirigentes técnicos capacitados para a criação de uma nova ordem social de liberdade e democracia que garantisse a dignidade da pessoa humana e do bem comum.

Nesse Congresso, se insistiu em algumas ideias consideradas centrais: a primeira, que não são os países os subdesenvolvidos, senão que o são seus povos ignorantes; portanto, educar significa construir o homem novo e livre latino-americano, agente ativo de seu próprio desenvolvimento; a segunda, que a educação é um meio eficaz para elevar a produtividade e é o principal antídoto contra a miséria, o atraso e a incapacidade de nossos povos; e a terceira, que, quando se fala de educação popular, se está falando da educação para a vida mesma da democracia (PRIMER, 1963).

Pelo reconhecimento de que foi objeto, pelos participantes e por sua capacidade de organização, considero que este Primeiro Congresso latino-americano das Escolas Radiofônicas foi um dos momentos mais importantes na vida da Rádio Sutatenza. Assim o interpretou o Presidente da União Latino-americana de Imprensa Católica, César Luis Aguiar,

para quem COLEFI “é a coroação, a nível continental, da obra iniciada em 1947, nesse abençoado lugar colombiano que é Sutatenza” (PRIMER, 1963, p. 77).

A ideia do novo homem latino-americano é retomada pelos avaliadores alemães em 1968:

O movimento das Escolas Radiofônicas não carece de certa mística. Sem dúvida, se aspira a mais que a só promoção do progresso: ACPO pretende criar um novo tipo de “homem latino-americano”, capaz de tomar decisões racionais com base na ideologia cristã e de contribuir ao estabelecimento de uma ordem social diferente, baseada na ideia de dignidade humana (MUSTO, 1971, p. 52-53).

Isto supõe, segundo ACPO, a eliminação do paternalismo, no desenvolvimento da iniciativa individual por parte de pessoas responsáveis, com uma inquietação social e moral justificada. Numa palavra, em um verdadeiro “desenvolvimento desde baixo”. Esses propósitos não só determinam os fins senão também a forma e o conteúdo das atividades de ACPO (MUSTO, 1971, p. 53).

Mas o que aconteceu com a Confederação Latino-americana de Educação Fundamental Integral e o Instituto Latino-americano de Comunicação de Massas? “COLEFI com sede em Caracas, fracassou depois de começos promissores por causa de rivalidades entre as diversas organizações afiliadas. O Instituto [...] teve que suspender suas atividades por razões financeiras. Só alcançou realizar um curso completo, do qual participaram 46 bolsistas de 14 países latino-americanos. Então, a ACPO instalou sua “Oficina de Servicios para a América Latina” (OSAL), com o objetivo de manter os contatos com outras organizações educacionais latino-americanas.

OSAL disponibilizava programas de rádio às instituições que entravam em parceria, assim como material impresso e assessoria ideológica, técnica e financeira. A metodologia seguida, uma vez formulado o pedido por parte das instituições, era o envio de especialistas para assessorar. Os gastos da viagem estavam a cargo da Rádio Sutatenza – ACPO, e da estadia por conta da instituição a assessorar. Instituições como ALER continuam com esta metodologia até hoje. Também através da OSAL foram oferecidas bolsas para estudantes da América Latina a fim de capacitar-se em cursos de dois meses em Bogotá para desempenhar

funções diretivas na educação de adultos. “O trabalho da OSAL, diz Musto, é a prova do poder de irradiação da ideia de Salcedo” (1971, p. 153).

Outro fato importante, na década de 1960, foi a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) em Roma. Este evento representou uma atualização da Igreja Católica, na teoria e na práxis, de sua relação com o mundo. O Vaticano II foi inspirador da segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Medellín (Colômbia, 1968) sobre o papel da Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Medellín, pela sua metodologia (ver, julgar, agir), e pela sua opção preferencial pelos pobres, contribuiu enormemente para o surgimento da Teologia da Libertação.

Desde o ponto de vista da comunicação, foi o Vaticano II o primeiro Concílio que publicou um documento sobre os meios de comunicação social, conhecido como *Inter Mirifica*. Qual foi a contribuição da Rádio Sutatenza – ACPO no Concílio? Para Salcedo (RODRÍGUEZ, 1967f) muito do dito no Concílio pertence a atividades e teses defendidas pela ‘Acción Cultural Popular’. E cita em concreto três pontos: primeiro, a utilização dos meios de comunicação como meios de apostolado e penetração popular. “Quando começamos a utilizar o rádio e o cinema, havia muitíssimos sacerdotes que consideravam sinceramente que o rádio, o cinema e a televisão eram intrinsecamente maus, de maneira que existe nisso uma espécie de satisfação histórica” (RODRÍGUEZ, 1967f p. 151); segundo, preparação, utilização e visibilidade dos leigos para o apostolado. Isto se conseguiu, por exemplo, através dos institutos camponeses. Foi uma mudança radical, diz Salcedo, de párocos ensinados a gritar e mandar aos camponeses colocarem-se em situação de companheiro e em atitude de diálogo, de igual a igual. E isso se iniciou 10 anos antes do Concílio; terceiro, a Teologia das realidades terrenas, ou seja, as coisas desta terra também podem ser santificadas e também podem conduzir à vida eterna. O Concílio mudou os conceitos de misticismo e de sacramentalismo tradicionalista e começou a “considerar-se que semear, bailar, rir, pode ser tão importante e tão agradável a Deus como rezar ou assistir à missa. Nesse momento nos demos conta de que a Acción Cultural Popular estava ensinando isso em seu catecismo fazia muitíssimos anos” (idem, p. 152).

Ao abrir-se a década de 70, alcança sua plenitude a crítica científica ao sistema de comunicação como instrumento de dominação interna e dependência exterior (BELTRÁN, 1988). Em tal sentido, muitas pessoas trabalharam na produção de novos formatos

comunicativos: criticar e propor a mudança do modelo de desenvolvimento imperante.

Uma das iniciativas que mereceram contribuições valiosas dos pesquisadores latino-americanos foi a promovida pela UNESCO, de formulação de “Políticas Nacionais de Comunicação”. Na busca de estabelecer bases teóricas para esse projeto, foi Beltrán (2005) quem tentou, em 1971, uma primeira aproximação ao significado de uma política nacional de comunicação, entendida como “um conjunto integrado, explícito e duradouro de políticas parciais de comunicação sincronizadas em um corpo coerente de princípios e normas dirigidos a guiar a conduta das instituições especializadas no manejo do processo geral da comunicação de um país”.

A UNESCO realiza em Bogotá, em 1974, o primeiro encontro de especialistas em tais políticas, e as contribuições dos pensadores latino-americanos foram muito importantes para a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Políticas Nacionais de Comunicação na América Latina que se realizou em 1976 em São José de Costa Rica. Esta reunião se realizou sob a pressão das agrupações interamericanas de proprietários e dirigentes de meios massivos que consideravam algumas disposições contrárias à liberdade de expressão. Infelizmente tais pressões surtiram efeito e não permitiram que as determinações de São José, que foram uma espécie de credo oficial da comunicação alternativa para a construção da democracia, fossem levadas à prática. E, assim, conclui Beltrán (2005): “A anomia favorável ao *status quo*’ antidemocrático prevaleceria infortunada e indefinidamente”.

O que veio a radicalizar as tensões foi a proposta do Movimento de Países não Alinhados de uma “Nova Ordem Internacional da Economia” e de uma “Nova Ordem Internacional da Informação” (NOMIC). Diz Beltrán (2005) que a única instituição social que se fez eco destas inquietações foi a Igreja Católica.

Para superar as confrontações ideológicas, a UNESCO conseguiu a criação da “Comissão McBride”, que apresentou em 1980 seu informe final à Assembleia Geral do organismo. Desta Comissão fizeram parte dois latino-americanos, o escritor colombiano Gabriel García Márquez e o economista chileno Juan Somavia.

Não obstante a criação da Comissão acontecer num clima de conciliação e consenso,

este transcendental documento acolheu em grande parte o pensamento renovador e justiceiro da comunicação como ferramenta de democracia. Mas, lamentavelmente, o impulso transformador dos países não alinhados não conseguiria passar da enunciação à ação. A resistência dos países desenvolvidos à mudança provou-se sufocante e paralisante. E assim veio a ficar guardado na geladeira do tempo o sonho da mudança justiceira (BELTRÁN, 2005).

De 18 a 23 de setembro de 1972, no marco dos 25 anos da Rádio Sutatenza, se realiza o “II Seminário de Diretores de Escolas Radiofônicas”, em Sutatenza. O evento tem dois momentos: no primeiro, realiza-se um intercâmbio de experiências das Escolas Radiofônicas e, no segundo, discute-se a conveniência de uma Associação de Escolas Radiofônicas na América Latina e se decide a criação da *Associação Latino-americana de Educação Radiofônica* (ALER).

Os objetivos desta Associação eram os de melhorar os programas educativos, capacitar o pessoal das emissoras e buscar apoio econômico para seguir crescendo. Em 1981, se trasladou a secretaria executiva de Buenos Aires a Quito, onde se encontra atualmente. De 76 afiliadas em 1995, passou a 98 em 2001.

Das afiliadas de ALER, 80% são emissoras de rádio de 19 países latino-americanos, comprometidas com os setores populares e marginalizados, 15% são centros de produção, e, o restante são coordenadorias nacionais.

As principais linhas de ação que a ALER destacava na celebração de seus 30 anos de existência (22 de setembro de 2002) eram: a programação por satélite, interconexão por internet, capacitação, pesquisa, produção radiofônica e gestão. Dentro de seus projetos chamava a atenção sobre seu sistema América Latina em Rede, ALRED, que devia servir para levantar com força a voz dos povos.

Com efeito, com a ALRED,

a ALER iniciou um trabalho em rede que mudou profundamente a lógica institucional [...]. A conquista principal é a consolidação da rede informativa com 25 correspondentes permanentes em 17 países e uns 40 correspondentes eventuais. A juízo da secretaria executiva, a ALER está se tornando referência no continente, e não só para as rádios afiliadas. ‘O prêmio ibero-americano Rei de Espanha’ que a ALER ganhou por seus informativos, ilustraria isto (GEERTS, OEYEN, 2001, p. 213).

A Rádio Sutatenza foi a primeira Rádio Educativa e Popular, no mundo. Nasceu à sombra da Igreja Católica e inspirou projetos de rádios educativas, populares, comunitárias e cidadãs, em toda a América Latina. Certamente hoje são relativamente poucas as emissoras que continuam com programas de aulas radiofônicas. A grande maioria se transformou em Rádios Populares na década de 80⁴. Mas seu modelo pedagógico, comunicacional e estratégico, foi inspirador para um grande movimento radiofônico que desperta em todo o continente e que transborda em muitas outras propostas como centros de formação acadêmica e organismos regionais de coordenação da comunicação alternativa.

Na década de 70, sobressaem alguns pensadores na América Latina que começam a questionar a compreensão clássica da comunicação nos países desenvolvidos e a propor sua substituição. Entre eles temos Armand Mattelart, no Chile, desde uma perspectiva semiótica-marxista, Eliseo Verón, na Argentina, com uma linha também semiótica, mas com matizes próprios em relação a Mattelart, Juan Diaz Bordenave, no Paraguai, preocupado com a construção de um pensamento transformador da comunicação, e Antonio Pasquali, na Venezuela, envolvido na emancipação da comunicação numa perspectiva democrática.

A conceitualização tradicional de comunicação pode partir de Aristóteles (BELTRÁN, 1981), para quem a retórica contém três elementos: *locutor*, *discurso* e *ouvinte*, sendo seu propósito “a busca de todos os meios possíveis de persuasão”. Esta visão se manteve no decorrer do tempo. Por exemplo, a proposta de Lasswell tão aceita em seu momento acrescentou dois elementos à proposição de Aristóteles *o como e o para quê*.

O modelo de Lasswell (Quem, diz o quê, por meio de qual canal -meio-, a quem, com que efeito?), protótipo do modelo clássico nasceu na década de 40 e se difundiu nos anos 60 por Schramm e Berlo. Foi criticado por conceber a comunicação como um processo unidirecional (monológico) e vertical (impositivo) de transmissão de mensagens, de fontes

⁴ Para Luis Dávila, ex-secretário executivo da ALER, a Rádio Popular atravessou três etapas: “A primeira foi a etapa da educação, fundamentalmente a distância. A segunda foi uma etapa onde o que se propunha era mudar o sistema de injustiça que reinava em nossos países: era necessária uma mudança de estruturas. Nessa etapa se deram várias ditaduras na América Latina e estas rádios se transformaram em contestatórias. Era uma etapa que de alguma maneira confluía para a linha do socialismo [...]. A fins dos 80 e princípios dos 90 aconteceu a mudança de época, e a mudança de época tem a ver com o que sucedeu no mundo: a globalização, o final da guerra fria, a transnacionalização da economia, a revolução das comunicações. [...] Dentro desse momento se inscreve a terceira etapa, que é uma etapa em que a rádio não sabe o que fazer. Como aconteceu com todos os problemas sociais e populares da América Latina [...]. Eu acredito que nos últimos cinco anos algumas rádios começaram a encontrar o caminho” (GUTIÉRREZ; MATA, 2001, p. 4-5).

ativas a receptores passivos. Foi rechaçado por mecanicista, autoritário e conservador.

O paradigma clássico da comunicação levou os pesquisadores inicialmente a preocuparem-se com os efeitos⁵ e depois com as funções da comunicação. “Enquanto a *orientação dos efeitos* buscava descobrir o que fazem os meios de comunicação às pessoas, a *orientação das funções* queria desvendar o que fazem os meios de comunicação pelas pessoas” (BELTRÁN, 1981, p. 19). Objeções a estas duas orientações surgiram na América Latina. Em 1970, se posicionava Armand Mattelart:

O estudo dos efeitos indica a natureza terapêutica e operativa desta sociologia cujo propósito é melhorar as relações entre uma determinada audiência e a firma comercial que emite mensagens [...]. A análise das mensagens indica a preocupação desta sociologia com a motivação do receptor [...]. Agora, se buscarmos o ponto comum existente entre estas observações, veremos que nenhuma das duas é concebida sem que o pesquisador endosse implicitamente o sistema social existente (MATTELART apud BELTRÁN, 1981, p. 19).

Segundo Wolf (2002), o lugar da teoria funcionalista consiste na definição da problemática dos *mass media* a partir do ponto de vista da sociedade e do seu equilíbrio, da perspectiva do funcionamento do sistema social no seu conjunto e do atributo que suas componentes (*mass media* incluídos) dão a esse funcionamento.

Já não é a dinâmica interna dos processos comunicativos que define o campo de interesse de uma teoria dos *mass media*, é a dinâmica do sistema social e o papel que nela

⁵ A Corrente Empírico-experimental dos Efeitos Limitados está interessada em assuntos ligados à Psicologia e à Sociologia. Kurt Lewin, é o principal representante no ramo da Psicologia. Ele está preocupado nas relações dos indivíduos dentro dos grupos e seus processos de decisão.

Outros estudos de caráter mais sociológico foram desenvolvidos, especialmente por Paul Lazarsfeld. Ele iniciou suas pesquisas “preocupado com reações imediatas da audiência dos conteúdos da comunicação de massa. Com o passar dos anos, desenvolveu estudos de abordagem empírica de campo, procurando estudar os fatores de mediação existentes entre os indivíduos e os meios de comunicação de massa” (ARAÚJO, 1996, p. 127-128). Nessa perspectiva, foram realizadas investigações sobre a composição diferenciada dos públicos e dos seus modelos de consumo da comunicação de massa.

Dois estudos são considerados chaves para o desenvolvimento da pesquisa na América do Norte: um de 1944: *The People's Choice*, e o outro de 1955: *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communication*. “Os resultados levaram à descoberta do “líder de opinião”, indivíduo que, no meio da malha social, influencia outros indivíduos na tomada de decisão. Criou-se então o modelo do *two step flow of communication*, que entende a comunicação como um processo que se dá num fluxo em dois níveis: dos meios aos líderes e dos líderes às demais pessoas” (ARAÚJO, 1996, p. 128). Existirá alguma relação entre estes estudos e a decisão da Rádio Sutatenza dos líderes camponeses no seu projeto educativo?

Araújo (1996) aponta que se trata da inclusão, nos estudos sobre a comunicação de massa, dos contextos sociais em que vivem os indivíduos. É o primeiro momento em que se percebe a influência das relações interpessoais na configuração dos efeitos da comunicação.

desempenham as comunicações de massa.

O sistema social é entendido como um organismo cujas diferentes partes desempenham funções de integração e de manutenção do sistema. O seu equilíbrio e sua estabilidade provêm das relações funcionais que os indivíduos e os subsistemas ativam no seu conjunto (WOLF, 2002, p. 64).

São quatro os imperativos funcionais que todo sistema social deve enfrentar: a manutenção do modelo e o controle das tensões; a adaptação ao ambiente; a perseguição do objetivo; a integração.

Beltrán (1981) sintetiza a definição tradicional de comunicação, enfatizando que se trata de um processo de transmissão de mensagens de fontes a receptores através do intercâmbio de símbolos por meio de canais transportadores de sinais. No modelo clássico fica claro que o alvo principal da comunicação é o propósito do comunicador de afetar, numa certa direção o comportamento do receptor: deseja produzir certos efeitos sobre a maneira de sentir, pensar e agir do receptor, isto é, persuadi-lo. Nessa visão, a retroalimentação é um útil instrumento para o alcance das metas do comunicador. A pesquisa dos anos 50 a 70 carregou as marcas desse paradigma clássico da comunicação entendida como transmissão de mensagens.

Em 1968, o pedagogo brasileiro Paulo Freire, seguindo as marcas de Antonio Pasquali, realizou uma crítica radical, desde Chile, ao modelo clássico em sua versão de extensão agrícola. Freire realiza uma aproximação semântica e gnosiológica ao termo extensão e à relação entre este e a invasão cultural. Desde o ponto de vista semântico, o termo extensão se encontra em relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação* etc. “E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase ‘coisa’ o negam como um ser de transformação do mundo (FREIRE, 1971, p. 22).

O objetivo fundamental do extensionista (VACA GUTIÉRREZ, 2008), ao se relacionar com o camponês, é que este substitua por outros seus “conhecimentos”, associados a sua ação sobre a realidade, ou seja, por aqueles do extensionista. E aquele que é “enchido” por outro de conteúdos “sem que seja desafiado, não aprende” (FREIRE, 1971, p. 28), não

produz conhecimento. Portanto, para Freire, a extensão não é uma ação educativa para a “liberdade” senão que para a “domesticação”. Desde o ponto de vista gnosiológico se há algo dinâmico na prática sugerida por extensão, esse algo se reduz à pura ação de estender, na extensão.

A seguir, Freire (1971, p. 41) argumenta que a teoria implícita na ação de estender, na extensão, é uma teoria antidialógica. Como tal, é incompatível com uma autêntica educação. E, entre as várias características da teoria antidialógica, Freire enfatiza a invasão cultural: “O invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação” e descaracteriza a cultura invadida.

Para Freire, o mundo humano é um mundo de comunicação, porque o homem é um ser de relações. É pela intersubjetividade que se estabelece a comunicação entre os sujeitos. Isso explica que, estudando as três relações constitutivas do conhecimento, a gnosiológica, a lógica e a histórica, Freire se apropria de uma quarta, fundamental, introduzida por Eduardo Nicol, indispensável ao ato do conhecimento, que é a relação dialógica.

Portanto, a comunicação é diálogo, e o diálogo é comunicativo. Isso significa que na comunicação não há sujeitos passivos, e sim co-participação e reciprocidade. O diálogo é uma condição fundamental para a humanização. Em outras palavras, o diálogo não invade, não objetiviza, não enche o outro de conteúdos (VACA GUTIÉRREZ, 2008, p. 188).

Dessa maneira, Freire chega a sua síntese fundamental sobre a sua relação entre educação e comunicação: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1971, p. 69).

Em *Pedagogia do oprimido* (1997), Freire aprofunda as características da ação dialógica: a “co-laboração”, a união, a organização e a síntese cultural (1997). Nessa obra, postula o diálogo como uma exigência existencial. Sem ele não há comunicação, e sem esta não há verdadeira educação, sublinha Freire. Em anexo o processo comunicativo de Sutatenza (Anexo C).

O primeiro intento de extrapolar o pensamento de Freire sobre “educação para a liberdade” através da “conscientização”, baseada no diálogo forjador da “comunicação horizontal”, foi feito pelo estadunidense Frank Gerace. Assim foi constituindo-se o grupo gerador da proposta da democratização da comunicação, cujos pioneiros foram Juan Diaz Bordenave, Francisco Gutiérrez, Maria Cristina Matta e João Bosco Pinto.

Em meados da década, aparecem novas figuras para esse projeto: Mario Kaplún, Rafael Roncagliolo e Fernando Reyes Matta. Será Máximo Simpson quem proporá como “características da comunicação alternativa (apud BELTRÁN, 2005) -também chamada de ‘dialógica’, ‘popular’ e ‘participatória’- as seguintes: (1) Acesso amplo dos setores sociais aos sistemas; (2) propriedade social dos meios; (3) conteúdos favoráveis à transformação social; (4) fluxos horizontais e multidirecionais de comunicação; e (5) Produção artesanal das mensagens.

Em seu trabalho de começos dos anos 80, Beltrán (1981), à luz das críticas examinadas ao modelo clássico de comunicação, das propostas inovadoras surgidas, especialmente a de Paulo Freire, e de outras considerações relacionadas com o assunto, propõe os elementos centrais de um novo paradigma: o da comunicação horizontal, batizado por ele como modelo ‘horicon’:

Comunicação é o processo de interação social democrática baseado no intercâmbio de símbolos mediante os quais os seres humanos compartilham voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação. Todos têm direito à comunicação com o propósito de satisfazer suas necessidades de comunicação por meio da utilização dos recursos da comunicação. Os seres humanos comunicam-se com múltiplos propósitos. O principal não é o exercício de influência sobre o comportamento dos outros.

Para Beltrán, o modelo ‘horicon’ pressupõe o *acesso* (direito de receber mensagens), o *diálogo* (direito de receber e ao mesmo tempo de emitir mensagens) e a *participação* (exercício do direito de emitir mensagens). Esses três elementos são fatores interdependentes. De outra parte, Beltrán (1981) reconhece que a prática da comunicação horizontal é mais viável no caso de modelos interpessoais (individuais e em grupo) do que no caso de modelos impessoais (massas). A justificativa que ele dá é de caráter técnico, ou seja, devido às dificuldades intrínsecas de se alcançar retroalimentação na comunicação de massa.

A proposta de comunicação horizontal, de Beltrán (1981), conclui afirmando que são indispensáveis restrições. Em primeiro lugar, a comunicação horizontal não deveria ser considerada substituta da comunicação vertical, a não ser sob determinadas circunstâncias; em segundo lugar, assim como o diálogo nem sempre é possível, o monólogo nem sempre é evitável. Para Beltrán, idealmente toda comunicação deveria ser horizontal, mas, na prática esse ideal nem sempre é possível e talvez nem sempre desejável.

Com o paraguaio Juan Diaz Bordenave nos aproximamos da compreensão de comunicação rural que foi o tipo de comunicação que tentou, em certo sentido, a Rádio Sutatenza:

Comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural” (DIAZ BORDENAVE: 1983, p. 7).

Os meios ou canais através dos quais aqueles fluxos circulam podem ser de natureza pessoal ou de índole impessoal.

Não obstante o processo de comunicação humana ser universal, e seus princípios aplicáveis a qualquer grupo humano, seus meios e mensagens penetram e alcançam todas as pessoas, independentemente de elas morarem no setor rural ou urbano. Para Bordenave, existe uma diferença na comunicação rural e urbana por vários motivos: a atividade específica que é a agricultura; a ocupação agrícola e o *habitat* rural fazem com que os homens e as comunidades pensem, sintam e ajam de maneira diferente dos habitantes das cidades, comunicando-se através de códigos e meios próprios; os modelos de desenvolvimento rural determinam certas maneiras de utilizar a comunicação.

Entre as características da comunicação rural e seus problemas típicos, Bordenave (1983) sublinha a *in-comunicação*. Não se trata só de isolamento geográfico, associado às grandes distâncias, à precariedade dos transportes. Trata-se da incomunicação socialmente determinada pelo analfabetismo e o baixo nível de instrução; da necessidade de trabalhar longas horas intensa e duramente em condições cansativas; da in-comunicação provocada pela diferença de *status* entre os patrões e os trabalhadores, pelas querelas entre as famílias e pelas

dissensões políticas geradoras de antagonismos, às vezes violento.

Para Fausto Neto (1976), a incomunicação rural pode ser identificada a partir de alguns fatores condicionantes, particularmente econômicos. Por exemplo, o caráter assimétrico que rege os padrões de relações comunicacionais na realidade rural, devido a uma estrutura agrária diferenciada, institui grupos aos quais se permite falar e outros que são obrigados a falar apenas o que lhes é permitido. Assim, em uma estrutura como a fazenda, prevalecem relações verticais (patrão-camponeses) em detrimento das horizontais (constituição de grupo).

Construindo um quadro da incomunicação rural, destaca Fausto Neto (1976), o camponês tem uma visão individual dos problemas da realidade; trabalha em um processo produtivo basicamente pessoal, no máximo familiar. Devido a suas circunstâncias de relações estreitas, o camponês estabelece uma relação para cima através de certas práticas religiosas. Nessas condições, o camponês leva para o plano sobrenatural seus problemas através do exercício de práticas, aparentemente coletivas, cujo conteúdo expressa em geral o medo, a repressão e a impotência. É na dimensão religiosa que o camponês encontra explicação para seus problemas na resignação e na explicação superior:

A colheita depende das chuvas que Deus manda, o mundo das enfermidades só é conhecido em nível de sintomas e não de causas. As enfermidades, castigos, mortes e nascimento dos filhos ocorrem sempre de acordo com a vontade de Deus. O camponês representa a noção de Deus a partir de uma situação de dependência. Deus, para ele, é semelhante ao poder do Patrão, do proprietário de terra, a quem tem que se submeter (FAUSTO NETO, 1976, p. 96).

Para o autor citado, as experiências religiosas dos camponeses muitas vezes refletem as relações das instituições religiosas, aliadas do poder, que fazem prevalecer o estado de dominação, passividade e fatalidade em que se encontra o homem do campo. Em conclusão, “a incomunicação rural é resultante de uma configuração estrutural” (FAUSTO NETO, 1976, p. 101).

O setor rural desenvolveu formas próprias de encontro e participação: o mutirão, a feira, que não tem um objetivo meramente comercial, mas uma finalidade eminente de comunicação. Finalmente, à in-comunicação rural básica, descrita mais acima, está na in-

comunicação frequente entre esta e os que se formaram na cultura urbana. A relação técnico-agricultor.

O desenvolvimento rural é o resultado de “uma série de transformações quantitativas e qualitativas que se produzem no meio da população rural e na qual os efeitos convergentes produzem, com o tempo, uma elevação do *nível* de vida e uma evolução favorável do *gênero* de vida” (DIAZ BORDENAVE: 1983, p. 30). Isto é, o desenvolvimento implica ao mesmo tempo um progresso econômico que se apoia sobre o progresso técnico, e um progresso das pessoas, das comunidades, regiões e nações.

A maneira específica de a comunicação rural agir numa determinada região ou país vai depender do modelo de desenvolvimento rural adotado: difusionismo, modelo dos pacotes, modelo de inovação induzida pelo mercado, modelo de organização/participação, modelo de transformação estrutural.

Segundo o difusionismo, acredita-se que o desenvolvimento acontece quando se introduzem entre os agricultores novas ideias, de maior eficiência produtiva, de maneira tal que as inovações sejam difundidas e os agricultores efetivamente as adotem. Este modelo não funcionou na América Latina nem nos Estados Unidos. A culpa não foi dos pesquisadores, nem dos extensionistas e informadores. A falha radicou no fato de que o sistema de produção do agricultor não funciona só com tecnologia, mas também precisa de terra, capital, mão-de-obra capaz e boa administração. Isto não estava ao alcance da maioria dos agricultores latino-americanos.

O modelo dos pacotes, além de difundir um pacote de técnicas como o defende o modelo difusionista, diz que deveria ser colocado ao alcance do produtor um pacote de serviços. O modelo de inovação induzida pelo mercado consiste em que o mecanismo do mercado é definido como o principal fator determinante da direção que as inovações agrícolas tomarão.

O modelo de organização/participação consiste em promover mecanismos de organização e participação dos agricultores. A comunicação torna-se aliada da promoção da organização dos agricultores. Os agricultores não só aprendem a dizer sua palavra, mas também adquirem experiência no uso dos meios de comunicação.

O modelo de transformação estrutural. Os primeiros quatro modelos não questionam a estrutura básica da sociedade e consideram possível um desenvolvimento rural capaz de satisfazer tanto as necessidades das classes dominantes como as das classes subalternas. Porém isto é possível? Existem grupos na América Latina que consideram que é inviável um desenvolvimento rural que não implique uma mudança nas estruturas de poder. Isto quer dizer que o desenvolvimento rural, que atualmente costuma ser visto como um processo técnico-econômico, é visto como um processo político-social de transformação radical e global.

Na última parte de sua pesquisa, Bordenave (1983) analisa algumas características da comunicação rural no nível dos meios e das mensagens. Sobre o rádio diz que é o meio universalmente utilizado nas áreas rurais, por empregar códigos auditivos que não exigem a habilidade da leitura para decodificar suas mensagens, por seu baixo custo, tecnologia de complexidade relativamente manejável por leigos e pela intimidade de sua recepção.

Luis Ramiro Beltrán (1979) respondia que foi modesto o papel que teve em nossas terras a comunicação para o desenvolvimento rural. Depois indicava, na década de 70, três limitações ou pecados capitais nesses 30 anos:

Primeiro, temos uma obsessão pela produção, a que nos vem do mesmo modelo materialista da vida e do desenvolvimento. Quando se fala de comunicação há que ter máquinas e fazer alguns produtos; senão, não é comunicação; segundo, dentro da produção se dá uma aberração cômoda, a de produzir um montão de material de leitura quando a maioria não sabe ler [...]. Terceiro, não somos inclinados a programar nem avaliar senão improvisar e seguir em frente para ver o que acontece.

Avaliando 40 anos de comunicação para o desenvolvimento, Beltrán (1993) adverte que na América Latina o subdesenvolvimento continua acentuado e que a população segue crescendo velozmente sem que a produção de alimentos aumente. O balanço da comunicação de apoio ao desenvolvimento, dos programas patrocinados pelos Estados Unidos, é negativo. Foram poucos sucessos a preço muito elevado.

Segundo Hornik (apud BELTRÁN, 1993), três são as categorias explicativas dessa situação: *falhas teóricas* (resultantes da suposição incorreta de que um problema particular de desenvolvimento se resolve à base de comunicação), *falhas programáticas* (resultantes de formulações inadequadas ou de má execução de um projeto) e *falhas políticas* (resultantes da

falta de reconhecimento da influência negativa de fatores estruturais tais como a concentração de poder).

Por sua parte, Beltrán insiste em que se deve dar uma olhada com realismo. Com efeito, nos anos 50 e 60, chegou-se a acreditar que os meios eram capazes de tudo. Nos anos 70 e primeira metade dos anos 80, se atribuiu aos meios de comunicação massiva as intenções e o poder para ignorar as necessidades do desenvolvimento nacional. Nos dois casos se tendeu a exagerar o poder dos meios, se inflou sua capacidade de influência para bem ou para mal. Esqueceu-se que os meios não possuem poderes de agulhas hipodérmicas para submeter as pessoas a sua vontade e que as pesquisas indicam que as mensagens comunicacionais são reprocessadas através do marco cultural dos indivíduos.

4 PRODUTOR/RÁDIO: BREVE BIOGRAFIA MIDIÁTICA DO FUNDADOR DA RÁDIO SUTATENZA

A construção de relação das lógicas de produção com o meio radiofônico, através do relato da biografia midiática do fundador da Rádio Sutatenza, tem como objetivo compreender como a produção descobre, define e utiliza o rádio para educar o povo camponês; entender as origens, filosofia, trajetória e projetos de Salcedo com a Rádio, quais foram as ideias-chave que orientaram a instituição desde o ponto de vista comunicacional e estratégico. Dada a incidência de Salcedo na Rádio Sutatenza e no projeto como um todo, essa biografia midiática se constitui no referencial das ideologias profissionais da emissora.

Sobre o papel central e articulador de José Joaquín Salcedo se pronunciou a equipe de pesquisadores pertencentes ao Instituto Alemão para o Desenvolvimento que visitou durante mais de dois meses a Acción Cultural Popular-Rádio Sutatenza, em 1968: “A centralização vertical está determinada, mais que pelo previsto nos Estatutos, pela personalidade e estratégia de Salcedo. Além de ser o fundador e diretor geral da ACPO, ele representa praticamente a única e última instância de decisões fundamentais” (MUSTO, 1971, p. 71).

O pensamento de Salcedo está consignado em várias entrevistas, artigos, intervenções públicas, materiais audiovisuais e livros que falam da obra. Para destacar, por exemplo: as *mensagens da direção geral aos colaboradores da instituição*, publicados a partir de 1956 até 1986. Informes anuais da direção geral que tinham como objetivo apresentar os planos de ação, aprimorar a organização, fundamentar teoricamente o fazer e a identidade da instituição: princípios, métodos, filosofia; apresentar os problemas, caminhos de solução, motivar o trabalho dentro da instituição através de informações sobre realizações, eventos e visitas realizadas à Instituição.

O pensamento de Salcedo em várias entrevistas e alocações gravadas. Por exemplo, o amplo relato concedido a Indalecio Rodríguez para uma história da ACPO, onde ele narra como foram os inícios e o desenvolvimento da Rádio Sutatenza (RODRÍGUEZ-SANCHEZ, 1967, p. 17-42. 54-154); as intervenções -gravadas- na Instituição; os livros escritos por Salcedo: *América Latina la revolución de la esperanza* (1990) onde analisa os problemas centrais da América Latina e os relaciona com a solução das nações desenvolvidas que

fizeram, em seu momento certo, a revolução do desenvolvimento do potencial humano. Na nossa pesquisa há dois capítulos, particularmente importantes, sobre a comunicação de massas na América Latina Latina e a utopia da educação.

¿Sobrevivirá la democracia en América Latina? Este livro reúne alguns dos melhores artigos de Salcedo sobre os grandes problemas que afetam o desenvolvimento e o bem-estar do povo. Para o autor, a causa principal está em não ter sabido desenvolver o potencial humano.

O outro livro, *Sin producir riqueza no se acaba la pobreza* (1994), Salcedo reflete como, por um conceito equivocado sobre os valores do espírito, se considera pecaminoso o relativo ao desenvolvimento material do homem e algumas vezes desonesto; também analisa a ideia de que toda riqueza não é senão o resultado do ilegal, da exploração, da injustiça. Para Salcedo, o único caminho para sair da pobreza é produzir riqueza e para isso é necessário capacitar ao homem.

Um documento de trabalho onde Salcedo não aparece como autor, mas que reflete seu pensamento é *Diálogo con los líderes*. São conversações diretas com os jovens camponeses que participaram dos cursos nos Institutos camponeses de Sutatenza e que visavam capacitar sobre a filosofia da instituição e seus meios de ação; sobre a problemática do país, refletindo especificamente sobre a política, os problemas econômicos e os problemas da ignorância.

Outro ângulo de aproximação ao pensamento comunicacional de Salcedo é através das publicações feitas sobre ele. Uma primeira obra é a de Luis Zalamea: *Un quijote visionario* (1994). É um relato jornalístico sobre Salcedo e sua luta em favor da educação dos camponeses na América Latina.

Uma segunda obra foi realizada por um colega seu de seminário, Monsenhor Ismael Baracaldo Piñeros, com o título: *Monsenor José Joaquín Salcedo. Sus ideas y pasión por la educación campesina* (2000). Este livro é um relato histórico-biográfico da trajetória conceptual e pragmática de Salcedo, iniciando o percurso em Corrales (lugar de nascimento de Salcedo, em 1921) até Miami, nos Estados Unidos (lugar de sua morte em 1994). É uma obra com certo matiz apologético, em defesa da obra de Salcedo.

Com menos de 26 anos de vida e escassos seis meses de ministério sacerdotal, José Joaquín Salcedo Guarín, fundou a Rádio Sutatenza, em 1947. Desde então, e por mais de 40 anos, foi a figura determinante dos objetivos, fisionomia, filosofia e itinerário de seu projeto radiofônico e multimedial ou sistema combinado de meios.

Mas que trabalhos realizou, que influências teve, que fatos se deram, nos prelúdios da fundação da Rádio Sutatenza? Como foi o nascimento da Rádio Sutatenza? E quais foram as ideias que motivaram sua opção pela teleducação da população rural? Que estratégias implementou Salcedo para consolidar sua obra educativa? Por que o rádio? A essas questões, entre outras, pretendemos responder a seguir.

O que perseguimos com esta biografia midiática do fundador da Rádio Sutatenza é, de uma parte, mostrar o processo de interlocução, apropriação e convivência de Salcedo com o mundo midiático e, de outra, compreender as ideologias profissionais que sustentaram esta iniciativa por quase meio século.

Uma das preocupações na vida de Salcedo, em relação a sua obra, foi a de desfazer a ideia de que ele foi um “cura com certa sorte a quem o governo deu um monte de dinheiro” (RODRIGUES, 1967b, p. 22). Segundo ele, sua obra foi produto de muita preparação, experiências e pesquisas. Nada foi resultado da sorte ou da improvisação.

Nesse sentido é interessante conhecer os *prelúdios da Rádio Sutatenza* que se vão tecendo desde bem cedo na vida de seu fundador. Com efeito, José Joaquín Salcedo Guarín nasceu num povoado camponês do Departamento (Estado) de Boyacá a 8 de dezembro de 1921¹. Aquele pequeno povoado chamado *Corrales*, está incrustado na região andina, a 2600 metros de altura. Como muitos povoados da Colômbia, trata-se de um município insignificante e incomunicável, distante 225 km da capital do país, Bogotá.

José Joaquín Salcedo era filho de Eva Maria Guarín Perry de Salcedo (de origem inglesa) e de José Joaquín Salcedo Cújar, um boyacense conservador². De sua família, aprendeu, em política, que no centro está o equilíbrio. Daí sua posição de não identificar-se

¹ Nesse mesmo ano de 1921, a 19 de setembro, nasceu no Brasil Paulo Freire, promotor da Educação Popular, da educação libertadora e da conscientização.

² Até fins do século XX dois partidos políticos disputaram-entre si a hegemonia na Colômbia: o partido liberal e o partido conservador.

politicamente com nenhum dos partidos políticos da Colômbia.

No âmbito espiritual, Salcedo é devedor ao catolicismo sem excessos, praticado por sua mãe, e que se fundava no amor a Deus e ao próximo numa época em que “a fé religiosa se confundia, não só entre os camponeses analfabetos senão que em todas as classes sociais, com o temor a um Deus iracundo e vingador e as chamas eternas do inferno” (ZALAMEA, 1994, p. 48).

Da infância de Joaco (apelido carinhoso que davam a Salcedo), temos quatro fatos que me parecem foram decisivos para seu projeto radiofônico: o escritório do telégrafo que funcionava em sua casa e que estava sob responsabilidade de seu pai; a viagem por toda a Colômbia que lhe permitiria conhecer a realidade dos camponeses, a instalação do primeiro aparelho de rádio na Prefeitura de Corrales e o encargo que o padre Navia lhe deu do laboratório do observatório meteorológico de Tunja (capital do departamento de Boyacá).

Os postes do *telégrafo em Corrales* haviam sido levantados em 1920 ao longo do caminho de Sogamoso (ZALAMEA, 1994) e, através do código Morse, Corrales se comunicava com o resto do mundo. O escritório do telégrafo funcionava na casa onde nasceu o fundador da Rádio Sutatenza, e era seu pai, José Joaquin, o responsável pelas transmissões e recepções dos sinais. Ali, Joaco se familiarizou com os sons característicos do telégrafo, com os processos de codificação e decodificação das mensagens. E, certamente, isso foi despertando seu interesse pelas comunicações.

O mesmo Salcedo fala que desde seus primeiros anos esse escritório de telégrafo teve para ele “uma fascinação rara. Produziam-me risos olhar como os camponeses, que não entendiam como as palavras eram transmitidas em código por um arame, insistiam em enviar mensagens de condolência em papel sanefa de luto. E depois iam ao campo vigiar a linha telegráfica, ante a expectativa de ver como suas mensagens voavam pelo fio como brancas pombas mensageiras” (ZALAMEA, 1994, p. 49).

Naquele tempo, o telégrafo era essencial. O governo o utilizava para dar a conhecer suas disposições legais. “Sem o telégrafo, a incomunicação era total. O telefone era ainda muito primitivo e com os aparelhos a manivela se precisava de dois a três dias para concretizar uma chamada, por exemplo, entre Corrales e Sogamoso” (ZALAMEA, 1994, p.

49), distantes uns 20 quilômetros.

Outro fato importante que marcou a vida de José Joaquín foram *suas viagens pela Colômbia*, sendo ainda criança. Utilizou os meios de comunicação da época para se transportar: de cavalo, em trem, em hidroavião ou barco de roda pelo rio Magdalena.

Para um menino de sua idade, pertencente a um povoado insignificante na região andina de Boyacá e com recursos limitados, esta foi uma experiência relevante só possível graças a uma tia solteira chamada Rosalbina, dedicada à educação e que gostava muito de viajar.

Ao que parece, Salcedo foi uma das primeiras crianças (com menos de dez anos) que viajou nos *junkers* de seis passageiros da Scadta³. Ele lembra que o rádio de então “era o próprio leito do Rio Magdalena que, a falta das ajudas de rádio-navegação que chegariam mais tarde, servia aos pilotos para orientar-se e seguir rumo a seu destino” (ZALAMEA, 1994, p. 51).

Salcedo conheceu nessas viagens a Costa Atlántica, Medellín, Cali, Ibagué, Neiva e Bucaramanga. Nessas viagens, observou que “as doenças milenares que atrasavam Boyacá eram no fundo iguais às que padeciam as demais regiões da Colômbia” (ZALAMEA, 1994, p. 53).

No relato jornalístico sobre José Joaquín Salcedo e sua luta em favor dos camponeses da América Latina, seu autor, Luis Zalamea (1994), sublinha que Salcedo conheceu de perto a vida camponesa, conviveu com eles, “conheceu suas virtudes e defeitos, compartilhou suas ilusões e frustrações. Sob o tosco exterior da pobreza e as trevas do analfabetismo, possuíam qualidades insuspeitadas, um vasto potencial ainda inaproveitado” (1994, p. 54). Salcedo irá percebendo com o tempo que as comunicações do futuro seriam a chave para vencer estas barreiras exteriores do campesinato colombiano.

Em uma série de entrevistas que Salcedo concedeu a Indalecio Rodríguez (1967) para escrever uma história de sua obra na ocasião dos 20 anos da Instituição, ele conta que os

³ A Scadta se criou em 1919, constituindo-se na segunda empresa de aviação comercial do mundo.

primeiros contatos com o rádio foram em seu povoado, um dos primeiros municípios de Boyacá que, possivelmente, teve rádio. Na época Salcedo deveria ter um pouco mais de sete anos. Assim lembra esse episódio da *instalação do primeiro aparelho de rádio na Prefeitura de Corrales*:

Esse rádio que chegou a Corrales tinha cerca de um metro e cinquenta de altura e pelo menos um metro de largura e pesava quase meia tonelada, os transformadores e tudo. Era um rádio comprado pela prefeitura e por vários cidadãos. Para a instalação da antena foi um técnico que receberam com honras de herói, banda de música, dois dias de festa, danças em sua honra. Ele permaneceu 15 dias instalando o aparelho. A antena ficou em cima do escritório da prefeitura e depois o aparelho o colocou na janela do segundo andar da casa municipal e a meu pai encarregaram de manejá-lo (RODRIGUEZ, 1967e, p. 88).

Salcedo acompanhou passo a passo esse processo de instalação porque o técnico hospedou-se em sua casa. Aí, diz Salcedo, comecei ver como era a coisa do rádio. Coisa rara e muito complexa, que compreendia uma antena enorme, um receptor de grande porte que, na primeira vez que se ligou, fundiu a luz no povoado e, finalmente, compreendia uma série de alto-falantes colocados em distintos lugares da praça para escutar o receptor:

Nesse tempo em milhares de povoados da Colômbia, ao entardecer, reproduzia-se a mesma cena: os moradores levavam suas cadeiras à praça e acomodavam-se aí a escutar as notícias e outros programas que captava o receptor [...]. Em 1932 o conflito fronteiriço com o Peru aproximou os colombianos e os contagiou de febre patriótica, razão pela qual o rádio ganhou enorme popularidade em poucos anos. Nada disto se perdeu na mente de Joaquito, ávida como esponja de absorver conhecimentos que mais tarde renderiam seu fruto (ZALAMEA, 1994, p. 55).

Salcedo teve um relacionamento com o rádio quase que imediato à sua implantação na Colômbia. Com efeito, é nos inícios da década de 30 que se começa a radiodifusão no país (CASTELLANOS, 2001). O presidente Miguel Abadía Méndez foi o encarregado de inaugurar a primeira rádiodifusora na Colômbia, sob o nome de HJN (Rádiodifusora Nacional, anos mais tarde), a 7 de agosto de 1929.

Essa data marca o nascimento oficial da radiodifusão colombiana, ainda que se precise aguardar mais dois anos para que sua introdução definitiva seja incontestável: “Por comparação ao desenvolvimento do rádio no mundo: os Estados Unidos em 1922, Alemanha,

Austrália, Bélgica, Suíça e os países Escandinavos em 1923, a chegada ao país é relativamente tardia e com modelos já experimentados” (PAREJA, p. 1).

Pareja não menciona o Brasil que está entre os primeiros países que adotaram o rádio (1922) e que, além disso, tem um pioneirismo, não reconhecido, na história do rádio no mundo. Com efeito, se atribui a um sacerdote, Roberto Landell de Moura (Porto Alegre, 1861 – São Paulo, 1928), a primeira transmissão de rádio de que se tem conhecimento:

A cidade de São Paulo é testemunha das primeiras transmissões e recepções de ondas eletromagnéticas e luminosas. As primeiras em absoluto. Distância coberta: oito quilômetros, do alto da Avenida Paulista à altura de Santana. Foi em 1893. O rádio nasceu. Mas ninguém percebeu. O Padre Landell de Moura é o primeiro rádiotécnico, montador e reparador, o primeiro a falar dentro de um microfone, o primeiro produtor e gestor de uma emissora de rádio. Mas não cuida em tempo hábil da sua invenção. Só em 1901 lhe é concedida pelo Governo Brasileiro a patente por seu aparelho destinado à transmissão da palavra a distância, com ou sem fio, através do espaço, da terra e do mar.

Mas estamos no Brasil, e ademais no início dos anos noventa! Estamos num lugar que mais tarde será definido como um país do Terceiro Mundo [...]. Nem sequer uma invenção revolucionária como o Rádio consegue encontrar terreno para desenvolver-se e não passar despercebida (LUCA, LOBINA, 1993, p. 25).

A biografia midiática de Landell de Moura guarda diversas semelhanças com a de Salcedo, desde a paixão pelo rádio, como meio de comunicação e de educação, até seu crítico relacionamento com muitos de seus colegas sacerdotes e bispos que acreditavam que suas pesquisas e estratégias no campo da radiodifusão nada tinham que ver com seu ministério sacerdotal. Portanto, foram em mais de uma ocasião tratados como loucos. Mas esse é assunto interessante para outra tese sobre as figuras discutidas da Igreja Católica na América Latina e suas contribuições midiáticas. De momento, voltemos a nosso relato do fundador da Rádio Sutatenza.

Salcedo não estudou a primeira série na escola pública de Corrales. Sua mãe organizou aulas, para eles e seus irmãos, na sua casa. Com efeito, dona Eva tinha muita preocupação de que seus filhos se misturassem com as crianças camponesas, “vítimas inocentes do atraso de seus pais, rara vez tomavam banho e assistiam às aulas muito sujos e piolhentos, com pulgas e bicho-de-pé. O perigo de contágio de pragas e doenças para crianças não curtidas no difícil mundo rural constituía um perigo demasiado real” (ZALAMEA, 1994, p. 56).

Essa intelecção do camponês evidenciava dois mundos em conflito permanente: o rural e o urbano. Essas experiências de discriminação retraíam o camponês para seu mundo, criavam sentimentos de rechaço, complexos de inferioridade e de reconhecimento como cidadãos de segunda classe. Até que ponto Salcedo consegue superar esta patologia colombiana?

Em 1931, Salcedo vai estudar em Tunja, capital do departamento de Boyacá, no colégio Maldonado. Estando ali, realiza uma visita pessoal ao seminário onde *conhece* uma pessoa que irá influenciar bastante sua vida: *o padre Alfonso Maria Navia*. Ele era professor de física e química, pesquisador sobre raios X, além de conhecimentos em astronomia. Este cientista “estímulo o interesse de nosso ‘bachiller’ na ciência e técnica das comunicações” (ZALAMEA, 1994, p. 62). Por intervenção do padre Navia, Salcedo concluiu a segunda série no seminário, onde foi *encarregado por Navia de cuidar dos laboratórios de física e química*.

Lembrando as influências recebidas sobre sua formação, sobre sua estruturação pessoal, Salcedo sublinhará o papel de Navia que, talvez, fosse o primeiro: “Um sábio e um santo. Um psicólogo. Uma disciplina intelectual muito importante” (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 25).

Salcedo foi expulso ao menos quatro vezes do seminário. A primeira vez (ZALAMEA, 1994) foi quando devia receber a batina, terminada a segunda série. O argumento dos superiores era que ele não tinha vocação nem piedade suficientes e, de outro lado, tinha uma preocupação exagerada pelas questões sociais e pelo uso dos meios de comunicação, como o cinema, o que nessa época resultava pecaminoso.

Nesta como nas outras expulsões quem re-admitiu Salcedo foi o único que podia fazê-lo: o bispo da diocese Dom Luque (anos mais tarde seria o primeiro cardeal primaz da Colômbia) que se transformaria em um grande amigo de Salcedo, admirador de suas ideias, protetor e padroeiro de seus projetos de comunicação.

Salcedo durante suas férias, estando na filosofia, realizou algo muito parecido às experiências de grupos móveis de rádio e cinema que relata a UNESCO na década de quarenta (1949). Ele ia de povoado em povoado com uma equipe sonora de cinema e com filmes de 16 mm, que alugava em Bogotá, de vaqueiros e aventuras. Esta prática lhe

confirmou a importância dos meios de comunicação para chegar aos camponeses.

O interesse de Salcedo pela problemática social o levou ao encontro da literatura marxista e comunista. Mas esses livros figuravam nada menos que no “Índice” de textos proibidos do Vaticano (04.12.1536 e abolido só em 14.06.1966), e quem os lesse ficava imediatamente excomungado. Quando os superiores descobriram, decidiram que não podia passar à teologia porque estava em pecado mortal. E, de fato, o expulsaram.

Seu anjo da guarda e protetor, o Bispo Luque, interrogou Salcedo sobre os motivos de tal imprudência. Na frente dele justificou Salcedo por que lia livros sobre marxismo:

Sua excelência sabe que vou dedicar minha vida aos problemas sociais e ao desenvolvimento humano e me parecia absurdo não conhecer o pensamento marxista, que é uma das forças mais poderosas que se opõem à Igreja neste campo. Trata-se de uma teoria social tão importante e tão viável de ser divulgada em nosso meio de pobreza, que eu não podia ignorá-la. Ao inimigo há que conhecê-lo a fundo (ZALAMEA, 1994, p. 73).

O bispo achou que tinha razão e voltou a levantar a censura de seus superiores, e Joaco ingressou na Teologia.

A terceira tentativa de expulsão do seminário foi na Teologia por dedicar-se a alfabetizar os soldados que não sabiam ler no Batalhão Bolívar de Tunja. Os superiores consideraram que essa não era tarefa de um estudante de Teologia que, pelo contrário, deveria estar recolhido e ocupar seu tempo entre a oração e o estudo e pediram a Dom Luque a expulsão de tão problemático aluno.

Salcedo defendeu-se assim diante do Bispo Luque: “Mas, excelência, se nos estamos preparando para orientar ao povo e ter contato com ele, como vamos ficar fechados, ano após ano, para depois sair ao mundo exterior e nos depararmos com um povo que desconhecemos?” (ZALAMEA, 1994, p. 75). O Bispo Luque deu-lhe outra vez razão e continuou no Seminário. Mas, pela sua iniciativa no Batalhão Bolívar, que era dirigido pelo coronel Gustavo Rojas Pinilla, iniciou uma grande amizade com ele, que seria muito útil mais à frente quando Rojas assumiria como Presidente da República (1953-1957).

No Seminário, Joaco aceitava ser chamado de “seminarista rebelde”, mas, disse ele, rebelde ‘prudente’. Sem ir contra o princípio de autoridade, Salcedo conta que travou uma batalha dentro do seminário para mudar certas coisas que hoje (1967) são geralmente aceitas como: esportes, distração, cinema para os seminaristas, foguetes. Queria Salcedo alguma coisa que os fizesse mais espontâneos e menos artificiais.

Com efeito, a ideia que se tinha do seminarista naquela época era a de que o único fundamental era “fechar-se em um quarto e meter-se a decorar todo o indizível de Teologia ou Filosofia e dogmas que fosse possível, ditar umas magníficas lições, apresentar uns exames orais e escritos em latim, mesmo que não o entendesse, e ponto. Contato com a vida real, exterior, era pecaminoso” (RODRIGUEZ, 1967, p. 21). Então, Salcedo se entrega à tarefa de convencer os superiores que deveriam ir a catecismo nos quartéis, nas cadeias, nos bairros da cidade para começar a saber o que era o povo com que iam tratar.

Não sabemos se foi numa aula sobre os Evangelhos ou numa repetição de latim que se gravou nele esta frase de Jesus: “*Ite et docete omnes gentes*”; *Ide e ensinai a todas as gentes*. Era um mandamento concreto. A quem ensinar? Aos camponeses de Corrales, llaneros de Casanare, bogas do Magdalena, pescadores da Ciénaga grande, montanheses de Antioquia (ZALAMEA, 1994, p. 70).

A ideia de chegar a ilustrar a todo esse povo apaixonou e incomodou a Joaquín Salcedo desde aquele momento como único móbil de sua vida: educar esse povo que Jesus Cristo chamou de “sal da terra” [...] O meio de difusão para atingir era obvio: as comunicações sociais e em primeiro lugar a radiodifusão” (ZALAMEA, 1994, p. 70-1).

Cinquenta anos depois comenta Hernando Bernal (ZALAMEA, 1994, p. 71-2), amigo e colaborador próximo de Salcedo, que a história dele foi a de um homem com uma ideia só que o distinguia: “Que para conseguir o desenvolvimento total primeiro há que desenvolver a inteligência, ou seja, que a pessoa humana seja capaz de conhecer e discernir”. É a partir dessa ideia, de sua identificação com ela, que se compreendem as realizações e triunfos, conflitos e problemas de Salcedo e sua obra. “E foi, assim mesmo, a semente da grande tragédia em que ulteriormente desembocaria sua divina obsessão”.

Em 1944, conheceu outra pessoa importante para o relato: Luis Alejandro Salas. Ele foi aluno do Seminário, mas pouco tempo depois saiu, estudou medicina e se casou com Isabel, a quinta dos sete filhos da família Salcedo Guarín.

Daqueles tempos de Seminário, Salas lembra a Joaco Salcedo como a antítese da imagem convencional do seminarista:

Porque, em vez de rezar e meditar, umas vezes se dedicava a experimentos no laboratório de física e química, outras vezes fazia de mecânico e eletricista e arrumava quanto aparelho ou máquina se estragava no Seminário, montava obras de teatro, fazia trabalhos de fotografia, percorria os povoados passando filme aos camponeses, manejava a impressão e o demais relacionado com diversos periódicos que fundou dentro do seminário, jogava tênis com o bispo Luque e cultivava amizades entre as pessoas de maior influência e poder, mas sem perder jamais contato com os de baixo (ZALAMEA, 1994, p. 76).

Para Salas, no Seminário, Salcedo firmou precedentes insólitos para a época e o lugar: “Por exemplo, que pudessem entrar mulheres às funções de teatro e aos bazares, sempre que pagassem algo para as Missões” (ZALAMEA, 1994, p. 76-77). Graças a suas intervenções, muitas pessoas de rua tiveram acesso aos pátios do seminário, reservados desde a época colonial ao clero.

No Seminário, alguns de seus companheiros seminaristas, surpresos com suas habilidades, o apelidaram do “Quixote do Rádio” (BEHRMAN, 1954). E não tanto por sua apresentação esquelética como por sua inclinação de sair em defesa dos desvalidos da terra e das causas impossíveis (ZALAMEA, 1994).

E como uma de suas quixotadas, até de tremendo mau gosto, Zalamea (1994, p. 79) menciona uma que, ao mesmo tempo, mostra suas estratégias midiáticas: Salcedo com mais sete companheiros, durante a segunda guerra mundial, decidiu apoiar as ideias de Hitler “simplesmente por rebeldia e por ser do contra”. Para estar informado, subornou o vigia para que lhe passasse *El Tiempo* (jornal mais importante da Colômbia). E, para escutar os noticiários de Ondas Curtas da Rádio Berlin, comprou para si um rádio, o desarmou e o voltou a armar dentro de um vaso de banho, que colocou de boca para baixo, em sua mesa, de noite, e ali nunca o descobriram – naquela época era proibido escutar rádio no Seminário (RODRÍGUEZ, 1967e, p. 89). Depois de escutar com fones de ouvido as transmissões ‘Mariquita y sus alegres muchachos’, desde Berlin, ao amanhecer, e de ler *El Tiempo*, empregava um megafone durante o descanso para difundir de viva voz as notícias.

Chama a atenção que por esse fato Salcedo não foi questionado nem mereceu mais

uma tentativa de expulsão do Seminário por seus superiores. A intolerância foi só com suas leituras de marxismo. Isso parece ser o reflexo da linha conservadora que sempre manteve a hierarquia colombiana e, em consonância, com as orientações de Pio XII de tendência conservadora e inimigo declarado do comunismo (MCBRIEN, 2000).

O contexto sociopolítico e religioso da época e o modo de ser e de agir próprio das pessoas ajudam para a compreensão de determinados comportamentos. Por sua parte, Joaco deixava entrever seu temperamento ativo, polêmico, combativo e seu “prazer” na confrontação e na visibilidade de si mesmo. Ele é daqueles que não se conformam com passar despercebidos ou, pior ainda, ser ignorados. Por aquele mesmo período no Seminário, Salcedo decidiu fazer um filme com seus aparelhos de 16 mm.

O argumento relatava a história de um jovem aldeão que vai à ordenação sacerdotal, primeira missa e festejos conexos, de um amigo, e fica tão impressionado com o cerimonial que, apesa de carecer de vocação, decide ingressar no Seminário. Ali faz toda classe de picardias, sofre chamadas de atenção e castigos, mas, ao final, termina, ainda que com muito trabalho. E ao final do filme se lhe vê celebrando sua primeira missa. O título do filme, *El seminarista Rebelde*, o dizia tudo e era a suprema piada que Joaco Salcedo se fazia a si mesmo (ZALAMEA, 1994, p. 81).

No Seminário, Salcedo distingue-se pela capacidade organizativa -atributo que será fundamental para projetar sua obra- e junta dinheiro para comprar duas máquinas projetoras de filme sonoro; depois, com dinheiro que arrecadou nas funções públicas fundou um periódico que chamou *Párvulos* em honra das crianças que se propunha liberar da ignorância. Esta publicação chegou a tirar 20.000 exemplares (ZALAMEA, 1994).

Por toda essa série de ações, os diretores do Seminário concluíram que José Joaquín Salcedo se afastara novamente daquilo que devia ser a identidade de seminarista fervoroso para merecer o sacerdócio e, pela quarta vez, o Bispo de Tunja, teve que intervir, a seu favor. E, então, inacreditável, Salcedo começou a passar filmes no próprio Seminário.

Outra experiência relevante de sua caminhada no Seminário Maior, e que reflete sua sede infatigável de evangelizar e educar, foi a velha cadeia de Tunja. Nesse tempo os presos não faziam artesanato o que incentivava mais os atos violentos e os vícios. Matricularam-se pelo menos 300 dos 600 prisioneiros. Nosso Quixote já contava para isso com um conjunto, incipiente, mas não menos eficaz, de meios de comunicação social: instrumentos de projetar filmes, fotografias e transparências e o jornal *Párvulos*. Ou seja, os elementos precursores dos

que posteriormente ampliaria e refinaria em sua luta contra a ignorância [...] Para Salcedo esta experiência foi possivelmente a semente que, graças à metodologia ali ensaiada, germinaria muito depois no que ele denominaria “educação integral para a vida” (ZALAMEA, 1994, p. 83).

4.1 A RÁDIO SUTATENZA NO AR: 1947-1989

Não tinha ainda três meses em Sutatenza⁴ e já a *Emisora Cultural del Valle de Tenza* se encontrava no ar. Também os trabalhos para a construção do teatro estavam em andamento e as projeções de cinema na praça. De Sutatenza, Salcedo nem sabia que existia. Por isso, o primeiro que ele fez foi documentar-se a fundo sobre a geografia e a história da região aonde o levava seu primeiro apostolado. “A primeira coisa que me interessava era o estado da realidade dos camponeses” (RODRÍGUEZ, 1967e, p. 92). Assim, entre os saberes iniciais, soube que seus moradores eram briguentos e amigos da chicha⁵, e que seu pároco era igualmente problemático.

Além de seus pertences, o jovem sacerdote viajou com várias caixas que continham

Um projetor de cinema e o filme *El seminarista rebelde* que Salcedo produziu no seminário; um receptor de rádio de ondas curtas marca Hammarlund com o código HQ 129X; alguns elementos de amplificação de som; e as primeiras partes de um transmissor de radioamador (que se identificaria posteriormente com o sinal HK7HM) que lhe estava construindo seu irmão Antonio José, naquele momento interno no seminário dos Jesuítas em Santa Rosa de Viterbo, também em Boyacá, e quem destacar-se-ia mais tarde como especialista em eletrônica (ZALAMEA, 1994, p. 93).

Narra Indalecio Rodríguez (1978, p. 40) que, no dia 21 de setembro de 1947, os habitantes de Sutatenza assistiram pela primeira vez a um filme, na praça frente à casa paroquial, onde foi colocada uma tela branca e alto-falantes. Uma boa parte dos camponeses, que pela primeira vez assistiam a um filme, se agrupava perto do alto-falante. A reação inicial ante as imagens que passavam na tela tinha um sentido completamente irreal para eles, e

⁴ Salcedo foi ordenado sacerdote a 31 de maio de 1947 e chegou como coadjutor à paróquia de Sutatenza a 23 de agosto do mesmo ano.

⁵ Bebida fermentada feita a partir da cana de açúcar. Muito popular no altiplano.

riam muito, ainda nos momentos de mais profundo dramatismo do filme⁶. Os alto-falantes, não obstante, eram outra coisa: era neles onde se encontrava todo o misterioso: a saída da voz humana, de muitas vozes humanas, de dentro de uma caixa onde não podia estar nem sequer uma criança. Esta experiência o faz concluir que os camponeses se dariam muito bem com o rádio, meio auditivo por excelência.

Daqueles momentos iniciais, destaca-se o processo de sintonização, de empatia, de entendimento de Salcedo: com os camponeses, com o rádio, com organismos internacionais, com a hierarquia e consigo mesmo. A discordância mais significativa daquele tempo foi com o pároco que representou uma maneira própria de agir diante do projeto de Salcedo.

O processo de *empatia com os camponeses* tem seu ponto de partida numa experiência relevante para Salcedo: o primeiro sermão que ele fez em agosto de 1947. Era domingo. E decidiu, contrariando as regras da oratória sagrada e as proibições de os fiéis falarem no templo, comunicar-se com esse povo que devia entender pouquíssimo (RODRIGUEZ, 1967b). A ideia que lhes transmitiu Salcedo foi simples: “A mim me mandou o bispo para ajudar vocês, a ser amigo de vocês, mas realmente os que têm que resolver seus problemas são vocês” (RODRIGUEZ, 1967b, p. 26).

As propostas de Salcedo foram acolhidas positivamente pelos camponeses. E os sonhos de Salcedo foram seus sonhos e para que fossem realidade contribuíram com seu trabalho, com dinheiro e espécies: ovos, aves, bovinos etc. Mas também participaram quando Salcedo lhes prometeu gravar e difundir sua voz pelo rádio, em maio de 1948, se eles o ajudassem a construir o teatro (BEHRMAN, 1954).

Para apoiar e aperfeiçoar os resultados conseguidos com os meios de comunicação de massa, se projeta potenciar os contatos pessoais mediante a capacitação de pessoal oriundo das diversas comunidades. Para isso, foram criados em 1954 e 1956 os Institutos

⁶ As experiências de cinema e de rádio móvel para a educação fundamental no final da década dos 40 (UNESCO, 1949, p. 69) concluem que “muitos espectadores primitivos assimilam dificilmente as imagens bidimensionais dos filmes, e outro tanto lhes ocorre com o acompanhamento sonoro”. O estudo diz que esta experiência sugere que é oportuno preparar aos espectadores antes da projeção do filme, apresentando peças musicais e outros elementos sonoros que despertem sua receptividade. Isso significa que é preciso desenvolver a competência receptiva da audiência ou, como será dito muito depois na América Latina, desenvolver a leitura crítica da comunicação. Muito antes da divulgação desses estudos, a interpretação que fez Salcedo dessa experiência foi a de que no mundo acústico do rádio descansava uma imensa empatia com o mundo camponês da Colômbia. Esta empatia, concluiu Salcedo, deveria ser aproveitada para a educação fundamental integral.

Camponeses, para homens e mulheres, respectivamente, em Sutatenza. A ideia foi a de promover as lideranças, os agentes educativos, chamados nas Escolas Radiofônicas de Auxiliares Imediatos.

Salcedo sintoniza com o rádio, como prodigioso instrumento que encurta distâncias, que age simultaneamente multiplicando a palavra, que se converte em novidade altamente esperançosa na rotina cotidiana do camponês. O rádio é um “meio de cultura” (SALCEDO, 1956, p. 27) capaz de contribuir na superação dos problemas que afligem o camponês como ser incapacitado, in-comunicado e necessitado de luz para olhar seu futuro.

Nesse esforço de sintonizar com o rádio, Salcedo inicia um processo de organização da nascente instituição, conseguindo colaboradores, definindo a estrutura, com papéis e funções bem determinadas (Anexo D), procurando soluções técnicas para fazer, de uma parte, eficiente a emissora pelo som e pela cobertura e, de outra, conseguir aparelhos de rádio construídos com sintonia fixa (para sintonizar só a Rádio Sutatenza) para distribuir a preço de custo entre os camponeses, capacitando os líderes camponeses para a instalação, reparação e manipulação correta das pilhas. Tudo isto supôs muitas reuniões, dentro e fora da rádio, a distintos níveis, com diferentes objetivos; também palestras e publicações, entrevistas, dando a conhecer a iniciativa considerada redentora para os excluídos do projeto democrático do país.

O fundador da Rádio Sutatenza *simpatiza com organismos internacionais*. Com efeito, em 1948, realiza duas viagens aos Estados Unidos para procurar ajuda para sua obra. Em seu discurso nas Nações Unidas, fala da necessidade de promover o desenvolvimento rural e das possibilidades que em tal sentido oferecem os meios de comunicação de massas. Suas ideias são bem recebidas e, como fruto desses encontros, consegue o envio de uma Missão de Assistência Técnica da UNESCO, nas pessoas dos Irmãos Idinael e Fulgencio, das Escolas Cristãs, presentes no país desde o 14 de outubro de 1953 até o ano de 1957.

Nesse período suas viagens estavam motivadas pelo imperioso empenho de fazer conhecer de todos o sistema de alfabetização por rádio. Mais tarde viajou pela Europa e fez palestras na UNESCO, no Vaticano, na Conferência Episcopal Alemã, MISEREOR.

Foi tão grande o interesse que despertou em tais areópagos a novidade do sistema de alfabetização e nivelção do povo pelo rádio, que desde então se via uma constante peregrinação a Sutatenza de toda classe de personagens ilustres: presidentes, diplomatas, ministros da cultura, especialistas em *mass* mídia, tecnólogos, ministros de educação (BARACALDO, 2000, p. 63-64).

Salcedo e seus entendimentos com a hierarquia: a obra se transformou em ente jurídico de direito privado em 1949 e de direito canônico em 1951, mediante decreto do bispo de Tunja de 29/07/1951. Logo Salcedo sublinhará que a Rádio Sutatenza é uma obra da Igreja que trabalha de maneira coordenada com o pároco e sua estrutura paroquial. Trata-se, pois, de “uma instituição consagrada a ajudar principalmente ao camponês, fazendo-o por meio do pároco” (SALCEDO, 1956, p. 5).

Salcedo *sintoniza consigo mesmo* e define uma maneira própria de agir em relação com a mídia:

Cheguei cedo à convicção de que não posso ser especialista em nenhuma coisa. É o fato de ser especialista no amor ao povo, no serviço ao povo, na convicção de que com ignorantes não pode haver desenvolvimento, na obsessão, por não dizer loucura, que me tem impulsionado durante estes anos. Então minha arte tem sido coordenar, procurando os melhores especialistas em cada coisa e cercando-me deles. [...] Não aprendi a escrever à máquina nem a fazer uso do microfone porque sabia que podia conseguir magníficas mecanotaquígrafas e excelentes locutores que o fariam melhor que eu. Pela mesma razão não escrevi no periódico *El campesino*. Assim, dediquei-me a conseguir os recursos para levar à frente a obra (ZALAMEA, 1994, p. 151-152. 168).

Com efeito, foi estratégia de Salcedo trabalhar com os melhores: no campo técnico, na produção e apresentação dos programas, por exemplo. Alguns dos nomes consagrados da Rádio foram Alejandro Rodríguez, Numa Pompilio Mesa, Manuel Emigdio Rincón, Alfonso Sarmiento, Jaime Zamora Marín, Armando Moncada Campuzano “quien en vida se destacó como uno de los más brillantes narradores deportivos que ha tenido Colombia en toda su historia” (MURIÓ, 1996), Humberto Martínez Salcedo, Cecília F. de Ibañez, Roberto Mora Mora, José Ramón Sabogal, Luis Guillermo Troya etc. Eles chegavam ao coração das pessoas.

Há duas dissonâncias a destacar nos começos da obra de Salcedo que, parece, marcaram permanentemente sua caminhada e determinaram, em grande parte, o destino final

da Rádio Sutatenza: o enfrentamento religioso e político. O enfrentamento religioso se personificou, a partir da figura do pároco de Sutatenza, o padre Eliécer Pinto, que representava uma maneira própria de agir. Como foi dito mais acima, o pároco era problemático. Era um homem preparado, mas muito amigo do dinheiro e politiqueiro, chefe conservador da região, que gozava ademais da condição de inamovível. “Naquela época alguns párocos negociavam com o Vaticano essa situação de privilégio por determinada quantia de dinheiro, *status* que lhes garantiria mão livre para manejar a paróquia em benefício econômico próprio” (ZALAMEA, 1994, p. 84-85). O padre Pinto jamais quis ter coadjutor para evitar interferências em seus assuntos. Portanto, a presença de Salcedo como coadjutor não foi de seu agrado e foi motivo de muitas brigas e acusações.

A situação chegou a ser insustentável quando uma parte da casa paroquial caiu em vésperas de natal de 1947. Salcedo estava envolvido na construção dos alicerces para o Teatro e parece que as escavações ficaram muito perto da rudimentar casa paroquial e algumas chuvas desses dias ajudaram a enfraquecer a velha moradia, o chão, e algumas habitações ruíram: “Então até aí chegou a paz com ele. Esse foi o primeiro terrível rompimento [...] O padre me chamou a sua habitação e me fez o mais horrível reclamo que eu tinha recebido na vida” (RODRÍGUEZ, 1967d, p. 97).

O padre Pinto acusou a Salcedo de ter planejado tudo e de querer atentar contra sua vida e lhe prometeu inimizade e guerra para sempre. Depois, nas predicas natalinas o padre Pinto se dedicou a insultar Salcedo desde o púlpito “e declarou solenemente maldita a obra que estava fazendo seu coadjutor” (RODRÍGUEZ, 1967d, p. 97). Diante desta situação Salcedo teve que resolver o dilema que o acompanhará toda a vida: ou deixar-se derrotar ou seguir à frente.

Os párocos que sucederam ao padre Pinto foram também contrários à obra de Salcedo e se encarregaram de criar um ambiente adverso entre o clero da diocese. Esses conflitos eclesiásticos foram contínuos na vida de Salcedo. Mas à frente estarão os sacerdotes, representantes da Rádio Sutatenza em suas comunidades, alguns bispos e até a Conferência Episcopal que, pelos embates com Salcedo, se negarão, entre outras ações, a assinar os projetos da ACPO para a Igreja Alemã, nos finais da década de 70. Isto trouxe como consequência a perda da ajuda econômica e, portanto, contribuiu seriamente para levar a cuidados intensivos a sustentabilidade da Rádio Sutatenza.

A outra dissonância foi com o poder político, personificado no presidente Conservador Laureano Gómez (1950-1953), que, parece, recebeu informações do padre Pinto e do Diretório conservador de Tunja, no sentido de que o Fundador da Rádio Sutatenza era mentalmente “desequilibrado” e com ideias liberalizantes e que a solução era interná-lo em uma casa de repouso. Foi o Cardeal Luque quem defendeu Salcedo das acusações do Presidente. Laureano se referiu a Salcedo como a um louco, um sujeito sumamente perigoso, dizendo barbaridades pela rádio e “sublevando o inepto vulgo” (ZALAMEA, 1994, p. 132). Com efeito, pelos grupos de esquerda Salcedo é visto como um “conservador” e pelos grupos conservadores como um “cura liberal” (ZALAMEA, 1994).

A questão política foi habilmente conduzida por Salcedo e obteve ajuda considerável especialmente no período de 1953 a 1974. Inclusive quem ocupou a Presidência da República entre 1970-1974 foi durante muitos anos membro da direção executiva da Rádio Sutatenza – ACPO: o Dr. Misael Pastrana Borrero. Apesar disso viveu momentos de extrema dificuldade econômica, nesses anos. Por exemplo, uma primeira crise profunda que levou a despedir pessoal, contra a vontade de Salcedo aconteceu em 1957 (SALCEDO, 1957) e levou a uma reestruturação em 1958.

A revista *Nuevo Boyacá* (1964), em uma entrevista a Salcedo, introduz seu artigo tentando uma descrição dos traços característicos do “cura boyacense interessado em educar ao povo”:

Sua figura esbelta, seu olhar penetrante, seu rosto alargado não têm a mesma popularidade que seu nome: Monsenhor Salcedo. A razão? Não é amigo da publicidade pessoal. Sempre foge dos jornalistas e, portanto, às entrevistas. Quando tem algo que dizer edita em sua própria imprensa – um volante, um folheto, um boletim e o faz conhecer dentro do setor que lhe interessa. Dos fotógrafos ele foge, não obstante que a fotografia é seu *hobby*. Um *hobby* que quase o fez sair do seminário, mas que o levou a fundar sua obra mais famosa: “Acción Cultural Popular” e com ela a Rádio Sutatenza (MENDOZA, 1964, p. 18).

Na entrevista, Salcedo diz que ele quer uma entrevista positiva, deixando nos bastidores uma suposta tendência ao negativo e ao sentido crítico. Para a jornalista, essa “era uma forma de ordenar, não de solicitar favores. Não há dúvidas de que está acostumado a mandar e a que se lhe obedeça” (MENDOZA, 1964, p. 18).

Entre 1962 e 1965, se realiza em Roma o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII. Este evento foi uma experiência de rejuvenescimento da Igreja Católica, de atualização e disposição nova de diálogo com o mundo. Desse acontecimento, participou Salcedo. Com efeito, numa viagem ao Vaticano, à Secretaria de Estado, conheceu a João Batista Montini, futuro Paulo VI, que o apresentou ao Papa João XXIII:

Este simpatizou muito com o jovem sacerdote e sua obra e o convidou a reunir-se com ele na sua biblioteca, onde falaram sobre multidão de temas, e o chamava com carinho *nuestro enfant terrível*. E, já em marcha o Concílio Vaticano II, João XXIII o designou como um dos 37 membros da Comissão Pontifícia das Comunicações de caráter privado que assessorava o Concílio (ZALAMEA, 1994, p. 147).

Em 1965 foi convidado por Paulo VI, para acompanhar sua visita às Nações Unidas onde discursou, para fazer-lhe um informe pessoal, rematado verbalmente com estas palavras:

Sua Santidade, graças à poderosa rede mundial de meios de comunicação, calcula-se que teve de 60 a 70 milhões de pessoas. 30 ou 40 mil sacerdotes teriam precisado 20 anos para cobrir essa mesma audiência e difundir essa mesma mensagem”. Esta comparação impressionou ao Pontífice, e Salcedo se despediu assim: “O Santo Padre já foi à América rica. Agora deverá ir à América pobre (ZALAMEA, 1994, p. 27).

Fazendo uma retrospectiva histórica do povoado de Sutatenza, em 1947, da condição de seus habitantes, que eram analfabetos e viviam em um afastamento quase total do mundo externo, diz Musto e sua equipe, na avaliação que fazem de Sutatenza em 1968-69, que a mudança começou a produzir-se quando Salcedo, “um entusiasta radioamador, transmitiu as primeiras lições do ABC, por uma emissora de ondas curtas armada por ele mesmo” (MUSTO, 1971, p. 48).

Em referência à estrutura da instituição, a primeira coisa que os pesquisadores afirmam é que a organização “leva a marca da personalidade de seu fundador e diretor general, José Joaquín Salcedo. Ele é, em última instância, quem toma todas as decisões de alguma importância com respeito à direção da instituição. Sua função efetiva é, pois, consideravelmente mais significativa que a que lhe atribuem formalmente as correspondentes prescrições dos estatutos” (MUSTO, 1971, p. 69). Salcedo, com certeza, diz que não é certo que é ele quem toma todas as decisões (MUSTO, 1971, p. 69).

Para Musto e sua equipe, “a estrutura da instituição é centralizada em sentido horizontal e vertical” (MUSTO, 1971, p. 71) e esta centralização vertical está determinada, mais que pelo previsto nos estatutos, pela personalidade e estratégia de Salcedo. À parte de ser o fundador e diretor geral de ACPO, ele representa praticamente a única e última instância de decisões fundamentais.

O fato de existir uma relação entre a designação do diretor geral pelo Conselho de Governo leva a que as relações recíprocas se caracterizem por compromissos táticos. “O preço que Salcedo paga pelo poder que exerce sobre a instituição é a sua subordinação formal à hierarquia da Igreja. [...] Isso explica o comentário de Salcedo: “Há vários planos que não posso apresentar aos bispos” (MUSTO, 1971, p. 72).

Musto (1971, p. 72-74) reitera que Salcedo é quem toma todas as decisões de alguma importância na instituição. Isto pode ser positivo ou negativo segundo o ponto de vista do espectador. A pesquisa descreve as consequências de dita conduta:

1. A personalidade e estratégia de Salcedo representaram no passado, efetivamente, uma espécie de garantia para a continuidade, expansão e estabilidade da instituição. Graças a isto, a instituição não só sobreviveu, senão que se expandiu e aumentou sua eficácia durante as mudanças políticas e socioeconômicas conflitivas que experimentou a Colômbia;

2. A autoridade de Salcedo teve por consequência certa rigidez organizacional [...] que influenciou, até certo ponto, negativamente na estratégia de adaptar-se às mudanças fundamentais que tiveram lugar nas áreas rurais colombianas. Os representantes de alguns organismos estatais acreditam que a instituição não mostra a necessária flexibilidade frente às mudanças que implica o processo de desenvolvimento acelerado.

3. Os críticos da instituição anotam que ACPO – Rádio Sutatenza necessitaria especialistas mais qualificados para formar um time de *management* eficaz, requerido pelo tamanho e a importância da organização.

4. O problema da sucessão de Salcedo não está solucionado. [...] É um fato que, à parte do diretor geral, nenhum dos colaboradores tem a experiência e a capacidade necessária para dirigir a instituição. Portanto, uma eventual mudança na gerência teria repercussões

negativas no funcionamento da instituição. E concluem os pesquisadores: “A autoridade pessoal de Salcedo produziu efeitos mais positivos no passado, mas pode produzir certos efeitos negativos no futuro” (MUSTO, 1971, p. 74).

Alguns dos entrevistados por Musto e sua equipe (1971, p. 141) de diversas organizações de desenvolvimento disseram de Salcedo que ele “dita suas condições, e nós não temos mais alternativa que aceitá-las ou rechaçá-las”.

Carlos Lleras Restrepo era presidente no tempo da pesquisa de Musto. Esse governo tinha uma atitude positiva frente à Rádio Sutatenza, não isenta de crítica. Musto (1971) diz que Salcedo era conselheiro pessoal do presidente Lleras Restrepo.

A década dos anos 70 está marcada por uma série de fatos que afetam seriamente a Salcedo e seu projeto: o Vaticano envia um representante para avaliar a Rádio Sutatenza e a obra de Salcedo; a Conferência Episcopal da Colômbia trata de afinar seu poder de decisão sobre Salcedo e sua obra; a mídia comercial reclama de Sutatenza por abuso de privilégios, competência desleal; Salcedo comenta que recebeu ameaças de grupos armados de esquerda e teme ser sequestrado.

Um enviado especial do Vaticano visita a Rádio Sutatenza e ACPO para verificar certas denúncias contra ele e sua obra. Ao final, não aparece nenhuma declaração contra ele, mas o dano já estava feito no sentido de criar um ambiente de desconfiança e dúvidas ao redor de sua obra, por parte da hierarquia e dos poderes políticos.

Para agravar a situação, a Conferência Episcopal da Colômbia, que congrega todos os bispos do país, tenta uma reforma dos Estatutos da Instituição em 1975 com o objetivo de “apoderar-se” da obra, em palavras de Salcedo (ZALAMEA, 1994, p. 227).

Com a assessoria do destacado advogado Diego Pardo Tovar, Salcedo consegue uma sentença favorável do Conselho do Estado, a 6 de outubro de 1977, sobre a figura jurídica da Rádio Sutatenza – ACPO e a nulidade dos Estatutos propostos pelo Episcopado.

Se bem que a decisão do Conselho de Estado tenha sido uma vitória moral para

Salcedo e sua obra, por outra parte não lhe deu muita simpatia nem entre o alto clero nem entre os políticos que não aceitavam que ‘esse cura solto’ se tivesse saído vitorioso mais uma vez (ZALAMEA, 1994, p. 228-9).

A empresa privada de meios de comunicação na Colômbia ataca Salcedo. Especialmente o embate se dá no setor rádio. Acusam a Sutatenza de estabelecer uma guerra de preços em matéria publicitária, de abusar dos privilégios do Estado que lhe concede isenção de impostos, por tratar-se de uma emissora cultural. Salcedo faz uma extensa defesa de sua gestão e de sua obra, em um livro (ACCIÓN CULTURAL POPULAR RESPONDE, 1973) que analisa a realidade nacional, particularmente rural, e que sublinha a filosofia, objetivos e metodologia de seu projeto educativo. No fundo se tratava de um esforço da empresa privada, capitaneada pela Rede Caracol, de propriedade de alguns “poderosos” do partido liberal, entre eles Alfonso López Michelsen, acionista da emissora.

Devido às ameaças recebidas e às tensões com a cúpula da igreja colombiana, Salcedo toma um ano sabático, em 1975, e começa a agir mais desde seu novo país de residência (Estados Unidos), do que da Colômbia.

Não vamos aprofundar os motivos desta decisão do afastamento de Salcedo nem de suas consequências (ZALAMEA, 1994). O certo é que, dadas as circunstâncias da Rádio Sutatenza – ACPO, do papel dominante de Salcedo, seu afastamento ajudou a radicalizar progressivamente a crise, sobretudo na sustentabilidade econômica. A crise da ajuda governamental, nula no período de Alfonso López⁷, a pobre ajuda no governo de Turbay, de Belisário e de Virgílio Barco; a perda da ajuda econômica da Igreja alemã porque a Conferência Episcopal da Colômbia se negou a assinar a carta com os projetos (pelo litígio dos Estatutos ante o Conselho de Estado), as dívidas, os altos juros, tudo levou Salcedo à defensiva e a lutar desesperadamente por conseguir recursos no exterior para não deixar

⁷ Alfonso López Michelsen foi o único presidente (1974-1978) que não visitou Sutatenza nem formulou declaração de respaldo governamental à obra de Salcedo. Esse distanciamento parece que começou durante a visita do Papa Paulo VI, por motivos protocolares. Na época López era Ministro de Relações Exteriores e dele se lembra uma frase que costumava repetir meio em piada, meio a sério sobre Salcedo: “Você é como um leão dormido de que se deve ter medo: se desperta e deseja meter-se em política” (ZALAMEA, 1994, p. 210). A meu modo de ver, outros dos fatos que levaram López a cortar todo tipo de ajuda governamental à Rádio Sutatenza, como fizeram nos últimos 20 anos, foi o sabor amargo do encontro dele com os líderes camponeses em Sutatenza, sendo candidato presidencial. López não engoliu esse encontro-entrevista moderado por Salcedo. Várias vezes o candidato aumentou o volume da voz, com ar incomodado pelas cobranças dos camponeses. Para López deve ter sido uma irreverência que um povo de alpargatas e poncho se colocasse de igual a igual diante dele. Acostumado a ser reverenciado e aplaudido (RADIO SUTATENZA, 1974).

morrer a obra, por convicção e orgulho pessoal.

Percebe-se, nos encontros de Salcedo com o pessoal da Rádio Sutatenza, naqueles anos, o sofrimento e a luta de um homem por não deixar-se derrotar. Em conseqüência, nos começos de 80, a entidade não teve outro caminho senão cortar programas ou suspendê-los.

O modelo da Rádio Sutatenza levou Salcedo a criar amizades em muitos lugares do mundo. Um desses lugares foi a Venezuela onde chegou a ter muitos amigos, entre eles Gustavo Cisneros, importante empresário venezuelano.

Os Cisneros e outros empresários próximos a eles resolveram ajudar Salcedo e seus colaboradores nos Estados Unidos a montar uma firma consultora que prestaria assistência técnica a países em vias de desenvolvimento e a organismos internacionais, como o Banco Mundial, para projetos de alfabetização e educação fundamental não formal segundo as pautas gerais da ACPO na Colômbia. Esta empresa assessora foi chamada Media & Contents, Inc. (MEDCON), incorporada em New York como subsidiária de Medios y Contenidos Asesores, S.A., constituída no Panamá [...]. Ao mesmo tempo iniciaram o trâmite jurídico para estabelecer a Fundação Simon Bolívar, à qual se delegou a arrecadação de fundos destinados a financiar projetos educativos (ZALAMEA, 1994, p. 249-250).

A ideia era que MEDCON, através dos meios de comunicação, promovesse e executasse projetos de educação não formal para ajudar no processo de desenvolvimento econômico e social da América Latina.

Em 1982 Belisario Betancur parecia augurar uma etapa de renovado apoio à ACPO (ZALAMEA, 1994, p. 268). Betancur, como intelectual e chefe político, sempre simpatizou com a missão da educação camponesa, da identidade.

MEDCON lhe apresentou um ambicioso programa chamado CAMINA, que foi executado em 1985. Dois anos depois, em 2 de setembro de 1987, Salcedo renuncia como Diretor Geral da Rádio Sutatenza – ACPO, devido ao deterioramento de sua saúde. Em MEDCON, Salcedo permaneceu como Diretor até sua morte em “Los Cedros” de Miami (Florida) a 2 de dezembro de 1994, “quase no exílio” (MONSEÑOR, 1999, p. 16).

A revista *Boyacá Siglo XXI*, chama a Salcedo de “Apóstolo dos camponeses” e lamenta que não se desse a ele o reconhecimento que merecia já que “marcou época na

história do século XX” (MONSEÑOR, 1999, p. 16).

O fato de nascer e crescer no meio rural permitiu a Salcedo construir uma *visão da realidade camponesa*. Assim, compreendeu que a competência comunicativa dos camponeses era muito baixa (RODRÍGUEZ, 1967b) e que, para entrar em diálogo com eles, era preciso fazê-lo com simplicidade. Desde o primeiro momento, diz Salcedo que se impressionou muito com “essa tristeza, essa melancolia, esse feroz silêncio, essa espécie de caixa fechada, introvertidos [...] então eu lhes fiz um convite à alegria” (MONSEÑOR, 1999, p. 26).

Em outra oportunidade, falando aos líderes camponeses, os convidou a dançar, com um ritmo bem alegre e popular, como merengue, merecumbé ou um joropo, mexendo pés e mãos de forma compassada “porque quando vocês cantam parecem estátuas de pau” e, depois de descrever a tristeza e a melancolia como desventuras do povo camponês, agregou o “vestido preto... como se todos os dias estivessem de luto. E as camponesas se cobrem com o ‘pañolón’⁸, não deixando ver senão a ponta do nariz. Esses camponeses tão tapados [...]. Eu acredito que muita boa parte da violência deste país se deve a esse ‘tapamento’ (RODRÍGUEZ, 1967d, p. 61). E parece que este pode ser um fator para explicar a violência em geral e a guerrilheira em particular, na Colômbia. Este fator do tapamento não só cultural e antropológico, senão institucional, deveria ser considerado com maior atenção.

Outra crítica de Salcedo aos camponeses é afirmar que eles vivem em pugilato:

ver quem tem mais força, qual pode levantar sacos maiores, quem pode levar pedras mais volumosas, qual pode cavar maior quantidade de metros cúbicos de terra, sempre os camponeses fazendo força em um plano com as mulas, com os bois e com os animais. A desventura máxima do povo camponês é que não tem consciência do valor extraordinário de seu cérebro, de sua cabeça, de sua inteligência, de sua memória, de suas capacidades (RODRÍGUEZ, 1967d, p. 55).

Salcedo propõe uma série de ações aos camponeses de Sutatenza: primeiro, arrumar o sacrário da Igreja; segundo, o teatro, lugar de projeções de filmes e de reuniões. A resposta dos camponeses não se fez esperar. O problema foi que chegava muito pessoal e não havia ferramentas para todos. A partir disso, conclui Salcedo que o povo camponês além de seus limites, tem espírito de colaboração e participação.

⁸ Pano grande utilizado para cobrir a cabeça e os ombros até um pouco mais abaixo da cintura.

É devido a este comportamento do campesinato que Salcedo insistirá que, na construção de uma história da Rádio Sutatenza, deve-se sublinhar, como fundamental, a contribuição dos camponeses: foram eles que, com seu dinheiro, animais (galinhas, porcos, bovinos etc.), e terrenos, mantiveram durante os três primeiros anos (1947-1950) a emissora no ar. A Rádio Sutatenza nasceu e deu seus primeiros passos com o apoio popular. De ninguém mais Salcedo recebeu ajuda naquele período. Por isso, diz Salcedo que se deve destacar “a vinculação do povo. É que são três anos e meio. São o fundamento” (RODRIGUEZ, 1967b, p. 27).

Em diálogo com Behrman (1954, p. 36), Salcedo diz que agora é mais fácil conseguir dinheiro, “mas os camponeses acreditaram desde o principio em nossa obra. Sem sua ajuda não existiríamos, e é assim como deve ser. Acreditamos que a cultura tem que ser ganha, não deve ser dada de graça”.

É nesse fato, nesse relato de Salcedo, de ação popular, de participação e de projeto popular, enquanto pensado desde os marginalizados da história, que Sutatenza se converte e é reconhecida como *a primeira Rádio Popular no mundo* (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 30).

Daqueles convites comunitários, Salcedo lembra o espírito festivo dos camponeses arrastando pedra e madeira; em número de 200 juntas de bois e por cada junta de bois com quatro homens pelo menos “que têm tomado bastante guarapo⁹ porque saíam desde a uma da madrugada [...] e têm que dizer muitos palavrões para que os bois caminhem e, portanto, são 400 ou 500 homens gritando desaforadamente, felizes, com um otimismo tremendo mas com um esforço feroz” (RODRIGUEZ, 1967, p. 27). Mas também lembra Salcedo que, nos primeiros convites, esses peões camponeses chegaram a manter umas brigas terríveis, com faca e garrote, porque tinham tomado todo o dia e comido nada e aí havia liberais e conservadores, amigos do pároco e inimigos do pároco.

No teatro se fazem as reuniões, e Salcedo percebe que em poucos minutos o camponês começa a “sentir que deve ser ator na solução de seus problemas” (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 27).

⁹ Bebida fermentada a base de água e mel de cana de açúcar.

Sobre a audiência da Rádio Sutatenza, dirá Salcedo (RODRÍGUEZ, 1967c, p. 36) que há duas classes de ouvintes: “Os de cultura geral, os programas gerais, que acreditamos são um pouco mais de três milhões de pessoas; e os alunos propriamente, que atendem as aulas e que são 450 mil”.

Em 1967, Salcedo afirma que não é aprender a ler e escrever o mais importante que o povo precisa. A leitura tem um lugar secundário. Em 16 anos, temos ensinado a ler a algo como um milhão e meio de pessoas ou dois milhões (RODRÍGUEZ, 1967c).

Entre outros aspectos que Salcedo analisa da realidade camponesa estão: a *vergonha* enquanto “sentimento de insegurança causado por medo do ridículo e do julgamento dos outros, timidez, acanhamento” (HOUAISS, 2001).

Diante do conhecimento que Salcedo tem do povo camponês, de sua visão da realidade, como um todo, e de suas convicções pessoais, ele afirma radicalmente que “não encontramos objetivo mais saudável, mais nobre e mais patriótico, que o de educar o povo camponês” (SALCEDO, 1955, p. 5).

4.2 PENSAMENTO COMUNICACIONAL E ESTRATÉGICO DE SALCEDO

Salcedo foi um pragmático e um visionário na utilização da mídia para educar o povo camponês. Mais do que um teórico, ele foi um homem que partilhou ideias midiáticas a partir da prática. Ele soube perceber as potencialidades da mídia para a mudança social. De outro lado, teve que ocupar boa parte de seu tempo em garantir a sustentabilidade econômica e tecnológica de sua obra, em detrimento de construções teóricas. Foi já nos últimos quatro anos de sua vida que, por insistência de seus amigos decidiu sistematizar e, em algumas circunstâncias, reelaborar as ideias centrais que inspiraram sua obra.

Para Salcedo (1994), a comunicação contínua e permanente é o eixo articulador dentro da vida da nação. Os meios têm um papel que vai além das funções tradicionais de informar e entreter. “São criadores e sustento dos processos de participação democrática; são fatores decisivos na criação de atitudes e valores. Podem contribuir a acelerar os processos de

educação, treinamento e capacitação” (SALCEDO, 1994, p. 19).

A ideia de utilizar a mídia para educar o povo, nos leva a pensar que Salcedo tinha uma *visão instrumental da mídia* (mídia para ensinar/aprender). Através da “utilização de inovações e tecnologias educativas se pode chegar de forma econômica, oportuna, flexível e adequada aos distintos setores da população” (SALCEDO et al., 1990), para causar realmente um impacto.

No plano de desenvolvimento do potencial humano os meios serão utilizados como agentes de promoção e veículos de transmissão de conteúdos educativos (SALCEDO et al., 1990), no âmbito do que se entende por educação não-formal ou informal.

O rádio é o primeiro elemento de ação da Escola Radiofônica. Esse elemento serve para “transmitir”, através das emissoras Rádio Sutatenza, as cinco noções da Educação Fundamental Integral, através dos cursos Básico, Progressivo e Complementar (ACCIÓN CULTURAL POPULAR RESPONDE, 1973).

Essa visão instrumental de Salcedo, como se situa dentro da relação dinâmica da Igreja Católica e a mídia? Especialistas da CNBB (1997) distinguem três momentos nessa relação: um primeiro momento acentua o saber, um segundo o fazer e o terceiro o pensar.

O primeiro momento tem a ver com a qualidade das mensagens. Tais mensagens podem contrariar a moral e os bons costumes. Portanto, a preocupação da Igreja é a de formar e ensinar o reto uso dos meios para que os usuários saibam agir diante das mensagens dos meios, protegendo assim a verdadeira doutrina e as verdades morais e cristãs.

No segundo momento, a Igreja se preocupa com o uso da mídia: se a comunicação e seus meios têm por finalidade a convivência e o progresso dos povos, então esses meios podem ser um instrumento adequado para atingir as pessoas, para moldar sua personalidade e modificar seu comportamento. Portanto, uma boa comunicação consiste em atingir as pessoas e mudar seu comportamento. O que se mede é a eficácia dos meios. Neste momento se situa o pensamento midiático de Salcedo. Ele descobre o valor dos meios.

No terceiro momento, a Igreja Católica valoriza o pensar. Ela percebe que existem

mecanismos sociais que impedem os indivíduos e as comunidades de serem sujeitos ativos de sua comunicação. E, na Segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, em Medellín (1968), constata que muitos destes meios estão vinculados a grupos econômicos e políticos, nacionais e estrangeiros, interessados em manter o *status quo* social.

Num diálogo, em 1967, com os líderes camponeses, Salcedo faz uma crítica aos conteúdos das músicas, dramatizações e noticiários, que as emissoras de rádio difundem, por sua insistência em temas de desventura e desgraça, mas reconhece também que isso faz despertar no camponês a dinâmica da suspeita, da desconfiança e da malícia (RODRÍGUEZ, 1967d). Ainda que Salcedo tenha posições críticas sobre o papel da mídia e motive aos alunos dos Institutos a ter uma consciência crítica diante da realidade como um todo, sua ênfase está concentrada numa visão instrumental da comunicação e seus meios.

Essa visão instrumental do rádio alimenta os sonhos de Salcedo de poder chegar aos camponeses da Colômbia com uma educação fundamental integral, para começar com eles uma subversão (uma transformação desde as bases), uma integração social, onde o perfil e o papel do camponês sejam de sujeito e agente da mudança social. Nessa perspectiva, Salcedo não quer que o meio seja mal-utilizado com programas improvisados e assume o desafio de dar cobertura, com ótimo sinal, aos camponeses esparramados por todo o país.

Os conceitos e a prática que Salcedo tem do rádio o inscrevem *numa visão não midiacentrista*. Para Salcedo os meios são isso, meios. Portanto, podemos qualificar sua visão como relativa dos meios:

Os meios que utiliza a instituição -rádio, imprensa, escritos- não devemos confundilos com a atividade total; aqueles são somente recursos a que apelamos para preencher, ao menos em parte, os objetivos que perseguimos. Precisamente, por esta circunstância, todas estas atividades devem obedecer a planos concretos que busquem a consecução do fim. Para lograr a cristianização dos meios rurais, a educação camponesa, a cultura popular, se usam estes recursos publicitários que são só um meio para chegar ao fim perseguido (SALCEDO, 1955, p. 5).

Nota-se nessa afirmação de Salcedo que ele não tem uma postura midiacentrista. Não considera os meios como onipotentes, todo-poderosos, determinantes da realidade, capazes de

tudo¹⁰. Por isso, em relação com o receptor ou o aparelho de rádio, Salcedo diz que não é o único importante da Escola Radiofônica (1954a, p. 10). Também é importante o relógio, para ligar o receptor na hora exata. E, para lembrar à vizinhança a hora da aula, recomenda utilizar um pedaço de trilho, um sino pequeno, ou um som de corno. Também se destaca a função do quadro-negro e o giz. E, claro, o Auxiliar Imediato.

Salcedo valoriza o rádio como meio privilegiado para realizar a tarefa educativa. Mas, simultaneamente, percebe que, de uma parte, ele tem limites pela sua condição de mídia auditiva e, de outra parte, reconhece que, se tratando de uma comunicação com finalidade educativa, ela precisa de uma mediação *in loco*. Para resolver a primeira questão, ele decide apoiar e complementar a ação do rádio com a mídia escrita e ilustrada, criando deste modo o que Salcedo e seus colaboradores denominaram “sistema combinado de meios”. Para resolver a segunda questão, Salcedo cria a figura do “Auxiliar Imediato” que na escola radiofônica se constitui em verdadeiro mestre intermediário entre o professor-locutor que fala pelo rádio e os alunos.

A esta figura do Auxiliar Imediato, como veremos no próximo capítulo, Salcedo dá uma importância capital: “Perto do receptor, ele é a chave do sucesso nos ensinamentos da Rádio Sutatenza” (1954b, p. 10). As Escolas Radiofônicas são impensáveis sem a figura do Auxiliar Imediato que cuida dos alunos, do receptor e sua pilha e está em condições de reparar o aparelho, caso estrague. “A efetividade da Escola Radiofônica depende do Auxiliar, e a efetividade do Auxiliar depende de sua constante comunicação com o pároco” (1954c, p. 10).

Para Salcedo o Auxiliar Imediato é a “verdadeira invenção das Escolas Radiofônicas” (1954d, p. 10). Ele é o elemento mais importante da Escola Radiofônica:

¹⁰ Nesse mesmo sentido se pronunciará anos mais tarde Bernal Alarcón (1971), dizendo que, junto à importância de utilizar os meios, é preciso ser cuidadoso na sua utilização pelas limitações que têm. Entre as limitações da mídia assinala: a *seletividade* que ocorre no nível da audiência e consiste no fato de que não toda audiência está exposta à ação das mídias e, por outro lado, a audiência tem a possibilidade de modificar a mensagem transmitida; a *seletividade de interpretação* que consiste na interpretação das mensagens de acordo com as premissas dadas pela sua estrutura mental; a *dissonância* faz difícil o processo de transformação do Ethos cultural. Este fenômeno consiste na aceitação ou recusa de uma mensagem segundo esteja ou não de acordo com sua maneira de pensar e de agir; o *controle* sobre a audiência não é fácil de medir nem de apreciar os efeitos sobre ela por ser difusa. É aí que Bernal Alarcón justifica a criação de teleclubes, radioescolas etc. Para aumentar a efetividade da mídia se propõe como solução o *uso sistemático dos meios* para complementar a ação e, junto com os diversos meios é imprescindível a figura do monitor ou auxiliar imediato. Também é importante a correspondência e a *liderança de opinião* de certos indivíduos dentro da comunidade.

Trinta anos atrás se utilizava a radiodifusão para levar programas culturais, de música, de notícias, de dramatizações e de muitas outras coisas a distintos lugares. Todos esses programas se transmitiam somente desde as emissoras sem pensar em organizar os pontos de recepção e, muito menos, em fazer que as palavras do locutor, os ensinamentos do sacerdote catequista, ou as instruções da emissora se convertessem em uma verdadeira tarefa de escola com um mestre em cada lugar. Tenho dito sempre que a verdadeira invenção da Escola Radiofônica é o Auxiliar Imediato; que esta obra não descobriu a utilização do rádio para chegar a todas as partes, nem que por primeira vez no mundo utilizou as ondas hertzianas para multiplicar a ação do locutor, mas sim sustento que a radiodifusão se encontra agora organizada de maneira tal que um professor-locutor fala desde a Emissora, e um ilustre e benemérito cidadão segue suas instruções a muitas centenas de quilômetros de distância e realiza essa preciosa tarefa como Auxiliar Imediato; e isto, em verdade, sim sucede agora pela primeira vez na história.

Nunca na história se dedicou uma emissora e uma organização exclusivamente a utilizar este precioso dom de Deus para chegar até as mais afastadas casinhas dos camponeses com um programa especialmente dedicado a seu melhoramento espiritual e material. Cabe à Igreja Católica da Colômbia e a seus sacerdotes esta honra e a vocês, queridíssimos Auxiliares, o ser não simplesmente a chave do sucesso das Escolas Radiofônicas, senão a invenção das mesmas (SALCEDO, 1955, p. 10).

Este texto foi escrito oito anos após de a Rádio Sutatenza apresentar a novidade e a originalidade do projeto de comunicação educativa de Salcedo. Com efeito, para o fundador da Rádio Sutatenza, a questão da comunicação radiofônica, da comunicação midiática, não é simplesmente produzir e transmitir programas. É preciso estudar a recepção. E deste estudo da recepção nascerá a ideia e a prática das Escolas Radiofônicas da *Audição organizada*.

Mas, é importante deixar claro que, já desde começos da Rádio Sutatenza, se manejavam esses três conceitos: “radiodifusão”, “radiorrecepção” e “audição organizada”. Nesse sentido, vejam-se duas obras significativas sobre as Escolas Radiofônicas, escritas nos começos da experiência: a de Alejandro Rodríguez (1950) e a de Álvaro Sánchez (1951). Para eles, esses conceitos são elementos constitutivos e o diferencial da “Escola Radiofônica” projetada por Salcedo.

Em meados de 1950, em um encontro na Espanha, Salcedo lembra que as Escolas radiofônicas de Sutatenza foram pioneiras na proposta da radiorrecepção. Nem a BBC de Londres que vem há 34 anos utilizando o rádio de forma sistemática e técnica para educar, distrair e informar, nem a radiodifusão canadense, nem a holandesa que é muito boa, nem muitos outros países onde se fazem ensaios, não se interessaram pela parte didática. A tarefa era de simples radiodifusão, não existia a preocupação pela recepção. Salcedo deixa claro que a “Escola Radiofônica se preocupa tanto com a radiodifusão quanto com a radiorrecepção:

organiza, vigia e prepara a radiodifusão; organiza, vigia e prepara a radiorrecepção, esta é a diferença fundamental com relação aos sistemas anteriores usados” (SALCEDO apud CASTRO VILLARRAGA, 2005, p. 30).

Alejandro Rodríguez (1950) enfatiza que um dos elementos característicos da obra de Salcedo é a *Audição organizada*. Ele percebe que muitos dos programas culturais radiodifundidos se tornam inoperantes porque, uma vez transmitidos, carecem de qualquer forma de seguimento. Na “audição organizada” Salcedo encontra uma forma de fazer germinar o projeto, de seguir atentamente o que tem semeado.

A *Audição organizada* pode considerar-se, usando uma expressão filosófica, como a diferença específica das Escolas Radiofônicas. Como conseguiu Salcedo esta audição organizada? O ponto de partida está no caráter apostólico -apostolado social cristão- da obra; em segundo lugar, *autonomia*. Isto é, não deve ter sua subsistência pendente da vontade de nenhum sujeito em particular; em terceiro lugar, o *receptor* é um aparelho acionado por uma pilha ou bateria elétrica (drycell). “Acción Cultural Popular” iniciou a importação de receptores com destino às Escolas Radiofônicas a um custo mínimo e procurando uma excelente qualidade; em quarto lugar, *sintonia sincronizada*.

Os receptores estão adaptados em forma que só captam as estações que transmitem os programas das Escolas Radiofônicas, em onda longa e em onda curta segundo o caso. Só desta maneira pode lograr-se que na totalidade das Escolas se aproveite o receptor integralmente para a campanha cultural. Sem isso, existiria a probabilidade de uma verdadeira anarquia no uso dos aparelhos, sobre os quais a Acción Cultural Popular, em sua qualidade de importador excepcional, e as juntas seccionais filiais da mesma ou as organizações locais como proprietárias ou diretoras imediatas, devem ter um perfeito domínio, um absoluto controle (RODRÍGUEZ, 1950, p. 33-37).

Dito isto, Alejandro fala dos auxiliares imediatos. Neles reside a responsabilidade no funcionamento da escola e são a autoridade suficiente para a direção da mesma. O ofício de *Auxiliar Imediato* exerce-se sobre a base de um espírito de apostolado. O *auxiliar imediato* é, pois, antes de tudo, um apóstolo da cultura camponesa. “Tem-se determinado o envio a cada auxiliar de boletins antecipados que contenham os programas que depois serão transmitidos” (RODRÍGUEZ, 1950, p. 37-38).

O fundador da Rádio Sutatenza pensou desde bem cedo num *sistema combinado de meios*. Salcedo, desde os tempos de Seminário, empregou diversos meios de comunicação nas atividades catequéticas e pastorais: cinema, jornal, fotografia, rádio. Desde então ele percebeu que os meios têm especificidades próprias, possibilidades e limitações. Daí que em sua experiência de educação radiofônica ele confirma que o meio auditivo precisa do meio visual e de contatos interpessoais para viabilizar o projeto. Assim, se age em função do “princípio pedagógico de que se capta e se fixa muito melhor um conhecimento se se faz participar o maior número de sentidos no processo ensino-aprendizagem” (MARTÍNEZ, 1978, p. 39).

De outra parte, a adoção de um sistema combinado de meios, ou de um sistema multimídia, nasce das exigências dos ouvintes. Assim, progressivamente se vai constituindo todo um sistema interdependente de meios audiovisuais (rádio, impressos, cartazes, cartilhas, o periódico *El campesino*, os livros da ‘biblioteca do camponês’) e de contatos pessoais (auxiliares imediatos, líderes e dirigentes camponeses).

Além da necessidade de atender às exigências dos ouvintes, Salcedo tem a preocupação de oferecer uma proposta global aos novos desafios e lança um projeto de alfabetização:

O caso é muito claro: em vão faríamos alfabetização de milhares e milhares de camponeses, se não puséssemos nas suas mãos depois algo que ler, com o perigo de que outros aproveitassem os conhecimentos adquiridos graças à emissora. Para isso se sugeriu uma forma prática de comercialização: ‘entregá-los ao preço de um ovo’, isto é, pelo sistema de troca, que não impõe ao camponês desfazer-se da moeda senão de um artigo de não difícil produção em sua própria casa (SALCEDO, 1956, p. 25).

Assim, nasceram em 1954 os cartazes, em 1955 uma primeira proposta de cartilha, em 1958 o jornal *El Campesino* e por essa mesma época a “Biblioteca del Campesino”.

O semanário *El Campesino*, com uma tiragem de 20.000 exemplares inicialmente, chegou com o tempo a uma tiragem de 120.000 exemplares e calculou-se que cada exemplar era lido mais ou menos por cinco pessoas, ou seja, uma circulação total de mais de meio milhão, caso sem precedentes no jornalismo de tipo rural (ZALAMEA, 1994, p. 141).

Para promover a comunicação interpessoal, os contatos diretos, se criaram os “Institutos Campesinos” (dois em Sutatenza, Boyacá, para homens e mulheres, e um para homens em Caldas, Antioquia, fundados em 1954, 1955 e 1962, respectivamente) para preparar líderes, auxiliares imediatos e dirigentes camponeses, para serem coordenadores e promotores do desenvolvimento da população dos setores rurais.

Outro meio de ação que a Rádio Sutatenza criou desde um começo foi a correspondência, as cartas, enviadas pelos camponeses e respondidas em sua totalidade pela instituição. Tais cartas dos camponeses serviam para detectar novas necessidades, reajustar planos e estratégias de ação.

Três aspectos justificam este sistema (MARTÍNEZ, 1978) de Acción Cultural Popular (ACPO): todos estão coordenados interdependentemente e cada um cumpre suas funções reforçando ou completando a ação dos outros; estão organizados de tal maneira que cada um faz uma parte do processo: a rádio difunde a mensagem e remete às cartilhas, à biblioteca e ao jornal; o jornal completa os temas centrais da mensagem radiofônica; o auxiliar interpreta, esclarece e orienta, os líderes e dirigentes promovem a mudança e a organização das famílias e das comunidades. Finalmente, para conhecer os resultados do sistema.

Concluindo, Salcedo não utiliza só o rádio para levar educação fundamental integral ao camponês. Ele é o meio básico, mas é completado e apoiado por meios escritos e visuais e pela comunicação interpessoal, através dos auxiliares Imediatos, os líderes, os dirigentes camponeses e supervisores. Todo esse sistema interdependente foi articulado de tal maneira que existisse coordenação e cooperação recíproca.

Salcedo promoveu a capacitação profissional do pessoal que trabalhava na instituição. Foi sempre ideia dele *trabajar com pessoal competente*. Assim, muitos tiveram a oportunidade de estudar nos Estados Unidos e Europa. Técnicos da Rádio Sutatenza se especializaram na Alemanha, para desenvolver com competência seu trabalho. Na junta Diretiva da instituição participaram, entre outros, um ex-presidente (Misael Pastrana Borrero) e um candidato presidencial (Luis Carlos Galán Sarmiento).

Entre seus colaboradores se encontravam Camilo Torres (sociólogo, precursor da Teologia da Libertação, lembrado como o “cura guerrillero”), François Houtart (sociólogo,

um dos membros mais ativos do Fórum Social Mundial. Atualmente, está muito empenhado na globalização e no discurso ético). Escreveu com o padre Gustavo Pérez, também sociólogo, o livro azul da Rádio Sutatenza – ACPO sobre “Sus principios y medios de Acción -Considerações Teológicas e Sociológicas” em 1960) Alejandro Rodríguez (Produtor de Rádio, Diretor da Rádio Sutatenza e de Rádio Belencito), José Ramón Sabogal (Diretor das Escolas Radiofônicas, Sub-diretor de ACPO e Produtor de Programas da rádio Sutatenza), Darío Castrillón (Cardeal, no Vaticano, Prefeito para a Congregação do Clero de 1998-2006) etc.

Ensinar mídia significou na práxis de Sutatenza capacitar pessoal mediante a realização de cursos, assessorias, a criação de organismos de formação como a Confederação Latino –americana de Educação Fundamental Integral, o Instituto de Comunicação de Massas e OSAL (Oficina de Serviços para América Latina), para formar quadros dirigentes capacitados (radiotécnicos, redatores, pedagogos, e outros especialistas na ideologia e metodologia da educação popular); para sistematizar experiências e coordenar esforços.

Apresentamos alguns elementos do pensamento e prática estratégica de Salcedo. A nosso modo de ver merece destacar-se o planejamento e a coordenação, a ideia-chave, dentro de um contexto de desenvolvimento, de sua proposta de desenvolvimento do potencial humano, no contexto de intrigas e marcada sensibilidade política como a colombiana, sua visão apolítica (mais exatamente, não partidária), estabelecer uma ampla rede de amizades para conseguir apoio econômico para seu ideal e a utilização do imaginário religioso camponês para ganhar a confiança e a adesão dos camponeses para abrir-se a processos de mudança individual e social.

Planejar, organizar, coordenar, a obra, para que seja mais eficiente. Com o objetivo de avaliar suas realizações, assinalar prioridades à instituição; informar sobre seus acontecimentos, personagens, preocupações e planos de futuro e criar mística de trabalho, Salcedo estabelece a estratégia de produzir e enviar a seus colaboradores uma mensagem da direção geral (1956-1986).

As contas levaram-se muito claramente desde quando os camponeses de Sutatenza faziam contribuições em centavos ou em espécies, fosse uma galinha, um terneiro ou umas madeiras. E assim foi sempre até que nos anos setentas ACPO chegou a ter

perto de 1250 funcionários (ZALAMEA, 1994, p. 151-2).

Salcedo sublinha que sua arte é *coordenar*. Este papel de coordenador o levou a delegar funções. Segundo ele, delegar implica exigir. E agrega:

Na Colômbia diziam que ‘eu secava um mamão (papayo) na metade do rio’. Fui, sou e seguirei sendo exigente porque um dos grandes problemas da América Latina é que os latinos, no geral, escutam por um ouvido e sai pelo outro. Em outras palavras, não sabem cumprir o que agora chamam seguimento o *follow-up* em inglês. E por esta razão montei dentro da ACPO um comitê do que tinham muito medo e que chamavam o *Comitê de hurgamientos* (ZALAMEA, 1994, p. 163).

Salcedo tinha uma programação minuciosa de seu tempo e era apreciável sua pontualidade *cronométrica* no cumprir seus compromissos. Ele era um planejador extraordinário (ZALAMEA, 1994). Outra das ideias estruturais de Salcedo é a de “organização”. Para Salcedo a organização é a primeira responsabilidade de um diretor:

É preciso que aqueles que ocupam postos de responsabilidade na instituição, de direção e de mando, tenham em conta que sua primeira tarefa e a mais importante é a de organizar o trabalho de seus subalternos, ditar ordens exatas, pedir realizações precisas aos demais e vigiar o cumprimento de suas instruções. Condição fundamental de um dirigente é a de fazer “fazer” (SALCEDO, 1956, p. 6).

Entre as funções do Diretor Geral, sublinha Salcedo, está a de dedicar “o maior tempo possível ao planejamento e estudo dos problemas fundamentais da instituição, deixando nas mãos dos chefes da instituição a solução dos problemas próprios de cada uma de suas dependências” (SALCEDO, 1960, p. 9). Pela sua capacidade de planejamento, coordenação e sensibilidade social, Salcedo é definido pelo ex-presidente Misael Pastrana Borrero de *Empresário social* (SALAS SALCEDO, 1995).

A organização é a base principal das Escolas Radiofônicas:

A utilização do rádio para educar ao povo nos ensinou que aquela Escola Radiofônica que está BEM ORGANIZADA dá frutos e é um serviço maravilhoso para o camponês, mas aquela outra escola que não está bem organizada, passado o momento da curiosidade, da novidade, não é mais do que um simples receptor,

sujeito a todos os perigos da inconstância (SALCEDO, 1954, p. 10).

Através da organização, Salcedo pensa na constituição do que ele chama de *patrimônio cultural*. Mediante livros especiais e aproveitando os dados que proporciona a Seção de Estatística, ele quer que se leve informação de tudo. Por exemplo, informações dos envios de material às paróquias e Escolas Radiofônicas e as atividades dos párocos. Segundo Salcedo, “não seria justo para a história de “Acción Cultural Popular” que se descuidasse este aspecto de reduzir a cifras tudo o que o clero e os camponeses, e a própria instituição leva a cabo para acrescentar o patrimônio cultural do povo” (SALCEDO, 1956, p. 12).

O *desenvolvimento do potencial humano* foi um dos objetivos centrais de Salcedo. Com efeito, ele tem uma preocupação antropológica intensa pelo “homem, o homem mesmo” (RODRÍGUEZ, 1967, p. 31) como sujeito do desenvolvimento e não o objeto do mesmo. Essa é a essência da instituição que “24 horas por dia pensa que é o homem mesmo o sujeito de seu desenvolvimento, e não o objeto. Todas as demais temáticas, Aliança para o progresso, corpos de paz etc. está dirigido ao homem objeto” (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 31).

Para a Rádio Sutatenza, para seu fundador, a leitura da realidade do camponês o leva a entender o homem como um ser necessitado e a educação como o meio para suprir tais necessidades. Não é a economia de um país que é subdesenvolvida, mas a mente do homem, o homem mesmo, quem está subdesenvolvido, costumava dizer Salcedo.

McLuhan dizia que “o meio é a mensagem”. Para a Rádio Sutatenza “o meio é o remédio”, para curar a doença do subdesenvolvimento mental, da escravidão da ignorância. “Não é função de Acción Cultural Popular fornecer ferramentas, objetos materiais ou créditos. Trata-se de dar-lhes ideias para que as ponham em obras” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1969, p. 9-12.15)

Salcedo entende que o desenvolvimento não pode ser em curto prazo; que o povo em seu estado atual de atraso não pode participar eficientemente na produção e no consumo; que o desenvolvimento, qualquer que seja a fórmula que se escolha para alcançá-lo, requer uma participação popular ativa e permanente. Que não pode seguir o caminho exagerado da paternidade irresponsável. Essas verdades devem ser ditas com clareza ao povo.

De minha parte, diz Salcedo, com a perspectiva dos anos, tive como princípio que o desenvolvimento humano não pode ter sobrenome nem proprietário. Dizer isto em 1993, depois da *Perestroika*, não tem problema. Mas nos anos cinquenta e sessenta provocava batalhas. Para travá-las tive que ir aos parlamentos da Holanda e da Alemanha Ocidental a fim de expor e defender minhas ideias ‘conservadoras e retrógradas de inimigo da revolução popular’ segundo meus adversários, muitos deles sociólogos formados em Lovaina (ZALAMEA, 1994, p. 200).

Para Salcedo, o povo deve saber que precisa conhecer e defender os recursos naturais para que as novas gerações tenham futuro; que a terra e seus bens são de todos; que a Colômbia é atualmente pobre em recursos de produção e a fórmula não é repartir o pouco que há, senão trabalhar com maior eficácia; que não se pode viver alimentando esperanças em jogos de azar.

A Rádio Sutatenza-ACPO propõe a participação do povo como *a solução das soluções*. Mas, para que essa solução seja possível, havia, primeiro que capacitar às grandes massas. Ou seja, o que já começava a chamar-se como o “desenvolvimento do potencial humano” [...] (ZALAMEA, 1994, p. 219-220).

Assim, Salcedo e sua equipe chegam a propor um plano de *desenvolvimento do potencial humano*. Esta é a visão desenvolvimentista de Salcedo. Para ele, a preocupação dos países desenvolvidos e dos governos terceiro-mundistas é pelo desenvolvimento econômico, desenvolvimento técnico, de infraestrutura. Fala-se de todos os desenvolvimentos, diz Salcedo, e se deixa fora o desenvolvimento fundamental: o do potencial humano. Isto é, o de capacitar as pessoas para que sejam capazes de transformar-se e transformar a realidade.

Quando a gente se capacita, adquire confiança em si mesmo, impõe seus pontos de vista, consegue uma relação de igualdade, se enche de um orgulho, e deixa-se de ser objeto de dominação [...]. Um processo de capacitação massiva é uma força anti-sistema que opera dentro do sistema. ‘A educação nos faz livres’ é outro *slogan* de ACPO (MUSTO, 1971, p. 22).

Este plano de desenvolvimento humano abarca os diferentes setores sociais: desde os profissionais até os adultos sem nenhuma formação. Este tipo de desenvolvimento educativo, afirma Salcedo, supera a capacidade dos sistemas atuais. “É aí onde adquirem importância os sistemas não formais de educação e o uso dos meios de comunicação de massas” (SALCEDO et al., 1990, p. 197).

As estratégias que Salcedo e seus colaboradores (1990) sugerem para implementar o plano de desenvolvimento humano são: *mobilização nacional* (participação ativa e solidária da comunidade nacional, de forma individual, institucional ou grupal); *conjunção de esforços* (Estado, empresa, comunidade, mediante a participação, coordenação e cooperação interinstitucional); a *setorização* (em correspondência com a demanda de educação dos setores mais diversos da população); *flexibilidade, economia e ampla utilização dos recursos existentes* (flexibilidade quanto aos meios e tecnologias educativas, duração das atividades de aprendizagem, adaptação das experiências às necessidades dos usuários, diversidade de horários e de lugares de aprendizagem. Os custos de operação por usuário tenderão a ser baixos).

Para o eficiente funcionamento do plano, é preciso pôr em marcha dois mecanismos operativos: a *comunicação educativa* e a *capacitação dos agentes educativos*.

A comunicação educativa se refere basicamente à utilização dos meios massivos de comunicação, à utilização de tecnologias educativas e ao estabelecimento de sistemas multimídia, que permitem chegar com a mensagem educativa a todos os grupos, a todos os setores e a todas as regiões (SALCEDO et al., 1990, p. 201).

Quando a mídia motiva as populações para atingir metas sociais e cria pautas de comportamento, então está cumprindo com sua tarefa de educação não-formal. Por meios Salcedo (1990) entende não só os tradicionais (rádio, televisão, imprensa, cinema), senão as novas tecnologias e outra série de instituições sociais, que se constituem em ferramenta educativa e de difusão do conhecimento, como as bibliotecas públicas, as casas da cultura, os grupos de dança, teatro e folclore, os grupos musicais, as bandas de música etc.

Esses meios exercem influência sobre o indivíduo em relação à sua maneira de ver e interpretar o mundo, nos fenômenos que nele ocorrem. Eles incidem na estruturação de esquemas mentais e na conformação da consciência social, pensa Salcedo (1990).

A capacitação dos agentes educativos vai desde o treinamento de líderes comunitários, educadores e mestres, administradores, até pessoal de alto nível: executivos, diretores, planejadores, até cientistas e intelectuais.

Os conteúdos e programas devem adequar-se às condições específicas de cada país, de cada região ou de cada lugar. Algumas prioridades temáticas que sugerem as lógicas de produção (SALCEDO et al., 1990), com suas correspondentes motivações, justificativas, finalidade e metodologia, são, em sua ordem: programas específicos para a família, a mulher e as crianças; programas orientados para a produtividade e o trabalho; programas orientados para a educação cidadã; programas ecológicos para a defesa do ambiente e a recuperação dos recursos naturais renováveis; programas orientados para a saúde, higiene, nutrição, e prevenção das doenças.

Salcedo e seus colaboradores insistem em que um plano de desenvolvimento humano, aqui exemplificado, é apenas um guia para adaptar e criar novas ações, segundo as necessidades próprias de cada país e lugar. Salcedo considera que enquanto a América Latina não assinala uma real prioridade ao desenvolvimento do potencial humano, em uma forma ampla, permanente e generalizada para toda a população, a possibilidade de conseguir melhores condições de vida será ainda mais remota.

A *visão apolítica (não-partidária)* de Salcedo é estratégica num país caracterizado e polarizado pela figura de dois partidos políticos que disputavam a hegemonia da nação: o partido liberal e o partido conservador. De sua família aprendeu, em política, que no centro está o equilíbrio. Daí sua posição de não identificar-se politicamente com nenhum dos partidos políticos da Colômbia. Foi esse equilíbrio, herdado principalmente de sua mãe, que contribuiu para forjar o espírito apartidário que “tornou possível sua ingente obra educativa” (ZALAMEA, 1994, p. 42).

Nesse sentido, Salcedo “conseguiu manter a organização às margens da politicagem num país tão politizado como a Colômbia” (ZALAMEA, 1994, p. 26). Sua posição não partidária ajudou-o nesse sentido.

Salcedo conhecia o funcionamento da política colombiana; portanto, sabia como chegar diretamente a ministros, altos funcionários e embaixadores de outros países para propor-lhes suas necessidades e projetos, de tal forma que se solidarizassem com ele.

Em termos gerais, o fundador da Rádio Sutatenza, com sua estratégia apartidária, soube dar-se muito bem com os políticos da Colômbia. Ele conseguiu ajudas enormes para

manter e desenvolver sua obra. Desde a ditadura de Gustavo Rojas Pinilla (1953-1957) e a Frente Nacional (acordo dos partidos majoritários, Liberal e Conservador, que permitiu que eles se alternassem no poder durante 16 anos, 1958-1974, iniciando o partido Liberal. Esta foi uma estratégia política para superar a violência no país). Depois, o governo de Alfonso López Michelsen (1974-1978), foi-lhe antagônico, como já comentamos. Os governos de Julio César Turbay (1978-1982), Belisário Betancur (1982-1986) e Virgilio Barco Vargas (1986-1990), trataram de ajudar Salcedo e realizaram diferentes atividades e acordos em tal sentido, mas não foi fácil e tiveram de enfrentar diversos empecilhos e a burocracia política supremamente pesada.

Como bem retrata Zalamea (1994, p. 210), é provável que mais de um político estivesse à espreita para dar o golpe numa entidade tão influente como a ACPO e num “personagem com fama de ditador soberbo”¹¹, como monsenhor Salcedo. Essas ocasiões aumentariam na medida em que a ACPO atuava em campos cada vez mais delicados e polêmicos, como sucederia mais tarde com a “procriação responsável”.

Uma crítica à posição apolítica de Salcedo foi evidenciada na proposta de uma nova programação da Rádio Sutatenza elaborada por Ozaeta (1968). Ele fala da “política de uma instituição às margens da política”. Lembra que em diversas ocasiões se analisou na ACPO o tema da absoluta exclusão dos temas de política de partido até nos informativos das emissoras. E concorda em que, por razão de seus estatutos e de sua definição como “Obra da

¹¹ Uma das críticas mais fortes contra Salcedo era por causa de seu caráter. E foi Luis Alejandro Salas uma das poucas pessoas que lhe falou abertamente e se opôs a certas ideias e iniciativas suas. O médico Salas colaborou com a Rádio Sutatenza desde seus começos até seu fechamento. Inclusive a mensagem do fechamento, em 17 de fevereiro de 1989, foi apresentada por ele. Salcedo ocupava-se na obra com a grande estratégia, lineamentos fundamentais e normas básicas de Ação Cultural Popular. Os detalhes os conhecia Salas. (ZALAMEA, 1994, p. 78).

Salas não poupou críticas a Salcedo sobretudo naqueles traços mais irritantes de seu caráter: “Salcedo sempre teve poder e, portanto, manejou as coisas segundo a sua vontade. Toda a vida foi um condutor. Ele sempre foi um piloto. Ele não foi co-piloto. Dizem que primeiro deve-se aprender a obedecer para poder mandar, e eu acredito que ele nasceu mandando. Mandava na sua mãe (que também era mandona) e mandava no pai desde quando ele era pequeno. E segue mandando. Durante o resto de sua vida vai estar dispendo dos demais. Com imenso respeito, consideração e tudo o que ele diz com sua famosa lógica, mas sem ceder em seu papel de coronel (mandamás). Um ditador que diz sempre ter a razão. Porque é difícil estabelecer com ele uma discussão, uma dialética, já que ele tem sempre a razão. E é que ele leva as coisas ao moinho muito moído. Dentro do seio familiar, sua condição de ser primeiro seminarista, depois clérigo e eventualmente Monsenhor o dotou de um poder extraordinário. Por exemplo, dona Eva Maria o suportava e o secundava em suas “chifladuras” porque via nele um enviado de Deus, um ser consagrado, diante de cuja dignidade cedia seus próprios pensamentos e desejos. Entende-se que no espiritual e moral, porque em todo o prático ela era quem mandava e quem disponha e quem ordenava as coisas” (ZALAMEA, 1994, p.78).

Apreciações muito duras, em todo caso sinceras. E necessárias para recompor o quebra-cabeças do caráter e personalidade de José Joaquín Salcedo Guarim.

Igreja” a instituição não pode participar das discrepâncias entre liberais e conservadores; nem deve informar sobre temas de política de partidos que não sejam fatos, senão conjecturas. Mas argumenta:

Não obstante, para viver a atualidade e educar com sentido cristão e patriótico aos colombianos que descrevemos como receptores de nossa mensagem, temos que intervir na educação das mentes e teremos que participar na formação da opinião pública sobre temas tais como: política educativa, política econômica; política social, temas de política familiar; nova legislação, programas de governo que afetam o desenvolvimento do país; aplicações de leis ou regulamentos (a favor ou contra), de acordo com os interesses do bem comum [...] Se necessário, devem-se contratar pensadores ou libretistas para cumprir com esta tarefa, para ser atuais, autênticos e servidores do país (OZAETA, 1968, p. 5).

A pesquisa de Musto (1971), nesse sentido, parece ir na mesma direção ao questionar a atitude política descomprometida de Salcedo: “A política a deixamos aos partidos”, afirma Salcedo, e conclui Musto: “Parece duvidoso que uma organização que aspira a mobilizar às massas possa manter-se totalmente alheia à luta política” (MUSTO, 1971, p. 129).

Salcedo construiu uma *rede de relações de amizade com pessoas de poder*. Ele sabia que a constituição de um sistema de meios de comunicação para a educação da população camponesa era uma tarefa complexa com permanentes implicações em diversos setores e níveis: político, tecnológico, socioeconômico, religioso e cultural. E uma rede significativa de personagens influentes, amigos, iria ser fundamental. Tinha um carisma especial para fazer amizades e para convencer das bondades de sua obra de comunicação educativa. Inicialmente foram algumas figuras eclesiásticas. A primeira delas, e sem a qual não teria iniciado sua obra, foi a de o Bispo de Tunja, Crisanto Luque. Já vimos, no transcurso desta biografia midiática, como ele manteve Salcedo no Seminário, apesar de ser expulso em quatro ocasiões. Luque acreditou e apoiou decididamente a obra social de Salcedo; ele entendeu a importância do rádio, e da mídia em geral, para educar o povo camponês. Por essa razão Luque, foi proclamado Patrono da Obra de ‘Ação Cultural Popular’.

Alguns anos depois de iniciadas as Escolas Radiofônicas, Luque foi designado Cardeal Primaz da Colômbia, em 12 de janeiro de 1953. Naquela época era presidente da Colômbia o General Gustavo Rojas Pinilla, grande amigo de Salcedo desde seus tempos de seminarista, quando o então coronel Rojas dirigia o Batalhão de Tunja. Portanto, Salcedo tinha naquela

época o apoio das duas autoridades mais importantes da nação: a do presidente e a do Cardeal Primaz. O apoio de Rojas Pinilla serviu para concretizar vários projetos em 1954:

A organização do Instituto de líderes camponeses homens em Sutatenza, elemento chave para executar o conceito da ACPO de educação integral para a vida; a compra de 10.000 receptores adicionais de rádio; a iniciação da assistência técnica da UNESCO, em matéria de elaboração de cartilhas e textos ilustrados; a montagem da rádio Belencito nessa população de Boyacá, com um transmissor para a frequência de 1.150 quilociclos; um decreto-lei para estimular a criação de escolas radiofônicas nas propriedades rurais privadas; e facilidades de importação para a editora de grande porte com que a ACPO pretendia apoiar as operações radiofônicas (ZALAMEA, 1994, p. 135-136).

Em novembro de 1954, Rojas Pinilla visitou Sutatenza, nas vésperas da primeira campanha de alfabetização da Rádio Sutatenza, e obteve a assinatura de um contrato para a compra de 30.000 receptores. Interessante anotar que Rojas Pinilla ofereceu várias vezes a Salcedo o Ministério de Educação.

Desde então, soube manter amizade com os presidentes da Colômbia: Alberto Lleras Camargo, Guillermo Leon Valencia, Carlos Lleras Restrepo, Misael Pastrana Borrero, Julio César Turbay, Belisario Betancur e Virgilio Barco.

Em 1950, numa viagem à Alemanha, Salcedo se fez amigo do Cardeal Frinze, de Colônia. E através dele conheceu o chanceler alemão Konrad Adenauer. Graças a estas amizades, houve nos círculos da Igreja e do Governo alemão muita confiança na obra de Salcedo quando se fundaram posteriormente instituições como Misereor, Adveniat e Zentralstele. Esta ajuda ascendeu a 1 milhão de marcos com etapas em que foi maior.

Não podendo assistir às corridas de touros em Bogotá, por explícita proibição do Cardeal Luque, na década de 1950, cada vez que o percurso o permitia, fazia escala no México para desfrutar de uma ou duas corridas. Sendo amigo do cardeal primaz do México, era convidado por este para almoçar e depois o enviava em seu automóvel à Praça Monumental a assistir a alguma programação interessante. Num desses almoços, por coincidência, teve que sentar-se ao lado de Mario Moreno. Até esse momento Salcedo não sabia que Cantinflas se chamava Mario Moreno. Mas o cardeal lhe tinha perguntado se gostava dos filmes de Cantinflas, ao que Salcedo tinha respondido que gostava muito e eram

parte do material que costumava apresentar nos povoados e depois em Sutatenza. A Mario Moreno o Cardeal tinha falado da importante obra de alfabetização de Salcedo, de tal forma que durante o almoço os recém-conhecidos falaram sobre o tema. Relata Salcedo:

Disse a Mario que seus filmes estavam muito perto do povo porque o faziam rir muito, que nesse sentido ele era um verdadeiro líder e que, diante da necessidade de motivar o povo para que se alfabetizasse, seria maravilhoso que fizesse um filme que contribuísse para uma maior alfabetização. Mario, com sua grande agilidade mental, consentiu em fazê-lo e numa entrevista posterior inclusive lhe deu o título de *El Analfabeta*. Pouco depois estive dois dias em Bogotá e visitei os estúdios de Rádio Sutatenza e fiquei entusiasmado com a obra de alfabetização e educação que realizava. E aproveitamos a ocasião para projetar o roteiro do filme *El Analfabeta* (ZALAMEA, 1994, p. 145).

No filme, Cantinflas fazia de analfabeto e entre piada e piada desafiava o povo a sair da ignorância para superar-se e desempenhar melhores empregos e maiores salários. O apoio de uma personagem tão popular como Cantinflas contribuiu, sem dúvida, para fomentar os programas de alfabetização na América Latina.

Na Venezuela, Salcedo criou laços de amizade com o mais seletos da classe dirigente desse país. Começando com Rômulo Betancur que foi eleito presidente da Venezuela em 1959. Ele apresentou a Salcedo algumas de suas amizades, em sua ordem: Diego Cisneros, Nicomedes Zuloaga, Eugênio Mendoza. E eles por sua vez apresentaram outras que terminaram ajudando Salcedo de diversas formas em sua obra e a fundar no fim da década dos anos 70 a consultora MEDCON (Meios & Conteúdos) para assessorar projetos de comunicação educativa na América Latina.

Graças a essa rede significativa de amizades, entre outras, Salcedo conseguiu sustentar sua obra, aperfeiçoá-la teórica e praticamente, fazê-la conhecida e que fosse adaptada em outros países. Além de que a obra em si mesma se autopromovia.

Na biografia jornalística de Salcedo (ZALAMEA, 1994, p. 165-166), se encontra sintetizado um conjunto de normas e estratégias que ele dá a quem deseja iniciar um empreendimento: 1. Saber com clareza o objetivo; 2. Estudar, aprofundar e cobrir-se de razão sobre a importância do objetivo; 3. Resolver com serenidade a que se entrega a vida; se a uma profissão lucrativa, os negócios, a família, a política etc. E, na execução de tudo projeto

Salcedo recomenda: saber com clareza que sem recursos não se pode realizar nenhuma obra nem ter sucesso; buscar esses recursos por todos os meios éticos e administrá-los com eficiência; e delegar e controlar. Essas são algumas das estratégias utilizadas por Salcedo para levar à frente sua obra, que, em meu parecer, vale a pena destacar para compreender seu projeto.

Concluindo, Salcedo criou-se cheirando o mundo rural: camponeses, lavouras, cavalos e bois; percorrendo caminhos no setor rural e praças de mercado no setor urbano; olhando histórias duras da vida camponesa de uma Colômbia agrícola; escutando o trinar das aves e das chicharras, os latidos dos cachorros e os barulhos dos porcos; comendo arepas e almojábanas¹², aipim, batata, ovos, galinhas e ervilha. Como homem midiático, faz parte de sua história o telégrafo, o rádio, o cinema e a imprensa. Suas breves conversas com os camponeses. Fundador de jornais, produtor e difusor de filmes, fotógrafo, com responsabilidade educativa, admirador do telégrafo, do rádio.

Avaliando sua obra, 18 anos depois, Salcedo compartilhará a ideia de que sua obra não se justifica historicamente, por aplicar umas técnicas, organizar umas escolas ou ter um edifício. O que se tentou fazer foi uma coisa: “Convencer a uma boa quantidade de camponeses de que são capazes, são susceptíveis de educação, de melhoramento, e a uma boa parte da classe dirigente de que os camponeses são também animais (sic) capazes de ser educados” (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 31-2).

José Joaquín Salcedo sabia que sua obra seria pesquisada e avaliada. E ele não esperava que fosse um elogio da instituição. Ele desejava que a divulgação dessa ideia, dessa inquietação, fosse para um país de tantas “tragédias” um “argumento apologético” (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 26). É por esta razão, também, que para Salcedo foi arrasador e radicalmente frustrante a maneira como se desmoronou sua empresa, sua ideia, seu sonho e as esperanças de tantos camponeses da Colômbia.

As condições de produção, o contexto da realidade colombiana, incidem nas características próprias dos processos de interação midiática, diferida e difusa. Portanto, é preciso ter em conta que a Colômbia é um país com uma forte experiência de violência

¹² Assadas no forno, como o pão, ou sobre uma pedra plana esquentada pelo fogo, as arepas e almojábanas, são feitas com farinha de milho e queijo.

política, de desigualdades sociais na distribuição da renda, de acesso restrito e seletivo à educação, saúde etc., particularmente sentida pela população rural; que a rádio Sutatenza viveu em condições de dependência econômica do Estado e de entidades privadas para manter-se funcionando e para atingir seus objetivos, devido a que jamais conseguiu sua auto-sustentação; a situação cultural do camponês colombiano fortemente marcado pela trajetória histórica, pelas condições de incomunicação, esquecimento e desprezo em que viveu; e à estrutura eclesiástica fortemente ancorada no princípio de autoridade, com tendência conservadora, metodologicamente pouco aberta ao diálogo, à participação do laicato, com uma visão de cristandade.

O pensamento comunicacional e estratégico de Salcedo, vivenciado na prática da Rádio Sutatenza – Escolas Radiofônicas, e que lhe mereceu diversas distinções internacionais¹³, constitui um patrimônio cultural da Colômbia e da América Latina, disponível para o debate; num esforço, contraditório (com forças a favor e contra, responsáveis de seu nascimento e morte), da Igreja Católica de ação social, de “opção pelos pobres”, e pelos marginalizados; de um desafio para estudar as causas da pobreza de nossos povos e da alternativa que, com ajuda da mídia, se pode implementar para modificar radicalmente essa situação. Salcedo acreditou que a “comunicação educativa” era o caminho para essa subversão da realidade.

¹³ Algumas das *distinções*. Em 1964, o Diretor Geral de ACPO-Rádio Sutatenza preside o ‘Comitê Assessor da Campanha Mundial de Alfabetização’ em Paris, criado pela UNESCO; em fevereiro de 1964, a Rádio Sutatenza foi premiada na Espanha como a melhor emissora cultural da América e em junho a Universidade de Fordham fez público reconhecimento do mérito da ACPO e suas emissoras; em 1966 a Sociedade Internacional de Profissionais de Rádio e Televisão, com sede na Holanda, nomeia Salcedo como membro executivo (MUSTO, 1971, p. 152); conselheiro pessoal do ex-presidente Carlos Lleras Restrepo (MUSTO, 1971, p. 146); em julho de 1973, a Universidade Internacional da Flórida lhe conferiu o doctorado *honoris causa* em humanidades. Outros reconhecimentos que recebeu Sutatenza está o prêmio internacional de jornalismo “Maria Moors Cabot”, entregue pela Universidade de Colúmbia, de New York, em 1968, e o galardão da UNESCO Mohammad Reza Pahlavi, como entidade alfabetizadora mundialmente conhecida; na décima sexta conferência geral da UNESCO, reunida em Paris, se outorgou o prêmio de Alfabetização 1970 a Rádio Sutatenza em reconhecimento às campanhas desenvolvidas em todo o território nacional: “Este novo prêmio que se lhe concede a Rádio Sutatenza, com sobrada justiça, deve servir para estimular ainda mais sua tarefa cultural” (PREMIO, 1970). O governo colombiano através de seu presidente Misael Pastrana Borrero, nos 25 Anos da Rádio Sutatenza, lhe outorgou a Cruz de Prata da Ordem de Boyacá. Declarou o presidente no discurso alusivo que pronunciou em Sutatenza diante uma enorme concentração de camponeses: “Hoje trago um encargo não do Governo, senão da nação toda, que é entregar-lhe a Cruz de Boyacá à bandeira de ACPO, obra que é representante da classe camponesa da Colômbia e que desde um principio entendeu que é através da educação que se pode redimir ao povo de seu esquecimento, de seu atraso e de sua pobreza” (ZALAMEA, 1994, p. 218). A Voz dos Estados Unidos da América concedeu à Rádio Sutatenza uma medalha e uma menção de agradecimento por seus vinte e cinco anos de fundação, no dia 13 de abril de 1972, nos estudos da Rádio Sutatenza (EMTREGAM, 1972).

5 PRODUTOR/PRODUTO: GRAMÁTICA DA PRODUÇÃO

Entre os inumeráveis documentos e outros registros que tratam dos assuntos ligados a este eixo da pesquisa, vou destacar alguns que ajudaram a pensar e construir o objeto de estudo, a partir do olhar do pesquisador.

Três obras interessantes sobre as Escolas Radiofônicas, pela sua publicação nos inícios da experiência, foram escritas por Alejandro Rodríguez (1949; 1950) e por Álvaro Sánchez (1951). Estas obras trazem dados técnicos sobre a Rádio Sutatenza, sobre a problemática educativa à época e a novidade, introduzida pela Sutatenza do Auxiliar Imediato.

Uma das figuras mais destacadas da Rádio Sutatenza, pela sua produção teórica, foi o diretor do departamento de Sociologia Hernando Bernal Alarcón. Sua obra principal versa sobre a *Educación fundamental integral: teoría y aplicación en el caso de ACPO* (1978). Nesse escrito são apresentados vários estudos de caráter histórico sobre a obra de Salcedo e se teoriza sobre o projeto educativo da Instituição e da Rádio Sutatenza; outro de seus escritos é sobre *Educación fundamental integral y medios de comunicación social: el uso sistemático de los medios masivos de comunicación en programas de desarrollo* (1971); seu último estudo: *Acción cultural popular de la realidad a la utopia* (2005), se distancia criticamente da linha conceitual de Salcedo e reconhece que talvez a instituição tenha falhado redondamente ao não prestar ouvidos às críticas do Instituto de desenvolvimento alemão. Esta publicação que aborda, de uma parte, o modelo de ACPO e seus ideais e, de outra, as confrontações de poder que levaram à morte esta organização, dedica dois capítulos à Rádio Sutatenza e ao movimento radiofônico.

Mas um estudo valioso para nossa pesquisa se encontra na leitura básica n. 3 do “Manual de Diseño de rádio”, com o título: *Estudio de la audiencia radial*. Aqui ele mostra que a investigação da audiência significa analisar os fatores determinantes que identificam os diferentes grupos sociais aos quais pertence o campesinato colombiano e latino-americano. Portanto, deve-se ter em conta: diferenças raciais, localização geográfica, estrutura familiar, personalidade básica, aspecto socioeconômico, pautas de população e mobilidade social.

Especificamente sobre o tema foi realizada uma pesquisa: *audiencia campesina de*

Radio Sutatenza (1970), publicada por Lucila Gómez Posada *et alii*; trata-se da pesquisa mais relevante sobre o assunto, uma vez que nela se estudam os ouvintes da emissora, se faz uma avaliação dos programas de maior e mediano êxito, o noticiário, os cursos das escolas radiofônicas e a programação da Rádio Sutatenza.

Outro material específico sobre o assunto Rádio Sutatenza foi o *Boletín de programas* para as Escolas Radiofônicas e para os lares colombianos, publicado entre 1953 e 1966. Este boletim mensal era enviado aos Auxiliares Imediatos e alunos adiantados para que soubessem antecipadamente dos programas que se transmitiriam pela Rádio e, desta maneira, se pudessem preparar melhor para o momento da emissão. O boletim trouxe, durante um bom período, cartas dos camponeses comentando sua experiência nas Escolas Radiofônicas; também trazia a programação da Rádio Sutatenza e artigos vários. Este material nos ajudou a compreender a relação da Rádio Sutatenza com sua audiência naquele período.

Uma *Propuesta de una nueva programación para las emisoras de Radio Sutatenza* (1968), foi apresentada por Pablo Ozaeta e um grupo de colaboradores e amigos de Acción Cultural Popular. A proposta faz sugestões para a programação num novo período da Rádio Sutatenza com o aumento de sua potência total para mais de 500 kw e mantém em determinados momentos uma atitude crítica frente à organização, por exemplo, no que ele chama de “política de uma instituição às margens da política”; *Acción Cultural Popular-Radio Sutatenza, Programación* (1969). Esta publicação considera o meio como o remédio para combater a ignorância, explicita os objetivos da programação, seus horários, os cursos de educação fundamental integral, o noticiário Sutatenza e faz uma descrição dos programas. Outro estudo é de 1985: *Cadena de emisoras Sutatenza: infraestructura de equipos y programación*. O conteúdo aponta à cobertura, história da rede, objetivos, credibilidade, audiências, efetividade de seu trabalho educativo. O último estudo: *Acción Cultural Popular-ACPO, Cadena Sutatenza. Programación 1987*, por Gabriel Rodríguez Jiménez, Diretor Nacional de Emissoras. A programação se situa na perspectiva do compromisso e da mensagem que deve comunicar a Rádio como entidade educativa.

Para aprofundar o discurso radiofônico foram de grande ajuda os manuais que redigiu a Divisão Internacional da Rádio Sutatenza no fim da década de 1970. Esses cinco *Manuais de produção radial para comunicação educativa* reconstituem uma experiência acumulada de 30 anos. Este curso tinha como objetivo central que o participante se encontrasse em

condições de escrever e produzir programas radiofônicos educativos nos gêneros aí tratados, de acordo com o modelo de produção radial que propõe o manual e tendo em conta as características e as necessidades da audiência selecionada (cf. ACPO, 1979a, p. 3).

O outro material específico a utilizar para reconstituir uma identidade radiofônica da Rádio Sutatenza, e especificamente na interface Comunicação e Educação, é o curso denominado “Diseño Radial”. Para a Sutatenza este curso colocou em cena um novo enfoque educativo. Ao final, se esperava que o participante pudesse “elaborar uma unidade de aprendizagem e desenvolver um segmento de instrução através de um programa radial de acordo com o modelo que se propõe neste manual, tendo em conta as características da audiência e do meio” (ACPO, 1979f, p. 5). O curso de “Diseño Radial” consta de sete unidades que vão desde a determinação da população objetivo e identificação de necessidades de aprendizagem (primeira unidade) até ajustes, ensaio e emissão (sétima unidade).

Outros materiais referenciais que consultamos foram as avaliações externas que se fizeram da obra de Salcedo. Com efeito, diferentes instituições se aproximaram de Ação Cultural Popular para conhecer melhor sua experiência e para avaliar o modelo das Escolas Radiofônicas. Para nosso estudo consultamos a avaliação de S. Ferrer Martín, especialista da UNESCO (1959): “*Estudio y evaluación de las Escuelas Radiofónicas rurales*”. Esta investigação foi desenvolvida por solicitação do Governo colombiano à UNESCO e aconteceu no décimo ano do início da obra.

Outra avaliação foi a realizada por Camilo Torres Restrepo e Berta Corredor Rodríguez (1961): “*Las escuelas radiofónicas de Sutatenza – Colômbia. Evaluación sociológica de los resultados*”. Esta avaliação tinha como finalidade principal “avaliar a influência da Acción Cultural Popular (ACPO) como instrumento de ação pastoral e social da Igreja nas paróquias rurais, e as mudanças sociais produzidas graças a essa influência”. Para alcançar tal objetivo, se escolheram como objeto material as paróquias de Sutatenza e Guateque no departamento¹ de Boyacá e Manta no departamento de Cundinamarca.

Uma avaliação que provocou reações dos diretores da Rádio Sutatenza foi a realizada pelo Instituto Alemão de desenvolvimento. Dita Instituição enviou uma equipe sob a direção

¹ Divisão territorial na Colômbia, equivalente a “Estado” no Brasil.

de Stefan A. Musto, no final de 1968 e começos de 1969. O estudo se intitula *Los medios de comunicación social al servicio del desarrollo rural. Análisis de eficiencia de “Acción Cultural Popular-Rádio Sutatenza”* (Colômbia)”. Diz Hernando Bernal, a 40 anos da realização desse trabalho, que

lido sem prevenções, o estudo sintetiza as grandes conquistas e realizações da ACPO. Neste sentido se converte quase numa “ode” à instituição. Mas, por outro lado, demonstra que a fixação acrítica no objetivo inicial, isto é, que certo fundamentalismo sem capacidade de auto-reflexão, agudizaria a brecha entre o progresso da realidade social e a pertinência das metas propostas pela ACPO; tal como finalmente sucedeu (1971, p. 71).

Para os pesquisadores do Instituto Alemão, a Rádio Sutatenza perdeu contato com os camponeses:

As preocupações pela continuidade e pela expansão da instituição em meio das mudanças socioeconômicas que experimenta a Colômbia prevalecem às vezes sobre as preocupações pelo melhoramento e a eficiência do movimento radiofônico. As metas e atividades da ACPO já não se orientam unicamente para as necessidades do campesinato, senão também e em medida crescente para as necessidades de seu próprio dispositivo de organização (MUSTO, 1971, p. 50).

A avaliação do Instituto Alemão foi publicada pela editora Andes (de Acción Cultural Popular), precedida de um prólogo e de entretextos ou protextos (glosas), esclarecendo, precisando ou criticando as afirmações dos pesquisadores. Esse tipo de construção textual permite compreender melhor certas ideias e ações da Rádio Sutatenza e da Ação Cultural Popular.

Durante a sua participação no seminário de ALER sobre *O uso da rádio na satisfação de necessidades básicas de aprendizagem*, em maio de 1993, em Quito (Equador), a Rádio Latacunga -emissora popular do Equador a serviço das comunidades indígenas do Cotopaxi-, avaliando sua experiência colocava algumas limitações em seu trabalho que dificultavam a conquista de seus objetivos: a falta de pesquisas dos gostos e necessidades da audiência para orientar o planejamento e a programação; a realização de programas educativos muito pesados, longos e sérios, esquecendo a dimensão lúdica e emocional da audiência; o planejamento de programas educativos à margem da vida cotidiana dos ouvintes e o uso da

Rádio somente para a educação e a organização, esquecendo que o rádio é um meio para audiências massivas (ALER, 1993, p. 209-210).

Esta preocupação de ALER² pela relação da Rádio Popular com seu público aparece novamente num estudo do ano 2000, sobre “*La radio popular frente al nuevo siglo: estudio de vigencia e incidencia*” (GEERTS, VAN OEYEN, 2001). A pesquisa, em 12 países da região, foi orientada para questões relacionadas à compreensão do rádio alternativo, educativo, popular, comunitário e cidadão; para seu contexto; a sua gestão, articulação e produção. O estudo aponta a ‘prática participativa’ como um elemento constitutivo da Rádio Popular, e o microfone como a mediação básica desse contacto entre a rádio e seu público.

Para ALER um elemento importante da prática comunicacional da Rádio Popular foi que ‘se construía a comunidade radiofônica desde a comunidade humana’, isto é, que a rádio se fazia desde a rua, desde o campo, desde a cozinha. A Rádio Popular era uma rádio de exteriores. Além do microfone fora do estúdio, a pesquisa destaca que para manter um contato vivo com seu público muitas rádios constituíram suas próprias estruturas ou redes, como foi o caso das escolas radiofônicas que tinham como eixo central sua rede de monitores; as rádios informativas tinham suas redes de repórteres populares, e outras rádios criaram redes de cabinas. Segundo a pesquisa, as rádios populares não abandonaram sua estratégia participativa e, numa busca de pluralidade e menos sectarismo, se escutam novas vozes; mas, de outro lado, em geral, não estudam sistematicamente a realidade e saem muito menos de casa.

Maria Cristina Mata, inspirada na proposta conceitual e metodológica de Martín-Barbero, desenvolveu uma pesquisa “sobre o modo como as rádios de audiência popular da cidade de Córdoba configuram seus públicos, a natureza das propostas identificatórias e comunicativas que formulam aos setores populares urbanos e o sentido que elas adquirem na ordem de sua constituição como atores sociais” (1988, p. 56). Mata se pergunta e responde por que as rádios. Ela reconhece que a pesquisa em rádio tem na América Latina uma infeliz e pobre vida enquanto objeto de conhecimento; mas diversos trabalhos feitos na América Latina convidam a compreender o rádio como um dos meios de massa que se vai constituindo em

² ALER, com sede em Quito (Equador), foi fundada em Sutatenza (Colômbia) no ano de 1972, quando a Rádio Sutatenza festejava seus 25 anos de fundação. ALER é uma rede latino-americana de rádio popular, com 80 emissoras afiliadas e 27 centros de produção radiofônica.

parte inseparável da cultura popular³; um dos meios-chave para indagar a complexidade dos processos socioculturais, espaços onde e desde os quais se constroem as interpretações sociais dominantes, espaços onde se trava a luta pelo consenso.

Outra pesquisa interessante para meu trabalho foi a do espanhol Rafael Ortega Benito: “*Las radios internacionales y su relación con la audiencia*” (1997). Desde uma perspectiva qualitativa e quantitativa, o autor analisa as relações das emissoras internacionais de ondas curtas com seus públicos. Salienta Ortega-Benito que toda emissora tem o objetivo de aumentar quantitativamente sua audiência através de uma das vias fundamentais: o conhecimento dos ouvintes. “Conhecimento de suas características, de seus gostos, de suas necessidades em matéria de informação, do que essa audiência busca numa emissora o num programa determinado” (ORTEGA-BENITO, 1997, p. 8).

Nesse sentido, os estudos de audiência não têm outra finalidade que colocar à disposição dos programadores a informação e os dados necessários para que os responsáveis pelas políticas de programação possam tomar as melhores decisões para se aproximar dos gostos, desejos ou necessidades da audiência. Mas Ortega Benito aponta que o tratamento desta área de estudos de audiência não é igual em todas as emissoras, e algumas nem dão o mesmo valor nem utilizam da mesma forma os estudos feitos. Por isso em seu trabalho ele se pergunta: “Até que ponto os responsáveis das programações partem para seu trabalho das análises prévias e dos estudos que se realizam nas áreas correspondentes?” Ou: “Até que ponto também essas análises e esses estudos de audiência são confiáveis como reflexo da realidade de uma emissora e a aceitação por parte dos ouvintes de uma programação concreta?” (ORTEGA-BENITO, 1997, p. 9).

Pesquisas feitas, em nível de graduação e pós-graduação, sobre a Rádio Sutatzena, especificamente, não encontrei e, menos ainda, sobre o ângulo da relação da Rádio Sutatzena

³ A este propósito, à maneira de exemplo, se pode consultar: COGO, Denise. Rádio popular e mediações culturais. In: PERUZZO, Cicilia (Org.). *Comunicação e culturas populares*. São Paulo, 1995; VILLAMAYOR, Claudia; LAMAS, Ernesto. *Gestión de la radio comunitaria y ciudadana*. Quito: FES, 1998; ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985; LOPES, Maria Immacolata Vasallo de. *O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo: Loyola, 1988; LOPEZ VIGIL, José Ignacio. *Manual urgente para radialistas apasionados*. Quito: AMARC, 1997; GEERTS, Andrés; OEYEN, Víctor van; VILLAMAYOR, Claudia. *La práctica inspira: a rádio popular y comunitaria frente ao novo século*. Quito: ALER/AMARC, 2004; DETONI, Marcia. Rádios comunitárias: revolução no ar. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Angelo; BENETON, Rosana (org.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.

com sua audiência camponesa. As pesquisas em geral abordam a Rádio Sutatenza como um dos meios de ação, dos utilizados por “Acción Cultural Popular”, ACPO, para realizar sua tarefa de educação fundamental integral do campesinato colombiano.

Uma das últimas dissertações sobre Ação Cultural Popular foi defendida por Orlando Castro na Faculdade de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia (2005): *ACPO y el ideal de una progresión cultural: Una mirada a las relaciones entre desarrollo, educación y sociología*. O pesquisador tenta compreender a forma particular como se realiza o vínculo Educação-Desenvolvimento e Sociologia (com ênfase na década de 1960). Nessa tentativa, o autor reproduz diversos documentos históricos.

A tese de doutorado de Vincent Marie Primrose, O.P. *A study of the effectiveness of the educational program of the radiofonic schools of Sutatenza on the life of the Colombian peasant farmer (1965)* tem como objetivos estudar o programa educativo da rádio Sutatenza para os camponeses da Colômbia; avaliar a efetividade desse programa em termos de melhoramento pessoal, uso de modernas técnicas de agricultura, mudanças nas condições de vida e a aquisição de destrezas de leitura-escritura; identificar as raízes histórico-culturais dos grupos que aceitam ou rechaçam o programa integrado de educação fundamental em áreas específicas do país.

A tese de Steven John Brzezinski, *The Catholic Church and political development in Colombia (1973)* examina a atitude e o compromisso programático das elites religiosas católicas na modernização da sociedade colombiana e a fragmentação interna das estruturas eclesiais refletindo desacordos sobre a implementação deste novo compromisso. Os antecedentes históricos desta mudança política.

Esses e outros documentos e artigos foram consultados, assim como os materiais resenhados nos outros capítulos. Por exemplo, acompanhamos tudo o que foi publicado sobre Rádio Sutatenza no ano de 1972 pelo semanário *El Campesino* com motivo dos 25 anos sobre a Rádio Sutatenza.

5.1 ESCOLAS RADIOFÔNICAS DE SUTATENZA

As Escolas Radiofônicas recebem tal nome pela utilização da radiodifusão no projeto educativo popular. É a comunicação midiática e a educação popular unidas em um objetivo comum, o de fazer realidade os direitos humanos para um setor importante da sociedade: o povo camponês. O rádio, portanto, é o primeiro elemento de ação da Escola Radiofônica:

Sua capacidade de ação deve considerar-se ilimitada. É um mestre presente simultaneamente em quantos lugares se queira. Por local pode tomar-se o mesmíssimo território nacional e quanto a seus alunos bem podem chegar a contar-se por milhões. Tudo isso consegue o rádio com suas maravilhosas características. A entidade que patrocina o sistema é a denominada Acción Cultural Popular (RODRÍGUEZ, 1950, p. 20-21).

De acordo com Sánchez (1951) os campos viviam dois ou três séculos de atraso; para lá não chegou nem de passagem a cultura, e explica esta situação baseado na realidade geográfica, caracterizada por enormes distâncias entre cidades e povoados; nos complexos ancestrais presentes na alma camponesa: aqueles da cidade veem com desprezo o camponês, e este vê com desconfiança aqueles. Assim, a distância entre o campo e a cidade não é só física, senão psicológica. Completa este quadro o fator *tempo*: o camponês vive tão atarefado que não tem tempo para ir à cidade. Em conclusão, vive incomunicado e afastado.

Em tais circunstâncias o rádio chega para conectar o camponês com “um mundo inteiramente novo para ele” A rádio-escola permite que o homem e a mulher do campo “se encontrem a si mesmos e descubram em seus campos estímulo para viver”. O problema tempo fica superado porque já não precisa deixar seu sítio para aproveitar a lição nem perder uma hora de seu trabalho diário. Seus complexos carecem de efetividade porque a onda educadora irá procurá-lo (SÁNCHEZ, 1951).

Assim, para o homem e a mulher rural, o rádio se converte em uma novidade, em uma esperança. Ao voltar do trabalho vão ter algo diferente para escutar, para se entreter e às vezes para saber algo muito aproveitável, por exemplo: um conselho para adubar seus campos; a possibilidade de ensaiar um novo cultivo; a referência a uma história interessante, engraçada. Na gramática da produção fica claro, naquela época, que o rádio é o meio indicado para

transformar o nível de vida do agricultor.

A Escola Radiofônica foi pensada originalmente para “servir à grande massa camponesa” (SÁNCHEZ, 1951, p. 9). Em função disso, surgiu sua primeira grande estratégia metodológica: estudar o povo camponês. Isto é, conhecer o receptor, seus valores e limites. Sánchez (1951) faz um mapa detalhado do “camponês tal como ele é”. Em primeiro lugar, a sua *educação é escassa*. Falta pessoal docente, locais, e as distâncias são enormes para assistir à educação formal. Não obstante a Colômbia seja um país agrícola, o camponês se encontra relegado.

Em segundo lugar, o camponês é *laborioso*: seu trabalho é contínuo, mas pouco produtivo por mau encaminhamento e falta de toda técnica. Trabalha de sol a sol; é sofrido e se contenta com pouco. É homem do lar: aprendeu a respeitá-lo como um santuário. Em terceiro lugar, é *religioso e crente*: resultado do trabalho missionário e da pregação paroquial. Nos campos, a Igreja Católica tem seus filhos mais fieis. Mas a voz do pároco não alcança lugares distantes. Isso tem como consequência que o camponês tenha uma religiosidade sincera, uma fé ingênua, mas pouco ilustrada. A instrução religiosa entre os camponeses é forçosamente deficiente.

Em quarto lugar, o camponês é *explorado nas relações comerciais*: no mercado, o revendedor paga seus produtos a preço de banana sem reconhecer suas fadigas nem permitir-lhe melhorar suas condições de vida.

Sete anos mais tarde na instrução pastoral sobre a cultura camponesa, os bispos vão-se aproximar do fenômeno quase com os mesmos termos, destacando as virtudes humanas, nobres tradições e costumes, convicções morais e, sobretudo, a sua “profunda fé cristã”. Por isso, os camponeses são uma esperança para a Igreja. Mas sua realidade é dura e afeta seu desenvolvimento. Entre todos os problemas, “ressalta, de maneira singular, o que se refere à educação, o qual é ao mesmo tempo, comum denominador e raiz principal de todos os restantes: econômico, social, político, técnico etc.” (SALCEDO, 1959, p. 1).

A Escola Radiofônica permite ao camponês iniciar um processo de *progressão cultural*. Este conceito, introduzido por Sánchez, (1951, p. 17), quer explicar como, “por uma escala perfeitamente graduada, a Escola Radiofônica faz do camponês, que era um ser um

pouco antissocial, indiferente a tudo o que não fosse seu pedaço de terra, um ser sociável, envolvido em ouvir algo que o eleva e o forma”.

Em relação à sede da organização das Escolas Radiofônicas, se decidiu mantê-la no ambiente camponês, a fim de ter uma estreita ligação com a vida rural. Nesse sentido Sánchez justifica metodologicamente a opção por um povoado: “Para que as lições revistam o máximo interesse, para que professores e locutores captem melhor as necessidades das pessoas dispersas nas áreas rurais” (1951, p. 15). Ou seja, pela necessidade de interação. “Funcionando no campo, vibrará com o campo, interpretará melhor as necessidades do campo; o camponês encontrará sempre a voz amiga que sabe interpretá-lo e ensinar-lhe”. Portanto, o ambiente ideal era Sutatenza. Seus moradores deram exemplo de adesão e carinho à obra: “Difícilmente poderia encontrar-se um povo que tenha compreendido melhor a iniciativa do Padre Salcedo e com maior entusiasmo e generosidade tenha colaborado em sua realização” (RODRÍGUEZ, 1950, p. 21-22).

Essa primeira etapa foi necessariamente experimental. As Escolas Radiofônicas se estenderam pelos municípios do Valle de Tenza, uma região com muita semelhança geográfica, de clima, de cultivos etc. Dentre essas populações se destaca um povoado próximo de Sutatenza chamado Tibirita que impulsionou de maneira única as Radioescolas, graças ao entusiasmo do pároco, o padre José Ramón Sabogal, que seria Diretor das Escolas Radiofônicas desde seus inícios.

Para Torres e Corredor (1961, p. 9) a Escola Radiofônica nasce de uma conjuntura histórica comum ao mundo rural colombiano: “dispersão, afastamento, tradicionalismo, estacionamento e atraso cultural”. Com efeito, nos inícios da década de 1950, o analfabetismo chegava na Colômbia a 54% e, em algumas regiões, até a 70% ou mais (RODRÍGUEZ, 1950). Eram cinco milhões de pessoas (11 milhões tinha a Colômbia em 1948) sem acesso ao mundo das letras. E a grande maioria desses analfabetos eram adultos, isto é, pessoas consideradas, por questões de preconceito, sem esperança de educação.

Na primeira Assembleia Geral da instituição (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1953, p. 61), Salcedo fez um relato histórico da fundação e desenvolvimento das Escolas Radiofônicas. Lembrou que o povo de Sutatenza, o trabalho, os materiais e o dinheiro contribuíram com meio milhão de pesos para a fundação das Escolas Radiofônicas. Lembrou

também que os primeiros ensaios das Escolas, como sistema de educação camponesa se realizou nas casas dos camponeses deste humilde povoado: “Três aparelhos de rádio foram instalados no sítio de Irzón para receber o obséquo da música popular; as saudações com nome próprio aos donos das casas onde estavam funcionando e a insinuação de seguir contribuindo para a obra”.

Diz Salcedo que, observando a resposta generosa dos camponeses, se comprovou que o rádio podia ser utilizado para influir, para acompanhar, para pedir inclusive aos moradores do campo lá em suas afastadas habitações (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1953).

Desde outro ângulo, mediante Decreto do Governo Nacional, n. 3226, de 5 de novembro de 1954, se dispõe a criação das Escolas Radiofônicas nas fazendas para a educação dos camponeses. Em 10 de março de 1955, se iniciam as aulas das Escolas Radiofônicas nos Centros de instrução militar do país, por convênio da ACPO e o Ministro de Guerra (UM PASO, 1972). E pela resolução 2327, de 1955 (11 de junho), se aprova em todas as suas partes o plano de estudos e os programas de Acción Cultural Popular. Em 5 de abril de 1956, se inauguram os Cursos Radiofônicos para o magistério rural.

Os elementos que constituem a Escola Radiofônica já foram definidos nos inícios da obra (RODRÍGUEZ, 1949): o professor-locutor, o transmissor, o aparelho receptor, o auxiliar imediato, o material complementar e os alunos. Em uma nova construção teórica, um ano depois, o Padre Alejandro Rodríguez (1950), diretor de programação da Rádio Sutatenza, nos seus inícios (1953-1954), define como característica fundamental da obra de Salcedo seu sistema de *audição organizada* (Veja-se neste trabalho p. 125), mediante a qual se garante o acompanhamento e a continuidade do projeto educativo para que não fique só em transmissão de aulas.

Ao redor dos aparelhos receptores e a sintonia sincronizada, a Rádio Sutatenza teceu uma história. A consecução de aparelhos de rádio de pilhas, “em condições vantajosas tanto do ponto de vista técnico como do ponto de vista de seu custo” (RODRÍGUEZ, 1949, snp), para os lugares carentes de energia elétrica, foi a “maior dificuldade” com que se encontraram na realização da obra. O aparelho construído com “três faixas de sintonia”, econômico no consumo da pilha (500 horas de duração), é “fácil de manejar”:

Para regulamentar o uso dos receptores, de acordo com o plano de ação da escola radiofônica, nos pareceu básico fazer uma adaptação dos aparelhos para que somente fossem utilizados na frequência da emissora cultural. Sendo impossível desde o ponto de vista técnico suprimir ou imobilizar totalmente o condensador variável que determina a sintonia, optamos por deixar nele só a margem de movimento indispensável para assegurar dita sintonia que está sujeita à variação pela ação de diversos fatores (RODRÍGUEZ, 1949, snp).

Esta sintonia sincronizada (chamada também de cativa ou de frequência única), na opinião de Baracaldo Piñeros (2000), se instalou com a finalidade de que os radiouvintes não se distraíssem de seu propósito único, escutando emissoras diferentes. O dispositivo foi mantido nos rádios que a instituição vendia por quase 25 anos. Sem a popularização desses aparelhos de rádio o projeto das Escolas Radiofônicas naquela época não teria prosperado porque era muito difícil o acesso ao rádio: se desconhecia como operá-lo e como arrumá-lo em caso de estragar-se. E para tudo isso Salcedo procurou solução.

Diversas críticas recebeu Salcedo pela sintonia fechada: infravaloração do camponês, atentado à liberdade de expressão, liberdade de escolha etc. Ele tinha argumentos técnicos (a rádio funcionava em ondas curtas e não só em ondas médias; se a pilha se utilizava para escutar outras emissoras, depois faltaria para os programas educativos de Sutatenza) e razões práticas (os camponeses não tinham costume de utilização do aparelho de rádio, nem de sintonizar ondas curtas; portanto, era necessário simplificar para utilizar de maneira adequada).

Nos anos cinquentas, contando sua experiência na Espanha, faz uma defesa veemente de sua ideia, lembrando as batalhas travadas na UNESCO e em outras partes ante quem lhe vinha com a tese da democracia e da liberdade.

Eu lhes digo: se você, ilustre companheiro que me discute estas coisas, me vai deixar um camponês para escolher entre um mambo e uma aula de aritmética, o indivíduo se põe a dançar o mambo, não duvidem vocês um momento, com duas consequências: nem apreende a aula de aritmética e consome as pilhas escutando mambos. Como o receptor neste caso [...] não é um receptor comercial, comum, etc., nem para os usos da Palmolive, de Colgate e de Coca-cola senão que é simplesmente um meio de aproximar o professor e os alunos, então não o chame de receptor, chame-o de pergamino, não o chame receptor, é como um quadro-negro, é como uma cartilha, então não é um aparelho, é um elemento de uma escola, como o giz [...]. O receptor deve servir para pôr em contato o professor locutor com seus alunos e para nada mais. [...] Então um mínimo de esforço do camponês para utilizar o aparelho: liga o receptor e sintoniza a estação (SALCEDO apud CASTRO, 2005, p. 32).

Naquela época, um aparelho de rádio representava uma Escola Radiofônica; e a instalação, cuidados e reparação dos aparelhos, era um desafio para Sutatenza. Para enfrentar esse problema, de uma parte, a instituição foi capacitando seus líderes camponeses para resolver esses problemas técnicos e, de outra, elaborou informação escrita (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1956), dando orientações práticas sobre os materiais de ensino (cartilhas, gráficas, cadernos, lápis, giz, tinta para quadro-negro) as antenas (instalação), as pilhas (características e recomendações), o receptor (características, cuidados, reposição e reparações).

Salcedo com enorme sacrifício iniciou importando 100 aparelhos de rádio em 1948. Com ditos aparelhos se abriram as primeiras 100 escolas radiofônicas que foram inauguradas na noite de 6 de setembro de 1949 pelo Presidente da República.

Desde o palácio dos presidentes, a voz de Mariano Ospina Pérez, o Presidente dos camponeses, voou em asas do rádio e chegou até aquelas 100 choças, onde centenas de lavradores, com suas esposas e seus filhinhos, estavam congregados, em meio da augusta majestade dos campos.

Aquele povo, pela primeira vez na sua vida, presenciou o milagre do rádio que fazia presente e palpitante no meio deles o espírito de um homem que os amava com sinceridade e se desvelava por seu melhoramento (RODRÍGUEZ, 1953, p.2).

A chegada daqueles 100 primeiros aparelhos para as Escolas Radiofônicas foi motivo de uma grande festa em Tibirita que pode ser considerada o berço das Radioescolas. Quando chegaram a Barranquilla, Salcedo avisou a Sabogal que, por sua vez, comunicou aos moradores e quando chegaram a Sutatenza, relata Sabogal:

Eu me fui pelo primeiro receptor, mas eu fui com o prefeito, com o “personero”, com o chefe do grupo escolar, com a banda do povoado, com alguns operários da igreja, que subiram num caminhão com bandeiras e enfeitados e deixei ordens na paróquia para que ao voltar tivesse repiques dos sinos, foguetes e que oxalá nas portas e janelas se colocasse algum enfeite porque era uma grande festa. Para mim, um receptor de rádio não era uma coisa desconhecida, o tinha desde muito tempo [...] era o profundo da ideia [...] e com essa solenidade se recebeu o receptor em minha paróquia de Tibirita e se instalou a primeira escola radiofônica na sala da casa paroquial (RODRÍGUEZ, 1967^a, p. 13).

Depois daqueles 100 foram 700 e, em 1953, 5.000 aparelhos de recepção. A fabricação destes últimos foi resultado de dois anos de estudos técnicos que levaram a um tipo

especial de radioescola, eles foram testados no meio em que iam funcionar, tendo em conta o clima, os transportes, a economia, a simplicidade (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1953); em 15 de junho de 1954, se assinou um contrato com a Philips da Colômbia para a construção de 10.000 aparelhos; e a 29 de dezembro se legalizou um novo contrato com a Philips para a importação de 30.000 exemplares.

Com este novo contrato, 'Acción Cultural Popular' completou o número de 45.000 receptores Philips para o serviço das Escolas Radiofônicas. Esta cifra é a maior que se contratou na história mundial da indústria do rádio e demonstra mais uma vez o extraordinário desenvolvimento da 'Acción Cultural Popular' (ACTIVIDADES, 1955, p. 14).

A 9 de janeiro de 1961, chegam os primeiros 10.000 receptores transistorizados fabricados pela Phillips na Holanda, e assim as Escolas Radiofônicas começaram a usufruir do que se chamou a escala mundial "a revolução do transistor". Em fevereiro de 1963, se receberam os primeiros receptores transistorizados de rádio feitos no Japão, da marca Toshiba, de um pedido de 100.000 unidades.

Com relação ao funcionamento dos receptores da Rádio Sutatenza em Guateque, Manta e Sutatenza, a pesquisa de Torres e Corredor (1961, p. 23) evidenciou que não estavam em funcionamento 40% em Guateque, 18,2% em Sutatenza e 10,5% em Manta. Exceto Sutatenza, onde se encontra o laboratório das emissoras, as outras paróquias não têm oficina de reparações e os proprietários dos aparelhos de rádio têm que ir a Chocontá, Tunja ou Bogotá, o que implica gastos de transporte, disponibilidade de tempo e outros problemas que muitas vezes os camponeses não conseguem solucionar.

O livro azul que contém o marco teórico da instituição enfatizará que o rádio encurta distâncias e multiplica "até o infinito" as possibilidades de informação. O rádio "multiplica o mestre da informação e recreação, se faz presente em todas as partes, permanentemente, quailquer que sejam as distâncias, a topografia e as circunstâncias" (HOUTART; PÉREZ, 1960, p. 17.25).

O ciclo escolar das Escolas Radiofônicas se inicia na primeira segunda-feira de fevereiro e termina na primeira semana de dezembro, dedicada às comprovações. O 8 de

dezembro é a festa das Escolas Radiofônicas, ou festa da cultura camponesa (HOUTART; PÉREZ, 1960, p. 69).

O padre Alejandro Rodríguez (SARMIENTO, 1962), um dos grandes talentos da produção artística da Rádio Sutatenza e Rádio Belencito, na década de 1950, em entrevista por ocasião dos 15 anos da emissora, contou que na pároquia de Miraflores (Boyacá) há 180 Escolas Radiofônicas que são a base das demais organizações que se conseguiram criar e levar a frente, como “organizações cooperativas, a organização de ‘Acción comunal’ e ‘Juntas Veredales’, tudo isto que é muito promisor, tem como ponto de partida, como fundamento, as Escolas Radiofônicas”.

A Escola Radiofônica teve um rápido crescimento. Iniciou, como dito, em 1947, com três aparelhos de rádio e uns poucos estudantes, e “tinha em 1950, 303 escolas com 3.636 alunos. Em 1965, tinha 28.535 escolas com 240.915 alunos, o número mais alto num ano; em 1968, tinha 169.696 alunos em 22.212 escolas e, em 1976, o censo de Escolas Radiofônicas calculou 44.469 escolas com 156.238 alunos” (BERNAL, 1978, p. 62).

A Escola Radiofônica emerge assim como uma nova experiência de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, não é uma escola no sentido clássico. Ela “é um ambiente educativo que envolve uma ou mais pessoas, interessadas em aprender, dispostas a utilizar seus próprios recursos, e preparadas para participar em programas educativos da Rádio Sutatenza” (MORGAN, MUHLMAN, MASONER, 1980, p. 47).

Um dos sistemas pedagógicos e de comunicação utilizados pela Rádio Sutatenza e os demais meios de ação cultural foram as *Campanhas*, como estratégia para pôr em prática as noções fundamentais das Escolas Radiofônicas: saúde, alfabeto, número, economia e trabalho e espiritualidade.

As Campanhas nasceram de um conhecimento amplo da realidade camponesa. A situação dos caminhos, a importância do domingo cristão, a erosão (falta de água, de árvores), a choça camponesa (paredes sem polir; sem pintar, sem nada branco, sem janelas, com colunas feias, sujas, torcidas), as letrinhas etc. Assim nasceram as campanhas do cuidado e conservação dos caminhos, da arborização (iniciada no ano de 51. Conhecimento da árvore,

de suas vantagens, da proteção do solo, se criou a Associação dos amigos da árvore. Se chegou a semear mais de 2 milhões de árvores, segundo as estatísticas da Instituição).

A Campanha do “Melhoramento da Moradia”. Esta campanha foi supremamente simples, conta Sabogal (RODRÍGUEZ, 1967i, p. 215), como a da árvore, dos caminhos, das pontes. Foi dizer aos camponeses que olhassem para sua casa e vieram que se poderia arrumar, se estava solta uma coluna que a amarraram, que poderiam arrumar os pátios, limpá-los, que era fácil fazer um quarto mais na casa para os rapazes, e um quarto para as meninas, para que o mantivessem arrumado como elas quisessem. Olhando para a casinha camponesa lhes falamos da cozinha e aí iniciou uma campanha especial que foi a Campanha do “*Fogão em alto*”⁴⁴ e disso se falou durante meses, até que se convenceram de que era fácil fazê-lo. Nesta campanha, Sabogal (1967i) acredita que foi um sucesso porque foi uma libertação, foi uma contribuição imensa à dignidade da mulher camponesa ao realizar este modestíssimo trabalho do fogão em alto (quantas doenças, cansaço, sujeira). Foram milhares de casas melhoradas, milhares de casas novas a causa desta campanha. Isso significava realmente uma vida completamente distinta, realizada por eles.

Uma carta enviada ao padre Sabogal por Delfin Chicacausa, desde Somondoco (Boyacá), dá testemunho da resposta à campanha de moradia:

‘Quanta alegria ao ter nosso receptor aqui em nossa humilde casinha na qual me encontro com minha mãezinha e cinco irmãozinhos, os quais somos muito felizes escutando sua voz todos os dias com muito agrado. Reverendo padre, envio-lhe este quadrinho que pinteí com muita satisfação, indicando a casinha que temos arrumado na qual nos encontramos com nosso receptor instalado’. Comenta Sabogal: Essa é a resposta à campanha número 5 de outubro de 1955. Essa carta é a de número 5.562, porque fomos recebendo cartas e cartas em que nos foi contando a família camponesa o que ia realizando. Aí se pode ver onde chega a ação da rádio, que produz na alma, quando se irmanam os pensamentos, porque a eles não se lhes fez um ensino vertical senão um ensino fraternal, em que eles mesmos se sentam falando e pensando (RODRÍGUEZ, 1967i, p.218-219).

Conta Sabogal que junto com as primeiras campanhas entraram com a campanha do esporte, e os camponeses começaram a fazer seus campos esportivos, a colocar seus aros de basquete, a aprender algumas regras. Nos campos era onde se podia construir as canchas e já

⁴⁴ Esta campanha proponha a eliminação do fogão de tres pedras no chão.

para 1967 eram milhares de campos esportivos nas zonas rurais da Colômbia.

Em Sutatenza, não era raro encontrar delegações esportivas de basquete vindas de outros povoados da Colômbia. Nós entregamos as ideias, e eles começam a produzir as suas próprias; começam a realizar, começam a tomar decisões próprias. Tem encontros inter-paroquiais, diocesanos. Até a estádios onde jogam os times de primeira divisão chegaram os times camponeses. Em Medellín, conta Sabogal, “no estádio Atanásio Girardot, tive a oportunidade de presenciar, em dia solene, com grande público, o encontro de times camponeses de Escolas Radiofônicas com todas as da lei” (RODRÍGUEZ, 1967i, p. 223). Outra campanha importante no campo do esporte foi a campanha do jogo de xadrez para que o camponês aprendesse com o jogo-ciência a pensar, a realizar os movimentos, aplicando estratégias e táticas.

Para Indalecio Rodríguez (1967) os encontros esportivos são importantes: além de suar e fazer exercícios, a demonstração de esforço comunitário, como superação do individualismo e triunfo da cooperação mútua.

Segundo o livro azul, que apresenta o que a instituição é e pretende, as campanhas “agem sobre os esquemas de pensamento e de comportamento da pessoa humana; fazem compreender ao indivíduo o valor, a importância e a necessidade de uma vida melhor; impulsionam a melhora dos hábitos, costumes e usos; mudam a personalidade, fazem melhorar o ambiente” (HOUTART; PÉREZ, 1960, p. 51). A campanha é um sistema pedagógico para educar aos adultos.

As campanhas usaram os diversos meios da ‘Acción Cultural Popular’ e não só o rádio, senão que também cartilhas, jornal, livros, gravações, correspondência, cursos de extensão, dirigentes e líderes, avaliação de resultados. Existem dois tipos de campanhas: permanentes e ocasionais. Entre as permanentes: campanha de moradia, solo, nutrição e recreação. Ocasionais (circunstâncias especiais): celebração da semana santa, de natal; homenagem aos próceres da nacionalidade etc.

A pedido do Governo da Colômbia, a UNESCO envia o pesquisador S. Ferrer Martín

para realizar uma “avaliação do trabalho e influência das Escolas Radiofônicas, fomentando os métodos de amostra estatística” (FERRER MARTÍN, 1959, p. 1).

Ferrer Martín (1959), analisando as relações do Estado com as instituições educativas, constata, em primeiro lugar, que instituições de radiodifusão educativa unicamente existem na Colômbia as Escolas Radiofônicas de Sutatenza; em segundo lugar, que o Ministério de Educação foi o encarregado de aprovar os planos de estudo da ACPO; em terceiro lugar, que existe um Comitê de Escolas Radiofônicas que pensa, planifica, decide e controla os processos de produção e recepção radiofônica.

Em relação à rádio educativa, o Estado promulgou o Decreto Legislativo n. 3.418, de 25 de novembro de 1954, e seu decreto de regulamentação n. 2427, de 4 de outubro de 1956, no qual o Estado regulamenta o funcionamento das emissoras de rádio dedicadas à educação e lhes concede certos privilégios (FERRER MARTÍN, 1959).

Segundo o Decreto Legislativo 3.418 “são emissoras educativas, as que transmitem programas de interesse exclusivamente cultural, sem nenhuma finalidade de lucro” (art. 35). Outros aspectos sobre a regulamentação, referindo-se às Escolas Radiofônicas, diz no artigo 582 que o plano pedagógico das Escolas Radiofônicas “será aprovado pelo Ministério de Educação Nacional e sua tarefa será estritamente didática e de alfabetização e lhes está vedado intervir em assuntos políticos, raciais e de ordem social, quando não se ajustem aos postulados da Igreja Católica”. Com relação ao pessoal técnico, o artigo 585 diz que eles, os encarregados “da direção e locução dos programas nestas estações, deverão estar devidamente autorizados pelo Ministério de Comunicações”. Mas com este parágrafo: “Os professores-locutores e encarregados de ditar as aulas para as Escolas Radiofônicas não precisam de licença de locução. Bastará o título de mestre”. Entre as disposições técnicas temos uma que representa um privilégio de cobertura excepcional: “Poderão estabelecer transmissores para as Escolas Radiofônicas em qualquer localidade do país”.

Finalmente, no capítulo IV, artigo 790, se estabelece que as “estações de radiodifusão educativa, as Escolas Radiofônicas e as estações de experimentação científica estão isentas de todo gravame para seu funcionamento”.

O pessoal colaborador no ensino radiofônico é especializado, como em qualquer outra emissora, ainda que suas atividades estejam orientadas ‘exclusivamente’ à difusão da cultura. Este pessoal está constituído por: diretores de emissoras, radiotécnicos, professores especialistas em pedagogia radiofônica; rádioatores; libretistas e locutores.

A metodologia geral utilizada no ensino radiofônico é distinto para cada matéria, e a forma mais característica da metodologia da Rádio Sutatenza consiste “em converter o ouvinte da rádio em verdadeiro aluno” (FERRER MARTÍN, 1959, p. 48).

A metodologia específica consiste na explicação de cada uma das matérias do bloco de aulas das Escolas Radiofônicas com a ajuda do Auxiliar Imediato, das Cartilhas, das lâminas, do quadro-negro etc. O professor-locutor, segundo a matéria da aula, dá ordens ao Auxiliar Imediato, tais como: “Auxiliar, coloque na parede a lâmina[...] mostre a letra [...] faça passar um aluno [...] escreva a quantidade [...] escreva a letra [...] dirija o exercício etc. Os alunos participam ativamente porque o professor-locutor pede ao Auxiliar que indique alguém para realizar determinados exercícios” (FERRER MARTÍN, 1959, p. 53).

Nessa perspectiva metodológica se posiciona o professor Lázaro Jimenez (1967h). As Escolas Radiofônicas tiveram sua metodologia própria. Porque se trata de “um ensino que não é direto, senão um ensino radiofônico”. No ensino formal, um conhecimento pode ser apresentado em 45 minutos, mais ou menos. A Rádio Sutatenza esse mesmo conhecimento deve transmiti-lo em 10 ou 15 minutos; no máximo em 20 ou 25 minutos, diz o professor Lázaro Jimenez e agrega: “Porque, se pela Rádio se fosse ditar de maneira formal resultaria uma aula muito aborrecida e muito desesperante para os alunos radiouvintes [...]. Nos horários atuais, depois de uma série de experiências, as aulas às que estão dedicando mais tempo são os minutos destinados à noção de Alfabeto e à noção de Número. Acredito que 20 minutos. As outras estão reduzidas a 10 ou 12 minutos” (RODRÍGUEZ, 1967h, p. 207).

As aulas se ditam por meio de “charlas” em forma “lenta e amistosa, com frequentes repetições. De ordinário, cada “charla” compreende a indicação do tema que se vai tratar; o desenvolvimento da aula; a recapitulação ou resumo e uma realização escrita” (FERRER MARTÍN, 1959, p. 53). Alguns dos pontos ensinados se complementam com programas dialogados ou dramatizados que os fazem vivos; a finalidade é insistir no mesmo mas de

diversas maneiras.

Segundo a avaliação de Ferrer Martín (1959), o meio mais eficaz do ensino radiofônico consiste em repetir os procedimentos anteriores segundo a matéria que se vai ditar. Por experiência se percebe que funciona melhor a metodologia da aula propriamente dita para as matérias fundamentais (leitura, escritura, aritmética) e o sistema da exposição a “charla”, para a informação geral e para a consolidação de critérios em outras matérias. A terceira forma (dramatizações e variedades) é mais aplicada para a orientação de campanhas, sempre que seja precedida de algumas das formas anteriores que lhes serve de base para afiançar o que se quer ensinar.

As aulas radiofônicas cada ano se modificam (FERRER MARTÍN, 1959), de acordo com as experiências, os resultados dos exames, as sugestões dos párocos e dos auxiliares imediatos e da informação recolhida pelos visitantes e pelos diretores diocesanos. A duração diária das emissões para as Escolas Radiofônicas -chamada bloco de aulas- consta de uma hora que se repete cada dia (de segunda a sábado para os cursos de principiantes e adiantados). A leitura e escritura empregam espaços de 24 minutos. As demais aulas são de 15 ou 16 minutos. A experiência tem demonstrado que uma hora é o espaço máximo de atenção que pode exigir-se para o ensino ao camponês adulto.

O desenvolvimento de uma aula segue em forma ordenada os seguintes passos: “alternam as cortinas musicais com o repasse dos pontos principais do tema anterior; se desenvolve a nova lição, com exercícios variados, interrogações apropriadas e graduação acorde com o conhecimento e o desenvolvimento mental; vem logo: a repetição para fixar ideias; a recapitulação; e as tarefas e realizações” (FERRER MARTÍN, 1959, p. 54).

Finalmente, Ferrer (1959) em sua avaliação elenca problemas pedagógicos e de audição em relação à Rádio Sutatenza. Segundo ele, são poucos os problemas que tem a emissora. Com relação aos problemas pedagógicos, estes são essencialmente dois: o primeiro é a diferente preparação dos alunos e o diverso grau de cultura nas distintas regiões; segundo, a não adequação de certos ensinamentos agropecuários às atividades na região, devido à diversidade de climas, cultivos etc.

Reconhecendo que as condições de audição da Rádio Sutatenza em geral são boas, as bandas de 62 e 90 metros que, podem ser selecionadas pelos ouvintes segundo a qualidade de sintonia, na costa atlântica, a audição é regular durante o dia e só tem qualidade pela noite. E conclui com uma observação: é muito frequente que na habitação onde se dá a aula se tenha um altar religioso, muito adornado. Outros aspectos sobre a programação educativa serão apresentados um pouco mais à frente quando nos referiremos ao discurso radiofônico.

Na avaliação sociológica dos resultados das Escolas Radiofônicas de Sutatenza realizado por Torres e Corredor (1961, p. 29), a partir de dois povoados de Boyacá: Guateque e Sutatenza e um de Cundinamarca: Manta diz que a ação permanente da ACPO e de seus representantes nas paróquias “contribuiu eficazmente para diminuir o analfabetismo nas zonas rurais. Os membros das famílias que recebem esta influência despertaram para a realidade de sua ignorância e ingressaram nas escolas para capacitar-se nas técnicas da leitura e escritura”.

O objetivo desta pesquisa era o de “avaliar a influência da ‘Acción Cultural Popular’ (ACPO) como instrumento de ação pastoral e social da Igreja nas paróquias rurais, e as mudanças sociais produzidas graças a esta influência”. As principais conclusões dessa pesquisa foram que

a Acción Cultural Popular (ACPO) se está constituindo em um fator de mudança social por contato; a mudança social se está operando fundamentalmente por uma mudança de atitudes; as principais atitudes que têm mudado dizem respeito aos seguintes valores: valor do progresso técnico, valor do progresso cultural. O camponês colombiano, especialmente o pequeno proprietário, é, em geral, refratário à mudança e, portanto, ao progresso. [...] É perigoso, por exemplo, lançar uma Campanha de Reforma Agrária se não se tem preparado todo um plano e uma equipe de especialistas que orientem aos camponeses na forma como devam proceder em sua educação para afrontar o problema [...]. ACPO constitui, em geral, um símbolo do pároco e da Igreja Católica; além da mudança de atitudes a respeito dos valores, há uma mudança de atitudes baseada em uma mudança de significação [...]. Mudança de significação dos labores do pároco. Isto é considerado como um fator de mudança socioeconômica eficaz (TORRES RESTREPO; CORREDOR RODRÍGUEZ, 1961, p. 53-54).

A avaliação reconhece que o sistema em si é eficaz, mas que é necessária uma adaptação das escolas radiofônicas aos movimentos da população. Nessa perspectiva se sugere que mantenha um serviço permanente de pesquisa, programação e evolução, e se contratem serviços de especialistas em demografia e movimentos migratórios e em economia,

de sorte que suas campanhas acompanhem o ritmo da conjuntura econômica, demográfica e social da nação.

Em relação ao impacto dos elementos tecnológicos sobre as atitudes, Torres e Corredor (1961, p. 43) partem de um princípio de mudança de Orlando Fals Borda: “O processo de mudança é aquele que inclui as *divergências significativas* nas formas tradicionais de vida (ou nas pautas de conduta) que se transmitem dentro de uma mesma geração ou de uma geração à seguinte por meio da comunicação e a sociabilidade”.

É a partir deste conceito que Torres e Corredor (1961, p. 43) analisam as mudanças das famílias do setor rural que recebem influência da Rádio Sutatenza. Assim, inicialmente assinalam como

a aquisição do rádioreceptor da ACPO e o interesse por ouvir seus programas marcam a primeira etapa nos processos de mudança. Para as pessoas dos sítios rurais o rádio era um aparelho exótico, inventado para distrair as pessoas residentes em povoados e cidades. Jamais o conceberam como um meio de difusão de cultura nem pensaram que eles poderiam receber seus benefícios em seus lares. Ao entrar em contato com este agente de mudança, as estreitas mentalidades camponesas se abriram os mais amplos horizontes e o anseio de melhoramento nasceu, se desenvolveu e cristalizou em muitas obras, que ainda que pareçam muito pequenas são o resultado de um processo contínuo e eficaz. O afastamento geográfico que o manteve afastado do mundo rural dos adiantamentos e transformações do mundo urbano, o neutraliza-o a ACPO através de seus programas e de suas campanhas, pois educa e capacita as famílias camponesas a fim de que desfrutem de uma vida mais digna e feliz.

Desse jeito, se percebem efeitos de mudança de valores, por exemplo, em alfabetização. Antes das campanhas da ACPO o camponês analfabeto vivia conformado com sua ignorância, pois quase todos eram como ele. Agora constitui motivo de vergonha não conhecer esses instrumentos de cultura. O mesmo se pode dizer da moradia. Dez anos depois de iniciada a campanha, a “transformação está sendo admirável” (TORRES RESTREPO; CORREDOR RODRIGUEZ, 1961, p. 44). Faz dez anos as casas eram de “bahareque” (paredes feitas de barro e teto de palha). Em 1961, só restam uns 30% desse tipo de moradia. O mesmo se pode dizer da tecnificação de cultivos e do melhoramento pecuário.

Sobre as formas de mudança, dizem os pesquisadores que é por *contato* e que nas paróquias se tem operado dois tipos de mudança por contato: seletivo e dirigido. A mudança

seletiva ocorre quando os integrantes de extragrupos transmitem, espontaneamente e sem intenção ulterior, diferentes ideias: dados que são percebidos e adotados voluntariamente pelos membros do grupo receptor.

A mudança por contato dirigido se produz por meio de indivíduos que, automaticamente ou como representantes de diversas instituições, perseguem modificar conscientemente alguma situação local para atingir determinados fins ou metas; pode ser imposta ou induzida, violenta ou pacífica. A mudança dirigida se faz através de instituições como a Rádio Sutatenza, a Igreja e a escola.

Em uma publicação em italiano (informação extraída de um artigo em inglês) sobre as “Escolas Radiofônicas”, Salcedo (1967, p. 189), define as Escolas Radiofônicas como um “sistema de desenvolvimento da comunidade através dos modernos meios de comunicação de massa”. E mais à frente continua Salcedo: “As Escolas Radiofônicas são um sistema de comunicação social. Por comunicação social entendemos tanto a comunicação de massa quanto a comunicação interpessoal” (SALCEDO, 1967, p. 191). Como sistema, diz Salcedo (1967), as Escolas Radiofônicas têm um quadro teórico referencial nos seus Estatutos e em diversos documentos que reúnem as várias ideias, especialmente aquele elaborado por Houtart e Pérez (1960).

Na pesquisa do Instituto Alemão de Desenvolvimento, o professor Musto e sua equipe chegaram à conclusão de que a Escola Radiofônica teve um “efeito acelerador na adoção de inovações, e os alunos das escolas radiofônicas adotam antes e mais facilmente tais inovações que aqueles que não fazem parte do movimento” (MUSTO, 1971, p. 103).

Objetivo da pesquisa era “medir e avaliar a ACPO e os efeitos produzidos por seu labor com relação a seus próprios fins e aos fins da política de desenvolvimento oficial da Colômbia” (MUSTO, 1971, p. 58).

A Avaliação de Musto (1971, p. 146) e sua equipe conclui que a “evasão dos conflitos, a manutenção da autonomia financeira e a neutralidade nas controvérsias políticas” permitiu à instituição não só sobreviver aos transtornos políticos dos anos 50, senão que obter apoio dos diferentes regimes políticos. Assim, a ACPO subscreveu um convênio de prestação de serviços em data de 29/07/1959 e diversos acordos com vários ministérios como aquele com o

Ministério de Justiça, em 1956, para a criação de Escolas Radiofônicas nas prisões.

Segundo Musto (1971, p. 199), a Rádio Sutatenza provem de uma situação histórica concreta:

É o produto da ideia excepcional de utilizar o progresso técnico dos meios de comunicação como instrumentos da promoção do desenvolvimento rural. [...] Tendo em conta as condições reais existentes no momento histórico de sua fundação, seria difícil conceber uma alternativa melhor.

Não obstante isso, os críticos da obra consideram possível e necessário que a instituição pense em alternativas para as formas específicas como estão sendo realizados seus programas de ação.

Segundo Musto e sua equipe, sob o nome Rádio Sutatenza, a ACPO é conhecida em todas as regiões abarcadas pelo estudo. Inclusive nas zonas menos influenciadas pela instituição, quase a metade dos donos de um receptor sintonizam a emissora ao menos ocasionalmente.

A “propriedade da terra” é uma variável importante relativamente à participação no movimento radiofônico. Em outras palavras, para o sucesso das atividades da Rádio Sutatenza se precisa um mínimo de bem-estar ou de progresso entre as famílias camponesas às quais se dirige a instituição.

Críticas de Musto e de sua equipe à Rádio Sutatenza – ACPO. Uma crítica se situa no fim estatutário da ACPO: a educação fundamental integral. Esta é desafiada pelas diferenças de linguagem, de gostos e costumes tradicionais dos diversos grupos sociais presentes no país. “Há variações nas formas de vida camponesa, segundo a zona fria, temperada ou quente de seu assentamento. [...] A um camponês de terra fria não lhe interessam as explicações que se lhe possam dar sobre os cultivos de terra quente e vice-versa” (MUSTO, 1971, p. 28-9). Nesse sentido, o estudo propõe modificações táticas para adaptar-se às diversas realidades etnoculturais. Mas esta atitude flexível da competência radiofônica, diz a pesquisa, não pode ser garantida devido à estrutura centralizada da instituição.

O processo de descentralização da ACPO foi gradual, com a abertura das emissoras de Medellín, Cali, Magangué, mas esse processo implicou “uma carga financeira para a ACPO” (MUSTO, 1971, p. 78) e não conheço uma avaliação específica que postule se conseguiu mudar essa situação.

Sobre as *aulas radiofônicas* conclui a pesquisa, realizada entre camponeses de Gualmatán (Nariño), que “por si mesmas parecem ser insuficientes para originar mudanças relevantes” (MUSTO, 1971, p. 161). A pesquisa descobriu que o progresso pode depender de personalidades ou organizações que saibam despertar a iniciativa local. E, por outro lado, afirmam que as aulas teóricas das escolas radiofônicas só podem produzir resultados efetivos e mudanças relevantes, quando vão acompanhadas das correspondentes iniciativas práticas e de instruções concretas. As campanhas pretendiam responder a essa objeção.

Sobre a relação da Rádio Sutatenza e sua audiência camponesa, eles especificamente dizem que a “Acción Cultural Popular” “nunca interrompeu seus contatos imediatos com os camponeses, mas esses contatos se desenvolveram muitas vezes na sombra de preocupações de tipo financeiro e político” (MUSTO, 1971, p. 200). E em outro lugar afirmaram que os dirigentes da instituição perderam até certo ponto o contato imediato com a população rural. No decorrer de 20 anos de expansão, os interesses e inquietações da instituição “foram distanciando-se em certa medida das preocupações que afetam ao campesinato na sua vida diária” (MUSTO, 1971, p. 150).

Musto (1971, p. 199. 78) alerta sobre a irrupção de um *novo cenário cultural* caracterizado pela concorrência de emissoras comerciais locais que se disputam a audiência camponesa (faz 20 anos, a Rádio Sutatenza tinha praticamente uma posição de monopólio em relação à educação e informação do campesinato); a criação por parte do Estado de diversas instituições (por exemplo, El Servicio Nacional de Aprendizaje -SENA-, criado em 1957; El Instituto Colombiano de Reforma Agraria -INCORA-, criado em 1961; o Instituto Colombiano Agropecuario -ICA-, fundado em 1964), para dar assistência técnica e integrar à população rural; a diminuição do analfabetismo, produto das campanhas e das novas políticas do governo envolvendo o setor rural. A questão é até que ponto a Rádio Sutatenza-ACPO se adaptou a essas mudanças?

Para os pesquisadores, este novo cenário implica a necessidade de “crescente

flexibilidade organizacional que unicamente se consegue através da descentralização horizontal e vertical do aparelho e do contato direto e permanente com a população rural” (MUSTO, 1971, p. 201).

Quando o Instituto Alemão fazia sua pesquisa, a instituição estava consolidando sua organização regional, criando três unidades para responder às necessidades e problemas peculiares de cada uma das três zonas climáticas da Colômbia: “A emissora de Bogotá, se dirige à população de terra fria; a de Cali e Medellín, aos camponeses de clima temperado e a de Barranquilla aos moradores de clima quente” (MUSTO, 1971, p. 76).

Como toda organização grande e expansiva, analisa Musto (1971), a instituição chegou a ser um fim em si mesmo. De outra parte questiona que a Rádio Sutatenza tem uma equipe de *management* de segunda categoria, com relação à importância da organização. Eles acreditam que Salcedo teria confrontações inevitáveis se tivesse uma equipe de pessoas com personalidade forte, decidida e melhor preparada.

Não é fácil determinar o número de camponeses alfabetizados pela ACPO, sem dúvida foram muitos milhares. Por exemplo, a ACPO considera que, entre 1954 e 1968, foi alfabetizado um total de 500.000 pessoas. A pesquisa de Musto (1971, p. 56). diz ter reservas com relação a esse e outros tipos de dados, já que considera que “uma grande parte das estatísticas de ACPO não se fundamentam em informações primárias”.

O dinamismo do movimento radiofônico depende dos párocos (nos cinco casos analisados nas regiões andinas), mas essa mesma relação da Rádio Sutatenza com a Igreja tem efeitos antes negativos sobre a expansão do movimento, na costa (MUSTO, 1971, p. 169). A percepção é que os moradores da costa reagem alergicamente a tudo o que se lhes oferece desde Bogotá ou da Igreja Católica.

Musto (1971, p. 50) consegue fazer uma radiografia da situação na qual se encontram a Rádio Sutatenza e os demais meios de ação da instituição naquele momento (1969) e que, em certo sentido, explicaram o fechamento da emissora 20 anos depois:

Os meios conservadores temem que as medidas da ACPO despertem na população

rural reações de desconformidade com respeito às estruturas vigentes. As forças progressistas, por outro lado, consideram que a atividade da ACPO é insuficiente para obter mudanças radicais das estruturas. Os grupos de interesse do setor dos meios de comunicação de massa (emissoras comercializadas etc.) veem na ACPO uma competência no negócio publicitário, que, à diferença deles, é subsidiada pelo estado. Para a hierarquia da Igreja Católica, finalmente, a ACPO leva demasiado longe sua preocupação de introduzir mudanças na situação socioeconômica atual.

Musto (1971) encontrou que em Gualmatán alguns sintonizam a Rádio Sutatenza sem serem alunos, mas as emissoras preferidas são as equatorianas com sua música popular; em Pantanillo preferem a “Voz de las Américas” à Rádio Sutatenza.

Os aspectos positivos destacados por Musto e sua equipe sobre a Rádio Sutatenza – ACPO. O estudo Musto (1971, p. 124) reconhece a cobertura nacional da Rádio Sutatenza: “Sem ter uma posição de monopólio, a Rádio Sutatenza é a única emissora cujos programas podem ser sintonizados em todo o país”. E em outro lugar enfatiza que as emissões radiofônicas atingem inclusive as famílias camponesas que moram em um afastamento quase completo.

Sobre as campanhas, o estudo de Musto (1971, p. 112) diz que foi o principal instrumento para propagar métodos e inovações concretas e alcançar objetivos específicos. As campanhas desempenharam “um papel importante na introdução de inovações no setor rural”

Em Mesopotâmia (Antioquia) a “operação Antioquia” (campanha realizada em razão da abertura da Rádio Sutatenza em Medellín) 1965-1966, produziu efeitos duradouros na população. Produziu mudanças em técnicas de produção mais eficientes e em melhores condições higiênicas; mas, depois, o movimento radiofônico entrou em decadência. Esta mudança obedeceu, segundo o pároco, ao conteúdo demasiado geral do trabalho educativo da Rádio Sutatenza. Para ele os problemas concretos de Mesopotâmia não podem ser resolvidos só com educação de adultos. Para um conselheiro municipal, os problemas de analfabetismo estão superados porque agora quase todas as crianças assistem à escola, ao menos para a educação elementar, portanto, para ele “os problemas do povoado são especificamente locais e têm a ver sobretudo com as técnicas de produção agrícola” (MUSTO, 1971, p. 166).

A Rádio Sutatenza é, entre as organizações de desenvolvimento rural, aquela que mais contribui para o melhoramento das condições de vida dos camponeses (MUSTO, 1971, p.

148. 165). A ACPO ocupou um vazio que o governo não podia preencher. A ideia foi boa. A instituição iniciou realmente rotas novas (MUSTO, 1971, p. 146).

Aspectos positivos destacados na pesquisa de Musto (1971, p. 103): “A ACPO reconheceu muito rápido que a eficiência do movimento radiofônico podia melhorar significativamente tanto nos resultados educacionais, como no referente à organização, empregando contatos interpessoais”. Quem ativa esses contatos pessoais nas comunidades e com a instituição são os líderes. No ano de 1967, trabalharam em conjunto 33 líderes regionais, 183 líderes locais e 5.661 dirigentes camponeses, a serviço da instituição; entre as organizações que propagam a adoção de inovações para promover o desenvolvimento rural, a ACPO é a mais eficaz em sentido quantitativo. A importância qualitativa não pode ser determinada com os dados disponíveis. As campanhas exercem um impacto indubitável (MUSTO, 1971).

Ainda que não tivesse mudado as estruturas econômicas e sociais vigentes, ajudou, sem dúvida, no melhoramento das condições de vida das massas camponesas. Portanto, “a tarefa cumprida pela ACPO – Rádio Sutatenza nos últimos 20 anos foi tudo, menos insignificante” (MUSTO, 1971, p. 201).

À pesquisa do Instituto Alemão de desenvolvimento Salcedo e sua equipe lhe reconhecem um mérito especial: “Ter conseguido sintetizar em forma sistemática a enorme complexidade de Ação Cultural Popular” (MUSTO, 1971, p. 42).

Salcedo e sua equipe contestam a pesquisa de Musto mediante um prólogo (MUSTO, 1971, p. 9-42) e com glosas em negrito ao longo do texto da pesquisa. Por exemplo, questionam a ideia de que os programas não devem ser tão gerais, senão mais especializados: “Em todo processo de comunicação para o desenvolvimento, corresponde aos meios massivos transmitir um conhecimento generalizante, e aos líderes de opinião reforçá-lo e adaptá-lo mediante uma comunicação interpessoal” (MUSTO, 1971, p. 29). Outra das observações de Salcedo é sobre a mentalidade política do funcionário de Estado (os pesquisadores trabalhavam para o estado alemão) que supervaloriza as atividades das instituições oficiais e desconfia das instituições privadas.

Salcedo argumenta ante a crítica de sintonia cativa ou fechada, que os europeus não

conhecem como funciona, e aqui se chama de “malícia indígena”. Um fenômeno ao qual não se tem dedicado estudos específicos. “Trata-se de uma pauta viva e real na atitude das grandes massas, que herdaram de seus antepassados esse tipo de resistência ante o invasor branco que tratou de despojá-los não só de suas terras, senão que, o que é mais grave, de sua forma de pensar e de agir” (MUSTO, 1971, p. 21).

Diante da crítica de variações nas formas de vida camponesa, segundo a zona fria, temperada ou quente que reclama um discurso diversificado Salcedo responde que “ser analfabeto em terra quente é o mesmo que sê-lo em terra fria” (MUSTO, 1971, p. 77). Portanto, a programação educativa não mudou a causa desta ideia, a situação econômica e o papel que se deixava nas mãos dos auxiliares imediatos, ou seja, o de aplicar os conteúdos às realidades concretas.

Uma das observações à pesquisa de Musto é sobre os estudos de caso: cinco estão situados em zonas frias entre 2.000 e 3.000 metros de altura e só um na costa Atlântica. Não parecem muito representativos da realidade colombiana. A outra observação é sobre sua ênfase na análise dos efeitos, dos resultados e quase nada sobre os processos desenvolvidos no patamar comunicacional e educativo.

Estudando a influência da ACPO nas regiões segundo seu grau de desenvolvimento, se identificou que as Escolas Radiofônicas têm diversos graus de efetividade, segundo o grau de desenvolvimento em que se encontra a região onde se opera: “40% tem melhorado o índice de suas relações sociais, o que envolve a constituição de grupos musicais e artísticos; arrumar pontes e caminhos, construção e utilização de campos esportivos, especialmente o basquete”. (ACPO, 1973, p. 105. 115).

Em síntese, “a Escola Radiofônica é um grupo pequeno de camponeses que se reúnem de comum acordo para escutar periódica e sistematicamente lições pelo rádio, ajudados pelos demais elementos impressos, e com o guia de um Auxiliar Imediato, um camponês com maior capacidade e educação” (ACPO, 1973, p. 71).

As Escolas Radiofônicas estabeleceram algumas festas clássicas: 15 janeiro “Fiesta de la cartilla”; 13 maio “Fiesta de la Virgen de Fátima”; 16 dezembro “Fiesta de la lectura”; 4º Domingo do mês “Izada de la bandera” (SALCEDO, 1957, p. 23; 1958, p. 25). Assim mesmo,

a instituição tem símbolos oficiais: Escudo, Bandeira, Hino (SALCEDO, 1964, p. 8).

O *professor-locutor* das escolas radiofônicas devia reunir várias exigências em seu currículo: “ser um especialista em sua matéria, em meios de comunicação, na idiossincrasia camponesa e até em métodos antropológicos” (ACPO, 1973, snp). Deveria ter um rigoroso sentido de responsabilidade, severo conceito de organização e eficiência em seu trabalho (SALCEDO, 1960), isto porque estava a serviço da Igreja e do país.

Gabriel González chegou como professor das Escolas Radiofônicas em 1950, por designação do Ministério de Educação Nacional para ajudar a Salcedo em sua obra nascente das Escolas Radiofônicas. Ele deixou escritas suas primeiras impressões:

Encontrei-me com o que Ação Cultural Popular era então uma sala pequenina que bondosamente tinha cedido o Sr. Ramón Bulla em sua própria casa de moradia, onde estavam instalados o pequeno transmissor, o escritório de Monsenhor, sua biblioteca, um toca-discos primitivo, com não mais de 25 discos riscados, o microfone e três cadeiras. Detrás da casa, em uma ramada pequena estava um gerador de um quilowatt que se ligava para as horas de aula – 7-8 am. e 4-5 pm. Ao lado deste salão-estúdio -transmissores, discoteca, escritório, biblioteca- estava o refeitório e o dormitório de Monsenhor [...]. Isso era tudo, mas funcionavam já uns 20 rádios em distintas lugares de Sutatenza e Tibirita (ACPO, 1957, p. 10).

Os professores que entraram a trabalhar na Rádio Sutatenza eram de origem normalista em sua totalidade e ainda de grau mais alto. Todos eram versados em assuntos de ensino e docência, com muita experiência. Todos eram experimentados; não obstante ao chegar a Rádio Sutatenza a treiná-se e a produzir os primeiros libretos não houve ninguém dos professores que não tivesse fracassado, porque encontram uma coisa sumamente difícil e sumamente dura: adaptar essa preparação que tinham, como professor e como pedagogo, ao ensino radiofônico.

Esta foi sempre uma dificuldade temporal. Adaptam-se, mas com bastante esforço e trabalho. O professor Luis Francisco Munevar, muito preparado e sobressalente, como os outros que ingressaram na instituição, normalista ele, um grande pedagogo, entrou a trabalhar como professor da noção Número e durante os dois primeiros meses não conseguiu autorização para gravar um libreto:

Porque, se gravavam seus libretos, eram todos um fracasso; absoluto fracasso; mas, depois de uns dois meses resultaram já libretos muito bons e tanto que ele chegou a ser depois o autor da cartilha que hoje temos adotada na ACPO, a cartilha Número; e esse senhor da cartilha é de quem me consta que lutou pelo menos de dois a três meses para pôr no ar seu primeiro livreto. A metodologia radiofônica é diferente da metodologia formal (RODRÍGUEZ, 1967h, p. 208).

Quem entrevistava o professor Numa Pompilio Mesa, por motivo dos 15 anos da Rádio Sutatenza (RÁDIO SUTATENZA, 1962), comentava que o professor Mesa costumava deixar suas aulas gravadas e ir pessoalmente às Escolas Radiofônicas a confundir-se com os alunos para apreciar e experimentar a utilidade de suas palavras, para verificar a efetividade dos métodos que ele ideou pouco a pouco, pois nessas matérias não existia nenhum método anterior.

Em sua avaliação o especialista da UNESCO (FERRER MARTIN, 1959) diz que o corpo de professores especialista em pedagogia radiofônica se dedica unicamente a esta atividade em coordenação com o subcomitê de Escolas Radiofônicas:

Produce os libretos das aulas de leitura, escritura, aritmética, catecismo, saúde, agricultura, bovinos, geografia, história, civismo, urbanidade etc. Tem professores que locutavam suas aulas quando reúnem as condições de boa voz, dicção, pronúncia, fraseologia radiofônica e o mais que deve exigir-se ao locutor pedagogo. Por outro lado, o subcomitê de Escolas Radiofônicas revisa os libretos gravados quando o julga conveniente (FERRER MARTÍN, 1959, p. 48).

Na proposta de nova programação para a Rede Sutatenza, o que se diz do professor-libretista? Sugere-se que sejam excluídos os professores libretistas que não cumpram as seguintes condições básicas: capacidade de redigir uma mensagem completa em um mínimo de palavras. Cada frase deveria ser semelhante a um *slogan*: breve, conciso, afirmativo. Sutatenza aperfeiçoou esta técnica, diz a proposta (OZAETA, 1968), mas é preciso melhorar; capacidade de redigir a aula seguindo uma sistemática ou seja uma ordem lógica (análise ou síntese), ou uma pedagógica (do conhecido ao desconhecido) ou uma psicológica (do que o aluno quer ao que o professor pretende).

Depois são enunciadas outras duas qualidades que o professor libretista deve ter em conta para melhorar sua aula. Estas duas qualidades não implicam na necessidade de prescindir dos serviços do professor: habilidade para estabelecer um ritmo na aula:

planejamento, desenvolvimento, demonstração, clímax ou solução, recomendações finais. É uma lástima o tempo que se dedica a saudações e introduções prévias à aula, com uma monotonia e reiteração desesperante. Uma frase engenhosa, distinta cada vez, seria mais efetiva; habilidade para captar o interesse: por exemplo, mostrar a utilidade e vantagens do que se vai ensinar, apresentação alegre e eufórica da mensagem; parêntese de humor; um efeito sonoro, as chamadas surpresa; habilidade para redigir em forma de “charla”, ou seja, um texto para ser falado mais do que para ser lido, intercalando expressões populares que soam bem ao ouvido.

Também se chama a atenção, com menos rigor, para a pronúncia (destacando os defeitos mais comuns na Colômbia), e sobre os sinais de pontuação “falados” Tanto para o professor que grava sua aula como para o locutor que interpreta o libreto produzido por outro, deve ser excluídos quem tenha deficiências em tom, timbre, modulação ou fraseio de leitura: o locutor em cuja voz predominem os tons altos cansa pronto; pessoas cujo timbre de voz não é agradável, uma voz de mau timbre soa a instrumento desafinado; sobre a modulação ou inflexão da voz, é pouco o que se pode dizer em teoria, com exceção de que a voz não modulada soa terrivelmente monótona; o bom fraseio da locução pedagógica é o elemento mais difícil de explicar por escrito. O bom fraseio da aula consiste em dar valor à frase que nos interessa, com toda a ênfase ou picardia ou pausa, o entonação ou reiteração, ou elevação da voz, etc. que o texto mereça.

Em 1969, o departamento de professores produziu um documento de trabalho (CASTRO VILLARRAGA, 2005), com a intenção de qualificar o modelo educativo da Instituição. Nesse documento se destacam duas características próprias da Escola Radiofônica: o conteúdo educativo (o que) e a metodologia, a técnica (o como). Sobre o conteúdo, na perspectiva da Educação Fundamental Integral, este deve ser significativo, contribuir na formação da estrutura mental, reunir determinadas condições para o rádio e ter uma alta carga motivacional.

Sobre a técnica, a metodologia (o como), se trata de aplicá-la, em alguns casos, e elaborá-la, em outros, para que seja meio de informação, de ensino, de comunicação e de influência para o desenvolvimento. A partir destas técnicas e das destrezas do professor, se propõe estes requisitos que, por sua vez, configuram seu perfil de professor-locutor:

[Técnicas]: Saber que é o rádio como meio de comunicação massiva; conhecer o poder psicológico do rádio; situar sua missão entre os distintos usos do rádio: informação, publicidade, educação-cultura; dominar a didática radiofônica; conhecer o processo da comunicação; pedagogia da motivação e interesse; persuasão.

[Destrezas ou qualidades do professor-locutor]: Veracidade; espontaneidade; força emotiva naquilo que comunica: calidez; força de presença: utilizar uma linguagem coloquial, amistosa; atualidade; sentido prático (PACHON apud CASTRO VILLARRAGA, 2005, p. 101).

Para Rádio Sutatenza e a ACPO, os agentes educativos eram um componente muito importante do sistema que utilizava o rádio para educar, junto com outros meios. Devido a esta caracterização, o conceito de agente educativo é diferente daquele aceito tradicionalmente. O agente educativo se define como “a pessoa que ajuda a guiar o processo de aprendizagem de um estudante em um contexto de educação não-formal” (MORGAN, 1980, p. 51-52).

O professor-locutor planeja, desenvolve e produz os programas educativos. Sua tarefa inclui estabelecer objetivos, desenvolver o currículo, preparar os conteúdos dos cursos e criar estratégias compatíveis com as metas da instituição. Segundo Morgan (1980), são várias as funções que estão implícitas em suas responsabilidades: desenvolver o currículo da ACPO; preparar e programar aulas específicas para as escolas radiofônicas; produzir libretos para as aulas radiofônicas; fazer gravações para as aulas radiofônicas e demais programas audiovisuais; planejar, elaborar e avaliar as cartilhas; planejar, escrever e avaliar os livros para a biblioteca do camponês; formular e produzir materiais audiovisuais para os projetos da ACPO; produzir programas radiofônicos para complementar as aulas das escolas radiofônicas; escrever artigos para o jornal *El Campesino*; preparar instrumentos para avaliar os progressos dos estudantes da escola radiofônica; ajudar a responder à correspondência dos camponeses.

Para conseguir realizar estas funções, a pessoa selecionada para ser professor, Morgan (1980, p. 53) diz que “deve ter os requisitos básicos de um professor, um escritor, um produtor de rádio e um locutor”. Como não existe instituição que faça isso, a ACPO seleciona cuidadosamente e “leva em conta fatores tais como experiência de ensino, conhecimento dos camponeses e da vida camponesa e a capacidade de escrever e de falar adequadamente”.

Uma vez aceito na instituição, o funcionário se submete a um treinamento

personalizado, com um enfoque formal e não-formal, incluindo práticas. Este treinamento tem como objetivo “melhorar seu desempenho, adquirir maior informação sobre as necessidades dos camponeses, conhecer as mudanças de política e de programas da ACPO e atualizar seus conhecimentos e técnicas em suas áreas específicas” (MORGAN, 1980, p. 53).

Um dos elementos essenciais da Escola Radiofônica é o *Auxiliar Imediato* (ver neste trabalho as páginas 123-124). Aí está dito que o Auxiliar Imediato (AI) foi a inovação mais significativa das Escolas Radiofônicas da Sutatenza. Ele é considerado a peça fundamental do projeto pedagógico e chave do sucesso educativo. Ele, sendo intermediário e ponte entre o professor-locutor e seus alunos, mostrou como a prática da comunicação interpessoal atualiza e vitaliza a comunicação midiática.

Que faz o Auxiliar Imediato? Realiza, antes de começar o curso, a *matrícula* dos alunos que desejam participar nas aulas do primeiro e segundo curso; prepara o *local escolar* onde se reúnem os alunos; distribui o *material pedagógico*: cadernos, cartilhas, lápis, folhetos complementários, giz, pintura para o quadro-negro, sementes, aros e balões para o esporte; cada dia chama os alunos ao amanhecer golpeando um pedaço de *trilho* que serve de sino, minutos antes da hora da aula; marca no caderno de assistência a presença dos alunos; durante a aula serve de *intermediário* entre o professor-locutor e os alunos. “Não ensina nada por sua conta. Limita-se a obedecer a umas simples instruções que recebe através do rádio” (AUXILIARES, 1961, p. 8); revisa as *tarefas* dos alunos; *difunde o jornal El Campesino*, o lê para quem não consegue ainda ler; promove a aplicação das *campanhas de melhoramento econômico-social* das Escolas Radiofônicas (moradia, esgoto, latrinas, horta, viveiro).

O Auxiliar Imediato não é pedagogo, nem professor, nem ensina como tal. Apenas sabe um pouco mais que os alunos. “Sua missão consiste em executar fielmente e sem antecipação o que o professor-locutor lhe ordena. É um intermediário. Sua principal qualidade pedagógica é a acomodação ao tema” (FERRER MARTIN, 1959, p. 48).

As lógicas de produção da Sutatenza escreveram muito sobre o AI. Um desses estudos é o de Aristizabal (1978, p. 133) onde o AI é visto na perspectiva de Agente Educativo. O estudo entende por Agente Educativo “a pessoa que, dentro de um contexto organizado, estabelece uma interação intencionada e direta com um ou vários usuários, da qual se deriva algum tipo de aprendizagem”.

Alguns resultados dessa pesquisa mostraram que os AI são jovens entre 15 e 25 anos, solteiros, filhos maiores da família, com uma escolaridade um pouco acima da média para o setor rural colombiano. Com relação à exposição aos meios massivos de comunicação, mostram uma alta exposição à Rádio e ao periódico (*El Campesino*). Com relação à capacitação, esperam ser melhor treinados (80%) para melhorar a qualidade de seu trabalho.

Sobre a permanência e a deserção dos AI se percebe que depois de três anos a permanência tende a decair, ainda que um grupo grande diz que quer trabalhar mais de seis anos com a instituição. Para a permanência, parece influir a idade e as mudanças de estado civil, e os motivos da deserção são basicamente econômicos. As razões que eles têm para continuar refletem uma certa mística: “Desejo de serviço” e “satisfação pelo trabalho”.

Entre as recomendações que faz a pesquisa (ARISTIZABAL, 1978, p. 141-143) se destacam: treinamento para o trabalho a desempenhar; realizar ações nas comunidades, por fora das aulas radiofônicas, disponibilizar materiais e meios para desempenhar bem seu trabalho e empreender estudos sistemáticos sobre os Auxiliares Imediatos.

5.2 DISCURSO RELIGIOSO

Desde seus inícios *o religioso* é marcante e decisivo no projeto da Rádio Sutatenza e a ACPO. Foi a partir de sua experiência religiosa que Salcedo se sente chamado a fazer algo pelo povo camponês. E, como testemunho desta relação entre *fé e cultura*, Salcedo quis que na casa-mãe da instituição, em Sutatenza, hoje chamada de “Villa de la Esperanza” fosse escrito: “*Por la fe, y la cultura; base del verdadero progreso*”. Isso foi em novembro de 1947.

Sutatenza na sua relação com os camponeses se preocupa em identificar os elementos chaves de sua cultura. Alguns desses elementos são sua resistência a qualquer mudança, a qualquer proposta que tente modificar sua percepção do mundo, sua passividade, seus valores comunicados de geração em geração. Diante desta realidade, Sutatenza se apropria do imaginário religioso popular (matriz cultural). Eles sabem que, se situando nesse patamar, no discursivo e na prática, não haveria resistências, senão adesão.

Nessa perspectiva, se entende, desde os começos, o apelo a Santo Isidoro Agricultor, padroeiro dos camponeses, e a Nossa Senhora de Fátima, padroeira das Escolas Radiofônicas. O monumento a Santo Isidoro Agricultor “símbolo do progresso dos camponeses” chamado antes pelos moradores do campo de Santo Isidoro Lavrador, exemplifica, na praça de Sutatenza, a passagem da cultura pré-moderna (o arado) à moderna (o trator): “Santo Isidoro pode servir de impulso e estímulo para que respondamos aos chamamentos da Igreja e às urgências de hoje, para que trabalhemos por um camponês novo da América, cheio de fé em Deus, capacitado e plenamente responsável deste mundo” (SAN ISIDRO, 1967, p. 5).

Salcedo e o pessoal da Rádio Sutatenza e a ACPO perceberam a importância do culto a Santo Isidoro entre os camponeses, como veículo para enfrentar o “providencialismo” milenar que aceitava o atraso, a ignorância e a pobreza como desígnios da Divina Providência. E criaram uma campanha cujos postulados foram:

1. Estimular no homem camponês o trânsito de uma espiritualidade de subdesenvolvimento a uma espiritualidade de desenvolvimento e 2. Fomentar a imagem de Santo Isidoro Agricultor, como símbolo e modelo do homem do campo latino-americano, colocado em atitude de empregar sua inteligência e seus recursos para o progresso integral da comunidade (ZALAMEA, 1994, p. 203-4).

Junto à ideia do monumento, foi redigido um novenário que trazia considerações sobre os recursos naturais, a tecnificação do trabalho e as ferramentas para realizar obras materiais de interesse coletivo.

Em setembro de 1950, se inaugura o monumento a Nossa Senhora de Fátima, padroeira dos catecismos e das Escolas Radiofônicas de Tibirita, que tinha naquele momento 17 Escolas.

Ao pé da estátua do jardim do catecismo colocou-se uma placa de mármore com uma frase que está fazendo carreira na República e que será o santo e senha da alfabetização: “Quero que rezeis todos os dias o rosário e que aprendais a ler”. Nós fomos os primeiros em indicar essa frase. A emissora de Sutatenza tomou já esta ordem da Santíssima Virgem para cumpri-la e se colocou sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima (SABOGAL, 1950, p. 8).

É de imaginar a motivação e a adesão que entre os camponeses supunha o convite a

aprendera ler, não como um pedido das Escolas Radiofônicas de Sutatenza ou do padre Salcedo, senão que como um desejo intenso de Nossa Senhora de Fátima.

‘Eu quero que aprendais a ler’. ‘Eu quero que aprendais a escrever’. Tal foi a mensagem que Nossa Senhora de Fátima disse aos pastorzinhos [...] e é a mensagem que dirige a todos vos.

As Escolas Radiofônicas têm como padroeira e advogada Nossa Senhora de Fátima. Por isso cumprir com essa sagrada mensagem será vossa redenção na ordem de vossa cultura (MESA G., 1954, p. 7).

A propósito da campanha de arborização, Nossa Senhora de Fátima “será a doce companheira na lavoura e cuidado das arvores. Por quê? Porque ela na cova de Iria apareceu aos camponeses em uma árvore, numa azinheira” (SABOGAL, 1954, p. 4).

Na praça adjacente ao templo paroquial de Sutatenza, se pode apreciar hoje uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, envelhecida pelo tempo, como símbolo desse convite a aprender a ler e escrever. Também revisando os boletins de programas e outras publicações, se pode encontrar diversas fotografias e pinturas que mostram ao lado ou à frente do quadro da Virgem de Fátima o aparelho de rádio e a pilha como representando o altar da Escola Radiofônica.

Junto à Padroeira e o Padroeiro dos camponeses, a Rádio Sutatenza promove a celebração das primeiras sextas-feiras em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi esta também uma devoção que entrou muito na consciência popular dos colombianos, particularmente do setor rural. Chama a atenção que em função desta celebração se suspendiam as aulas:

“Na primeira sexta-feira do mês, não haverá aulas. Nesse dia todos os alunos das Escolas Radiofônicas, destinem as primeiras horas da manhã ao cuidado de sua alma com uma santa comunhão para fazerem-se merecedores da Grande Promessa do Sagrado Coração de Jesus a seus devotos” (PRIMER, 1953, p. 1).

Nessa construção simbólica, a partir da religião, participam os párocos e a paróquia: “O pároco é sem nenhuma dúvida elemento essencial nesta obra, e com verdade se falou que a Escola Radiofônica será o que o pároco quiser que seja” (OCAMPO BERRÍO, 1953, p. 51).

O pároco é o diretor do movimento das Escolas Radiofônicas (SALCEDO, 1961, p. 5).

Em entrevista de Alejandro Rodríguez ao padre José Ramón Sabogal, ele diz que “as Escolas Radiofônicas são templo onde se serve e louva Deus [...]. A Escola Radiofônica é um prolongamento da ação do pároco” (RODRÍGUEZ, 1950, p. 46-47).

Depende dos párocos a efetividade de todo este esforço de chegar até os homens do campo. O pároco é o eixo desse movimento rural. Os camponeses o apreciam e lhe guardam devoção. “Nele os camponeses encontram sempre seu melhor amigo, seu fiel e seguro confidente, seu afetuoso conselheiro [...] até a estreita colaboração no governo dos lares [...] chave do sucesso, o eixo, o diretor natural e por direito das Escolas Radiofônicas na sua paróquia (PARROCO, 1954, p. 3).

Nos inícios da década de 1950, o criador do método IAP (Investigação Ação Participante), o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda viveu uma situação que mostra o papel social do pároco e sua ascendência, sua autoridade. Estava Fals Borda desenvolvendo pesquisas entre o setor camponês na vereda de Saucío, mas chegou um momento em que os camponeses começaram a duvidar do trabalho que o sociólogo estava realizando porque circulou a ideia de que era um comunista e estava talvez para aumentar impostos.

Decidi agarrar o touro pelos chifres, fui falar com o pároco e lhe expliquei o que estava fazendo. Achei o padre sumamente simpático, aberto. Creio que ele falou com alguém da empresa, com meu chefe seguramente. Os informes que ele teve parece-me que foram positivos, porque no domingo seguinte do púlpito me deu a bênção. A partir desse momento se foi sataná! A partir de então tive uma grande amizade com esse padre e com sua família (CENDALES; TORRES; TORRES, 2006, p. 62).

Esse episódio evidencia o papel do pároco na sociedade rural; ele é uma pessoa que inspira confiança e projeta autoridade. Ele é um intermediário e um interlocutor autorizado da comunidade, cuja palavra é reconhecida e obedecida. Pela descrição de Fals Borda, ele teve a fortuna de encontrar um pároco aberto, simples e com disposição para o diálogo.

Nessa mesma perspectiva se coloca a pesquisa de outro sociólogo, Camilo Torres, sobre o papel social do presbítero: “O prestígio do sacerdote no mundo o coloca em situação

de privilégio para adiantar qualquer função catalisadora” (TORRES RESTREPO; CORREDOR RODRÍGUEZ, 1961, p. 47).

A partir da concepção do pároco, do bispo e do papa se afirma a ideia do sentido hierárquico da Igreja, própria daquele tempo em que a figura do leigo estava na dependência e submissão total à autoridade da Igreja. “Ser da Igreja” não é só estar batizado, identificado com ela, senão obedecer a suas consignas. O auxiliar paroquial “tem que levar dentro de si um forte sentido hierárquico, espírito de disciplina, de obediência e de submissão” [...] ao pároco “nunca opor-se a ele” (HURTADO, 1957, p. 5).

Tal visão eclesiológica tinha sido afirmada pelos bispos no final da década de 1940 numa pastoral coletiva:

Queremos recordar-lhes que, por expressa vontade de Cristo, sem hierarquia eclesiástica não há cristianismo; que quem obedece à hierarquia eclesiástica obedece a Cristo mesmo, e que aos fiéis, longe de ter que julgar a seus superiores hierárquicos, só tem o dever de escutá-los com fé e com submissão obedecer-lhes (CONFERENCIA EPISCOPAL COLOMBIANA, 1949, p. 199).

Salcedo estuda este fenômeno dos poderes espirituais sobre as sociedades concluindo que os bruxos, feiticeiros e sacerdotes eram a primeira força de legitimação nos grupos primitivos e que estes exerciam seu poder sobre os governantes e guerreiros e diretamente através deles sobre a comunidade.

Em sociedades mais avançadas, os bruxos deram passagem à aparição das castas sacerdotais, com menos poder como árbitros da vida e da morte, mas com enorme influência como ministros e intermediários entre os poderes sobrenaturais e o ordenamento normal das sociedades. Sua influência é enorme na vida privada de cada indivíduo controlada através das crenças (SALCEDO, 1994, p. 54).

Para Salcedo certo discurso religioso preocupado com a vida eterna se despreocupa do contexto econômico, político e social e aponta para uma mensagem carregada de providencialismo, de fé nos milagres e de resignação. Diante desta distorção, Salcedo entende que contribuir “ao controle da explosão demográfica, à diminuição da pobreza e miséria do povo, mediante sua preparação para produzir e gerar riqueza, é também urgente tarefa dos

pastores e condutores da vida espiritual dos povos” (SALCEDO, 1994, p. 55).

Nos primeiros Estatutos da Fundação Ação Cultural Popular (ACPO, 1950), criada dois anos após estar no ar a Rádio Sutatenza, não aparece explícita a afirmação de que a Rádio Sutatenza e ACPO sejam uma *obra da Igreja* colombiana. Mas o conceito está implícito, por exemplo, ao observar os integrantes da Junta Diretiva. A ideia é claramente afirmada na “Primera Asamblea General” (1953, p. 23. 54.): “Una institución de la Iglesia al servicio del campesino”, “Emisora de la Iglesia” etc. Nas edições posteriores dos Estatutos, esta ideia aparece claramente: “A ACPO é uma fundação da Igreja Católica” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1978, p. 5).

Na construção desse imaginário, agem as intervenções da Conferência Episcopal, as diversas assembleias dedicadas a estudar a Rádio Sutatenza – ACPO, seus documentos pastorais, as participações em três Assembleias gerais de Acción Cultural Popular. Toda uma série de convites a abrir nas dioceses, nas paróquias, as portas para os programas educativos em favor da população camponesa.

Também jogam um papel fundamental os Papas com suas mensagens, desde Pio XII, em 11 de junho de 1953, por ocasião do aumento da cobertura de Sutatenza; João XXIII, em 12 de junho de 1960, por motivo da inauguração de um novo transmissor da emissora; e Paulo VI, com seu histórico encontro com os camponeses em Mosquera (Cundinamarca), em 23 de agosto de 1968, e a inauguração dos novos e mais potentes transmissores do rádio na Colômbia. Todos eles enviando suas bênçãos e motivando esse importante apostolado em favor dos camponeses.

Mas, desde seus inícios, a Rádio Sutatenza foi apresentada e percebida como uma obra da Igreja Católica da Colômbia. A figura do Bispo de Tunja, Crisanto Luque, e, posteriormente, primeiro Cardeal do país foi decisiva para o reconhecimento oficial da instituição, em setembro 1958, com a publicação de uma Instrução Pastoral sobre a Cultura Camponesa e Ação Cultural Popular, pela Conferência Episcopal da Colômbia. Nesse documento se declara oficialmente (o que já estava sendo dito desde sua fundação) que a Rádio Sutatenza-ACPO é uma *obra da Igreja*.

Nos princípios ideológicos da “Acción Cultural Popular” (1957), está dito em primeiro

lugar que se trata de uma “obra da Igreja” para a dignificação do povo, especialmente do camponês adulto por meio da educação fundamental integral. E no seguinte princípio sublinha que essa tarefa espiritual e sociocultural é um dever da sociedade como um todo, mas especialmente da Igreja. Estes dois princípios são desenvolvidos no chamado livro azul (HOUTART; PÉREZ, 1960), onde se encontram as considerações teológicas e sociológicas sobre a obra iniciada por Salcedo. Portanto, ajudar ao povo camponês em seu processo de alfabetização, de melhoramento de sua vida, de sua produção agrícola, significa ser coerente com sua fé.

No livro citado antes (HOUTART; PÉREZ, 1960), distingue-se três tipos de sociedade rural: sociedade rural pré-industrial, sociedade rural de transição e sociedade rural de civilização industrial.

A figura do sacerdote na civilização rural pré-industrial, especialmente nos povoados, era múltipla e global. Ele era o único com um pouco de mais ilustração e agia não só como pastor, mas como chefe da comunidade. Nessa função não era fácil não misturar sua autoridade espiritual “com seus papéis subsidiários” (HOUTART; PÉREZ, 1960, p. 34). Os pesquisadores Houtart e Pérez (1960) afirmaram que ainda se estava muito próximo desta forma na América Latina.

Na sociedade rural de transição a vida cultural se desenvolve e a mentalidade do camponês muda; “isto não é como antes, diz o dono, agora tem exigências enormes”, “não são dóceis como antes”, diz o pároco. Com novos conhecimentos, graças a seus contatos com a mídia o camponês muda seus esquemas mentais em relação a seu comportamento e percebe que pode desempenhar outros papéis. Assim, surgem novas funções (HOUTART, PÉREZ, 1960), e o pároco compreende que é preciso deixar aos leigos desenvolver papéis ativos de verdadeira responsabilidade. Portanto, se modifica a inteligência da participação na vida religiosa que residia de uma parte, na tradição camponesa e, de outra, na autoridade do pároco. Finalmente, a sociedade rural de civilização industrial é ainda uma utopia na América Latina, estamos no período de transição.

A avaliação do Instituto Alemão diz que ao ser considerada “obra da Igreja” a instituição tem o “apoio desta influente e muito ramificada instituição, submetendo-se ao mesmo tempo às limitações ideológicas e jurídicas correspondentes” (MUSTO, 1971, p. 143).

A esta crítica Salcedo dá uma resposta que não teve que agradar à Conferência Episcopal de Colombia, CEC: “A hierarquia tem total autoridade e responsabilidade sobre a marcha da Igreja na Colômbia. A ACPO é somente uma obra especializada e autônoma; não é hierarquia, e a hierarquia, como tal, não tem o governo da ACPO nem é a responsável de sua marcha” (MUSTO, 1971, p. 143).

Segundo Musto, o caráter eclesiástico da instituição trouxe também múltiplas vantagens: em primeiro lugar, numa sociedade tradicionalista como a colombiana, regida pelo princípio do prestígio social, a Rádio Sutatenza, como entidade eclesiástica, é intocável; em segundo lugar, dispõe de certa autoridade, por sua conexão com a hierarquia, frente a “um público um tanto desconfiado e não muito disposto a aceitar mudanças” (MUSTO, 1971, p. 144). Em terceiro lugar, a cooperação com as paróquias para a extensão de sua atividade, permite à Sutatenza utilizar uma organização já existente, em todas as regiões da Colômbia.

Salcedo é ciente do papel da religião na vida do povo camponês, mais ainda “a história da cultura ocidental é a história das relações entre os denominados poderes religiosos e os poderes seculares” e, na percepção de Salcedo, “sempre resulta sutil a linha divisória entre o poder religioso e a luta política” (SALCEDO, 1994, p. 54).

Segundo Brzezinski (1973, p. 99-100), Salcedo utilizou o elemento religioso para promover as metas de desenvolvimento popular:

O sucesso da ACPO pode ser atribuído em parte à coerência organizacional e à ideologia da superação pessoal, mas permanece como razão principal sua identificação com a Igreja. Essa Associação dá às Escolas Radiofônicas uma vantagem tremenda nas áreas rurais da Colômbia onde o prestígio da Igreja e sua secular influência são grandes. Em grande parte o sistema de indiferencialização do sistema social da Colômbia, os sacerdotes têm uma legitimidade para os papéis secular e religioso; eles claramente são capazes de transferir a autoridade religiosa à esfera temporal. A influência sacerdotal em problemas seculares depende diretamente do caráter “sagrado” da pessoa. Essa autoridade é institucional antes de carismática. Qualquer sacerdote, a menos que ele demonstre o contrário, é assumido como alguém com sabedoria superior. Vista nesta luz, a utilização da ACPO pelos párocos locais representa um uso astuto do sentimento religioso para promover metas de desenvolvimento secular.

O elemento religioso é uma das dimensões marcantes da vida camponesa. Isso já foi dito a propósito da aproximação a sua realidade, ao camponês tal como ele é. Pois bem, esta

chave de aproximação também foi de conflito e de ruptura. Com efeito, a maneira de agir e de pensar de Salcedo encontrou apoio de um bispo sensível à questão social e consciente de suas raízes camponesas: Crisanto Luque. Mas ele morreu em 1959, e, com o passar do tempo, esse apoio à obra de Salcedo se foi debilitando, chegando a um distanciamento significativo em 1968 a propósito da visita de Paulo VI. A primeira visita de um Papa a um país latino-americano. O Episcopado não queria na agenda do Papa um encontro com os camponeses da Colômbia e da América Latina. E Salcedo, que era amigo do Papa, organizou o encontro que foi um sucesso, em Mosquera (Cundinamarca), no dia 23 de agosto. Nessa ocasião foram abençoados os novos transmissores da Rádio Sutatenza.

De uma parte a forte personalidade de Salcedo, inclinado a mandar, robustecido pela sua ideia da comunicação educativa, que já não era só dele senão patrimônio comum, e sua presença midiática e convicção de que a Rádio Sutatenza e os outros meios de ação precisavam de autonomia para agir, e, de outra, a Conferência Episcopal da Colômbia⁵, intransigente na sua ideia do sentido hierárquico, na sua visão e ação inspirada historicamente na linha mais radical do partido conservador colombiano e na sua dificuldade para compreender o papel da mídia na sociedade, ajudaram a radicalizar os problemas de sustentabilidade da Rádio Sutatenza e do sistema ACPO.

5.3 DISCURSO RADIOFÔNICO

A Rádio Sutatenza é reconhecida como a emissora pioneira na utilização do rádio com fins educativos na Colômbia. Seus destinatários foram primordialmente os camponeses adultos. Para os pesquisadores de ALER (Associação Latino-americana de Educação Radiofônica), este tipo de rádio surge principalmente dentro da Igreja Católica e se caracteriza “por um alto grau de serviço e de compromisso social com as causas populares” (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 31).

Aprofundar no *rádio educativo*, quase quarenta anos depois de seu auge e a vinte anos

⁵ Sobre o perfil histórico da hierarquia católica da Colômbia se podem consultar CAVALCANTE (2003), BIDEgain (1985), SALAZAR PALACIO (2008), LLANO ESCOBAR (2006), RESTREPO (1995), entre outros.

de concluída a experiência da Rádio Sutatenza pareceria uma tarefa insignificante e superada. Não obstante, não o é porque, além do afirmado na justificativa desta pesquisa, se trata de um necessário exercício da memória, de reconhecimento do papel social da mídia e do diálogo ao redor da interface comunicação e educação.

Martín-Barbero, num artigo (2001) sobre as relações entre memória e esquecimento em tempos de guerra na Colômbia, e o papel dos meios nos modos de lembrar e esquecer, enfatiza o papel da memória como projeto: “Sem memória não há futuro, e quem não lembra está condenado à repetição”. Esta é uma das razões básicas que justificam não só a história da Rádio Sutatenza, em particular, senão a história da mídia, em geral. Esta memória que tratamos de construir desde um enfoque específico, ou seja, das relações entre a Rádio Sutatenza e a audiência camponesa, está determinada a ser conflituosa:

Não há memória sem conflito, porque nunca há uma memória só, sempre há uma multiplicidade de memórias em luta [...]. Por cada memória ativada há outras reprimidas, desativadas, emudecidas. Por cada memória legitimada há um monte de memórias excluídas.

A Rádio Sutatenza é um exemplo de convivência e intensa colaboração produtiva na “relação comunicação e educação”. Além disso, a aproximação à interface é propositiva na medida em que abarca as duas perspectivas básicas desde as quais se pode realizar uma aproximação à interface: utilizar a mídia para aprender (Escolas Radiofônicas) e aprender mídia (mediante cursos de produção radiofônica e para meios impressos e audiovisuais desde uma visão de comunicação educativa que a Rádio Sutatenza preparou cuidadosamente para partilhar e multiplicar sua experiência).

O rádio educativo foi para Joaquin Salcedo a resposta a uma experiência religiosa (ver biografia midiática de Salcedo, p. 104) marcante na sua vida: a de corresponder ao mandato de Jesus: “Itē et docete omnes gentes”; “Ide, pois, e ensinaí a todas as nações” (Mt 28,19) e, de outra parte, definir-se frente aos dos caminhos que o bispo lhe colocou ao enviá-lo a Sutatenza: o ser simplesmente um coadjutor do pároco ou “fazer algo por esse povo” (RODRÍGUEZ, 1967e, p. 92). Essa gênese religiosa da Rádio Sutatenza e suas Escolas Radiofônicas, na minha visão, marcarão seu processo evolutivo e suas estratégias de comunicação educativa ativadas pela produção e compartilhadas pela recepção.

Diante dos obstáculos do povo camponês: analfabetismo, incomunicação, migração, injustiça social etc., Salcedo e sua equipe percebem que o rádio é um dos meios mais eficazes para encurtar e até eliminar distâncias, para comunicar-se, para organizar de forma séria e estável um programa de ensino (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1949).

Para pôr em prática o projeto instalou-se no município de Sutatenza (Boyacá), em setembro de 1948, um transmissor de ondas longas, com licença do Ministério de Comunicações, sob o nome de EMISORA CULTURAL DEL VALLE DE TENZA, destinada a transmitir programas exclusivamente de gênero cultural [...]. Desde essa data se iniciou uma série de programas de caráter experimental (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1949, snp).

Nas lógicas da produção da Rádio Sutatenza o rádio é compreendido nos inícios da década de 1950 como “invenção portentosa”, como “sistema nervoso que traduz a palpitação universal” que supera todos os condicionamentos de espaço e tempo. Em tal sentido, se pergunta Sánchez “por que não ter uma onda para a formação e educação camponesa? E mais à frente, a resposta, a uma opção predeterminada: “A cultura, e a cultura camponesa, reclama nessa vasta rede de ondas sonoras seu lugar próprio” (SÁNCHEZ, 1951, p. 13).

Nessa mesma época, a compreensão que tem do rádio em ideias sintéticas do Padre Sabogal (1950, p. 2), que foi diretor nacional das Escolas Radiofônicas por várias décadas, é de ‘moderno apostolado’, “cooperador catequético, um mestre em cada sítio do campo, um inspetor de higiene, um aficionado ao esporte, um técnico agrícola, um inspirador de cultura” (SABOGAL, 1950, p. 2).

Em sua entrevista para a história da Rádio Sutatenza e a ACPO, Salcedo sugere a Indalecio Rodríguez (1967f, p. 117-118) que escreva um capítulo sobre a metodologia e o processo de aperfeiçoamento no uso do rádio e relata brevemente elementos desse processo histórico mediante o qual os programas começam sendo alguns programas culturais, semi-culturais, mais de amador que de outra coisa e se vão aperfeiçoando.

Aparecem os sistemas pedagógicos, inicia-se a didática especial, se fazem os primeiros ensaios, não somente os ensaios de transmissão, senão os ensaios de recepção, então é um capítulo de muitos anos, até chegar já aos sistemas atuais e à classe de programação atual, que quase estivemos a ponto de chamar uma

programação enlatada, mas você encontra que em Acción Cultural, ainda que mais custoso, sem nenhuma dúvida mais custoso, e mais trabalhoso, temos também o princípio de não chegar nunca a uma programação pré-gravada e empacotada, porque seria a morte da dinâmica pedagógica e psicológica da instituição. Por isso, ainda que todos os anos tenhamos que pagar em professores para que digam ao fim e ao cabo o mesmo, não obstante preferimos somente fazer uma pré-gravação de uma semana ou de cinco dias, ou de um dia para outro, para manter-nos fieis ao aspecto realista e psicológico.

A Salcedo lhe preocupava que os programas não fizessem alusão aos problemas ou acontecimentos do momento no país, o que significaria a morte do professor dentro de uma fita, ausente da realidade nacional. Então, isso é mais custoso e difícil, mas é fundamental.

A maneira como foi pensada, estruturada e posta no ar a Rádio Sutatenza constitui uma “inovação social colombiana” (BERNAL, 2005, p. 9). Foi a partir da utilização do rádio para a educação fundamental dos camponeses adultos que se criaram as Escolas Radiofônicas e, para articulá-las, a figura do Auxiliar Imediato e outros agentes promotores da comunicação interpessoal e um sistema combinado de meios massivos com materiais escritos e visuais com a função de complementar e reforçar o produto radiofônico.

Nos inícios da Rádio Sutatenza, Salcedo foi questionado várias vezes sobre a viabilidade de ensinar a ler e a escrever através do rádio. Depois de alguns anos de experiência, ele conclui: “A resposta é absoluta e definitiva: pode-se, sim, ensinar a ler e escrever por meio do rádio se se empregam os métodos audiovisuais adequados e se conta com a colaboração do Auxiliar Imediato” (SE PUEDE, 1960, p. 15).

Em 1948, a Rádio Sutatenza iniciou o método audiovisual, que depois foi imitado por outros países tais como México, Brasil, Bolívia, Filipinas, Uruguai etc. Este método foi

o resultado de duradouras experiências e bem cuidadas revisões. E demonstrou sua eficácia nos lugares onde se aplicou com estrita precisão. Por exemplo, o Centro de Instrução Militar de Melgar obteve uma média de 82% de soldados alfabetizados em menos de 70 dias de aulas, com uma hora diária, por meio das Escolas Radiofônicas (SE PUEDE, 1960, p. 15).

Como já foi dito nas estratégias de Salcedo, o rádio educativo precisa de uma cuidadosa organização, estruturação e planejamento. A isto Salcedo dedicou muitas horas de

seu trabalho para criar um organograma dinâmico, para definir funções, estabelecer programas, estrutura e mecanismos de controle, para analisar os produtos e introduzir mudanças apropriadas. Assim, por exemplo, a partir da centralidade do rádio, motiva a importância do departamento das emissoras:

É o rádio um dos mais importantes instrumentos para a ação cultural em que estamos comprometidos. Todos os demais vêm a respaldar nossa ação através do rádio e, coordenados com este, nos permite estender e impulsionar as iniciativas tomadas para transformar o meio rural e elevar a mentalidade do camponês. Explica-se assim a importância que tem no conjunto das atividades da ACPO este Departamento de Emissoras (SALCEDO, 1960, p. 7).

A organização do departamento de emissoras na mensagem de 1960, inclui: comitê diretivo, diretor de programação, diretor artístico, secretário executivo, chefe de manutenção, chefe da seção de programação dialogada, chefe da seção de estudos, da seção de discoteca, arquivo e armazém. Fica a dúvida de por que está separado este departamento de emissoras do departamento de Escolas Radiofônicas.

Qual é a imagem do enunciador, a imagem de quem fala? A pergunta é pela imagem que têm de si mesmos os atores da Rádio Sutatenza, isto é, pela consciência do papel que estão realizando. Basicamente é a de *servidores-apóstolos*. Servidores do povo camponês através das Escolas Radiofônicas.

Uma ideia deve presidir todos os esforços de estudo e trabalho que se levaram à frente nestes dias. Uma ideia que se resume em uma palavra: camponês. Uma ideia que é um compromisso que temos contraído diante da Igreja, da Pátria e diante a História. A serviço desta ideia surgiu em 1947 a “Acción Cultural Popular”. Não como uma moda ou novidade por iniciar algo novo que estava esquecido, senão que mais um esforço de consagração ao apostolado camponês, utilizando os meios modernos que Deus colocou nas nossas mãos e, seguindo com isso, a linha redentora da Igreja (LUQUE, 1957, p. 16).

Durante 20 anos, “trabalho permanente” “estudando sem descanso”, “sempre em contato com o povo”. Preocupados no problema fundamental: “O subdesenvolvimento na América Latina” (SALCEDO, 1967, p. 9). Comprometidos em inverter a pirâmide social, política e econômica que na parte mais estreita agrupa 5% de privilegiados: militares, eclesiásticos, políticos, parlamentares, entanto que a pirâmide descansa na base constituída

em 80% de necessitados: o povo em geral, sem margens de participação social, política e econômica.

Para Salcedo, o problema é que se analisam e atacam as consequências do subdesenvolvimento (moradia, salários de fome, necessidades básicas etc.) mas não suas causas que estão no “cérebro”. Na pirâmide educativa mostrou Salcedo que existem 120 milhões sem nenhuma educação, “absolutamente incapazes. Incapazes para valer-se por si mesmos. Incapazes de agir politicamente, incapazes de agir religiosamente; incapazes de ser livres” incapazes de opinar, incapazes de produzir; incapazes de consumir” etc. (SALCEDO, 1967, p.14). A diferença com os Estados Unidos está nas proporções de sua pirâmide, a grande maioria está capacitada.

Salcedo propõe uma fórmula: $(RN+RH+CE) \times T = PDPS$, ou seja,

recursos naturais mais recursos humanos mais capital e equipe, multiplicado por técnicas, nos dará: progresso, desenvolvimento, paz social. A mais admirável frase do Papa em sua última encíclica é essa de que “o desenvolvimento-progresso é o novo nome da paz” (SALCEDO, 1967, p. 15).

Para Salcedo, existem como que três gavetas do problema: uma que guarda as emergências, outra o homem e a última as estruturas. Nossos países vivem resolvendo emergências. Como a repartição de leite em pó; mas isso é emergencial. E se pergunta ironicamente Salcedo: Quantas toneladas de leite em pó se precisam para que um camponês sul-americano, quimicamente ignorante, se converta num especialista agrícola? Em conclusão, “sem a construção do homem latino-americano, seguiremos perdendo anos e mais anos” (SALCEDO, 1967, p. 18).

Os processos de estudo, avaliação e planejamento da ação da Rádio Sutatenza e demais meios, ajudaram a tomar consciência de seu papel sociopolítico e religioso e das características do camponês colombiano. Em outras palavras, eram conhecedores da realidade. Tal é o caso da “Tercera Asamblea General de Acción Cultural Popular – Escuelas Radiofónicas” (1963), realizada no clima de inícios do Concílio Vaticano II. Seria esta a última assembleia geral que realizaria a instituição.

Particularmente significativas foram as palestras de Camilo Torres e Alejandro Bernal (1963), de Mauricio Obregon, presidente da instituição, sobre os grandes problemas da América Latina e da Colômbia; dos bispos de Facatativá e Girardot sobre a problemática da Pastoral Rural e de Misael Pastrana, membro da Junta Diretiva da ACPO e quem sete anos depois seria eleito presidente da Colômbia.

Camilo Torres e Alejandro Bernal analisaram a problemática da América Latina e da Colômbia a partir de alguns círculos viciosos do subdesenvolvimento: econômico (a carência de capital incide na ausência de tecnificação, e esta em baixa produtividade, cuja consequência é a baixa renda por habitante), demográfico (o índice de natalidade maior que o índice de mortalidade gera mais população e proporcionalmente menos oportunidades, mais necessidades e, portanto, miséria), cultural econômico (a baixa produção incide nos baixos ingressos que levam à miséria; à falta de educação, de consumo e à insuficiente e escassa demanda), cultural-político (a falta de política educacional explica a falta de educação formal e informal cuja consequência é a falta de consciência política nas maiorias, o que resulta em falta de adequados dirigentes políticos).

Deste círculo vicioso cultural-político também deriva outro corolário: a falta de consciência política das maiorias gera falta de influência política, com duas consequências: os grupos de pressão são minoritários, trazendo como consequência que as decisões políticas favorecem interesses minoritários e assim se descarta a promoção das maiorias e, de outra, falta de grupos de pressão majoritários. Igualmente, Torres e Escobar analisam o círculo vicioso religioso e político social.

Para romper com estes círculos viciosos os palestrantes enunciam três possibilidades de intervenção por parte da Igreja: negativa, temporalista e sobrenatural encarnada nas necessidades humanas do momento atual. *A intervenção negativa* consiste em tomar medidas orientadas exclusivamente a recriminar os possíveis responsáveis de uma determinada situação (atacar as classes dirigentes, os comunistas, os países estrangeiros que exercem influência sobre nós), sem atacar a raiz dos problemas que atribuímos a outros. *A intervenção temporalista* pretende que a Igreja assuma sua responsabilidade na reforma das estruturas sem considerar a autonomia do temporal.

A intervenção sobrenatural encarnada nas necessidades humanas do momento atual

consiste em que a Igreja deve agir frente aos problemas exclusivamente socioeconômicos “mediante a formação do cristão”. Aí é que se inscreve o projeto da Rádio Sutatenza, comprometida com a “educação cristã do povo, especialmente do camponês adulto, mediante as escolas radiofônicas” (art. 3 dos Estatutos da Acción Cultural Popular). “Segundo as avaliações feitas sobre Ação Cultural Popular esta instituição cumpriu com bastante eficácia os objetivos indicados nos seus Estatutos” (TORRES RESTREPO; BERNAL ESCOBAR, 1963, p. 50).

Para contribuir para a ruptura dos círculos viciosos sociais, a Igreja deve realizar ações sociais de convencimento sobre as classes dirigentes, sem ser muito otimista dos resultados e “produzir uma pressão coletiva consciente e responsável sobre a classe dirigente para que esta mude suas atitudes, e portanto suas decisões, e se resolva a colaborar na ruptura dos círculos viciosos” (TORRES RESTREPO; BERNAL ESCOBAR, 1963, p. 51).

Salcedo, nessa linha, opina que a instituição não partilha da ideia de uma ação violenta para mudar o estado de coisas em favor das classes populares, mas acredita na “pressão organizada”, na criação de condições para ser pessoas “capazes de pressionar, de exigir, de participar, sem a estupidez dessas massas que vocês querem levar à luta de classes, à pedra, ao garrote, à metralhadora para simplesmente trocar alguns caciques maus de agora por outros caciques piores que estão esperando a vez” (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 33).

A *autocrítica* foi considerada uma atividade institucional, um dos mandamentos “mais enérgicos e fortes e permanentemente controlados” (RODRÍGUEZ, 1967f, p. 112-113). Foi uma metodologia de trabalho para manter a qualidade dos produtos e da instituição.

Salcedo tem consciência de que sua obra é uma das instituições melhor organizadas administrativa e financeiramente, “até o ponto que tivemos já em três oportunidades a petição de assessores tão respeitáveis como os de *Deustche Bank*, ou os de *Price Waterhouse*, que nos pediram permissão para utilizar como modelo a organização Acción Cultural Popular” (RODRÍGUEZ, 1967f, p. 110).

Um comentário de Salcedo a respeito de seu colaborador, o Padre Alejandro Rodríguez mostra o reconhecimento e a crítica a um de seus colaboradores muito bem conceituados:

A Rádio Sutatenza não tem nem será fácil que tenha um locutor nem um produtor de programas de mais alta qualidade que Alejandro [...]. No Canadá ele foi como aluno e terminou como professor. E a Alejandro o lembram ainda na Rádio Canadá com frequência [...]. Mas, estando na Rádio Belencito de Diretor, lhe sobreveio uma espécie de segunda puberdade [...]. O problema de Alejandro foi a constância [...], certa desorganização que em uma emissora é definitivamente grave (RODRÍGUEZ, 1967f, p. 110).

Devido a esta situação Alejandro terminou saindo de Sutatenza. Eu acredito que Alejandro foi um dos grandes criadores da Rádio Sutatenza, um dos grandes ideólogos e um comunicador estupendo das ideias de Salcedo, sistematizador da memória através de seus escritos nos começos da Rádio Sutatenza.

Salcedo (1967f, p. 123) comenta que dentro da instituição se percebe uma confrontação entre o pessoal da rádio e o da imprensa. A partir desse fato Salcedo diz que “o pessoal que trabalha na rádio tem o absoluto convencimento de que o mais que há na instituição são *vagabundices*, de que eles são os únicos que estão fazendo tarefa cultural”. Salcedo considera que este tipo de rivalidades faz bem à instituição porque cria paixão por aquilo que está fazendo.

Agora nos perguntamos pela *imagem do ouvinte, do destinatário*. Quais são as percepções – representações que os atores sociais implicados na produção dos programas possuem dos atores sociais visados como alvo? Através dos anos e de múltiplos contatos, experiências, pesquisas etc. o pessoal da Sutatenza foi construindo a imagem de seu destinatário. A seguir, vamos destacar alguns desses aspectos do imaginário construído, lembrando que já em outros lugares desta pesquisa apresentamos a visão das lógicas de produção do camponês.

Uma das primeiras experiências marcantes de Salcedo com os camponeses foi quando o carro em que ele viajava a Sutatenza ficou preso em meio ao lodo. Foram os camponeses que engenhosamente conseguiram tirar o veículo dali e chegar com seus pertences a Sutatenza. Aí aprendeu Salcedo que, “apesar de serem analfabetos e ignorantes, os camponeses boyacenses sabiam trabalhar em equipe” (ZALAMEA, 1994, p. 94), era *um povo com valores*. Acreditando nessas capacidades dos camponeses e camponesas, a Rádio Sutatenza “leva uma mensagem para convencê-los de que é a eles mesmos a quem compete aportar soluções para seus próprios problemas imediatos” (ACCIÓN CULTURAL

POPULAR RESPONDE, 1973, p. 9).

Na obra que sonha Salcedo sobre a história da instituição ele pensa que se deve dedicar um capítulo a narrar o que se fez nesses 18 anos e diz:

Em 18 anos, fizemos uma coisa só: convencer a uma boa quantidade de camponeses de que são capazes, são susceptíveis de educação, de melhoramento, e a uma boa parte de classes dirigentes de que os camponeses também são animais (sic) capazes de ser educados. Eu acredito que não fizemos mais que isso (RODRÍGUEZ, 1967b, p. 31-2).

Em palavras do padre José Ramón Sabogal: “Além de seu cristianismo, era um povo inteligente, um povo capaz e um povo que canta e entende o canto e é um povo que entende a música [...], tem em sua alma arte e amor à arte” (RODRÍGUEZ, 1967a, p. 6).

O camponês “afastado dos centros urbanos, absorvido pelas suas tarefas agrícolas, o camponês não dispõe de tempo suficiente nem dos meios que lhe tornem possível a aquisição de um maior nível cultural” (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1949, snp). Em outras palavras, a experiência de *incomunicação do camponês é socialmente construída*. Na compreensão da época, o maior obstáculo para uma campanha cultural “é a distância”. São três ou quatro horas da casa camponesa até o povoado, por caminhos muitas vezes intransitáveis.

Por resolução da Junta Diretiva de Acción Cultural Popular, a partir de la II Asamblea General (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1957), os camponeses como sócios fundadores de Sutatenza e Tibirita estarão representados por seus respectivos párocos. Trata-se de uma representação tutorial ou, em outras palavras, trata-se de uma exclusão permanente.

O povo camponês é um povo socialmente injustiçado: “A máxima injustiça social que há na Colômbia é o abandono completo em que se encontra o povo trabalhador dos campos desde o ponto de vista da instrução, da assistência social, da higiene” (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1949, snp).

Sabogal afirma que conhece a realidade em que se encontram os mais necessitados, os mais pobres, os camponeses:

Meu primeiro trabalho para com eles foi irmanar-me com suas próprias vidas, com suas próprias preocupações, já que pela vida paroquial que me correspondeu tive a oportunidade de conhecer plenamente essas necessidades, porque eu vi as dificuldades que tinham para chegar aos centros para o cumprimento de seus deveres religiosos, para a venda de seus produtos, para suas necessidades nos assuntos administrativos etc. (RODRÍGUEZ, 1967i, p. 213).

A pesquisa de Musto (1971) destaca, naqueles lugares onde aplicou seu estudo de caso, que uma terceira parte dos peões não tem terra própria: encontram trabalho 3 ou 4 dias na semana. As duas terceiras partes restantes são pequenos camponeses pobres, proprietários de minifúndios de uma superfície inferior a um hectare. As famílias camponesas têm entre 7 e 8 filhos. A assistência à escola é de ao redor de 50%.

A partir do estudo de caso de Riofrio, a pesquisa do Instituto Alemão faz uma caracterização do morador da costa:

O morador da costa é de critério amplo, liberal e secularizado. Está muitíssimo mais informado sobre os sucessos mundiais que o camponês andino médio. É menos consciente das tradições, menos submisso e de juízo mais crítico. O 79% dos moradores de Riofrio se declaram satisfeitos com suas condições de vida” (MUSTO, 1971, p. 168).

Criticando a pesquisa de Musto por utilizar conceitos teóricos alheios ao mundo camponês (modernização, inovação, mudança etc.), Salcedo aponta alguns aspectos de sua realidade: “Os camponeses famintos, marginalizados e privados até de uma linguagem para reclamar direitos, não suportam considerações demasiado abstratas” (MUSTO, 1971, p. 58).

As lógicas de produção têm *preocupação pelo processo de migração* que afeta os campos da Colômbia: “É coisa bem sabida que o despovoamento dos campos e a afluência para as cidades chegou a converter-se num verdadeiro problema” (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1949, snp).

À família Valencia a Escola Radiofônica “lhe sugeriu um conjunto de ideias, lhe transmitiu conhecimentos, valores novos, e ela pôs em prática. O processo continuou, e isto é o que chamamos a base do desenvolvimento” (ACPO, 1973, snp.). Ou seja, *a mensagem era eficaz.*

A correspondência foi um capítulo muito importante na história da Rádio Sutatenza.

Tu já te podes imaginar o que é o valor cultural de uma carta, o esforço de um camponês para escrever sua primeira carta aos 40 ou 50 anos, a ilusão que o mesmo tem ao colocar a carta no correio, a esperança que tem da resposta e depois o que significa o impacto cultural e psicológico ao chegar-lhe uma resposta bem feita, adequada, pessoal. Então, temos épocas na instituição em que chegam facilmente 400, 500, 600 cartas por dia (RODRÍGUEZ, 1967f, p. 119-120).

E, por parte dos professores, sucedia o mesmo, iniciando pelo padre Sabogal. Eles queriam responder pessoalmente a suas próprias cartas. Era como uma espécie de “paixão pela resposta”, era a alegria de ter notícias de alunos distantes que lhes correspondiam, que comentavam seu programa. Então por querer responder tudo se deram alguns problemas enormes porque com frequência se tinha no arquivo cinco, dez mil, quinze mil cartas sem responder, atrasando-se. Por isso e por toda a logística, não foi fácil a criação do departamento de correspondência.

Sabogal teve a ideia de pedir aos auxiliares e alunos que, no dia 8 de dezembro, no dia da festa das escolas radiofônicas, lhe escrevessem os que aprenderam a ler e escrever, uma cartinha. E em Estatística se conserva o dado de que foram mais de 5.000 os que escreveram sua carta dizendo “Eu aprendi a ler e escrever pelas Escolas Radiofônicas” (RODRÍGUEZ, 1967g, p. 175). Isso foi no ano de 1954.

Aurora Prieto entrou em 1954 a trabalhar na instituição, no escritório de correspondência. Seu trabalho consistia em ler as cartas dos camponeses e respondê-las. “Tínhamos umas guias para responder sobre determinados pontos. Se uma carta tinha uma consulta especial, passava para o escritório de seu Carlos Vargas, escritório dos cursos camponeses, ou ao departamento jurídico” (RODRÍGUEZ, 1967h, p. 192). Tínham por norma ‘responder a toda carta’. Aurora diz que chegava às vezes a responder 30 cartas. Naquela época chegavam diariamente à ACPO de 300 a 350 cartas. Quando havia concursos, aí aumentava para 500 ou 600 cartas diárias.

A correspondência servia para apoiar as inovações dos programas, por parte dos professores, cada ano. “Por meio da correspondência nos estamos orientando sobre que coisas não sabem ainda os camponeses, que querem saber e que lhes falta saber, e que aspirações

têm de preparar-se: em que detalhes e em que coisas” (RODRÍGUEZ, 1967h, p. 204). O aluno adulto “comunica suas impressões e reações do que ouve, estuda, lê no contato com os especialistas. Conta suas dificuldades e realizações [...], insiste por este meio em suas campanhas, nas aulas, nos seus cursos de extensão” (HOUTART; PÉREZ, 1960, p. 59).

Diversos autores salientam que o povo camponês colombiano é um *povo resignado*. O Padre Sabogal diz que quando chegou a Tibirita em 1948 ele encontrou “um povo simples, tranquilo, trabalhador, sofrido e demasiado resignado com sua situação econômica e social” (RODRÍGUEZ, 1967a, p. 1). Vinte anos mais tarde, no encontro com os camponeses de Tibirita, Musto (1971, p. 154) tem a percepção de que “são tranquilos, se não apáticos, retraídos e desconfiados”. Um pouco mais à frente, naquela mesma entrevista Sabogal, volta a descrever o camponês boyacense, insistindo na sua dimensão de trabalhador, sem técnica, com um grande conformismo, uma submissão total à situação tal como se apresenta: se tem que comer; se é suficiente está bem; se é pouquinho, se é insuficiente, está bem (RODRÍGUEZ, 1967a).

Vamos dar uma olhada panorâmica e detalhada em alguns momentos da *programação da Rede Rádio Sutatenza* (o anexo E apresenta alguns exemplos de programação). Iniciemos nosso percurso pelos seus objetivos (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1969). O primeiro objetivo da programação da Rádio Sutatenza consiste em motivar os camponeses colombianos para que realizem ações que redundem em seu próprio melhoramento.

Segundo objetivo: “Criar o homem capacitado”; promover ao homem em todos os componentes de seu ser. É uma promoção no que respeita a sua condição física; seu organismo e seu *habitat*. É também uma promoção no que se refere a sua razão e a sua inteligência: trata-se de capacitar ao homem para que aprenda a pensar, refletir, tirar conclusões e prever.

Terceiro objetivo da nova programação das emissoras da Rádio Sutatenza: a integração dos grupos que formam a sociedade. Trata-se de criar um ambiente e sugerir ideias para diminuir as distâncias sociais. Pretende-se a incorporação do maior número possível de cidadãos marginalizados na vida da sociedade, mediante a promoção de um espírito de organização.

Quarto objetivo: “Criar o homem solidário”, isto é, comprometido com a criação de

obras de infraestrutura e no estabelecimento de organizações de base, tais como associações culturais, políticas, laborais, econômicas etc.

Quinto objetivo: “Criar o homem ator do desenvolvimento”. Para isso, se precisa aumentar a produção. Nesse sentido, as emissoras subministram ideias para a tecnificação do processo laboral. Junto com a ideia de aumentar a produção se deve perseguir o estímulo à exportação, à criação de capitais e à valorização do trabalho.

Sexto objetivo: “Criação de um humanismo autêntico”, mediante uma espiritualidade do desenvolvimento. Esta espiritualidade valoriza os sinais dos tempos, cria consciência crítica diante das estruturas sociais e econômicas e valoriza o papel do leigo. “Na programação das emissoras têm especial valor todos os programas dedicados à criação de líderes ativos” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1969, p. 20).

Estes objetivos básicos são procurados através do conteúdo do que a ACPO chama de “Educação Fundamental Integral”. A educação fundamental integral está formada pelo conteúdo de cinco áreas básicas, as cinco noções⁶, as quais de acordo com a instituição sintetizam, de uma parte, os problemas e necessidades, as possibilidades e potencialidades do camponês e, de outra, cobrem os conhecimentos necessários para seu progresso e desenvolvimento. Elas são: Saúde, Economia e Trabalho, Alfabeto, Número e Espiritualidade, integradas em uma unidade, complementadas uma com a outra, relacionadas mutuamente.

Também se entregam através das Escolas Radiofônicas outras orientações sobre noções complementares, a saber: história, geografia, cooperativismo, cívismo, educação comunitária, economia doméstica e relações humanas.

⁶ 1. **Noção de saúde:** busca de bem-estar pessoal e social, prevenção de doenças, necessidade de melhorar os níveis sanitários, a dieta alimentícia, a moradia e ambiente ecológico. Trata-se de motivar o homem para que se habitue a certas práticas higiênicas que contribuirão para a sua melhoria de vida em geral. 2. **Noção de alfabeto:** busca abrir ao homem as portas ao caminho da cultura através da leitura e da escritura, mediante as quais pode pôr-se em contato direto com livros, revistas, folhetos e publicações, e pode comunicar seu pensamento e entrar em uma interação mais profunda com outros seres humanos. (p. 68-69). 3. **Noção de número:** introduz no campo do cálculo e da previsão, sobre o qual está baseado todo o processo econômico. 4. **Noção de economia e trabalho:** comunica todas as ideias fundamentais sobre a tecnologia da produção e conduz o homem a pensar na forma de aplicar sua inteligência à solução de problemas imediatos e ao domínio da natureza. 5. **Noção de espiritualidade:** insiste nos deveres, obrigações e direitos do homem em relação consigo mesmo, com seus semelhantes, com a sociedade a que pertence e com Deus, de tal maneira que consiga uma compreensão do sentido imanente e profundo de sua vida e compreenda a razão de ser de sua existência (ACCIÓN CULTURAL POPULAR RESPONDE, 1973).

A *programação* da rádio Sutatenza para as lógicas da produção evoluiu nesses quarenta anos de maneira complexa. Ela foi motivada e condicionada pelos recursos disponíveis, pelo talento de seus colaboradores, pela dinâmica da radiodifusão colombiana e pelo devir social do país (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985).

Na primeira década, a programação da Sutatenza foi orientada só à população camponesa da época, com uma determinante influência da cultura andina; nesta época o trabalho educativo da Rádio Sutatenza esteve particularmente vinculado à participação da hierarquia católica e esta exerceu profunda influência no enfoque e na prática do programa (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985, p. 14).

Nos inícios, a programação se limitou regular e diariamente a duas horas, das 7:00 às 8h am. e das 16 às 17h pm. Já naquele tempo, uma das coisas mais importantes da “Acción Cultural Popular” era a questão dos conteúdos: “De pouco ou de nada serviria contar com potentes aparelhos transmissores se por meio deles não fosse difundir-se algo que, como costuma dizer-se, valesse a pena” (RODRÍGUEZ, 1950, p. 26).

Por isso, os esforços se dirigiram simultaneamente à aquisição e instalação de excelentes equipamentos e à organização do ensino, elaboração de programas e dotação de pessoal e elementos de trabalho competentes.

Em razão supradito, o padre Salcedo foi conhecer experiências no México e nos Estados Unidos. Ali ele estabeleceu numerosas relações com entidades oficiais, instituições privadas, que em diversas formas entraram a colaborar na provisão de material de ensino adaptado ou adaptável à escola radiofônica.

Já em 1953, era um total de 9 horas de transmissão: das 6h às 8h da manhã e das 14 às 21h5 min; em 1987 eram 19 horas de transmissão, entre as 4 da madrugada e as 11h da noite. Em 1953, a programação contemplava a reza do terço todos os dias e um comentário ao Evangelho, além do catecismo: 3 aulas de 10 minutos. O padre Sabogal (1953) fala de santo Isidoro lavrador como um dos patrocinadores do programa de alfabetização.

Uma das dramatizações, talvez a primeira, que despertou o interesse dos ouvintes foi a radionovela, chamada *O Escravo dos Escravos*, que se transmitia às quartas e às sextas feiras

de cada semana, 19h30 min. da noite, sobre episódios da vida de São Pedro Claver, o apóstolo dos negros, em razão de celebrar-se no dia 8 de setembro o terceiro centenário de sua morte.

A preparação destes programas, em número de 24, é uma das mais árduas e delicadas tarefas. Desde a elaboração dos libretos, originais de Oswaldo Díaz Díaz, um dos mais notáveis escritores de rádio com que conta o país [...] até sua gravação e apresentação, são muitas as dificuldades que se têm que vencer e muito o trabalho a executar [...]. Fernando Gutiérrez Riaño tem que fazer um determinado estudo de cada um dos personagens e depois fazer a distribuição de acordo com as condições e capacidades artísticas de seus intérpretes, escolhidos entre os mais experientes atores e atrizes da capital (NUESTRA, 1954, p. 13).

Segundo Behrman (1954, p. 40), um dos programas de mais êxito é o espetáculo teatral titulado *Cuadros Campesinos* ou *Escenas del país*, sobre acontecimentos da vida de todos os dias, especialmente armadilhas legais. “Os camponeses colombianos sentem um amor desordenado pelos pleitos, e muitos deles caem nas mãos de advogados e de leguleios (chamados ali de “tinterillos”), que satisfazem seus clientes fazendo durar o procedimento durante o tempo mais comprido possível. Os *Cuadros Campesinos* esforçam-se em ensinar a seus ouvintes alguns fatos fundamentais da lei para protegê-los, a eles e a suas famílias, numa linguagem tão familiar para o auditório como o teto de suas casas.

Nas conclusões da segunda assembleia geral (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1957) a primeira comissão de Alfabetização e Cultura Básica sugeriu que, para atingir seus objetivos, o conteúdo dos programas deveria guardar relação com o ambiente da zona onde vivem os alunos. No futuro, se espera que a instalação de estações filiais ajude a resolver este problema.

Sobre os procedimentos didáticos utilizados na alfabetização por rádio se fizeram três observações importantes: primeiro, o método que predominou até hoje no ensinamento pelo rádio foi o expositivo. “Este é o mais fácil, mas, ao lado de suas vantagens, apresenta certos inconvenientes entre os quais o principal é a monotonia” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1957, p. 31); segundo, o método socrático ou interrogativo comunica mais vida e atividade ao aluno, mas oferece dificuldades porque a interatividade é midiática e não conversacional; portanto, o professor-locutor só pode fazer perguntas e ele mesmo se responder para que os alunos as repitam.

Terceiro, o procedimento dialogado ou de dramatização seria o mais interessante e ativo; mas, para aplicá-lo às lições de leitura, aritmética e cursos camponeses, requer um estudo prévio sério, e uma ação coordenada do professor-locutor, do libretista especialista que capte a ideia do professor e construa a encenação de maneira compreensível para os alunos; e que o grupo coreográfico realize a encenação de acordo com o professor locutor. Esta encenação seria curta e poderia servir para apresentar o problema, evidenciar sua importância e para despertar o interesse dos alunos. Sugeriu a comissão que ao menos se fizessem desse jeito dois programas por semana.

O jornal *El Independiente* (COMO, 1958, p. 6), em uma extensa reportagem sobre a forma como se eleva pela Rádio Sutatenza o nível de vida dos camponeses colombianos, descreve a organização das aulas:

As aulas de leitura, escritura e aritmética, básicas em todo plano educativo, são dadas em três emissões diárias em momentos em que não interfiram no trabalho nos campos, e existe uma transmissão às três da tarde destinada especialmente ao auditório feminino das escolas. Em 1957, agregou-se à programação um espaço de manhã e outro à tarde para os alunos mais adiantados [...].

Depois de dez anos de experiências, estudos e pesquisas, se chegou a algumas conclusões sobre a melhor forma de construir o programa radiofônico:

Viu-se que a leitura e a escritura devem transmitir-se exclusivamente em forma de aula, enquanto que as ciências sociais, a religião e a urbanidade produzem melhores resultados se se ditam em forma de monólogo (charlas) ou dramatizações, para dar-lhes maior amenidade e variedade ao ensino (CÓMO, 1958, p. 6).

Relata o jornal que a partir das provas de alfabetização as cifras são alentadoras: 75.000 adultos apreendem a ler anualmente, e o tempo necessário para consegui-lo é de 75 a 80 horas. Também sublinha que as Escolas Radiofônicas não só levam instrução, senão que pretendem incidir na vida diária do camponês através de diversas campanhas: arborização, adubos, criação técnica do porco, da vaca, necessidade do esporte etc. Na melhoria da moradia, a Rádio ensinou a importância da limpeza e do asseio, alimentos sãos e do *fogão em alto*, como uma homenagem à mulher camponesa submetida por séculos a três pedras no chão.

O padre Ozaeta em um texto, provavelmente de 1959, faz uma avaliação das possibilidades e limites das Escolas Radiofônicas. O documento valoriza a introdução do rádio e de seus aparelhos entre o setor camponês. Analisando a relação emissora-ouvinte, assinala estas vantagens:

Companhia; presença da Colômbia; informação; conselhos, recomendações e entretenimento; amplitude de horizontes; estímulo às iniciativas e promoção de campanhas; consciência de dignidade e importância; presença em suas ocupações e preocupações; oportunidade de progresso (CASTRO VILLARRAGA, 2005, p. 35).

Para Ozaeta a Rádio Sutatenza também significou algumas desvantagens para o ouvinte. Muitas coisas ele não encontrou nesta emissora:

Quadras e cantares que podia encontrar na taverna do povoado por um aparelho de rádio que captasse outras emissoras. Também não as piadas dos comicos mais populares. A monotonia da Rádio Sutatenza não se refere unicamente a que a programação fosse ou não variada, senão também a que era a única que podiam escutar. Os sete espaços diários de uma hora de duração cada um, dedicados às escolas radiofônicas ou cursos especiais, também não são um fator que ganhe simpatia do ouvinte camponês [...] (se calculava a audiência em meio milhão, em 1957). Mas apesar de nossas estatísticas seguirem demonstrando um incremento constante de alunos e ouvintes, parece que a relação EMISSORA-OUVINTE se encontra em retrocesso. Por uma parte, camponeses a quem a Rádio Sutatenza despertou a curiosidade e o interesse por escutar rádio em seus lares, compraram receptores comuns com baterias para poder sintonizar qualquer outra emissora (OZAETA apud CASTRO, 2005, p. 36).

Comenta Ozaeta (apud CASTRO, 2005) que os receptores de sintonia fixa que tinham milhares de camponeses conseguiram modificá-los com o mesmo objeto. Além disso, são demasiado abundantes os receptores ‘mortos’, ou seja, que desde faz muito tempo carecem de pilhas ou não foram levados para concerto depois de estragar. Entre os fatores que intervêm está a provisão de pilhas, problemas de recepção, repetição de aulas e uma certa monotonia na programação e também a curiosidade por escutar outras emissoras. Ele sugere ampliar a potência dos transmissores e propõe que se eliminem algumas repetições das Escolas Radiofônicas.

A partir das cartas que se recebem na Instituição, Ozaeta reconhece que os ouvintes habituais apreciam mais as aulas, as explicações, as notícias e outros do que música e

diversões. Mas ele dúvida da veracidade desses testemunhos, e se atreve a pensar que estão viciados na sua origem. Pois escrevem a ‘padrecitos’ e porque pode dizer-se que não há um só programa de música e entretenimento nas horas hábeis para que o camponês escute rádio. E sugere que bem perto do espaço dedicado às Escolas Radiofônicas se inclua algum programa de diversão a gosto dos ouvintes. Ainda que se tenha que convidar cômicos que não ofereçam garantias. Ele acredita que com pré-gravações se pode vigiar este aspecto.

Na década de 1960, a programação educativa da Sutatenza desenvolveu uma profunda transição para aperfeiçoar alguns de seus tradicionais serviços à população totalmente camponesa e para desenvolver um abano crescente de programas dirigidos à população urbana, devido a seu aumento como consequência, entre outros, do êxodo rural (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985). Esta tendência se manteve na década de 1970, relacionada com os recursos e a evolução do povo colombiano.

Entre as dramatizações são destacadas no *Boletín* (CUENTO, 1960) os “cuentos infantiles” produzidos por Ricardo Castillo Franco com o grupo cênico da emissora; entre as produções infantis, são sublinhadas duas séries: “Los ratones campesinos” e “El zapatero Valiente”. Estes são programas de 15 minutos. Nesse mesmo mês de novembro entra no ar a radionovela Sin familia, com libretos de Andrés Pardo Tovar e a atuação do grupo cênico da emissora, sob a direção de Ricardo Castillo Franco. Outra série que é anunciada e já tem muitos anos é “Cuadros campesinos”

A partir do 1º. de dezembro de 1963, a Rádio Sutatenza deu início a uma nova programação de forma ininterrompida das 5h20 am até as 10h10 pm (NUEVA, 1964, p. 10). Entre os programas destacados pela produção da emissora, estão: “Por sendas que conducen a la amistad”, “Municipios de Colombia”, “Noticiero parroquial”. Comenta-se a propósito das dramatizações que transmite a emissora que elas semearam inquietações nos camponeses para a formação de muitos grupos de teatro rural.

Esta ampliação da programação coincidiu com a acolhida generalizada nas paróquias do novo modelo de aparelho de rádio para as Escolas Radiofônicas que funciona com base em baterias pequenas, muitíssimo mais econômicas que aquelas dos aparelhos anteriores. Deste jeito, os camponeses estão aproveitando, a baixo custo, de uma programação contínua que “lhes brinda educação integral, informação veraz, prudente e oportuna e são esparecimento”

(NUEVA, 1964, p. 10).

Salcedo na sua mensagem da direção geral (1965, p. 27) pede que se esclareçam de uma vez por todas “as dúvidas que existem de se as emissoras da instituição baixaram em qualidade, se mantêm no nível e se seu pessoal se encontra em perigo de estagnação”.

Salcedo conta que um dos párocos de Sutatenza, contrário a seu projeto, foi o padre Leví Leguizamón. Ele queria que as emissoras fizessem “permanente oração e meditação” e Salcedo não estava de acordo com uma programação confessional: “Na rádio Sutatenza temos uma mensagem espiritual, mas não é um órgão da Igreja Católica, um órgão confessional” (RODRÍGUEZ, 1967c, p. 36.79).

Em seu discurso na OEA, Salcedo (1967, p. 19) refere que nas Escolas Radiofônicas existem dois níveis: o de principiantes e o de adiantados. São noções básicas que se consideram deve ter um homem para participar da vida sociopolítica, econômica e integral. Esse programa não corresponde nem a um terço de programa formal de escola primária.

É uma espécie de pré-escola, mas com muita ênfase nos aspectos estritamente práticos que são a essência da pedagogia das Escolas Radiofônicas [...]. O da rádio é apenas uma parte, é um instrumento muito limitado. Os outros elementos são os que convergem a tornar eficaz a tarefa total. As horas de aulas as escolheram os mesmos camponeses. Nossos primeiros cinco ou sete anos foram dedicados a estudar a psicologia camponesa, a receber deles muitos ensinamentos práticos: a que horas saíam a ordenhar, a que hora regressavam do trabalho, o problema dos cachorros bravos, das mulheres casamenteiras e muitos outros que eles nos fizeram ver como inconvenientes das horas de transmissão. Estas foram acomodando-se desde um pouco antes das cinco da manhã até quase as 11 pm. O programa dura uma hora, mas se repete várias vezes no dia para que os camponeses possam fazer o curso.

Para Salcedo (1967, p. 19) o rádio foi o instrumento principal e, sobretudo, o veículo inicial. Mas não é o único, nem pode sê-lo porque

o rádio tem grandes limitações, sobretudo para os ensinamentos [...], mas foi o primeiro instrumento, faz 20 anos, para iniciar uma espécie de motivação das massas populares para que iniciassem a escutar em suas casas, em seus ranchos, coisas distintas do que durante 400 anos ou mais escutaram, especialmente dirigido a essas zonas completamente rurais. Ouviam o mugir de seus bois, o correr da água, o canto dos pássaros e, desafortunadamente, entre eles, muitas discussões e muitas más palavras. O rádio lhes introduzia uma nova dimensão psicológica, lhes informava, lhes dava a notícia, lhes trazia música, os convidava a progredir e deste jeito se

convertia numa espécie de capinador de montanhas da selva impenetrável da ignorância. O rádio iniciou desse jeito e continua assim.

A seguir, Salcedo se pergunta pela quantidade de ouvintes da Rádio Sutatenza. Segundo ele, os cálculos só podem ser aproximados; não é nada fácil a exatidão. Ele acredita que como ouvintes gerais em todo o país, para as várias emissoras, ela tem uns dois milhões e meio de pessoas. Sublinha que se tem que distinguir entre aquele que é simples ouvinte e aquele que é aluno quase diário, quase permanentemente. Os alunos são uns 450.000 a 475.000.

Sobre os aparelhos de rádio Salcedo (1967) diz que foram acessíveis aos camponeses porque a primeira tarefa que se realizou foi a de motivar as massas camponesas para a utilidade de aprender. Quando à família camponesa se lhe disse com clareza quais são as vantagens se eles fazem o esforço de aprender, o preço do receptor não é problema. A instituição conseguiu fazer alguns negócios muito bons, lembra Salcedo, rebaixando aos poucos o preço até o ponto que se começou, para este tipo de radioescola, com um preço de 55 dólares por unidade; atualmente o preço por unidade é de uns 12 dólares.

Para 1967, a Sutatenza tinha dois cursos: principiantes e adiantados. O tempo de duração era indeterminado. O curso de principiante se poderia fazer em dois anos; mas, segundo alguns dados houve pessoas que precisaram quatro anos. A motivação é que o camponês não pode assistir continuamente à escola; tem muito problema de ocupação doméstica e de ocupação própria e de seus ofícios que lhe impede. O curso para adiantados é, todavia, mais indefinido.

Sobre o tempo para a alfabetização se tem dados apurados nos centros de instrução militar. Aí se tem uma maior disciplina e uma maior obrigação de estudar. “Ordinariamente 93, 97, 98% per cento de soldados analfabetos que aprendem a ler e a escrever em um ciclo” (RODRÍGUEZ, 1967h, p. 205), aproximadamente de dois a três meses.

Pablo Ozaeta, sacerdote espanhol, especializado em assuntos sociais, que chegou a colaborar no desenvolvimento das campanhas sociais, e um grupo de colaboradores e amigos da ‘Acción Cultural Popular’ elaboraram em 1968 uma proposta de *nova programação para a emissora*. O motivo fundamental desta iniciativa foi o aumento de potência da Rede

Sutatenza, naquele momento com um pouco mais de 500 *quillowatts*. Isto significou, segundo as lógicas da produção, um novo papel social que convidava a repensar a metodologia e as aplicações práticas da docência pelo rádio. A proposta conserva inalterados os objetivos e as temáticas estabelecidos pela instituição desde seus começos.

OZAETA (1968) e as comissões que participaram na construção da proposta fizeram uma série de críticas e observações ao papel da Rádio Sutatenza: em relação à cobertura nacional, à opinião pública, às ondas médias, à audiência e às emissoras culturais. A partir da nova potência da rede, que garante uma cobertura nacional, fica o desafio de ser ela capaz de interessar os possíveis ouvintes para que cada receptor popular seja um “instrumento” de educação por meio do rádio. Sobre a opinião pública, se sublinha que as emissoras Sutatenza devem converter-se em meio de comunicação de massa de máxima atualidade, aceitando tratar temas que preocupam e interessam aos cidadãos da Colômbia. “Pretender uma docência gris e neutral dedicada a temas não controvertidos é um plano demasiado ingênuo e ineficaz” (OZAETA, 1968, p. 4).

A ideia dos construtores da proposta da nova programação da Rede Sutatenza é que se está assistindo à passagem das ondas curtas para as ondas médias. Portanto, a programação deve ser para instrumentos de ondas médias que terão o apoio das ondas curtas. E sobre a audiência afirmam que é constituída de alunos e ouvintes. Alunos: de escola radiofônica organizada; alunos de escola familiar, independente e ocasional. Os ouvintes: habitual, interessado, comum e ocasional.

Finalmente, a Rádio Sutatenza como emissora cultural deve, em ondas médias e curtas, ser dedicada exclusivamente à cultura; a única justificativa dos programas será, portanto, seu valor como mensagem cultural. Isto significa não só revisar o que se está transmitindo senão definir que tipo de cultura deve ser transmitida e para quem. Deve-se eliminar todo programa de ‘recheio’. ‘Cultural’ significa

Tudo o que serve para instruir, educar, orientar e informar os ouvintes e alunos em uma linha de novos conhecimentos, superação e progresso. [...] Assim nossas emissoras publicarão notícias, comentários, editoriais, única e exclusivamente como ‘pílulas’ de cultura; isto é, que cada notícia, cada comentário ou cada editorial, em sua seleção, titulação, redação, ênfase e mensagem, se converterá em uma verdadeira *aula* (OZAETA, 1968, p. 52).

Concordando em que todo programa deve ser cultural, há, não obstante, que reconhecer diferentes modalidades de apresentação. Assim, a proposta (OZAETA, 1968) classifica em quatro grupos os diferentes *tipos de programação*: programas de docência direta, de cultura e divulgação, de informação e de recreação.

Os programas de docência direta são aqueles das Escolas Radiofônicas organizadas. As chamadas *cinco noções* para ensinar tanto aos camponeses adultos, como aos grupos primários das cidades, às crianças, aos soldados e aos presos.

Por programas de cultura e divulgação, entende a proposta que são aqueles de temática variada e mais ao gosto dos ouvintes; sua didática é menos formal e mais engenhosa. Ainda que seu objetivo seja ensinar, sua apresentação é mais parecida aos programas de entretenimento. A linguagem utilizada é clara e simples. O estudo dedica um capítulo a esta proposta.

Os programas de informação: considerados, talvez, a forma mais sutil de educar em uma determinada direção através da seleção, titulação e ênfase das notícias. Os comentários de atualidade e os editoriais (referidos às *cinco noções*) servem para gerar diálogo e opinião pública sobre os temas que a instituição considera sua “mensagem”.

Concorda-se em que os programas de entretenimento são cultura. Portanto, não deixar escapar nenhuma oportunidade de “recrear ensinando e ensinar recriando” (OZAETA, 1968, p. 7). Para estes quatro tipos de programa, se sugere nomear um Coordenador que alimente a emissora com suficientes libretos e evite que o diretor tenha que recheiar programas.

Na programação de docência, se sugere o emprego da onda média e da onda curta. Não obstante, se aconselha que a onda média não seja utilizada para veicular muitas aulas porque isso anularia a possibilidade de influência na opinião pública nacional e cortaria demasiadas vezes a audiência urbana. Por outro lado, se afirma que A Rádio Sutatenza deve manter sua imagem de instituição a serviço do povo camponês.

A programação de cultura e divulgação científica (a nível popular) e de cultura geral vai ocupar o máximo de espaço possível na nova programação da Rádio Sutatenza (OZAETA, 1968, p. 23):

Os programas que se sugerem são: série dedicada à Colômbia no aspecto do ser e subsistir (atenção ao indivíduo); série dedicada à Colômbia nos aspectos de reprodução, sexo, família, lar (atenção à família); série dedicada à Colômbia nos aspectos de sociedade, economia, desenvolvimento e vida de relação; série dedicada à Colômbia em seus aspectos físicos e de ecologia (geografia humana, relação entre o homem e seu meio ambiente).

Ao redor destes programas se apresentam o objetivo, estilo, possíveis títulos dos programas, características e temário.

Uma programação entretida ou recreativa foi um desafio permanente para a Rádio Sutatenza. Na proposta foram considerados: a linguagem musical, o clube de dança Sutatenza (novo formato de programa), a utilização do auditório da ACPO, os concursos, o esporte, os jogos, as dramatizações, a colaboração dos ouvintes, o humorismo, os programas recreativos para ensinar e recriar-se e o ensinamento de manejo de instrumentos musicais.

Em relação aos programas de música, Sutatenza justifica que emissoras tenham até 70% a 80% de seu tempo de emissão dedicado à música, se se tem em conta que o rádio cumpre uma função de companhia, e que é mais fácil acompanhar com música que com outros programas de voz. De outro lado, colocar música é mais fácil que elaborar um programa com texto. Mas deixando claro que fazer programas com qualidade musical é uma tarefa dura.

A proposta consiste fundamentalmente em sugerir programas musicais de caráter didático. Nessa linha propõem-se programas de música seleta, brilhante, folclórica e popular e moderna. E a inclusão sistemática de conjuntos musicais, coros e de música para dançar. A propósito destas sugestões musicais, é preciso relatar aqui algumas das iniciativas de Salcedo para que os camponeses cultivassem e desenvolvessem essa matriz cultural da música.

Desde os inícios, Salcedo tinha em mente criar uma “banda camponesa” em Sutatenza. E a ideia tomou forma em 1950, com a vinculação do Mestre Efraín Medina Mora à instituição. Ele ensinava canto através da Rádio, uma ou duas vezes por semana para os camponeses. Muitos dos cantos entoados nos templos paroquiais foram apreendidos deste jeito. Por exemplo, as canções natalinas. Que os camponeses aprendessem a cantar era, para Salcedo, parte do projeto dos outros aprendizados: ler e escrever, administrar a propriedade, cultivar a terra, semear a horta caseira etc.

O mestre Efraín Medina Mora foi peça fundamental para o sucesso das campanhas da Rádio Sutatenza. Ele, de uma parte, conhecia de maneira experiencial o mundo camponês, suas formas e possibilidades de compreensão e, de outra, os ritmos que chegavam à alma do camponês. Ele foi o autor das inúmeras músicas que promoviam cada uma das campanhas: “Eu fazia as letras de maneira que concordassem com aquilo em que consistia a campanha que o monsenhor promovia. Parecia-me que, desta forma, cantar e com música iria calar mais facilmente nos camponeses e deu resultado” (VACA GUTIÉRREZ, 2006). Com esses temas musicais, diz com entusiasmo Efraín, “consegui chegar a todos os lares”.

Para o mestre Medina Mora, Salcedo era uma figura extraordinária e influente que “impunha um respeito impressionante”. Ele conseguiu chegar a todo tipo de pessoas distintas, até mesmo o Papa, e levou de visita a Sutatenza a cardeais, governadores, presidentes etc. “Eu jamais tive nenhum problema com ele; sempre me recebeu bem, nos saudávamos bem e ele se dava conta de que a gente estava colaborando com ele, de boa vontade, com entusiasmo, com alto sentido de colaboração”. Jamais Salcedo objetou alguma coisa a suas letras e músicas. Inclusive Medina Mora é o autor do hino às Escolas Radiofônicas.

Em Sutatenza, Medina Mora formou a banda camponesa e coros que se apresentavam, por exemplo, quando chegavam a Sutatenza visitas distintas. “Minha tarefa era descobrir valores”. E Efraín recorre a uma metáfora compreensível em um departamento (Estado) produtor de esmeraldas: “Os camponeses têm suas faculdades, suas facilidades para tudo, o que acontece é que, como as esmeraldas, há que buscá-las”.

A ideia da banda estava dentro desse projeto global de Salcedo, que pensava tudo sempre “em favor dos camponeses”. Esta iniciativa representou enormes sacrifícios para os camponeses que tinham que vir desde seus campos, a várias horas de caminho, para ter as aulas das 7 às 9 da noite. No inverno, era terrível porque os caminhos ficavam alagados, mas ninguém faltava às aulas. Também a banda representou sacrifícios enormes para Medina Mora, pois, dois anos, após iniciadas as aulas de gramática musical, chegaram da Alemanha os instrumentos, e ele não sabia tocar todos os instrumentos, então teve que comprar métodos e pôr-se lá a praticar. Pegava o método e o instrumento e “vamos em frente”. Ele tinha ideia de como tocar trompeta e clarinete, mas saxofone, trombone, flautas, isso teve que aprender. Dois meses depois já montaram a primeira peça musical.

Para Medina Mora, a programação da Rádio Sutatenza ajudava a muitas pessoas, “tinha uma audiência espantosa” e o fechamento foi também “um golpe espantoso”, inclusive para o mesmo povoado de Sutatenza que voltou a ser o que era antes, “um povoado insignificante, porque lhe tiraram a alma, a alma de Sutatenza era sua emissora, seus colégios, seus institutos” (VACA GUTIÉRREZ, 2006).

O mestre e compositor Medina Mora recebeu diversas condecorações por seu trabalho musical. Sobretudo por seu tema *El Guayatuno* que, apesar de composto em 1946, ainda se escuta no rádio.

Algo que Medina Mora não revelou foi que ele constituiu também um conjunto musical chamado “El Trío Sutatenza” que amenizou com a alegre música popular colombiana (guabinas, bambucos, pasillos) muitos dos espaços da programação da Rádio Sutatenza. Eles eram: o professor Numa Pompilio Mesa (tiple⁷), experiente mestre-locutor; no piano, Efraín Medina Mora, músico por natureza; Alvaro Riveros Ramírez (viola), locutor e produtor de programas da Rádio Sutatenza, maravilhoso guitarrista (TRIO, 1954).

Salcedo impulsionou, através da Rádio, a criação de conjuntos musicais, de bandas, que serviram como formas de expressão e de reconhecimento do talento camponês. E foram milhares os grupos musicais de camponeses que foram aparecendo “a lo largo y ancho” da Colômbia. Uma demonstração desse mundo musical camponês está no long play “Colômbia Campesina Canta” que resultou de um concurso nacional realizado pela Rádio Sutatenza em 1977, com motivo dos 30 anos da fundação da Rádio dos camponeses.

A banda camponesa e os conjuntos musicais foram outros dos instrumentos de interação da instituição com sua audiência. Estavam presentes nos atos significativos da instituição, nas suas datas comemorativas, nas visitas de personalidades nacionais e estrangeiras, nos programas radiofônicos etc. Além disso, em Sutatenza os camponeses dispunham de serviços comunais, clube social, teatro e hospedaria (SALCEDO, 1955a).

Segundo o *Boletín Mensual de Estadísticas*, de 1960, no ano de 1959 os alunos das Escolas Radiofônicas organizaram 4.071 grupos cênicos e musicais, a imensa maioria nos

⁷ Instrumento musical típico da Colômbia.

sítios rurais. Para as lógicas de produção da Rádio Sutatenza isto terá um significado muito importante na transformação da mentalidade camponesa, pela recuperação do sentido tradicional da festa e do entretenimento, da alegria, segurança e confiança dos moradores do campo (GRUPOS, 1961).

A programação musical da Rádio Sutatenza tem em conta a qualidade artística e o bom gosto. Assim, os programas musicais, segundo a produção, não só proporcionam sadia diversão aos lares camponeses, senão que contribuem também para a sua elevação cultural. Como estratégia, os programas culturais da Rádio Sutatenza são elaborados em 80% com base em ares típicos colombianos.

Esta preferência da emissora pela música folclórica também estimulou a criação de infinidade de conjuntos musicais, “cuja importância não requer ponderação, pois não só é fator de alegria e diversão no campo, senão que contribui para aglutinar mais a comunidade camponesa” (NUEVA, ene. 1964, p. 10).

A outra proposta de recriação foi um novo formato denominado “Clube de Dança Sutatenza” (OZAETA, 1968, p. 67). Tratava-se de organizar uma festa ao vivo de vários lugares do país e para isso, se apresentavam as características do formato. Assim mesmo, se propõe a utilização do auditório da Rádio Sutatenza para desenvolver mesas-redondas, debates e apresentações de grupos artísticos ao vivo: teatro universitário, de obreiros, de bairros, de camponeses, conjuntos musicais do povoado, coros de todo tipo etc.

Outra sugestão para a função radiofônica de entreter é a realização de programas de concursos, tais como: concurso de inventar contos, coplas, coros, receitas de culinária e de intérpretes de música colombiana. No entretenimento a Rádio Sutatenza coloca também os esportes. Mas considera que não deve competir com as emissoras especializadas neste assunto. Portanto, propõe realizar programas de instrução esportiva e de notícias e comentários.

A proposta inclui também as dramatizações: poucas e excelentes. Sugerem-se: dramatizações em série e de um capítulo só. Outra sugestão é pedir a colaboração dos ouvintes para que enviem piadas, contos, cartas à direção, comentários, gravações na rua, cartas dos camponeses.

A nova programação também contempla a coordenação da Rede Sutatenza com os outros meios da ACPO. Efetivamente, o aumento da cobertura deve incidir na penetração dos outros meios da ação da instituição (OZAETA, 1958, p. 72). Isto supõe uma coordenação entre a ‘área rádio’ e a ‘área dos outros meios’ com a finalidade de aproveitar os profissionais de primeira linha que vão colaborar na programação radiofônica.

Um dos meios de ação da ‘Acción Cultural Popular’ foram as gravações. Graças ao desenvolvimento técnico, naquele momento se conseguiu pensar em toda “uma série de programas que começaram a ser transmitidos pela Rádio Sutatenza e, se levados a discos, se converteram em material docente de um maior e mais duradouro impacto” (OZAETA, 1968, p. 86).

A programação informativa se inspira na encíclica *Pacem in terris* de João XXIII, que motiva o direito das pessoas a estarem bem informadas e terem uma correta e orientadora interpretação dos fatos.

Esta programação informativa da Rádio Sutatenza terá que competir com as de outras redes comerciais de radiodifusão e ganhar a preferência dos ouvintes “em razão de sua melhor qualidade, veracidade, oportunidade, precisão, atualidade e boa apresentação” (OZAETA, 1968, p. 52).

O novo estilo que se pretende não significa tão-só uma mudança na modalidade, senão também e principalmente uma mudança nos objetivos, metodologia e didática da informação. Estas são as características da nova modalidade: orientadores da opinião pública, didáticos, seletivos e atuais.

Hoje o objetivo de uma boa informação é orientar a opinião pública com sentido construtivo. As fontes de informação são tendenciosas; a neutralidade na informação é um mito ou um conto para mentes ingênuas. Se, em função dos estatutos, a instituição persegue a educação integral do povo, “seus serviços informativos têm que cumprir este objetivo: educar orientando” (OZAETA, 1968, p. 53).

A notícia deve ser transformada em mensagem. Notícia que não é adaptável ou orientável nessa direção, não é notícia para a ACPO. Que é orientar na notícia? Encontrar o

contexto; encontrar motivações ou responsabilidades; analisar as consequências, as previsões e situar-se na notícia. Toda notícia é uma mensagem orientável.

Quando se fala de informação, didática significa que cada notícia nos oferece a oportunidade de um ensinamento. Para a Rádio Sutatenza se uma notícia não pode receber tratamento didático, é que não é didática; com a preocupação seletiva, estamos chamando a atenção para eleger as que são notícias de verdade.

Os critérios que a Rádio Sutatenza propõe para selecionar bem as notícias são: que em verdade seja um fato; que responda a valores humanos; que afete a muitas pessoas; que tenha consequências; que interesse o possa interessar aos ouvintes; que tenha uma contribuição.

Falar de atualidade significa que seja um fato que acaba de ocorrer; que as pessoas o estão esperando; que responde a um problema atual; que acarreta consequências em curto prazo.

A notícia “política” no informativo da Rádio Sutatenza é a política social, econômica, educativa, etc. Ninguém dúvida de que a Rádio Sutatenza deva informar sobre esse tipo de política. Por outro lado, todo comentário de atualidade e todo editorial que interessa aos colombianos, são formas de intervenção na política do país. O maior perigo que podemos correr nesse campo não é o de intervir em política partidária, senão de ficar à margem da vida nacional.

Finalmente, se propõem algumas características do jornal como programa, como avance ou resumo de notícia de cada hora; titulação e ênfase das notícias; fontes de informação (France Press, EFE, Boletín da presidência, contatos fixos nos organismos públicos, boletins especializados de notícias católicas, sociais, sindicais, agrícolas, cinco ou seis repórteres, contatos em periódicos e emissoras para intercâmbio de notícias) e as micro-declarações.

Concluindo: a proposta é um meio adicional interno à instituição: o centro de documentação. Este centro é considerado “requisito indispensável para que cada minuto da emissora resulte didático, de divulgação, interessante e de captação de sintonia” (OZAETA, 1968, p. 87). O Centro de Documentação consiste fundamentalmente na assinatura de um

bom número de revistas de atualidade científica e de informação.

Minha crítica à proposta de uma nova programação para a Rede Sutatenza é a de que não partiu de uma análise da realidade da Rádio Sutatenza, do país e dos camponeses. Em outras palavras, faltou uma avaliação sistematizada do trabalho desenvolvido pela Rádio Sutatenza. Isso parece que enfraquece a proposta e escurece as novidades que oferece. Não obstante, é verdade que existem alguns elementos de avaliação dispersos na proposta.

Finalmente, ao não explicitar a metodologia, pareceria que se trata de uma programação para os camponeses, ou seja, de corte verticalista, no conteúdo e na forma. Mas, por outro lado, a proposta tem de positivo que mostra certa sensibilidade à realidade camponesa; que assume um posicionamento crítico diante da prática da Rádio Sutatenza e tenta oferecer uma alternativa de programação mais de acordo com seu projeto e com o momento histórico. A programação do “livro vermelho”, o livro dedicado à divulgação da nova programação da Rede Sutatenza, se inspirou basicamente nestas propostas, algumas não correspondem na letra, mas sim no espírito.

Na avaliação do Instituto Alemão de desenvolvimento (MUSTO, 1971, p. 54), em relação aos programas da emissora dos camponeses, destaca-se que “dedica 10% de sua programação às emissões especiais para as Escolas Radiofônicas, o resto se compõe de diferentes emissões educativas, entretenimento, teatro radial, comentários, notícias e música. Os cursos radiofônicos são a chave dos programas da Rádio Sutatenza, ainda que não ocupem mais de 10% do total de horas de transmissão. A maioria do tempo está dedicado a programas musicais. Conforme a missão cultural da ACPO, se transmite, além de música popular, muita música seleta, em especial sinfônica. O resto do tempo de transmissão está dedicado a reportagens, programas instrutivos, noticiários e comentários. Por lei, a Rádio Sutatenza deve observar certa reserva em sua posição sobre temas de política atual.

Preocupados com a situação financeira da instituição, encontram que em 1967 as entradas totais das emissoras “alcançavam 3.9% das entradas totais de ACPO” (MUSTO, 1971, p.89). A reestruturação dos programas se esperava que ajudasse financeiramente à instituição.

Para o pároco de Mesopotâmia (Antioquia), a “Radio Sutatenza transmite programas

de nível cultural elevado. Comparto inteiramente o parecer de que há que comunicar esses valores aos camponeses, mas me pergunto se com isso as audições não perdem vitalidade e interesse para o ouvinte camponês” (MUSTO, 1971, p.).

Os conteúdos das mensagens e as propostas difundidas pela ACPO correspondem, em primeiro lugar, aos problemas e necessidades, à linguagem e à mentalidade dos camponeses das regiões andinas.

Em 1973, a programação teve alguma modificação: as cinco noções da Educação Fundamental Integral, em emissões dirigidas em três níveis diferentes: “principiantes, intermediários e adiantados através dos cursos Básico, Progressivo e Complementário” (ACPO, 1973, p. 72).

Com o passar dos anos, os programas transmitidos pela Rádio Sutatenza foram revisados muitas vezes para acomodá-los às necessidades de mudança e para aprimorar as estratégias de instrução. No final da década de 1970, se transmitiam pela rede Sutatenza programas de produção local e edições em rede originadas em Bogotá. “A programação diária é de 19 horas; cinco delas estão dedicadas exclusivamente à metodologia e à temática da escola radiofônica. As catorze horas restantes cobrem aspectos recreativos, informativos, culturais e esportivos” (MARTÍNEZ MUÑOZ, 1978, p. 18).

A avaliação de Morgan (1980, p. 171) e sua equipe tinha como objetivo “determinar se os produtos e programas da ACPO tiveram um impacto positivo observável na vida das famílias camponesas colombianas”. Em geral, “os resultados foram consistentemente positivos e reforçam a conclusão de que os programas da ACPO tiveram efeitos benéficos na vida das famílias campesinas colombianas” (MORGAN, 1980, p. 10).

Pelas características da programação, na década de 1980 se criaram diversos grupos de audiências. Isso se verifica pelas cartas, chamadas telefônicas, pelas visitas dos ouvintes, pelas informações enviadas pelos líderes rurais e pelas pesquisas realizadas por entidades especializadas (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985).

Em 1985 a Rádio Sutatenza e o Ministério de Educação Nacional, com sua Campanha Nacional de Alfabetização (CAMINA), emitiram diariamente 24 horas de programas

educativos radiofônicos: educação básica primária, educação básica secundária e educação superior: Universidade aberta e a distância.

A programação muda bastante e ficam muito poucos programas de informação e entretenimento. A audiência camponesa está em um segundo plano. Como foi dito, na década de 1980 a situação econômica da Rádio Sutatenza era insustentável por diversas razões de tal forma que não conseguia manter mais seus objetivos, nem sua identidade inicial. Não obstante isso, a Rádio chega na década de 1980 com muitos comentários favoráveis. Mas o que mais estimula segundo à produção da emissora

são os resultados de melhoramento alcançados por aqueles que foram seus alunos: moradias melhoradas, hortas caseiras cultivadas, alimentação balanceada, aumento na produção de explorações pecuárias, organizações comunitárias funcionando [...], profissionais universitários que iniciaram estudos com os cursos da Sutatenza (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985, p. 20).

A Rádio Sutatenza chega à década de 1980 gozando de uma alta credibilidade e apreço. Esta credibilidade nos programas de Sutatenza se deve fundamentalmente a dois fatos reais: “A capacidade de nosso povo que só precisa de oportunidades e estímulo e à efetividade do serviço” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985, p. 20).

O primeiro a destacar da *metodologia da programação* da Rádio Sutatenza é seu *contato direto com o povo*. A instituição tem como ideologia, como política, e como práxis permanente de seus programas,

o contato e o permanente viver as experiências com grupos camponeses, em seus próprios ambientes e situações. Não chegamos com uma série de princípios preestabelecidos -estabelecidos e com desejos de querer acomodar todos os fatos a nossas “teorias” e ver só o que queremos ver e só na forma em que o queremos. Antes ‘somos ‘ingênuos’ porque chegamos a uma situação e a analisamos sem pressupostos nem teorias sofisticadas. Pouco a pouco vamos elaborando nossos próprios pressupostos nascidos da própria confrontação com a realidade (ACPO, 1973, p. 92).

Para as lógicas de produção da Rádio Sutatenza sua teoria saiu de uma permanente “admiração” pelo povo camponês.

O *ACPOmóvel* era um sistema de jipes especialmente acondicionados para visitar os povoados e campos do país para a promoção cultural das comunidades. Era a oportunidade para que os camponeses produzissem seu próprio programa rural, para visualizar a Rádio Sutatenza, para entrar em contato direto com a realidade, para iniciar processos interativos, era um aproximar a rádio do povo. Nisso a Sutatenza foi popular. Um informe desses *ACPOmóvel* relata mais de 100.000 quilômetros percorridos; 422 povoados visitados; 866 projeções de eslaides e uma assistência de 225.000 pessoas (ACPO, 1973, P. 89).

Com suas emissoras regionais a Rádio Sutatenza inicia um processo de *descentralização*. Deste jeito pretende especializar-se nas necessidades e problemas peculiares de cada uma das três zonas climáticas da Colômbia: a emissora de Bogotá se dirige especialmente aos camponeses da terra fria (cobertura: Cundinamarca, Antioquia, Boyacá, Tolima, Caldas, Risaralda, Quindio, Valle del Cauca, Santander, Meta, Caquetá, Intendencia de Arauca e Comisaria del Vaupés); a de Cali (cobertura: Valle del Cauca, Caldas, Risaralda, Chocó, Huila, Caquetá, Intendencia de Putumayo) e Medellín (cobertura: Antioquia, Chocó, Córdoba, Santander, Caldas, Risaralda, Tolima) aos camponeses da terra temperada e a de Barranquilla (Atlántico, Bolívar, Magdalena e Cesar) aos costenhos que moram na terra quente (MUSTO, 1971, p. 76). Esta iniciativa teve um custo econômico muito alto para Salcedo.

A *organização e o planejamento* foi uma das características fortes da Rádio Sutatenza. Para responder às necessidades e desafios da educação radiofônica foi criado o Comitê radiopedagógico que estava constituído pelos técnicos da UNESCO, o chefe da seção de pesquisas radiopedagógicas e o professor-locutor e como assessor o diretor-reitor de Sutatenza. Este comitê tinha sob sua responsabilidade o estudo dos diferentes aspectos do trabalho radiopedagógico para tecnicizá-los cada vez mais e alcançar maior eficácia. Em consequência, o comitê devia escutar programas, estudar os materiais de ensino, analisar os informes de resultados na Escola Tipo⁸, e sugerir e propor aos Institutos os temas e os sistemas de preparação dos Auxiliares Paroquiais (SALCEDO, 1955a).

Este comitê de especialistas buscava melhorar o currículo de estudos, os temas de

⁸ Relata o professor Numa Pompilio Mesa (RÁDIO SUTATENZA, 1962), professor-locutor dos mais destacados das Escolas Radiofônicas, na década dos anos 50 e 60, que frente à emissora em Sutatenza existiu a “Escola tipo” que serviu para que inumeráveis personalidades e preladados vissem o trabalho que podia fazer-se através do rádio. “Aí por espaço de seis meses, e posteriormente por espaço de três anos, se foram aperfeiçoando os métodos desta nova fase da cultura colombiana, até chegar ao que é hoje o sistema pedagógico das Escolas Radiofônicas”.

ensino, aperfeiçoar os libretos radiofônicos e os materiais complementares, que assegurassem a eficiência do método de ensino pelo rádio. Nesta mesma perspectiva age a seção de pesquisas radiopedagógica. A novidade está em que o chefe desta seção elabora um informe mensal para o Comitê de Escolas Radiofônicas e visita periodicamente as Escolas Radiofônicas de Sutatenza e de outras paróquias, em companhia do professor-locutor, e percorrem, em missão especial de pesquisa, os sítios do país que assim convenha.

Além destas instâncias, foi criado o Comitê de Escolas Radiofônicas (com o objetivo de manter uma visão da obra das Escolas Radiofônicas em todo o país), que se reuniu por primeira vez em 5 de Novembro de 1955, o departamento de oficinas seccionais (descentralização de serviços), o departamento de programas de rádio -um dos mais importantes da Ação Cultural Popular- que exige, pela sua complexidade, pessoal competente e com autonomia de ação. Este departamento é assessorado pelo comitê de programas que avalia programas, locutores, operadores de som etc. O comitê de programas e o chefe do departamento de programas de rádio têm a máxima responsabilidade na preparação dos programas e na qualidade dos mesmos, na previsão, recopilação de material e oportuno envio às emissoras para evitar o gravíssimo perigo de improvisações, “programas de recheio” etc.

Outras instâncias criadas foram o departamento de catequese, departamento de cursos camponeses (relação com outros organismos -p.ex., Caja Agrária-, visitantes especialistas agrícolas, publicações e Institutos Camponeses), departamento de visitantes; seção de correspondência, de notícias, de publicações, a gerência técnica (preocupada não só com a emissão, senão que também com a recepção).

O departamento de emissões radiofônicas terá como finalidade a técnica, qualidade artística e oportunidade de todos os programas que transmitem as emissoras da instituição:

Este departamento funcionará sob a direção de dois chefes: o primeiro, um sacerdote, que terá a seu cargo a segurança ideológica de todos os programas de notícias, a redação das vinhetas sobre campanhas determinadas, a produção de programas especiais, editoriais, dramatizações com orientação social e moralizadora, etc. O segundo, um leigo técnico em matéria de produção de programas, que se responsabilizará da qualidade artística, da oportuna produção e gravação de todos os programas (SALCEDO, 1957, p. 13).

Nomeou-se uma comissão para redigir durante os três primeiros meses do ano as

cartilhas de normas e código específico de funcionamento interno das distintas dependências (SALCEDO, 1957).

Em sua mensagem de 1960, Salcedo espera que seja o primeiro passo firme para chegar à meta desejada de uma adequada organização para uma instituição que sabe exatamente o que quer fazer e como o deve fazer. Porque o compromisso com o povo camponês exige uma clara consciência de que o serviço cultural não será eficaz sem uma técnica organização interna.

A organização administrativa supõe duas coisas: coordenação e controle. A melhor organização, diz Salcedo (1961), seria inoperante sem uma eficaz coordenação. O controle não consiste na simples observação, senão principalmente num trabalho de estímulo e avaliação do trabalho dos colaboradores e também sanções, se for o caso. Segundo o livro azul, a instituição deve trabalhar em equipe (SALCEDO, 1963).

Em 1963, Salcedo toma a decisão de suprimir, como sistema de trabalho, todos os comitês na instituição. Irá surgir outra forma de trabalho.

Cobertura nacional. Já em 1955, Salcedo explicita e justifica a ideia de uma rede de emissoras Sutatenza: tendo em conta “os problemas e necessidades específicas de cada departamento, aspiramos à criação de emissoras filiais que se adaptem melhor, tanto pelo conteúdo, como pela forma e horários de transmissão, a satisfazer ditas necessidades” (SALCEDO, 1955, p. 8).

Uma situação que pode ilustrar as *marcas da conjuntura e da realidade*, ou seja, desses processos de interação do produtor com os fatos, com as expectativas sociais e culturais sobre o tipo de produto, podemos encontrá-la quando se posicionou a Junta Militar (Governo Militar que dirigiu a Colômbia entre 10 de maio de 1957 e 10 de agosto de 1958). Ela fez saber a Salcedo que não desejava recebê-lo nem manter nenhuma relação com a Rádio Sutatenza porque era, entre outras coisas, uma emissora que não a escutava ninguém e porque era impossível ensinar a ler e escrever pelo rádio.

Diante desta situação, Salcedo reuniu o pessoal da emissora, contou o problema que tinham com a Junta Militar e as repercussões negativas deste posicionamento e pediu a

Fernando Gutiérrez anunciar por todas as emissoras da instituição, a cada três minutos, que no dia seguinte às seis e meia da tarde monsenhor Salcedo ia dirigir-se aos párcos e aos camponeses pela primeira vez. E, junto com seu pessoal elaboraram e aperfeiçoaram o discurso.

O objetivo era dizer aos camponeses, e primeiro aos párcos: vocês sabem quantas escolas têm e sabem para que lhes serve a 'Acción Cultural Popular' [...]. Vou-lhes pedir o favor, como a melhor ajuda à instituição, de dar um testemunho escrito por telegrama à honorável Junta Militar de Governo, Palácio presidencial. E vocês camponeses me fazem o favor de escrever uma carta [...], dizendo-lhes para que lhes servem as Escolas Radiofônicas e que estão aprendendo (RODRÍGUEZ, 1967f, p. 141).

Quarenta e oito horas depois de transmitido o discurso, começaram a chegar-lhes telegramas dos sacerdotes do país e mais ou menos em três ou quatro dias chegaram telegramas de cerca de 800 povoados do país. Também começaram a chegar as cartas dos camponeses e foram tantas, conta Salcedo (1967f), que a Junta Militar teve que destinar dois ou três sargentos exclusivamente para a operação de abrir os envelopes e estender as cartas, umas sobre outras, sem podê-las ler, senão só algumas, e dedicar-lhe o espaço de um salão para guardá-las. Logo, aos quinze dias, já eram centenas, milhares de cartas e de telegramas.

A outra ação de Salcedo foi conseguir em Tolemaida (base militar) que os soldados camponeses analfabetos iniciassem com o método da Rádio Sutatenza seu processo de alfabetização. Nesse período, o General secretário da Junta Militar entrou em contato com Salcedo para manifestar-lhe que os Generais da Junta estavam preocupados com esse plebiscito e aí Salcedo lhes comentou que soldados camponeses adultos estavam aprendendo a ler e escrever por rádio e fossem verificar.

Os Generais foram avaliar com o Dr. Alberto Lleras, que pouco depois seria presidente da Colômbia. Eles encontraram em torno de 1.500 soldados estudando com os materiais da Rádio Sutatenza-ACPO e, depois de entrevistar vários soldados, avaliaram positivamente a experiência. Em Tolemaida se experimentou o sistema e se foi aperfeiçoando até o ponto de que hoje nos quartéis que utilizam o sistema o só ensinar a ler e escrever se está fazendo em 35 horas de aula.

A partir dessas constatações, a Junta Militar ficou impressionada e convidou Salcedo para entregar-lhe as milhares de cartas e telegramas porque para eles era impossível de responder e lhe entregaram as cartas, diz Salcedo (RODRÍGUEZ, 1967f), “por metros lineais” e lhe pediram ir a Sutatenza para poder responder através da Rádio a esse plebiscito e, ademais, o chamaram para dizer-lhe que ante essa massiva resposta queriam saber quais eram as necessidades da instituição. Foi assim como o general foi a Sutatenza, fez um grande discurso e terminou o problema, dando todas as ajudas que se pediram.

Em 1970, se publica o documento de trabalho n. 10, preparado por uma equipe do departamento de Sociologia da instituição, em 1969, sobre a *Audiência campesina de Rádio Sutatenza*. Esta pesquisa correspondeu a uma série de trabalhos realizados em razão da colocação em marcha do novo sistema de emissoras da Rede Rádio Sutatenza que aumentou a potência de seus transmissores, com o objeto de cobrir a totalidade do território nacional, principalmente sobre as ondas médias de Bogotá com potência de 250 *quilowatts*.

Devido a esta ampliação de sua cobertura, a Rádio Sutatenza estreou nova programação onde manteve seu objetivo de transmitir cultura. “Nenhum programa sem conteúdo”, foi o critério que guiou a quem planejou a nova programação da Rádio Sutatenza que ficou sintetizada no chamado “Livro Vermelho” (GOMEZ POSADA, 1970, p. 2).

O novo sistema entrou em funcionamento em maio de 1969 e para junho se tinha a primeira evidência do sucesso, com a recepção de mais de 100 mil cartas, segundo o diretor do departamento de Planeación e Programación, Hernando Bernal Alarcón.

A pesquisa tinha como objetivo a obtenção de dados sobre: quem e quantos eram os ouvintes das emissoras; quais os programas preferidos e por que o impacto do noticiário dado que se pretendia que fosse o carro-chefe da programação e, finalmente, como se estavam escutando as aulas das Escolas Radiofônicas.

Foram quatro os tipos de enquete adiantados pela Rádio Sutatenza para esse estudo: de sintonia, à qual responderam 97.288 pessoas; aos líderes camponeses, à qual responderam 130 líderes; sobre o noticiário à qual responderam 400 pessoas de 1.000 questionários enviados; e uma enquete enviada a 1000 camponeses aos quais responderam 781.

Algumas das conclusões (GOMEZ POSADA, 1970) mais importantes desse estudo são, enquanto à sintonia: é difícil avaliar quantos são os ouvintes da Rádio Sutatenza. Como chegaram cartas de todos os lugares do país, os pesquisadores concluíram que toda a população é ouvinte potencial. A emissora conta com ouvintes de todas as idades, homens e mulheres, casados e solteiros. Não obstante a emissora tenha um objetivo camponês, conta também com muitos ouvintes nas cidades. Por exemplo, na enquete do noticiário, 52% de seus ouvintes são de cidades e 48% do campo. A enquete mostrou também que Sutatenza tem ouvintes não só na Colômbia, senão na América Latina e no mundo inteiro pelas ondas curtas.

Os programas de maior sucesso na Rádio Sutatenza são, em sua ordem: Buenos días; Ustedes hacen el programa; Temas femeninos e Charlas con la familia. Nesta classificação não se levaram em conta os chamados programas institucionais: Clases de Escuelas Radiofónicas, El correo de Rádio Sutatenza, con los líderes e el Noticiero, porque deles se fez estudo em separado.

O programa “Buenos Días” é conducido por Manuel Emigdio Rincón das 4h am às 5:30 am. Sua temática é muito variada. Mas principalmente trata aspectos camponeses. A audiência é camponesa. Na descrição deste programa no “Livro Vermelho” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR – RADIO SUTATENZA, 1969, p. 65), assim chamado o livro da nova programação da Rádio Sutatenza, na descrição do programa “Buenos Días” se diz, entre outras coisas que é

um verdadeiro e prático almanaque com dados meteorológicos, fases da lua, fenômenos naturais, ‘coplas’, passatempos, conselhos agropecuários, miscelânea, serviços sociais, música popular de vivo ritmo, frequente indicação da hora, breves notícias. Locução ágil e simples, linguagem familiar, vocabulário ao alcance de todos caracterizam este programa com cobertura nacional através de toda a rede de emissoras da RÁDIO SUTATENZA.

Manuel Emigdio Rincón foi um destacado comunicador na Rádio Sutatenza. Dele se conserva um breve escrito sobre produção radial (RINCÓN, 1969) que analisa, entre outros assuntos, as características, tipos e estruturas de programas radiofônicos, a programação, os comunicadores, libretos, linguagem radiofônica (palavra, música, efeitos sonoros). Para Rincón (ACPO, 1973, snp) “o microfone representa milhares de alunos e ainda que à distância a atitude é de diálogo”.

“Ustedes hacen el programa”, dirigido por Alfonso Sarmiento, das 2h pm às 2h30 pm, para todos os públicos. “A emissora conta com uma discoteca que coloca ao alcance de seus ouvintes, neste espaço, destinado a atender os pedidos que se fazem por escrito, para que cada qual possa manifestar o natural desejo de ouvir a música de seu agrado” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR – RADIO SUTATENZA, 1969, p. 80). Nesse sentido, não é a emissora que faz o programa senão os ouvintes.

O terceiro lugar foi para o programa “Temas femeninos”, dirigido por Cecília F. de Ibañez das 9h15 am às 10h am: “Simples conhecimentos de puericultura, ordem, asseio, economia, empresa familiar, artesanato, nutrição, beleza, culinária, literatura, modas, decoração, arte. Notícias relacionadas com atividades da mulher. Reportagens com camponesas (ACCIÓN CULTURAL POPULAR – RADIO SUTATENZA, 1969, p. 69).

O programa “Charlas con la familia”, do padre Roberto Mora Mora, está dirigido à classe meia e alta: “Uma voz autorizada expõe com simplicidade e claridade os princípios da doutrina social da Igreja e os comenta a nível familiar com vistas a sua aplicação prática na vida diária, na comunidade e na família” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR – RADIO SUTATENZA, 1969, p. 77).

Segundo a enquete, os programas dos sábados não têm nenhum impacto sobre os ouvintes e se solicita revisar seriamente dita programação. A conclusão sobre a programação musical se, bem que não seja tão crítica como aquela de sábado, também exige revisão e reestudo com o objetivo de captar uma maior audiência e de prestar um maior serviço.

O noticiário tem como objetivo criar interesse pelos acontecimentos nacionais; criar uma consciência de unidade nacional; criar correntes de opinião e motivar as massas para que se façam presentes em forma solidária e organizada. O noticiário, na enquete aos camponeses, ocupa o primeiro lugar.

O público em geral prefere escutar o noticiário da seguinte forma, primeiro lugar: emissão das 7h am; segundo: emissão das 7h pm; terceiro: emissão da 1h pm; quarto: emissão das 10:00 pm. Considerados unicamente a enquete camponesa a ordem se inverte um tanto no relacionado ao primeiro e segundo lugar: primeiro posto: emissão das 7:00 pm.; segundo posto: emissão das 7:00 am.; terceiro posto: emissão da 1:00 pm.; quarto: emissão das 10h

pm. A emissão menos escutada é a última (10h pm). Isto é compreensível porque o ouvinte urbano a essa hora prefere assistir TV e para os camponeses é demasiado tarde porque eles têm que madrugar e por isso deitam cedo.

O noticiário da Rádio Sutatenza é apreciado principalmente porque é simples o vocabulário que utilizam os redatores das notícias (67% dos ouvintes); completo (37%), de boa qualidade da locução (33%), de boa sintonia (25%), de veracidade das notícias (10%) e por causa dos noticiários esportivos (7%). Finalmente, a maioria dos ouvintes deseja que exista um comentário às notícias.

Sobre os cursos das Escolas Radiofônicas (básico e permanente), o curso de cultura superior e os programas institucionais (El correo de Rádio Sutatenza, Con los líderes, Institutos campesinos -sábado somente-, e somente no domingo: Leyendo el campesino, Juventud campesina, Mis viejos queridos e El dirigente campesino) quais foram os resultados?

O curso básico (ACCIÓN CULTURAL POPULAR – RADIO SUTATENZA, 1969, p. 37ss) oferece os conhecimentos fundamentais e as técnicas básicas indispensáveis para a comunicação escrita e a aplicação da matemática na vida prática. Trata-se de “um curso intensivo de 90 aulas de 30 minutos cada uma, nas quais o aluno que saiba aproveitar aprenderá a ler e a escrever e a realizar as quatro operações fundamentais da Aritmética, em forma integrada com as noções de saúde, economia, trabalho e espiritualidade”. Ao terminar o curso, se fazem as provas escritas. A transmissão se faz na hora da tarde, com repetição ao dia seguinte pela manhã. Existe uma programação A (Nacional, ondas médias) e programação B (ondas curtas).

O curso de educação permanente tem como objetivo ajudar a educação fundamental integral da população colombiana, especialmente camponesa (ACCIÓN CULTURAL POPULAR – RADIO SUTATENZA, 1969, p. 39). A pedagogia, a didática e as técnicas radiofônicas se juntam para prestar esse serviço essencial para o desenvolvimento do país.

Esse curso se desenvolve em torno de cinco grandes valores individuais e sociais que respondem ao caráter polifacético do homem: físico, psicológico, social, cultural e moral, denominados funções fundamentais: saúde, alfabeto, número, economia e trabalho e

espiritualidade.

As diversas matérias são tratadas por um professorado especializado; as campanhas são um sistema especial de motivação para criar atitudes favoráveis à mudança, com um sentido construtivo.

A audiência das aulas das Escolas Radiofônicas é preferencialmente camponesa: é maior o número de alunos que atendem o curso permanente, que o número dos que participam no curso básico. À medida que aumenta a idade, diminui o número de alunos.

Sobre o lugar que ocupam as escolas radiofônicas dentro da programação da Rádio Sutatenza, se destaca em primeiro lugar que para os encarregados de elaborar a programação, os programas de aulas das Escolas Radiofônicas ocupam a máxima prioridade, já que através deles se cumpre basicamente o objetivo específico da instituição.

A partir das enquetes, incluindo as aulas dentro da programação geral da Rádio Sutatenza, estas aparecem em primeiro lugar; o programa “Buenos dias” em segundo; Ustedes hacen el programa, em terceiro.

O curso de cultura superior não foi muito cotado, durante o ano de 1969, pela falta de uma mais adequada estruturação e por isso na enquete não mereceu uma avaliação positiva.

Sobre os programas institucionais da Rádio Sutatenza são considerados particularmente importantes “El correo de rádio Sutatenza” e “Con los líderes” “programas que se transmitem diariamente e que servem para estabelecer um canal de contacto permanente, tanto com os ouvintes das emissoras como com os líderes camponeses” (GOMEZ POSADA, 1970, p. 29).

“El correo de Rádio Sutatenza” propõe-se manter um mais direto contato com os alunos das Escolas Radiofônicas e com os ouvintes em geral e “neste espaço se da resposta a algumas das muitas cartas que se recebem diariamente de todas as regiões do país. Responde-se a algumas consultas, se dão orientações e se faz um cordial convite a manter correspondência com a instituição” (GOMEZ POSADA, 1970, p. 73).

O programa “Con los líderes” está orientado à formação e capacitação dos líderes rurais, dos dirigentes das comunidades camponesas. “Este espaço se destina primordialmente a manter um permanente contato com os líderes e dirigentes rurais que estão trabalhando no campo.

Dentre os programas institucionais, os pesquisadores também destacam o espaço do padre José Ramón Sabogal: “Mis viejos queridos”, com mais de 20 anos no ar. Esse programa serviu para criar uma forte consciência de comunidade camponesa entre os radiouvintes.

Sobre a programação B (Regional) da Rádio Sutatenza esta não foi fácil de analisar porque as emissoras de Magangué (Barranquilla) e Cali foram deficientes durante o ano de 1969. A maioria dos ouvintes da programação B são alunos das Escolas Radiofônicas, que dispõem de um rádio sintonizado especialmente nas ondas curtas de Sutatenza. Chama a atenção da programação B que o programa mais escutado é o rosário. São também importantes os programas Buenos dias, Ustedes hacen el programa, Temas femeninos e Charlas com la familia.

Com relação à mensagem, ao comunicado, diz Bernal Alarcón (1971), que se deve ter em conta o meio e a audiência. Em tal sentido, a mensagem educativa deve ser sistematicamente planejada (de forma progressiva, abarcando os campos individual e social, procurando que as mensagens se complementem e se reforcem mutuamente, criando estruturas de pensamento) de modo a suprir necessidades básicas e fundamentais. De outra parte, a mensagem deverá ser construída tendo em conta a cultura (formas de pensamento e valores do grupo). Sugere-se, também, para a efectividade das mensagens, “criar hábitos ou ‘rotinas’ de exposição aos meios e o uso combinado ou sistemático dos meios (comunicação interpessoal e comunicação midiática).

Sobre a audiência, diz Brumberg (1978, p. 67) que os programas da Rádio Sutatenza estão dirigidos para a família campesina, em sua maioria. Estes programas estão pensados para pessoas com limitada escolaridade ou não; a linguagem que utilizam é simples para que o conteúdo seja compreensível. A audiência proposta está composta por trabalhadores agrícolas, incluindo proprietários de terras e operários sem terra.

A propósito da audiência da Rádio Sutatenza, a pesquisa de Hernando Bernal (ACPO,

1979, p. 1) afirma que ela está formada “por populações camponesas adultas, afetadas em alguns casos, por um alto grau de analfabetismo e situadas em um estrato socioeconômico baixo, devido, na maioria dos casos, a uma forte marginalidade do processo produtivo e social do país”.

Os grupos sociais na Colômbia estão determinados por fatores raciais e culturais, pela situação geográfica, pela estrutura familiar, pelo aspecto socioeconômico etc. Esses fatores desenvolvem processos como a mestiçagem que influi no costume, crenças, folclore, valores. A situação geográfica influi ademais nas fontes de trabalho, na alimentação, no vestido, na moradia. A altura determina o clima e, portanto, a temperatura: “O fato de que um camponês viva em uma zona térmica (climática) diferente de outra, implica também mudanças em seus níveis de vida, em suas atitudes e valores” (ACPO, 1979, p. 7).

Em 1979, são publicados pela Divisão Internacional da instituição sete unidades que ensinam a usar o rádio para educar, para produzir uma aula de rádio a partir da experiência da Rádio Sutatenza e da produção teórica até esse momento. Uma das ideias centrais dos manuais é que todo programa de rádio deve ser elaborado a partir das características da audiência e do meio a ser utilizado. Portanto, é preciso determinar a população-alvo do programa e identificar as necessidades de aprendizagem. Do meio radiofônico, também é fundamental identificar suas características.

Dadas as características humanas do público rural, que estão relacionadas com seu meio ambiente, se propõe uma “educação objetiva e fundamentada em problemas reais; prática e orientada às necessidades concretas da população; reflexiva e crítica para que o adulto possa elaborar elementos de juízo; social e democrática; criadora e produtiva” (PARRA DE MARROQUÍN, 1979, p. 14). Também se sugere que, para elaborar o objetivo terminal, se tenha em conta a filosofia da instituição onde se trabalha para que esteja dentro de seus propósitos sociais e os conceitos básicos do processo de comunicação a fim de empregar corretamente os elementos que intervêm na mensagem educativa que se deseja transmitir.

Para selecionar o tipo de programa se sugerem três critérios: segundo sua elaboração (com libreto: “charla”, revista, documental, drama, musical, educativo; sem libreto: descrição, entrevista, discussão), segundo sua emissão: desde fora do estúdio. Ordinariamente é dentro do estúdio. Segundo os objetivos: programas jornalísticos (anticipações, entrevistas etc.),

promocionais (para provocar atitudes a favor ou contra determinado tema), recreativos e didáticos, cuja finalidade é transmitir mensagens educativas. Sugere-se que sejam elaborados cuidadosamente e planejados detalhadamente. Segundo o público ao qual se dirigem (femininos, infantis, camponeses, executivos, econômicos, culturais, desportivos etc.).

Em 1979, a Divisão Internacional da Rádio Sutatenza publica cinco manuais de formação em “producción radial”, planejados para obter um acelerado domínio de um modelo de formulação e produção, no setor da educação não-formal. Estes manuais sistematizam a prática e a teoria da Rádio Sutatenza enriquecida com a produção teórica de outros pesquisadores naquele momento.

Os manuais de produção radiofônica foram redigidos para dar cursos a nível de América Latina sobre comunicação educativa e desta maneira socializar a experiência da Rádio Sutatenza. É claro que este tipo de treinamento e capacitação foi uma prática da Rádio Sutatenza desde seus inícios. Assim, por exemplo, em 1962, a religiosa Laurita Coronita Ortíz, da Colômbia, e que trabalhava com os indígenas da província do Chimborazo, no Equador, foi enviada com outras três freiras a capacitar-se em Sutatenza para produzir programas:

Em Sutatenza eu me dediquei a aprender o sistema. Ensinarão-me a gravar para o espanhol e para o quíchua. Acredito que foram dois meses. Já de volta ao Equador, Rosarito tomou as aulas em castelhano e eu as de quíchua. Tinha que ensinar noções de acima, abaixo, esquerda, direita; linhas horizontal, vertical e oblíqua e o zero que era a bomba [...]. O povo aprendeu a ler e escrever em quíchua. Monseñor Proaño estava muito contente. Sutatenza foi para mim e para minhas companheiras algo precioso; foi modelo para muitos outros trabalhos na América Latina, segundo me contaram (VACA GUTIÉRREZ, 2005).

A Rádio Sutatenza foi pioneira nesse tipo de cursos de capacitação grupal que depois se popularizaram na América Latina. Os Manuais de produção radiofônica para comunicação educativa estavam providos também de programas gravados segundo os temas. No primeiro manual dedicado à “elaboração do libreto para uma emissão radial”, encontramos alguns parágrafos encaminhados a responder a esta pergunta: para que serve e para que NÃO serve o rádio? O questionamento mostra a preocupação com a linguagem e a estética radiofônica. Aí se afirma que é difícil “difundir através do rádio conferências ou dissertações. Para os ouvintes não é fácil acompanhar pelo rádio uma longa exposição monologada, porque vem a

fadiga e a desatenção” Também desaconselha descrever procedimentos muito técnicos via rádio, por ser pouco prático e até ineficaz. “Certos detalhes, como cifras, doses, datas, medidas, operações, não se captam nem se guardam com facilidade e, por isso, não se poderão lembrar” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1979a, p. 8).

A seguir, comenta para que o rádio se tem mostrado eficaz: “Para informar, para transmitir conhecimentos e para promover inquietações. Através dele é possível fazer reflexões sobre valores e atitudes; estimular o raciocínio e conduzir a uma tomada de consciência sobre certos fenômenos” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1979a, p. 9).

Finalmente, se propõem duas estratégias para os programas educativos. A primeira, em relação à linguagem radiofônica e à narrativa:

“Por ser uma mídia não-visual, nos programas educativos radiofônicos é necessário estimular a imaginação do ouvinte com todos os recursos que se encontram ao nosso alcance, para que se possa visualizar o que tentamos comunicar”. A segunda estratégia mostra a compreensão da rádio como mídia complementar: “Os objetivos educativos se alcançam melhor, se o ouvinte dispõe de materiais de apoio que lhe permitam realizar uma tarefa audiovisual” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1979a, p. 8).

A seguir, esta primeira unidade aborda o tema dos gêneros radiofônicos:

Os gêneros radiofônicos então se classificam em duas grandes categorias: MUSICAIS E FALADOS. Esta última é propícia a fins didáticos e compreende os gêneros básicos de MONÓLOGO, DIÁLOGO e DRAMATIZAÇÃO. Esses gêneros básicos dão lugar a diferentes tipos de programas segundo a forma que tomem tais gêneros (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1979a, p. 10).

As aulas radiofônicas seguiram basicamente o formato de programa monologado (“charla”) que pode ser: expositivo, criativo e testemunhal. Deve ser breve. Para manter a atenção do ouvinte não pode exceder os cinco minutos. A produção não é complicada mas pode tornar-se monótona e limitada. De cada um dos gêneros se analisam: características, recursos e aplicação didática.

A seguir, analiso a emissão de uma aula radiofônica do curso de educação permanente

das Escolas Radiofônicas. Como já foi dito, a educação fundamental integral está constituída pelo conteúdo de cinco áreas básicas, chamadas de cinco noções, as quais de acordo com a Instituição sintetizam, de uma parte, os problemas e necessidades, as possibilidades e potencialidades do camponês e, de outra, cobrem os conhecimentos necessários para seu progresso e desenvolvimento. Elas são: *Nuestro bienestar* (saúde), *Hablemos bien* (alfabeto), *Cuentas claras* (número), *Suelo productivo* (economia e trabalho), *Comunidad cristiana* (espiritualidade).

Este curso constitui o programa orgânico das emissoras. Objetivo essencial dele era ajudar a educação fundamental integral da população colombiana, especialmente camponesa: “Sistemática e metodicamente se age sobre os valores, se proporcionam conhecimentos e técnicas, se desperta a consciência da pessoa e se a estimula ao sentimento de solidariedade com um sentido dinâmico” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1969, p. 39). Cada hora deste curso estava dividida em cinco temas diferentes, segundo as noções acima indicadas. O Curso se transmitia nas horas da tarde e se repetia nas horas da manhã do dia seguinte.

O programa escolhido foi da noção de saúde, gravado provavelmente nos inícios da década de 1980, se comparado com os programas da *Comunidad cristiana* que gravamos e correspondia a 1985. Os dois estavam no mesmo lugar. O programa foi produzido e conduzido pelo médico Luis Alejandro Salas, autor também da cartilha *Nuestro bienestar* e diretor da Divisão Cultural da Rádio Sutatenza. O Doutor Salas acompanhou desde seus inícios a experiência educomidiática da Rede Sutatenza.

O programa *Nuestro bienestar* para o curso de educação permanente constava de uma produção de 40 programas. Segundo a programação de 1969 esses programas se transmitiam na segunda, quarta e sexta-feira. Minha análise se concentra no programa n. 5 (Anexo F), daqueles 40 programas. Sua duração era de 11’53”. Como foi dito em 1957, o método que predominou no ensinamento pelo rádio foi o expositivo, nas aulas. Isso não mudou. Portanto, o gênero utilizado para este programa foi a *Charla expositiva*, que é um discurso monologal geralmente breve. O Manual de produção radiofônica (ACPO, 1979a, p. 11) recomenda que para manter a atenção “não exceda de cinco minutos”. A *Charla expositiva* se utiliza principalmente para divulgar conhecimentos; ela deve ser clara, amena e muito expressiva, utilizando vocabulário e expressões familiares à audiência. Para este tipo de programa se precisa de um libreto curto e de um locutor agradável. O Manual diz, com relação a sua

aplicação didática, que ele facilita a apresentação de temas educativos, dando sequência ao conteúdo. O problema principal é que pode produzir monotonia.

O programa *Nuestro bienestar* excedeu em mais de seis minutos o tempo recomendado, o que prejudica a atenção e o acompanhamento do tema (são apresentados cinco programas juntos na emissão que dura uma hora); o professor-locutor nos pareceu claro, ameno e expressivo; não utilizou expressões familiares à audiência, exceto aquele dito de “árvore que cresce torta jamais seu galho endireita”. No mais, tratando de ser simples, conserva um discurso de profissional da medicina.

A estrutura do texto: a introdução inicia com uma saudação que Salas conseguiu popularizar no seu programa: *Salud amigos* (expressão própria dos brindes, nos aniversários, e outros encontros sociais). A seguir, motiva sobre a importância da educação permanente, mas não especificamente sobre o tema a tratar. Desde o ponto de vista da construção da *charla*, a sugestão é partir do concreto ao abstrato, do particular ao geral.

O desenvolvimento do tema se dá a partir da ideia diretriz de “usar corretamente os serviços de salubridade”, ou seja, de “consultar o médico”. Quem conhece a população camponesa sabe da importância deste assunto. Salas motiva a proposta explicando em que consiste a medicina, a formação do médico e seu papel social e, ao mesmo tempo, desmitificando seu papel: ele também se engana e não sabe tudo. Lembra que o médico deve estudar permanentemente e aconselha buscar um médico que seja responsável, honrado, e que fale a verdade.

Depois de uma cortina musical de 20”, para romper a monotonia com tanta informação, Salas continua desenvolvendo o tema da importância de “consultar o médico”. Nesta ocasião, fala das pessoas em condições especiais que devem ir ao médico: doentes, grávidas e crianças, explicando a periodicidade e a necessidade destes encontros.

Depois de outra cortina musical de 17”, Salas continua sugerindo, esta vez, que as mulheres maiores de 35 anos devem consultar o médico para realizar exames que previnam o câncer de “certos órgãos genitais”, o diz com delicadeza porque ele sabe que sobre sexo as camponesas não gostam falar: elas sentem vergonha.

Para ir fechando o tema, Salas lembra que são muitos os que ajudam no campo da saúde e explica o trabalho dos odontologistas e a importância do cuidado da saúde oral, depois menciona outros profissionais da área. Na conclusão, convida todos a serem voluntários da saúde e retoma a ideia central: aproveitar os serviços de saúde.

Com relação às estratégias discursivas sublinho três: a redundância, a interpelação e a tradução de termos técnicos. A redundância, como técnica para insistir na ideia central, no caso “ir ao médico”, aparece ao menos umas dez vezes no programa, sugerida de diversas formas. A interpelação é utilizada duas vezes, comprometendo o ouvinte a se posicionar diante do assunto. Finalmente, o doutor Salas explica cada um dos termos técnicos que ele utiliza na conversa: odontologistas (cuidam da saúde oral), nefrites (ocupam-se com as afecções no rim), septicemia (é a infecção generalizada do organismo) etc.

Percebe-se clareza expositiva na apresentação da *charla*, tem uma ordem lógica pedagógica de apresentação das ideias: utilizar os serviços do médico, quem é ele, sua formação e seus limites; quem tem que acudir ao médico, por quê, com que periodicidade, quem mais ajuda no cuidado da saúde etc. A qualidade sonora foi sempre bem cuidada na Rádio Sutatenza. Tinha profissionais muito competentes tanto na área de engenharia como de sonoplastia. Com relação aos recursos radiofônicos foram utilizados a voz, a música e alguns silêncios. Não houve uso de efeitos sonoros. É muito simples a produção radiofônica.

Resumindo, algumas observações críticas: o tempo da *charla* foi mais do dobro do aconselhado no manual de produção de rádio de ACPO; a introdução foi muito fraca para chamar a atenção do ouvinte; em algum momento a conversa foi rápida demais, dificultando a compreensão; não fez nenhuma alusão ao auxiliar imediato considerado mediador fundamental da Escola Radiofônica nem à cartilha considerada chave na construção do método audiovisual.

Uma crítica que não é só a este programa senão que às aulas radiofônicas das cinco noções é que a Sutatenza poderia ter investido mais na proposta feita já em 1957 de realizar um estudo prévio serio para produzir as aulas na forma de dramatizações porque mais ativas e interessantes. Além deste estudo, se deveria trabalhar na ação coordenada entre o professor-locutor, o libretista especialista, os alunos e o grupo coreográfico. Alguns dos motivos pelos quais não se avançou mais nesta direção foram a questão econômica, a confiança na figura

articuladora do auxiliar imediato e talvez porque a um determinado momento da década de 1970 se percebeu que outras formas, como o disco-estúdio, podiam substituir as aulas através da Rádio.

Não obstante as limitações apresentadas, as aulas radiofônicas foram, em geral, acolhidas sempre com muito entusiasmo por parte dos camponeses analfabetos que queriam estudar. E, especificamente, os programas de *Nuestro bienestar* ajudaram muito a melhorar as condições e qualidade de vida dos camponeses graças às informações veiculadas.

Indubitavelmente, *Nuestro bienestar* seguiu o planejamento próprio das emissões educativas. A ideia era pensá-las, estruturá-las e elaborá-las atentamente. Uma vez definido o objetivo e o gênero radiofônico, se sugeriam três grandes etapas de planejamento, com especificidades para cada uma: documentação, que consistia na pesquisa bibliográfica do tema, entrevistas a especialistas e observação “atenta e sensível do que nos rodeia [...]. É importante que você saia à rua ou ao campo, visite zonas populares onde mora sua audiência e converse com o povo” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1979, p. 42). Toda esta informação resumida era o ponto de partida do libreto; a segunda etapa era a seleção dos conteúdos. A ideia central aqui era utilizar só a informação indispensável e que seu ouvinte possa assimilar; finalmente, o esquema que consistia em esclarecer para você como produtor ia desenvolver seu tema, passos que seguirá e sua concatenação e qual será a conclusão final.

Para a elaboração do esquema, a Rádio Sutatenza propunha um modelo que considerava particularmente eficaz no planejamento de emissões radiofônicas educativas, constituída de eventos (partes do programa) e prescrições (tipo de conteúdo e forma). Os eventos sugeridos são oito, as prescrições estão entre parêntesis: motivação (diálogo dramatizado), informação sobre o objetivo (diálogo curto, descritivo), apresentação dos conteúdos (diálogo entre os comunicadores), prover guias de aprendizagem, propiciar avaliação (duas ou três perguntas), retroalimentação (resposta breve e curta) e estimular a transferência (propor à audiência a busca de soluções e ações concretas).

5.4 DISCURSO EDUCATIVO

O ponto de partida é o *contexto educativo*. Tradicionalmente, a educação na Colômbia careceu de amplitude. Limitava-se a setores muito reduzidos da população e resultava, em 1948, quase inexistente nos campos (curiosamente nesse ano as nações do mundo assinavam a Declaração Universal dos Direitos Humanos, entre eles o direito à educação). Nesse ano, somente 765.273 meninos recebiam ensino elementar, especialmente nas cidades, e o analfabetismo se calculava superior a 62% na população rural e em cerca de 37% na urbana (COMO era Colômbia, 1972, p. 8). Só 33% da população adulta camponesa conseguia ir à escola.

O analfabetismo não só representa carência de capacidade para ler e escrever. Representa incapacidade para resolver os problemas próprios e sociais mediante a participação na cultura. Por exemplo, a moradia é um problema grave nas cidades e no campo: “Carência de serviços de água (86,7%), de vaso sanitário (85,9%), de banheiros (94,9%) e de luz elétrica (94,4%), fazem de muitas moradias rurais lugares infra-humanos” (ACPO, 1973, p. 61).

Um informe do Dr. Stephan Brumberg, em 1973, para o *International Council for Educational Development* e para o Banco Mundial (1978, p. 53-90), destaca, entre outras, três ideias fundamentais que ele encontrou na instituição: a primeira, que é possível integrar o camponês na vida da sociedade com educação e treinamento. O camponês, o habitante rural, pode ter um papel ativo em seu próprio desenvolvimento e pode passar de ser “homem marginalizado” a uma posição participante na sociedade como um todo.

A segunda, a ACPO sustenta que o principal problema do subdesenvolvimento não é a carência de coisas materiais, senão a incapacidade dos *camponeses*, individual e coletivamente, para vencer seu atraso e superar os obstáculos culturais relacionados com atitudes tradicionais, tais como um alto grau de conformidade, fatalismo e dependência.

Terceira, as atitudes dos camponeses podem ser modificadas para ajustá-las totalmente ao desenvolvimento de objetivos de mudança. Em termos da ACPO, este “desenvolvimento

segundo aclamação” é uma pré-condição necessária para o desenvolvimento nacional. Pode-se deduzir desta posição manifestada pela ACPO que o desenvolvimento desde cima, desde um governo central ou oligarquia, é contraproducente porque ele reforça a dependência, fatalismo e paternalismo, o qual serve na atualidade como freio ao desenvolvimento.

Segundo os primeiros Estatutos da Acción Cultural Popular

O objetivo da corporação é trabalhar pela cultura do povo, utilizando especialmente o invento da radiodifusão e além de outros meios culturais, como o cinema, o teatro etc., para elevar o patamar religioso, moral, cívico e educacional do campesinato, de acordo com as normas sociais do catolicismo [...]. De acordo com os fins expressos anteriormente, estabelecerá escolas radiofônicas em qualquer lugar da República e fundará os institutos necessários para a adequada preparação dos mestres auxiliares radiofônicos. Também poderá estabelecer teatros, e demais instituições que sirvam para tal fim (Estatutos, 1949, Art. 2-3, In: RODRÍGUEZ, 1950, p. 61).

Outra das ideias-chave que conduziram o projeto de comunicação educativa de Salcedo foi a de que “o subdesenvolvimento está na mente do homem”. Para Salcedo, o subdesenvolvimento não é uma questão exterior, objetiva ou uma realidade socioeconômica. A questão é subjetiva. É uma questão de sujeitos que não estão em condições de transformar a realidade porque não dispõem dos saberes e das competências para fazê-lo. Portanto, a educação é o caminho para o desenvolvimento, para a libertação. Porque o “homem capacitado” é um homem desenvolvido.

A Rádio Sutatenza está convencida de que “a educação é a base do progresso dos povos” (FIESTA, 1965, p. 15) e, portanto, “sem o homem preparado para as grandes transformações será impossível o desenvolvimento econômico e social” (SALCEDO, 1962, p. 20). E um ano mais tarde sublinhava Salcedo: “A tarefa de educar ao povo mais abandonado é a melhor contribuição que se possa dar ao verdadeiro progresso da pátria” (1963, p.1).

O conceito fundamental das Escolas Radiofônicas é o de *Educação Fundamental Integral*. Isto significa “um tipo de educação que capacita ao adulto marginalizado da cultura para que se incorpore como sujeito ativo de seu próprio melhoramento nos processos sociais e econômicos que dão como resultado o progresso espiritual e o bem-estar material em todas as ordens” (ACPO, 1973, p. 66).

Chegar ao fundo das coisas, ao fundo dos processos, ao fundo dos conteúdos é o que determina que a educação seja FUNDAMENTAL. Fundamentar, criar, fazer surgir, fazer desenvolver as bases para que o homem possa realizar-se como homem em sociedade (ACPO, 1973, p. 67).

Tal educação é considerada fundamental porque procura proporcionar conhecimentos básicos aos *camponeses*, diretamente relacionados com a situação da vida real, que fomentarão novas atitudes de desenvolvimento. É integral porque tenta cobrir todos os aspectos da vida social, econômica, psicológica, moral, física e intelectual. Portanto, a missão da instituição, amplamente definida, é transformar o homem rural pela motivação e pela educação (BRUMBERG, 1978).

Para Salcedo (1994, p. 66), “a educação é obviamente a alavanca básica que ajudará a conseguir a meta de igualdade de oportunidades”. E, na pesquisa de Musto (1971, p. 131), diz que o único caminho para a independência da pessoa é o da educação: “Só a educação é capaz de criar os fundamentos para tomar decisões independentes e responsáveis”. Ele está convencido de que a educação é a chave para transformar a realidade pessoal e coletiva. Nesse sentido, é ilustrativa a experiência dos países europeus, entre outros.

Historicamente, o conceito de Educação Fundamental Integral passa por três etapas: na primeira, deu-se ênfase em esclarecer cada um dos conceitos da definição, individualmente; na segunda, se enfocou o tema partindo da definição do homem como ser necessitado e entendendo a educação como solução a ditas necessidades; na terceira, se entende o homem como ser pensante e atuante, sujeito do ato educativo e, portanto, que a educação para o adulto deve partir, ter em conta e ajudar a modificar a visão que o homem tem de seu mundo (BERNAL ALARCÓN, 1978, p. 14).

5.5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

As Escolas Radiofônicas nasceram de uma conjuntura histórica, comum ao mundo rural colombiano, caracterizada fundamentalmente pelo analfabetismo que foi percebido, pela lógica da produção, como a causa e a explicação dos outros problemas socioeconômicos e político-culturais.

As Escolas Radiofônicas foram uma nova ambiência de interação social, um sistema de audição organizada, uma nova experiência de ensino-aprendizagem, um centro especial de cultura, de tomada de consciência ecológica, um sistema de desenvolvimento humano do indivíduo e da comunidade, enfim, um sistema de comunicação social.

As Escolas Radiofônicas adotaram uma metodologia própria: se preocuparam desde seus inícios por estudar e conhecer o povo camponês; por adotar um método de ensino-aprendizagem de caráter audiovisual, através do uso combinado de meios massivos (o rádio foi reforçado por outros meios como as cartilhas, jornal, livros, folhetos, discos etc.) e complementado pela comunicação interpessoal; audição organizada ou coletiva das aulas para garantir acompanhamento e continuidade do projeto educativo, com o apoio de um monitor ou auxiliar imediato. A audição organizada se conseguiu, entre outros, motivos, graças às características do aparelho receptor de sintonia fixa (fechada ou cativa).

A metodologia incluía também o tempo e a duração das aulas transmitidas; a ordem das ideias, a forma de exprimi-las e as técnicas de locução empregadas pelos professores locutores; a organização dos estudantes de um mesmo lugar para realizar obras de benefício comum como pontes, caminhos etc.; o emprego de “campanhas” para melhorar a realidade camponesa e o treinamento e função das pessoas que atuam como intermediárias entre o professor-locutor e os alunos como os Auxiliares Imediatos, os líderes das Escolas Radiofônicas etc. (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1967).

Concordamos com Cavalcante (2003, p. 193) que na prática esta metodologia educativa era velha, pois os alunos aprendiam de forma mecânica “por repetição, memorização, sem questionamento do conteúdo ditado pelo professor-locutor. A metodologia consistia em transformar o ouvinte da Rádio no aluno que escutava em silêncio sua mensagem, e o monitor orientava-o nas dúvidas”.

As campanhas foram um sistema pedagógico e uma estratégia para pôr em prática as noções fundamentais das Escolas Radiofônicas. Tiveram uma repercussão significativa porque partiram da realidade camponesa. Elas permitiram avaliar a introdução de inovações no mundo rural. Foram particularmente importantes a de moradia, a de ecologia e do esporte. Todas elas contribuíram para melhorar as condições de vida da família camponesa.

Em relação ao impacto dos elementos tecnológicos sobre as atitudes, seguindo o conceito de mudança de Falz Borda, de “divergências significativas” nas formas tradicionais de vida ou nas pautas de conduta, o primeiro passo desse processo foi a compra do aparelho receptor e o interesse por ouvir os programas; depois estão as milhares de cartas enviadas pelos camponeses relatando a execução das campanhas, as destrezas em leitura e escrita, orientações e conselhos recebidos. Em palavras de Torres e Corredor (1961) a “transformação está sendo admirável”.

Com a criação da emissora em 1947 se disponibilizaram programas para o mundo camponês, aparelhos de rádio, assistência técnica para a instalação e reparação e a colocação estratégica de potentes transmissores para garantir uma cobertura de toda a população camponesa, se favoreceu a pré-condição da comunicação horizontal, o *acesso*. “Pois, sem que as pessoas tenham oportunidades semelhantes para a recepção de mensagens, não pode haver interação social democrática” (BELTRÁN, 1981, p. 32).

O fenômeno rádio, em geral, e a Rádio Sutatenza, em particular, produziu nos camponeses um impacto enorme. A chegada das ondas do rádio pela primeira vez às suas casas foi uma experiência misteriosa. Isso explica que, nos primeiros anos de transmissões, um objetivo fantástico era viajar ao povoado de Sutatenza para conhecer os estúdios da emissora. Essa circunstancia era aproveitada por Alejandro Rodríguez (SARMIENTO, 1962) para realizar entrevistas simpáticas e interessantes para seu programa “Voces campesinas”. Com o tempo essa percepção de extrema curiosidade foi perdendo terreno.

Dentro desse contexto de incomunicação e esquecimento e demais características da realidade camponesa, o rádio se constitui para eles em “remédio” aos seus males, na solução aos seus problemas e necessidades, em meio poderoso de cultura, em novidade e esperança. O rádio aparecia ao camponês como um aparelho exótico, inventado para distrair as pessoas, jamais o conceberam como um meio de difusão de cultura nem que poderiam receber seus benefícios em seus lares.

O produto educativo para as Escolas Radiofônicas foi construído a partir da ideia de que não era ensino formal, senão ensino radiofônico. Assim, foi levada em consideração a tecnologia e linguagem radiofônica (palavras, música, efeitos de som e silêncios; e as funções da linguagem: expressiva ou emotiva, conativa, fática e poética) e uma metodologia de

desenvolvimento estrutural do texto (tema, desenvolvimento, recapitulação ou resumo e atividade prática) que foi aprimorando-se com a experiência, a autocrítica, as avaliações, os resultados dos exames e os encontros e correspondência com os camponeses, com os párocos e os Auxiliares Imediatos. De outro lado, o produto educativo foi planejado e programado, de forma sistemática, seguindo o currículo de estudos, elaborado a partir da população-alvo.

As avaliações qualificam a Rádio Sutatenza e as Escolas Radiofônicas como um sistema que em si foi eficaz (FERRER, 1959); como um fator de mudança social por contato que contribuiu eficazmente para diminuir o analfabetismo nas zonas rurais (TORRES CORREDOR, CORREDOR RODRÍGUEZ, 1961); como um efeito acelerador na adoção de inovações, e os alunos das Escolas Radiofônicas como mais predispostos a tais inovações que aqueles que não faziam parte do movimento (MUSTO, 1971); como uma experiência cujos resultados foram consistentemente positivos e apoiaram a conclusão de que os programas de ACPO tiveram efeitos benéficos na vida das famílias camponesas colombianas (MORGAN et alii, 1980).

Musto sublinha outras características importantes da experiência: seus programas podiam ser sintonizados em todo o país (cobertura nacional); E conclui Musto, “a tarefa cumprida pela ACPO-Rádio Sutatenza, nos últimos 20 anos, foi tudo, menos insignificante” (MUSTO, 1971, p. 201).

Os problemas encontrados em relação com o produto foram: a diferente preparação dos alunos e o diverso grau de cultura nas diversas regiões da Colômbia; as diferenças de linguagem, de gostos e costumes tradicionais dos diversos grupos sociais presentes no país; a não adequação de certos ensinamentos agropecuários às atividades da região, devido à diversidade de climas, cultivos etc.

Questões problemáticas mais específicas foram encontradas, por exemplo, na pesquisa de Musto (1971) em Gualmatán (Nariño), no sentido de que as aulas radiofônicas por si mesmas pareciam insuficientes para originar mudanças relevantes e que as aulas só podiam produzir resultados efetivos e mudanças relevantes, quando iam acompanhadas das correspondentes iniciativas práticas e de instruções concretas. Outro problema específico eram os aparelhos de rádio estragados que deixavam sem funcionamento muitas Escolas Radiofônicas devido à insuficiência na logística de serviços de reparação.

A questão central, segundo Musto (1971), que afeta a imagem e o papel social da Rádio Sutatenza é a irrupção de um *novo cenário cultural* caracterizado pela concorrência de emissoras locais que disputavam entre si a audiência camponesa (20 anos atrás, Sutatenza não tinha concorrência); pela criação por parte do Estado de diversas instituições para dar atenção ao camponês; pela diminuição do analfabetismo devido às campanhas e às políticas governamentais envolvendo o setor rural; pela equipe de segunda categoria que gerenciava a organização; pelo nexos da emissora com a Igreja Católica que foi negativo para a expansão do movimento na costa.

A Rádio Sutatenza respondeu aos problemas, criando uma rede de emissoras para descentralizar seus serviços, produtos, programação e melhorar radicalmente seu sinal em todo o país. A Rádio Sutatenza conseguiu produzir localmente só alguns programas. As aulas radiofônicas, por exemplo, permaneceram as mesmas para todo o país. Entre outros motivos, devido aos custos. Por outro lado, Salcedo afirmou que é igual ser analfabeto na costa ou na região andina e que no processo de comunicação massiva as mensagens necessariamente têm que ser gerais e que o específico deve ser realizado pelos líderes de opinião mediante a comunicação interpessoal.

Sobre as condições de audição, a avaliação de 1959, as considera boas; na costa atlântica, a audição é regular durante o dia e só tem qualidade pela noite. Este fato da recepção comprometida na costa atlântica explica também por que o movimento radiofônico de Sutatenza não foi tão intenso na costa. Foi motivado tanto pelo antagonismo entre Bogotá e a Costa, de uma parte, quanto pela identidade católica da emissora, de outra, afirma Musto.

As Escolas Radiofônicas, de acordo com os dados apresentados, impulsionaram processos interativos diferidos e difusos, com os produtos e sobre os produtos. Em relação aos produtos, estes cumpriram uma função educativa, informativa e recreativa. Com relação à função educativa, foram milhares os camponeses que aprenderam a ler e escrever através do rádio: entre 1954 a 1966, foram 368.623. Mas não só camponeses, senão também militares e presos. Entre 1956 e 1967, foram 27.004 soldados matriculados, desses 17.715 foram alfabetizados; nos centros de reabilitação cidadã (cadeiras), nos mesmos anos foram 40.457 alunos matriculados e se alfabetizaram 22.775.

Os processos interativos desenvolvidos sobre os produtos de música popular e as

campanhas de formação de grupos e bandas levaram à criação de grupos musicais em toda a Colômbia; a escuta dos programas dramatizados levaram à criação de grupos de teatro rural; o produto educativo, de caráter motivador para a organização, levou à criação e apoio de novas organizações como cooperativas e juntas de ação comunal. As conversas sobre os programas fizeram com que pessoas não participantes das audições organizadas pela radioescola executassem campanhas promovidas pela Rádio Sutatenza.

A música recuperou a “festa camponesa”, animou os encontros e reuniões comunitárias e culturais, desenvolveu a competência comunicativa; o esporte facilitou os intercâmbios e a cooperação mútua; o teatro representou a vida camponesa e sua criatividade. Em outras palavras, as Escolas Radiofônicas promoveram processos de socialização, sem precedentes na história camponesa da Colômbia, motivada pela interface comunicação e educação. Nesse sentido concordamos com Sousa (2006, p. 132) em que

sem dúvida a Escola funcionou como um mecanismo responsável pela reelaboração de práticas coletivas no seio das comunidades rurais. Alterou a rotina diária da vida e do trabalho do homem e da mulher camponeses, se impondo como um novo núcleo de sociabilidade. Com a chegada da Escola, estabelecia-se uma interação entre as representações da comunidade, cujo resultado foi o estabelecimento de novos usos, novas práticas e novas representações sociais pautadas pelo entrecruzamento da cultura escolar e da cultura camponesa.

Por tudo isso, podemos dizer que, para quem participou dessa experiência, as Escolas Radiofônicas foram uma descontinuidade na vida camponesa.

Outro aspecto relevante nas estratégias de interação da Rádio Sutatenza com a audiência camponesa foi o *esforço permanente para conhecer o camponês* tal como ele é. Partir do sujeito foi fundamental para a construção da mensagem. Uma mensagem que queria ser proposta às necessidades físicas, psicológicas, sociológicas, econômicas e políticas. Desse jeito o receptor, junto ao produtor, participa na construção do produto.

Não obstante a preocupação por conhecer o sujeito da ação educativa, parece que não se conseguiu, segundo os estudos feitos, chegar aos mais pobres. A educação a distância, a educação midiática, pode encontrar-se com experiências concretas de radical marginalidade, de modo que sua proposta não se torne resposta para a mudança social. Em outras palavras, a

correlação entre “processos de interação” e “processos de transformação social” parece que pode ser truncada por condições extremas de marginalidade. É tão dura a situação do pobre e de sua pobreza que os esforços interacionais, por si mesmos, são incapazes de induzir motivações de mudança social. Como diz Camus (1994, p. 131): “A pobreza é uma fortaleza sem ponte levadiça”.

Um dos atores sociais do meio é o *professor-locutor*. Como agente educativo ele era encarregado de guiar o processo de aprendizagem do aluno em um contexto de educação não formal. Para fazer efetiva esta tarefa devia ser um professor, um escritor, um produtor de rádio e um locutor. Para adquirir os conhecimentos gerais e específicos da Educação Fundamental Integral e as linguagens e técnicas radiofônicas para cumprir esta missão, ele tinha que realizar um processo de formação e treinamento dentro da instituição.

Do professor-libretista eram exigidas algumas marcas para imprimir interação nos produtos: mensagens breves e claras; ordenamento lógico, pedagógico ou psicológico; habilidade para estabelecer um ritmo na aula: planejamento, desenvolvimento, demonstração, clímax ou solução, recomendações finais; habilidade para captar o interesse e apresentação alegre e eufórica da mensagem, entre outras.

Faziam parte das rotinas produtivas do professor-locutor: planejar, desenvolver e produzir programas educativos; estabelecer objetivos, desenvolver o currículo, preparar os conteúdos dos cursos e criar estratégias de acordo com as metas da instituição; formular e produzir materiais audiovisuais, escrever artigos para o jornal; ajudar a responder à correspondência dos camponeses; trabalhar em equipe; realizar autocrítica e avaliações periódicas dos programas e dos contextos de ensino-aprendizagem.

Hoje se insiste em que para ter uma educação de qualidade é preciso pensar na formação permanente dos professores. Em certo sentido, essa capacitação dos professores da Rádio Sutatenza ficou anquilosada porque, ainda que se gravasse todos os anos, os programas educativos, no final era a mesma coisa, como disse Salcedo. Portanto, a qualidade e a oportunidade das aulas ficaram comprometidas, e o risco de monotonia era muito grande.

Cavalcante (2003, p. 193) avalia o papel do Auxiliar imediato durante a aula radiofônica nos primeiros 15 anos da experiência na Colômbia:

Interessa observar o destaque dado ao auxiliar imediato, porque durante a aula o professor-locutor sempre chama a atenção para o conteúdo. O locutor não fala diretamente para o aluno, mas para o monitor. Passa a impressão de aula para o monitor, não para os alunos, aparentemente uma técnica para dar presença e autoridade ao auxiliar, que garantiria os conteúdos.

Nos processos interativos do produto e as gramáticas de reconhecimento, tentou ser um mediador e um aproximador de enunciados e enunciações; o *Auxiliar Imediato* ajudou na compreensão das interpretações, ofertas, interpelações e direcionamento do produto. Parece que foi predeterminado pelas lógicas produtivas a um papel instrumental, mecânico e pouco criativo e problematizador. Tratava-se de cumprir ordens e para isso devia ser obediente. Insistiu-se no papel de agente educativo e se deixou de lado seu papel como agente comunicativo que promove e gera comunicação, que incentiva a competência comunicativa tão necessária no mundo rural, isto é, “dizer a própria palavra” como afirma Freire.

Na aula n. 5 de “saúde”, em meados de 1980, o Auxiliar nem é mencionado, mas também não o são os outros meios, como as cartilhas, por exemplo.

A seguir, analisamos os três tipos de discursos que nos parecem caracterizam a Rádio Sutatenza: discurso religioso, radiofônico e educativo. Nesses discursos, seguindo Verón, vamos reconhecer a imagem de quem fala (enunciador), a imagem daquele a quem o discurso é endereçado e a relação entre enunciador e destinatário, que é proposto no e pelo discurso, produtos ou programas. Este dispositivo de enunciação é chamado por Verón de “contrato de leitura”, ou seja, modos de criar vínculos o emissor com o receptor.

O discurso religioso invade, desde seus começos, o projeto da Rádio Sutatenza. Desde a experiência de Salcedo até os indivíduos e famílias camponesas. A religiosidade está fortemente presente nas lógicas de produção e de reconhecimento. Constitui um imaginário comum que, dada a assimetria da interatividade, tem um peso decisivo nas lógicas de produção.

O discurso religioso foi um discurso hegemônico. Ele articulou as interdiscursividades. Ele foi a realidade estruturada e estruturante da proposta comunicativa e educativa da Rádio Sutatenza. Em palavras de nossa pesquisa, foi o discurso religioso uma das estratégias estruturada e estruturante que operacionalizou, de maneira natural, rápida e

eficaz, os processos interativos da emissora com sua audiência. Assim, os discursos, os produtos, foram escutados e aceitos, pelos seus alunos, em sua maioria, porque na enunciação, nas ofertas e interpelações, estavam as marcas do discurso religioso, de suas instituições, de seus sujeitos, funções e papéis.

Como é dito nos dados apresentados, o camponês é profundamente religioso, cumpridor de suas práticas piedosas, tem um respeito muito grande pelo sacerdote como enviado de Deus, mas tem uma formação religiosa ingênua, deficiente ainda que sincera. De outra parte, ele tem resistências a tudo o que signifique mudança, transformação, progresso etc. Estas resistências foram vencidas com o apelo ao imaginário religioso: se tem que aprender a ler e escrever porque Nossa Senhora de Fátima pediu isso e é declarada Padroeira das Escolas Radiofônicas. Santo Isidoro Lavrador se transforma em Santo Isidoro Agricultor, o “símbolo do progresso dos camponeses” porque ele compreende a importância das novas técnicas agrícolas. Junto desses produtos, estão outros como o Santo Rosário, as aulas de catecismo, história sagrada etc.

Para convocar os encontros nas Escolas se tem um pedaço de trilho para chamar como na Igreja através dos sinos etc.; a programação da Rádio inicia com o som de sinos, com uma oração que foi aprendida nas escolas de toda Colômbia. É muito frequente que na sala onde se dá a aula se tenha um altar religioso, muito adornado, avalia Ferrer (1959, p. 168).

De outro lado, se define a Rádio como “obra da Igreja” e em cada acontecimento importante está a palavra e a bênção dos Papas: em 1953, Pio XII; em 1960, João XXIII; em 1968, Paulo VI. Foi o imaginário religioso o que ajudou enormemente a superar resistências e a despertar euforia pela iniciativa. E, dadas as características da época, é compreensível que tenha sido assim.

No *discurso radiofônico* pesquisamos a imagem de quem fala e encontramos estes elementos: é uma imagem religiosa: servidores/apóstolos; é uma imagem sociológica: conhecedores da realidade; é uma metodologia: autocrítica, como uma das marcas para manter a qualidade dos produtos e da instituição.

Qual é a imagem que as lógicas da produção têm do ouvinte, do destinatário? Uma imagem positiva: um povo com valores, um povo que dá eficácia à mensagem, um povo que

escreve (a correspondência servia para conhecer o que não sabiam ainda os camponeses, o que queriam saber e suas aspirações). E uma imagem negativa: a incomunicação do camponês é socialmente construída, é um povo socialmente injustiçado e um povo resignado. As lógicas de produção têm preocupação pelo processo de migração.

Da programação destacamos as marcas dos objetivos: motivar aos camponeses, criar o homem capacitado, integração dos grupos que formam a sociedade, criar o homem solidário, criar o homem ator do desenvolvimento, a criação de um humanismo autêntico.

Com relação aos procedimentos didáticos: o método que predominou no ensinamento pelo rádio foi o expositivo (1957); se sugere o método socrático e o mais interessante e ativo seria o dialogado ou dramatizado.

A Rádio Sutatenza, nos primeiros cinco a sete anos, estudou a psicologia camponesa para receber dela ensinamentos práticos: a que horas saíam a ordenhar, a que horas voltavam do trabalho para estabelecer o horário das aulas, as repetições etc.

No fim da década de 1950, Ozaeta formulou algumas críticas à Rádio Sutatenza que incidiam na interação do subsistema produtor/produto com o subsistema receptor/produto: a monotonia; os sete espaços diários de uma hora de duração, cada um, para repetição de programas dedicados às escolas radiofônicas; não obstante, a audiência se calculava em meio milhão em 1957; a relação EMISSORA-OUVINTE se encontrava em retrocesso; abundavam os receptores mortos por falta de pilha ou de assistência técnica. Finalmente, Ozaeta duvidava das estatísticas das cartas dos ouvintes que apontavam um maior apreço pelas aulas, as explicações, as notícias e, outros, que aqueles de música e diversões.

O discurso radiofônico reafirma o dito mais acima sobre os processos interativos dos produtos musicais. Sobre a música havia um desacerto quanto à quantidade diária de música seleta, clássica ou sinfônica. Inclusive as lógicas de produção perceberam o problema: “Tem-se debatido muito a conveniência de transmitir música sinfônica. A maior parte dos camponeses carece de preparação prévia para entender e desfrutar destas composições” (BERNAL ALARCÓN, 1971, p. 73).

A Rádio Sutatenza se dedica exclusivamente à cultura; a única justificativa dos

programas será, portanto, seu valor como mensagem cultural. Toda a programação de Rádio Sutatenza é educativa: programas de docência direta, programas de cultura e divulgação, os de entretenimento (recriar ensinando e ensinar recriando) e informação (o objetivo é educar: orientando). Em 1968, se afirma que a Rádio Sutatenza deve manter sua imagem de instituição a serviço do povo camponês. Os cursos radiofônicos são a chave dos programas da rádio Sutatenza.

Devido ao êxodo camponês, em 1960, a programação experimenta uma transição de exclusivamente rural a rural/urbana; em 1963, se deu início a uma nova programação contínua das 5h20 am às 10h10 pm. Muitos dos programas dramatizados contribuíram para a formação de muitos grupos de teatro rural; em 1969, se assume uma nova programação da Rádio Sutatenza e se sublinha uma tendência a abandonar as ondas curtas e passar às ondas médias. Na década de 1980, se criaram diversos grupos de audiência e a Rádio se distancia da audiência camponesa. A campanha de alfabetização CAMINA, em 1985, cria um tipo de programação que se desvincula quase totalmente da audiência camponesa.

Na década dos 80, a gramática da produção sublinha a credibilidade e o apreço que tem a Rádio Sutatenza. Sobre sua metodologia de programação se destaca o contato direto com o povo, os ACPOmóvel, a descentralização, a organização e o planejamento. A Rádio Sutatenza sempre foi vista como uma instituição que sabe exatamente o que quer fazer e como o deve fazer. O serviço cultural não será eficaz sem uma organização interna técnica.

Nos dados se sublinha uma quantidade de programas que são apreciados pela audiência como aqueles do estúdio de audiência de 1970 que indicou os programas preferidos dos camponeses: “Buenos días”, “Ustedes hacen el programa”, “Temas femeninos” e “Charlas con la familia”.

Muitos dos programas da rádio Sutatenza, tanto de aulas quanto da programação recreativa e informativa deixaram marcas discursivas (ofertas, interpelações, direcionamentos), marcas no planejamento (objetivos do produto), marcas da conjuntura e da realidade (expectativas sociais e culturais), marcas na técnica radiofônica (competências de comunicabilidade, de gênero), muito claras no produto. Neste sentido, a Rádio conta com um quadro teórico institucional, umas rotinas produtivas definidas, uns processos de planejamento, organizacional e estrutural como se desprende dos dados.

As marcas da produção no produto, a nível de linguagem, de ritmo e de estratégias discursivas estão em relação com o interesse e estudo permanentes de conhecimento da audiência, de suas rotinas diárias, de seu cotidiano.

As marcas da produção foram mais intensas nos primeiros dez anos quando a espacialidade era mais circunscrita ao povoado de Sutatenza; depois, as novas configurações: mais urbanas, de maior potência e cobertura técnica, de audiência mais plural, se deu uma forma mais acentuada de interatividade midiática e de menos interatividade interpessoal.

As atividades socioculturais em tempos de natal nos povoados de Boyacá, na década de 1970, com numerosas apresentações artísticas, teatrais e de grupos musicais do setor rural, está relacionada com os processos interativos midiáticos com os produtos e sobre os produtos, especialmente musicais e dramatizados.

Na interação com os produtos se precisa de competências sociais gerais para superar distorções, saber editar e interpretar os produtos; pelas escassas inconformidades conhecidas por parte da audiência é de inferir que era baixo o nível de competência social de análise dos produtos e seus processos.

O discurso educativo evidencia que a solução fundamental para transformar a vida do camponês é a capacitação, como caminho para superar o subdesenvolvimento que está na mente do homem e vencer seu atraso. O conceito-chave para encaminhar este processo de transformação é a *Educação Fundamental Integral*, como foi apresentado nos dados.

6 RECEPTOR/PRODUTO/AÇÕES DE RETORNO: RECEPÇÃO E INTERAÇÕES

Como estamos examinando a relação da Rádio Sutatenza com a audiência, percebemos que na pesquisa estão agindo de uma parte as lógicas de produção e, de outra, as competências de reconhecimento. Minha inquietação neste ponto da pesquisa é indagar como a audiência interage com a Sutatenza e, para isso, examinando a documentação, encontrei que a Rádio Sutatenza deu uma importância muito expressiva às cartas dos camponeses; tanto que foram consideradas como um dos meios de ação do sistema integrado de meios que a Ação Cultural Popular (ACPO) adotou para conseguir seu objetivo de disponibilizar educação Fundamental Integral para todos.

“Os camponeses que aprenderam a ler e escrever enviam cartas a ‘Ação Cultural Popular’. À sede da organização em Bogotá, chegam em média 150 ao dia: elas constituem uma ajuda preciosa para avaliar o índice de aceitação dos diversos programas e certificam ao mesmo tempo que profundas e positivas repercussões têm a iniciativa das Escolas Radiofônicas nas zonas rurais do país, até faz pouco tempo inacessível” (INIZIATIVE, 1971, p. 6).

Sempre no mergulhar em documentos achei uma publicação mensal chamada *Boletín de Programas* onde era publicada, especialmente na página 2, uma seção intitulada: “Opinan nuestros oyentes”. Eram fragmentos das cartas enviadas pelos camponeses que a produção selecionava e publicava. Pensei que uma leitura analítica e interpretativa destas cartas, disponibilizadas pela produção, poderia mostrar como a sociedade camponesa prefigurava certas visões, a respeito da compreensão de sua realidade; de suas memórias da recepção, de seus limites e valores e de como foi tratada a emissão pelo campo da recepção com relação aos produtos e sobre os produtos.

A Rádio Sutatenza *Boletín de Programas para las Escuelas Radiofónicas y para los hogares colombianos* foi uma publicação mensal preparada pela Direção de Programas da Rádio Sutatenza. A primeira edição apareceu em setembro de 1953 sob direção do padre Alejandro Rodríguez. Em anexo algumas fotos dos camponeses naquela época (Anexo G).

O *Boletín de Programas* teve duas etapas. A primeira, desde sua criação em setembro de 1953 até junho de 1958, e a segunda, desde fevereiro de 1960 até o fechamento definitivo

em outubro de 1966. Nesta segunda etapa conseguiu licença de circulação do Ministério das Comunicações.

Escolhemos o *Boletín de Programas* para nossa pesquisa porque ele foi um órgão de serviço informativo, exclusivo, da Rádio Sutatenza e, portanto, um referencial básico para conhecer os avatares, a história da Rádio e seus ouvintes, entre 1953 e 1966.

Como foi dito, deste *Boletín de Programas* nos interessa conhecer a seção “Opinan nuestros oyentes”, cuja publicação iniciou de maneira estruturada em abril de 1954 e fechou em junho de 1958. A segunda etapa do *Boletín de Programas* não incluiu esta seção.

Entre 1953 e 1958, foram publicados 57 números, sendo que 49 publicaram a seção “Opinan nuestros oyentes”. Destes 49 boletins, foram pesquisados 44, o que corresponde a uma percentagem de 89,79% do total.

A pesquisa da correspondência tem, como objetivo geral, ‘perceber como interagiu a audiência camponesa com a Rádio Sutatenza’ e, como objetivos específicos, realizar uma leitura analítica das cartas publicadas no *Boletín de Programas* da Rádio Sutatenza, entre 1953-1958; identificar experiências relevantes, memórias da recepção radiofônica, apontando para a forma como a emissão foi tratada pela recepção da Rádio Sutatenza

Compreendemos a teoria da recepção como um processo atravessado por mediações, ou seja, lugares de onde se pode entender a interação entre os espaços da produção e da recepção, situada no contexto da cultura (cfr. MARTIN BARBERO, 1987). Segundo Martín-Barbero, a lógica da produção televisiva

não responde unicamente a exigências do sistema industrial e a estratégias comerciais, senão também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. Estamos afirmando que a televisão não funciona senão na medida em que assume -e ao assumir legítima- demandas que vêm dos grupos receptores (1987, p. 49).

Estamos entendendo, portanto, que os sujeitos re-significam os discursos midiáticos; que os discursos midiáticos não são exclusivamente construções e criações das lógicas da

produção senão que os receptores são também produtores da discursividade midiática. Estamos acreditando que as mediações, como, por exemplo, a cultura camponesa (identidade étnica) e o cotidiano familiar, podem “ajudar a alterar o entendimento de um determinado produto e os sentidos produzidos em relação a ele” (ISER, 2006, p. 197).

Com Martín Barbero e com Orozco, entre outros, pensamos que a cultura influencia os processos de conhecimento, as destrezas cognoscitivas particulares, ao priorizar o exercício de umas mais do que o de outras. Todo ouvinte é produto e membro de uma cultura. Isto justifica a questão sobre as características culturais da cultura camponesa que emergem nas cartas.

Sobre a cotidianidade familiar se entende que esta é considerada a unidade básica de audiência; é espaço primordial de reconhecimento, espaço fundamental de leitura e codificação do rádio. Portanto, ela inscreve suas próprias marcas no discurso midiático.

Com relação às audiências, diz Orozco (2001) que ser audiência significa três coisas para os sujeitos sociais: transformação substancial de sua estruturação; modificação do vínculo fundamental entre os sujeitos sociais e, finalmente, muda os limites espaciotemporais do intercâmbio societal.

Para conhecer os processos interacionais dos camponeses com a Rádio Sutatenza, na década de 50, escolhemos analisar tematicamente as cartas enviadas pelos camponeses e publicadas no *Boletín de Programas*, sob o nome da seção: “Opinan nuestros oyentes”. A aproximação ao conteúdo destas cartas, escritas e publicadas naquela época, permitirá ter relatos muito próximos à experiência da Rádio Sutatenza, sem ter que ser mediados, por exemplo, pela história oral que, supõe, de uma parte, o desafio do tempo (fatos acontecidos há mais de 50 anos) e do novo espaço ou cenário caracterizado pela midiaticização.

Uma dificuldade com estes materiais é que eles foram selecionados e editados pela produção da Rádio. Portanto, as cartas, em geral, parece que não foram publicadas de maneira íntegra nem podemos, neste momento, verificar se foram transcritas conforme o original. Também não podemos aceder aos critérios com os quais foram selecionadas. Neste caso, é preciso um ato de confiança do pesquisador nos materiais publicados, sem esquecer que passaram pelo crivo do produtor da Rádio.

Estabeleceu-se um roteiro ou plano de pesquisa que incluía: *revisão individualizada dos Boletins de Programas*, de 1953 a 1966. Uma vez feita esta revisão, se descobriu que a seção foi publicada entre 1953 e 1958, ou seja, na primeira etapa do *Boletín*. Na segunda etapa, 1960-1966, não foi publicada em absoluto.

Pesquisa dos *dados de identificação* de cada uma das cartas publicadas e de *dados complementares*. Para estabelecer esta identificação demos um número, de forma progressiva, a cada um dos fragmentos das cartas publicadas. Os outros dados que incluímos na planilha foram: número da carta, dados da revista (data de publicação), nome, cidade, departamento. Os dados complementares a serem publicados foram: número de homens, número de mulheres, número de cartas publicadas e de quais regiões do país.

Para realizar a análise temática das cartas, estabelecemos os seguintes indicadores ou categorias: motivos da carta, experiências relevantes, cultura camponesa (realidade, limites e valores), memórias da recepção, demandas à Emissora, relações ouvinte-Rádio Sutatenza e programas (forma e conteúdo; com e sobre).

Adotou-se um método de análise temática das cartas. Assim, de cada um dos escritos se foram recuperando as ideias com sentido (unidades temáticas) presentes no fragmento da carta e distribuindo-as naqueles indicadores ou categorias que pareciam mais apropriados. Devido ao demorado deste trabalho e à repetição da temática, decidi elaborar um mapa sobre as primeiras 50 cartas, equivalente a 24.5% do total das 204 cartas, segundo os pontos anteriores.

6.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Pesquisa dos *dados de identificação* das cartas publicadas e de *dados complementares*. Como foi sugerido, preenchemos os dados das pessoas que enviaram as cartas. Demos um número a cada uma delas, pegamos dados básicos referenciais das revistas, identificamos o nome e sobrenome de cada um dos ouvintes que escreveram, a cidade, o departamento, o gênero e observações.

O primeiro exemplar com “cartas dos ouvintes” foi o número 2 de outubro de 1953 e retomou com características próprias em abril de 1954 até junho de 1958. Nessa data, se suspendeu a publicação e se reiniciou em fevereiro de 1960 até outubro de 1966. Para a presente pesquisa foram analisadas 50 cartas (1953-1955).

Sobre os nomes, chamou a atenção que só um nome tinha iniciais. Todos os demais tinham nome e um sobrenome ou mais. Pode-se inferir que é uma forma de reconhecimento, identificando de maneira clara os (as) autores (as) das cartas. Sobre as cidades: chamou a atenção que 8 cartas traziam, além do povoado, o nome do sítio (vereda) de moradia, caracterizando o endereço camponês. Duas cartas não traziam o endereço.

Com relação aos departamentos: receberam-se cartas de 11 departamentos, nesta ordem: Cundinamarca (17), Boyacá (11), Tolima (6), Nariño (3), Valle (2), Santander (2), Norte Santander (1), Caldas (1), Huila (1), Antioquia (1), Meta (1); outros países: Panamá (1), Venezuela (1).

Em relação ao gênero, os dados são os seguintes: 26 homens (52%) e 23 mulheres (46%). e sem informação: 1 (2%). Não parece haver discriminação de gênero. Pelo contrário, se percebe um bom equilíbrio de gênero.

Enquanto à primeira categoria: *motivo da carta*, foi preciso reagrupar as unidades temáticas nestas subcategorias: Escolas Radiofônicas (10); homenagear, parabenizar, agradecer (10); eventos pontuais (3).

Foram dez cartas destacando a experiência da Escola Radiofônica: “Para informar sobre as Escolas Radiofônicas” (Abraham Aquileo Acosta M., outubro de 1953); sobre a “criação da Escola Radiofônica número 4, na vereda de quebradas, no dia 11 de abril, em memória do primeiro aniversário da bênção das Escolas Radiofônicas pelo Papa Pio XII” (Alfredo García, junho de 1954), para “contar que faz dois meses tenho instalado o rádio” (Ana Tulia Cubides, abril de 1954), para contar que “com as explicações que nos dão pelo rádio já estou muito adiantado” (Luis Carlos Urrego, janeiro de 1955); “por esse meio tenho recebido muitos ensinamentos” (Maria Tereza Mora de Díaz, junho de 1954). Uma ouvinte de El Quemado, Radiofônica n.1, Colômbia (Nariño), escreve “para informar que foi uma bênção de Deus e da Santíssima Virgem a celebração do mês de maio pela Escola

Radiofônica” (Esperanza Rosero M. julho de 1954).

Um número importante das cartas (10) tinham por motivo homenagear, agradecer e parabenizar pelo serviço, “pela forma como está trabalhando a Rádio Sutatenza pelo camponês colombiano e também pelos professores” (José Humberto Solarte Chenka e B., agosto de 1954); “para agradecer pelos sábios ensinamentos transmitidos através da Rádio” (Leonardo Nuven, agosto de 1954); três cartas tinham como motivo central questões pontuais como a Santa Missão da Semana Santa, o mês de maio e a novena de Natal.

Quanto à segunda categoria: *experiências relevantes*, percebemos que elas se poderiam reagrupar basicamente em três subcategorias: Escolas Radiofônicas, experiência religiosa e introdução no mundo da escrita.

As Escolas Radiofônicas aparecem como um lugar expressivo de experiências relevantes pelos ensinamentos através do rádio. Mas é mesmo o rádio que é relevante: “Ao olhar meu receptor, o olho com respeito, porque ele é um dom de Deus [...]. Nele encontro a felicidade de minha vida; ele tira nossas tristezas” (Miguel Antonio Bonilla, Junho de 1954).

As experiências relevantes, enquanto experiência religiosa, são apontadas na generalidade das cartas, nas alusões à reza do terço e de outros programas. “A hora mais feliz para nós é pela noite com a reza do terço e os outros programas. Quando termina a tarefa do dia, como agricultores que somos, os oito reunidos em família e colocados de joelhos diante de nosso aparelho de rádio, para responder atentos com respeito e alegria” (Braulio Cortés Muñoz, junho de 1954).

Os fragmentos das cartas destacam como uma experiência relevante, isto é, marcante, a sua introdução no mundo da escrita, graças às Escolas Radiofônicas da Rádio Sutatenza. Eles sublinham que nada sabiam ou bem pouco e agora tem aulas muito “claras e instrutivas” (Héctor Darío Beltrán, julho de 1954).

Mas o que mais enfatizam é que aprenderam a ler e escrever: “Agora posso ler em quaisquer livros e escrever no caderno” (Héctor Darío Beltrán, julho de 1954); “Dou graças a Deus porque aprendi a ler e escrever; em segundo lugar, a vocês que se sacrificam pela alfabetização” (Heriberto Bolívar, janeiro de 1955).

Das nove cartas, que evidenciaram o mundo da escrita como uma experiência significativa, tem uma que destaca a profundidade da mudança, a partir de condições duras de opressão, de perda de horizontes e da esperança:

Eu, aluna da Escola Radiofônica número 2, no sítio de Laderas, tenho o gosto de saudá-los para lhes dar meu agradecimento por todas as aulas transmitidas no curso deste ano que foi o único ano talvez feliz para mim porque aprendi a ler e escrever [...]. Estou fazendo o possível para levar outras companheiras a que aprendam o que eu aprendi na Escola Radiofônica (María Elisa Morales, fevereiro de 1955).

Testemunho emocionante e, ao mesmo tempo, triste é esse de “o único ano talvez feliz para mim porque aprendi a ler e escrever”. Emocionante porque significa uma tomada de consciência, um processo de dignificação, e triste porque mostra a realidade oculta de perda de sentido que causa a incomunicação, a pobreza e a marginalidade.

É a partir da lectoescritura que se começa a ativar um mundo de novas experiências. Por exemplo, aquele de escrever para a Rádio Sutatenza pela primeira vez:

Tomo a caneta pela primeira vez para dirigir-me e lhes dar a suas reverências as graças, o mesmo que a todos meus professores das Escolas Radiofônicas, e em especial ao padre Salcedo, que nos estão fazendo esta obra de caridade a todos os camponeses colombianos porque, com a ajuda de Deus e de Nossa Senhora de Fátima, já aprendi a ler e escrever e também algo de Aritmética e Agricultura que nos estava fazendo muita falta (Cristina Herrera vda. de Ordoñez, fevereiro de 1955).

Também a satisfação de receber carta de resposta de Rádio Sutatenza: “Foi imenso o prazer de receber uma carta, coisa que eu jamais tive a satisfação de receber de ninguém e sobretudo me serve para aprender a escrever as demais que se me ofereçam” (Moisés Mendoza, outubro de 1954).

Quanto à terceira categoria: *cultura camponesa*, foram seis as cartas que agrupamos aqui. Um Auxiliar Imediato enfatiza e admira de que há camponeses que “não sabem materialmente nada” (Abraham Aquileo Acosta Martínez, Auxiliares e alunos, outubro de 1953). Também as cartas servem para reconhecer como muitas das Escolas Radiofônicas funcionaram em condições adversas. Não tendo mesas, foram os joelhos o lugar para colocar

os cadernos para escrever (Abraham Aquileo Acosta Martínez, Auxiliares e alunos, outubro de 1953). As cartas mostram também outros detalhes da cultura camponesa: simplicidade de vida (na forma de saudar ou despedir-se).

Outro aspecto destacado da cultura camponesa é a condição de pobreza: “A todos estes pobres camponeses que escutamos com entusiasmo todos os dias” (Paulina Ortiz, outubro de 1954). Também se sublinha a constância em participar das aulas, não obstante as dificuldades: “Apesar de que os caminhos estão intransitáveis pelo terrível inverno” (Moisés Mendoza, outubro de 1954).

“Algum dia sairemos vitoriosos da escuridão os camponeses desta querida república. Deus e a Virgem iluminem. A glória eterna único que interessa. Perdoar os erros” (Abraham Aquileo Acosta Martínez, Auxiliares e alunos, outubro de 1953).

Quanto à quarta categoria: *cotidiano familiar ou memórias da recepção*. As cartas enfatizam a vida em família e a escuta da Rádio Sutatenza em família: “Faz tempo estou escutando esta Rádio de noite junto com duas filhas e o serviço e cada dia com mais interesse e gosto” (Isabel M. v. de Charry, setembro de 1954). Trata-se de uma escuta coletiva do rádio.

Amelia Ramírez conta que sua Escola Radiofônica está constituída por seus 10 filhos e alguns vizinhos, mas quando chove e “não vem ninguém às aulas sempre estamos os 12 que compomos este lar, e ao ouvir todos ao pé do rádio aos reverendos padres, somos como os doze apóstolos escutando a voz de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque o sacerdote representa a Deus” (outubro de 1954).

A partir das cartas, nos aproximamos de um fato significativo na primeira metade da década de 1950: a não popularização dos aparelhos de rádio, até o ponto de se constituir numa experiência relevante “ter instalado o receptor” na própria casa e por isso estar “muito felizes” (José del Carmen Roa, enero de 1955). Também José Villa García partilha a felicidade de “Escutar o rádio de minha propriedade”.

Para as memórias da recepção da Rádio Sutatenza fica a lembrança de um Auxilliar Imediato sobre o lugar do aparelho de rádio: “O receptor está dentro da caixinha sob chave” (Abraham Aquileo Acosta Martínez, Auxiliares e alunos, outubro de 1953).

Quanto à quinta categoria: *demandas à emissora*, foram somente três as cartas. Duas solicitando lições sobre urbanidade e uma sobre como aguardar todos os dias os ensinamentos radiofônicos.

Quanto à sexta categoria, a *Relação ouvinte – Rádio Sutatenza*, trata-se de uma relação midiática que dividimos em duas subcategorias: relação espiritual e relação afetiva.

A relação dos camponeses com a Rádio Sutatenza está permeada ou mediada pelo elemento religioso. Por um linguajar religioso. De fato, os camponeses consideram a Rádio Sutatenza um “milagre do Divino Criador” (Abraham Aquileo Acosta Martínez, Auxiliares e alunos, outubro de 1953), “uma obra redentora”, uma proposta “para aprender a ser bons cristãos”, um projeto que é “um don de Deus”, um “templo em miniatura da aldeia”. Sutatenza, escreve outro ouvinte, “nos faz sentir cristãos e verdadeiros filhos de Deus” (Ernesto Rozo R., abril de 1954).

Enquanto relação espiritual, os ouvintes expressam sua proximidade através da oração: “Todos os dias elevamos uma prece a Deus Nosso Senhor para que os conserve com sua divina graça e nos guiem pela senda da verdade” (Leonardo Nuven, agosto de 1954).

A maioria das 22 cartas agrupadas nesta subcategoria estão dirigidas aos reverendos padres das Escolas Radiofônicas (8) para “agradecer pelos nossos programas e ensinamentos que nos estão dando” (Barbarita Peña, setembro de 1954). Também enviam mensagens para o padre Salcedo (1), para o padre Sabogal (2), para os professores (1) e para o professor Vargas (1).

Segundo isto, a relação audiência camponesa e rádio Sutatenza é uma relação respeitosa e carinhosa que ativa os imaginários do povo camponês. Sobretudo, o imaginário religioso.

Mas também se percebe nos fragmentos das cartas uma *relação afetiva, emocional*, caracterizada pelo carinho: “Simpatizados e encantados por todos os ensinamentos” (Ana Tulia Cubides, abril de 1954); “Orgulho da pátria colombiana”. “Grande gosto” por tudo o que fazem (José Jesús Echeverry Gómez, junho de 1954). Outro ouvinte, de fora das fronteiras colombianas diz que “Admira o vigor, a constância e o amor com que levam

adiante a obra” (Adelmo Becerra, setembro de 1954 - Venezuela). Trata-se de um afeto que supera obstáculos: “Estou muito contente com as aulas e me parecem melhores, assisto com grande prazer apesar de que os caminhos estão intransitáveis pelo terrível inverno” (Moisés Mendoza, outubro de 1954).

Essa relação afetiva com a Rádio Sutatenza é vital. Assim podemos perceber no comentário de Amelia Ramírez de Osorio, naquela época em que as pilhas decidiam a escuta do rádio: “Não tínhamos pilhas e sem rádio nos considerávamos como na solidão e no luto. Mas nesta semana chegaram e então a casa fica alegre, a Escola Radiofônica voltou a funcionar e estamos animados todos” (outubro de 1954).

Só numa das cartas em que a ouvinte pede continuar com as instruções sobre urbanidade, os professores são tratados de “meus amigos” (Florentina Bermúdez G., outubro de 1954). Outro ouvinte comenta que gostosos estão fazendo propaganda “para que todos aproveitem estas grandes e importantes instruções” (José del Carmen Roa, janeiro de 1955). Em síntese, percebe-se uma relação espiritual e afetiva muito forte entre os ouvintes e a Rádio Sutatenza.

Quanto à sétima categoria, *Programas (forma e conteúdo; com/sobre)*, se introduziram duas novas categorias: a de Rádio católica e a de Rádio educativa.

Dois ouvintes sublinham que é uma emissora cristã (José J. Villa García, abril de 1954), uma emissora católica (María Inés Martínez V., maio de 1954). Os programas mencionados pela audiência são os seguintes: O Santo Rosario, O Santo Catecismo, Aulas radiofônicas: Geografia, História, Escritura, Religião, Canto e Leitura; Cuadros Campesinos que revelam a realidade do camponês colombiano. São mencionados também programas especiais como aquele das Santas Missões na quaresma e a novena de Natal. Também são citados Rincones de la Patria, Vinhetas históricas, Charlas campesinas e a Rueda Catequística.

As opiniões sobre os programas são bastante positivas: “Escuto com agrado e atenção” (José J. Villa García, abril de 1954); “Não tem programa que não seja bom e de muita importância” (número 7, Julio C. Parra L., abril de 1954); O que mais gosto: “Cuadros campesinos”. Espelho, água cristalina que revela a realidade dos camponeses colombianos. “Programa não imaginado senão autêntico” (Julio C. Parra, abril de 1954). “Esses

ensinamentos que chegam são muito bons, iluminam a mente escura e fazem conhecer a luz de Deus e tiram ao homem da ignorância religiosa” (María Tereza Mora de Díaz, junho de 1954).

Ao ensejo do primeiro centenário do dogma da Imaculada Conceição, se percebe que Sutatenza teve uma programação especial nesse mês de maio de 1954: “As ondas da Rádio Sutatenza, dirigidas no sentido mariano, foram escutadas com grande veneração e culto... No dia 31 fizeram a primeira comunhão 25 alunos [...] Cada día de maio o fez Sutatenza mais atrativo e espiritual” (Esperanza Rosero M., agosto de 1954).

Sobre os horários dos programas nos enteiramos, pelos ouvintes, que tinham aulas para os homens de manhã das 6h às 7h15 am, e das 4h às 5h15 pm para as mulheres. Esta divisão é muito parecida à forma como assistiam a missa naquela época: de um lado, os homens e, do outro, as mulheres. E como se escutavam os programas? A resposta: com clareza.

Com relação à Rádio Educativa Sutatenza é “aurora que ilumina nossas mentes” (Miguel A. López, maio de 1954). Com elogios comentam as aulas: “Abençoadas aulas que recebemos de vocês todos os dias, como os cursos campesinos que nos iluminam a mente” (Paulina Ortíz, outubro de 1954). Estamos “muito contentes com as aulas e demais programas da Rádio Sutatenza” (Florentina Bermúdez G., outubro de 1954). “Estou bem nas tarefas de Aritmética, Geografia, Catecismo, Leitura, estou muito agradecida por todas as aulas, eu já sei ler e escrever” (Amparo Díaz, janeiro de 1955) e, finalmente, “A amenidade, brevidade, a significação e os fins dos programas emitidos pela radio-difusora a fazem não só atrativa, senão elogiável” (Adelmo Becerra, setembro de 1954 - Venezuela).

Para ampliar essa compreensão e relação da recepção com a produção através do produto e das ações de retorno, apresentamos a seguir alguns testemunhos, exemplos e pesquisa que nos ajudarão a ampliar o panorama desde o campo da recepção.

Vamos compartilhar nas palavras dos protagonistas alguns trechos das entrevistas que concederam à Rádio Sutatenza por ocasião dos quinze anos das Escolas Radiofônicas. Nas casas dos Arévalos foram colocados os três primeiros rádios para fazer as provas de radiodifusão. Conservamos o texto em espanhol e tal como aparece nos originais:

Seu Angel Maria Arevalo

[...] Me dijo Monseñor, es que yo voy a ponerles allá el primer receptor voy a ponérselo allá en Irzón. Le dije yo pero que llaman receptor su reverencia? Dijo, pues un aparatico pequeño que yo u otro profesor les habla desde aquí de Sutatenza y ustedes escuchan perfectamente allá. Y les vamos a enseñar a leer e escribir, y no sólo a leer y escribir, dijo, sino muchas cosas de agricultura, veterinaria, eso ahí me dijo en fin todo lo que enseñan por la radio. Le dije yo no, no, se me hace dudoso. Le tocaría poner un cable de Sutatenza allá. Entonces, dijo, no. Eso sin cable habla allá. Dijo, pero tienen que secundarme. Y entonces nosotros dijimos, bueno, vamos a ver, pero es como llamamos los campesinos, eso es paja talvez. Cuando llegó el receptor a la vereda pues si era verdad [El receptor] lo pusieron allá donde un tío de nosotros el primer receptor, ahí lo dejaron como 15 días, pero entonces allá no dió resultado. Y de ahí lo trasladaron aquí ondemi hermano José del Cármen. Entonces ahí sí. Eso ahí llegaban bastantes y aprendimos mucho. Yo aprendí a vacunar ganado. Manejar la jeringa y a prevenirlo de várias enfermedades, y a purgarlo (SARMIENTO, 1962).

Seu Marco Antonio Arévalo:

Nosotros en realidad no conocíamos lo que era una cajita de esas, ni nada. No conocíamos un radio ni nada. Claro que nosotros vivíamos allá en la estancia, pendientes de la agricultura y trabajando brutalmente [...]. Por ahí mi padre me había puesto unos dos años en la escuela, pero yo no aprendí nada. Cuando las escuelas radiofónicas empezaron a funcionar yo no sabía nada, nada, absolutamente nada, nada. En seguida, entonces ya nos unimos unos varios y llegamos donde el hermano Carmelo ahí a la escuela, por ahí oíamos hablar ahí entre un toyito. Decíamos: pero, quién habla ahí? Quién será el que habla ahí entre ese toyo? Nos poníamos así en duda. Decíamos: tal vez es que Monseñor Salcedo está aquí detrás de ese toyito [...] Después echamos a caer en la cuenta que siempre era verdad que Monseñor Salcedo lo que nos decía era pura verdad [...]. Yo duré cinco años en la escuela radiofónica y de allá salimos por ahí ya que aprendimos a poner mi firma y todo eso (SARMIENTO, 1962).

Seu Carmelo Arévalo:

Pues estuvo Monseñor Salcedo y allá dijo, van a ver ustedes que voy a ponerles unos estudios que ustedes están en su casa y yo aquí les hablo y ustedes allá me escuchan. [...]. Sí creanlo que es así. Después, dijo, va a llegar un radiecito chiquito y allá escuchan ustedes todo, todo lo que hable allá eso me escuchan ustedes. Nosotros ignorábamos todo. Pues sí, seguimos. Después llegó el radio, echar clases. Dijo, van a hacer una escuela ustedes para todos los viejecitos, todos estos viejecitos que hay por aquí, que no saben leer, son ignorantes todos. No sabíamos nosotros, ninguno sabíamos. Hay medio, medio, medio, garabaticos [...] yo entré de auxiliar y ya llegaron las clases y me hecho a gustar [...] después ya llegó esa clase y nos dijo, hay que hacer un foso de abono, un hoyito, se siembran unos tres palitos [...]. Nos dió muy buen resultado; y hechó a llegar gente. Hecho a llegar a mi escuela más de

75 alumnos. Viejecitos, aprendieron a leer com más de 60 a 65 años. Y no se quedó ignorante ahí sino como uno o dos (SARMIENTO, 1962).

Uma produção relevante foi a realização de um concurso chamado “Colombia Campesina Canta” que terminou com a impressão de um álbum de canções. As doze músicas finalistas colocadas num disco representam a convicção que alimentou a Rádio Sutatenza durante 30 anos:

Sua fé na capacidade do camponês colombiano. COLOMBIA CAMPESINA CANTA desde sempre, mas jamais antes se plasmou seu canto em um disco exclusivo como este com a expressão musical variada e rica em matizes melódicos dos camponeses das diversas regiões do país (RADIO SUTATENZA, 1977).

Através de Merengues, joropos, bambucos, danza, guabinas e paseos os camponeses desde esse outro “cenário cultural” contam suas histórias de amor, de organização, de protesta, de picardía, da nostalgia que invade a alma. A letra de “Campesino Feliz” um bambuco (Antonio M. Chilito) Los sureños del Cauca:

Ay que feliz me siento de ser un campesino
 Porque vivo gozando de los frutos que yo quiero
 /Aunque mis manos quedan
 Sangrientas todas las tardes
 Pero no cambio mi campo
 Por ninguna de las ciudades/
 Tra la la larai, así canta el campesino
 En su campo querido.

São letras e músicas que têm um motivo concreto como este do êxodo rural, da vida dura, mas também de espaço de vida pelo ar puro, as águas cristalinas, os cafezais: “El que trabaja en el campo nunca tiene pesares/ porque las aves del monte/ la alegran con sus cantares”.

Os processos de interação com a Rádio Sutatenza también se deram enviando “Coplas” (quadras) que eran lidas nos programas. Foram tantas as coplas enviadas que tive a oportunidade de olhar 10 tomos e cada um deles com 10.000 coplas. Aí existe uma mina para a pesquisa. Um dos comunicadores que talvez recebeu mais coplas foi Manuel Emigdio Rincón do programa BUENOS DÍAS:

Allá le mando esta copla
 salida del corazón
 con mil saludos y abrazos
 para el amigo Rincón.
 JOSÉ A. PUERTO G.
 Lourdes, Norte de Santander

Cantinero, sirva vino,
 cantinero, sirva ron,
 que quiero ofrecerle un trago
 a don Emigdio Rincón
 MARIA DEL C. MÉNDEZ
 Bituima, Cundinamarca

José considera como seu amigo o comunicador Emigdio Rincón e María lhe tem tanta confiança que quer tomar um trago com ele.

Vamos para outra história. Floralba é uma camponesa do Município de Macanal (Boyacá). Ela e seu esposo aprenderam a ler e escrever na escola pública, mas gostavam de escutar a Rádio Sutatenza e receberam da paróquia as cartilhas das Escolas Radiofônicas além dos livros da Biblioteca “El Campesino”. No início da década de 1970, dona Floralba foi a um povoado vizinho (Garagoa) e pediu que seu rádio Sutatenza Sanyo fosse liberado para sintonizar todas as emissoras, já que até esse momento não era possível. O problema era que a gente se aborrecia escutando “sobretudo as aulas por rádio porque ensinavam a ler e escrever e, como a gente já sabia isso, então cansava e a gente queria escutar outra coisa: cansava o repeteco” (VACA GUTIÉRREZ, 2009). Mas, certamente, “Sutatenza era muito útil quando ensinava a cuidar os bovinos, os porcos ou como semear a lavoura”.

Quanto à música, diz Floralba que tinha “um tipo de música que não gostava muito escutar; mas, gostávamos muito quando falavam os padres”.

Visão dos camponeses da Rádio Sutatenza. A partir de suas pesquisas, entre os camponeses, Musto (1971) e sua equipe concluem que a população rural camponesa não vê em “Acción Cultural Popular”-Rádio Sutatenza nenhuma força revolucionária, nem espera dela mudanças sociais radicais. Considera que a instituição como “obra da Igreja” é capaz de ajudar ao camponês na solução de seus problemas diários. Portanto, “ninguém necessita temer que a ACPO possa provocar uma revolução. Antes, produz frustrações que confirmam ao camponês em sua passividade” (MUSTO, 1971, p. 147).

A correspondência. As cartas criam contatos diretos entre a instituição e os camponeses considerados de maneira individual; a seção de correspondência responde anualmente entre 35.000 e 65.000 cartas.

Sobre a correspondência se falou, na segunda Assembleia Geral (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1957), que essa comunicação com os alunos das Escolas Radiofônicas é meio para formar consciência coletiva, dar aos camponeses segurança e esperança.

O camponês que em 1953 criou com sua família a primeira Escola Radiofônica de Pantanillo, declara: “Antes de ter a Escola Radiofônica, dormíamos como animais” (MUSTO, 1971, p. 170).

Os camponeses também fazem críticas à Rádio Sutatenza: percebem a falta de demonstrações práticas para as matérias transmitidas nas aulas radiofônicas (MUSTO, 1971, p. 147). Sobre o papel dos dirigentes e líderes camponeses, opinam os mesmos camponeses que seu papel não deve estar limitado a viajar de povoado em povoado criando Escolas Radiofônicas. A população rural espera mais deles: competência técnica, iniciativas e conselhos e instruções concretas para alcançar mudanças permanentes (MUSTO, 1971, p. 169).

A pesquisa de campo da tese doutoral de Braun (1976, p. 128) nos Estados Unidos foi realizada em cinco comunidades rurais da Colômbia, para verificar o nível de participação dos camponeses nas radioescolas, e seus conhecimentos e adoção de dez inovações. A primeira conclusão do autor é que “os camponeses escutam com preferência a Rádio Sutatenza mais que qualquer outra rede de rádio a nível nacional ou radioemissora local”. A pesquisa também confirmou que os camponeses se expõem mais à Rádio que aos meios impressos e que

os auxiliares e participantes das radioescolas estão ligados, em uma rede de comunicação, com camponeses que participam e que não participam das radioescolas. Isto faz possível a existência de um sistema de comunicação em duas etapas: desde a central da ACPO através da Rádio aos auxiliares e/ou participantes, e deles aos camponeses não ‘radiofônicos’ (BRAUN, 1976, p. 130).

Na pesquisa, Braun também descobre que existe uma alta evasão escolar; que não se fazem esforços para adaptar os programas às condições locais, que é um grave erro pensar que as necessidades dos indivíduos não mudam e que já são muitos anos que os programas da Rádio não mudam.

6.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

As cartas foram enviadas de 11 departamentos da Colômbia que representam quase todo o país. Portanto, se pode inferir que já em 1953-1955 a Rádio Sutatenza, devido a suas ondas curtas, *25 quilowatts*, podia cobrir todo o território nacional. Que, inclusive, seu sinal alcançava países vizinhos. Fica um vazio em relação aos departamentos situados perto da costa norte da Colômbia (Magdalena, Sucre, Atlântico, Sincelejo, Cesar), e perto da costa do pacífico (Chocó, Cauca; e as Intendencias e Comisarias: Letícia, Guainía, Vichada). A informação dos departamentos mostra que os dois que mais participam são Cundinamarca e Boyacá.

Características dos processos interacionais midiáticos entre a recepção e o produto radiofônico da Sutatenza: os processos interacionais midiáticos foram precedidos, na experiência primigênia, por processos interacionais conversacionais (face a face) entre a produção e a recepção. A passagem da interação conversacional à interação midiática foi percebida com admiração, assombro e incredulidade, por parte da recepção. Portanto, a interatividade partiu de uma experiência de radical proximidade e novidade entre a gramática de produção e de reconhecimento.

A partir dos motivos da carta e das experiências relevantes, podemos inferir que o espaço privilegiado para interagir com os produtos e sobre os produtos foi a Escola Radiofônica. Neste espaço milhares de camponeses conseguiram viver uma experiência extremamente relevante nas suas vidas: aprenderam a ler e a escrever. A cultura oral camponesa entrou em contato com a cultura escrita. Isto significou um desenvolvimento de sua competência comunicativa, de “dizer a própria palavra”, segundo Freire e, portanto, de ruptura, ao menos parcial, da incomunicação e da marginalidade a que os camponeses estiveram submetidos durante séculos. Isto significou também uma dignificação da vida camponesa.

Percebe-se uma aceitação e satisfação, em geral, com os programas da Rádio Sutatenza, destacando os ensinamentos, as explicações e os programas recreativos. Os programas religiosos: periódicos, como a reza do terço, ou especiais, para os tempos fortes litúrgicos (Semana Santa e Natal) ou em celebrações especiais. Esta experiência religiosa

através do rádio foi relevante e marcante para as famílias camponesas. Elas gostavam muito quando falavam os sacerdotes. Com efeito, para elas o sacerdote era o representante de Deus na terra e a quem se devia respeito e obediência. Os e as ouvintes enviavam quase todas suas cartas para os reverendos padres, já que identificavam a Emissora com eles.

Na mensagem de 1953, o Papa Pio XII afirmou que o rádio era um “dom de Deus”. Nas cartas dos camponeses também aparece esta afirmação. Isso significa que se deu um processo de interação, transferência e apropriação dessa ideia e que, em forma de carta, chega agora à produção da Rádio Sutatenza. Esta foi uma das formas das competências de reconhecimento incidir na produção: reproduzindo ou reinterpretando as falas.

Como foi dito em outros lugares desta pesquisa, o camponês, acostumado a não criticar nem questionar, mostra-se muito contente com o que escuta. Mas, de outra parte, como é cansativo escutar uma única emissora, ele sabe que pode modificar essa situação para escutar outras emissoras. Isso era o que Salcedo chamava de “malícia indígena” (forma de resistência). Essa foi também a maneira de evitar aqueles programas afastados de sua realidade, como eram os de música clássica ou sinfônica e, para quem não estava interessado nas aulas radiofônicas.

Por outro lado, pode ser que chegassem cartas à Instituição reclamando dos programas, do som, dos aparelhos de rádio estragados etc., mas a produção deixou de publicar essas cartas por considerar que desanimariam os outros alunos, ouvintes e pessoal envolvido no projeto e comprometeria sua credibilidade. Desconhecemos os critérios de edição e seleção das cartas e as disposições da direção a respeito. Pela visão geral da cultura camponesa, podemos afirmar que tais cartas existiram mas em número bem mais reduzido.

Os ouvintes estabeleceram uma relação afetiva e emotiva muito forte com a Rádio Sutatenza. Ela constituiu para a população camponesa uma referência de reconhecimento social, de recuperação da auto-estima e de respeito. Com efeito, a Sutatenza transmitia a imagem de uma Instituição grande, bem organizada, eficiente e potente ao serviço do campesinato.

Os processos interativos midiáticos dos camponeses com a Rádio Sutatenza significaram uma mudança nas suas rotinas cotidianas a nível individual, familiar e social. A

escuta dos programas representou deslocamentos, novas emoções, novas atitudes de escuta, novo centro de interesse, novas técnicas para experimentar, novos temas de conversas, novas ideias etc. É o que diz Orozco (2001) com relação ao que significa ser audiência como transformação substancial de sua estruturação, modificação do vínculo entre os sujeitos sociais e mudança dos limites espaciotemporais das relações sociais.

Os processos interativos com os produtos se davam principalmente de forma coletiva (na Escola Radiofônica) ou com a participação da família (no lar). Muitos desses produtos eram campanhas ou ações práticas que levavam a processos interacionais a partir ou sobre os produtos: fazer um caminho, arrumar uma moradia, construir um banheiro etc. Este processo de interação social ampla foi muito comum entre os alunos e os ouvintes em geral da Rede Sutatenza.

A partir dos dados, podemos sublinhar, alguns aspectos de como a audiência se constitui a partir da proposta da Rádio Sutatenza. Percebe-se que a audiência da Sutatenza se constitui através da ideia de serviço e orientação, explicações e ensinamentos, principalmente nas Escolas Radiofônicas e na programação informativa e recreativa; na consciência de reconhecimento social do camponês, de seus objetivos de inclusão social, da menção permanente deste grupo social numa rádio que tem como slogans: *La potencia del pueblo colombiano, Radio sin fronteras, Somos de los mismos*; na sua participação nos programas radiofônicos, como, por exemplo: *Voces campesinas, Cuadros campesinos, Ustedes hacen el programa, El correo de Rádio Sutatenza* etc. Esta participação não era só através das cartas, senão com entrevistas, grupos musicais camponeses, quadras (coplas), poesias etc.

A constituição da audiência é processual. Está sempre em construção. Os camponeses foram-se transformando em audiência da Sutatenza em certo sentido por direito fundacional. Eles viram e ouviram surgir a Rádio: ela nasceu com eles, por eles e para eles. Faltou no processo, isso sim, uma participação real dos camponeses (um grupo) nas deliberações e tomadas de decisão da Emissora como um todo, e da programação em particular.

O dito até aqui serve também para a construção das memórias da recepção da Rádio Sutatenza. A isso poderíamos apontar que na década de 1950 ter um radioreceptor próprio não era tão comum. Era notícia dizer que já se tinha o rádio instalado. Certamente, a oferta de aparelhos de rádio por parte de Sutatenza foi facilitando, em todos os sentidos, o acesso a esta

nova tecnologia. Em muitas das famílias, o rádio receptor era conservado, em uma caixa de madeira com cadeado, depois de cada emissão para as Escolas Radiofônicas; posteriormente, nas moradias estava já a descoberta ocupando lugar especial: em cima de uma mesa ou madeira plana fixada na parede, numa espécie de altar, ao lado da Virgem do Carmo ou do Sagrado Coração ou de um crucifixo. Algumas fotografias mostram o aparelho de rádio acompanhando os camponeses nas atividades agropecuárias, quando este era já transistorizado.

Pois bem, como é tratada ou vista a emissão pela recepção? Foram diversos os vínculos tecidos pela Rádio com seus ouvintes e destes com a Rádio Sutatenza. Ela foi vista com muito carinho, afeto e agradecimento porque prestadora de serviços e de orientação, porque iluminadora das mentes camponesas. Foi entendida como um meio de progressão cultural e social que conseguiu aproximar os vizinhos; ela foi vista como companhia que comunica felicidade e alegria à monotonia camponesa; como uma voz amiga; um conselho inesperado. Para os camponeses, por tudo isso, foi muito triste a sua saída do ar.

7 CONCLUSÕES

Como explicitado na metodologia, o primeiro movimento da pesquisa, para abordar o problema de como se relacionava a Rádio Sutatenza com sua audiência camponesa, consistiu em contextualizar a prática da Rádio Sutatenza dentro da comunicação para o desenvolvimento rural na América Latina.

A partir de dito movimento, concluímos que a Rádio Sutatenza foi pioneira ao dedicar-se em 1947 a um setor não reconhecido e marginalizado historicamente: os camponeses. Num período em que nenhum governo da região tinha feito nada substantivo por eles. Nesse sentido, foram demandas políticas e sociais que impulsionaram a utilização da comunicação radiofônica para a mudança social. Foi a partir dessa visão que a situo na corrente da *comunicação para o desenvolvimento*, muito embora tenha aparecido dez anos após de entrar no ar a Rádio camponesa.

A Rádio Sutatenza foi uma estratégia eminentemente nossa, ou seja, latino-americana; que alcançaria vigor excepcional e se difundiria pela região através de 40 ou 50 organizações em cerca de 15 países. Em seu momento de auge, se constituiu no “primeiro caso de sucesso de comunicação institucionalizada de apoio ao desenvolvimento da América Latina” (BELTRÁN, 1993).

A Rádio Sutatenza tentou ser uma terceira via, distinta daquela do socialismo e do capitalismo, para resolver a questão social. Nessa perspectiva criticou as ações paternalistas dos Estados Unidos e a teoria da dependência na América Latina, por considerar que as duas não perceberam que a construção do homem novo latino-americano é mais uma questão de capacitação e de educação do que uma questão política ou econômica: o subdesenvolvimento está na mente do homem (SALCEDO, 1967).

Na Colômbia, a Rádio Sutatenza, foi a organização mais importante ao serviço da educação popular e um modelo na América Latina. Como paradigma tentou contribuir na criação de espaços de formação para aprofundar sistematicamente a experiência da educação radiofônica de adultos. Nesse sentido, impulsionou a criação da Confederação Latino-

americana de Educação Fundamental Integral (COLEFI) e do Instituto Latino-americano de Comunicação de Massas (ILCODEMA), no Primeiro Congresso Latino-americano de Escolas Radiofônicas do qual a Rádio Sutatenza foi uma das instituições promotoras. Assim, o rádio se constituiu em eixo articulador do despertar da consciência social na América Latina e da partilha de experiências para a cooperação organizada.

Essas iniciativas não passaram de empreendimentos de boa vontade por causa, entre outras coisas, das dificuldades históricas para a integração e cooperação latino-americana. Mas não foi algo perdido porque propiciou um espaço de reflexão e de partilha bem relevante e aportou experiência para a fundação da ALER em 1972, entidade esta sim que desempenha atualmente um papel importante na coordenação da comunicação radiofônica, popular e comunitária, além das fronteiras da América Latina.

O segundo movimento da pesquisa se aproxima da relação produtor/rádio e da relação produtor/produto. A relação produtor/rádio a vimos desde o pensamento e a prática de seu fundador José Joaquín Salcedo, chamado o *Quixote do rádio*. Ele, além de ser uma figura contraditória, foi um homem midiático, sensível aos problemas sociais. Quatro fatos marcaram na infância sua relação com a mídia: o escritório do telégrafo que funcionava em sua casa; a viagem pela Colômbia que lhe permitiu conhecer a realidade dos camponeses; a instalação do primeiro aparelho de rádio na Prefeitura de Corrales e o encargo que o padre Navia lhe deu no laboratório do observatório meteorológico, na cidade de Tunja.

A construção de seu projeto midiático contou com a admiração e proteção do bispo Crisanto Luque que o reintegrou nas quatro vezes em que foi expulso do seminário. Salcedo sublinha que esses anos de formação foram de estudo e preparação para seu apostolado midiático. Ele se incomodava com quem acreditava que sua obra era resultado da sorte e de ajudas econômicas.

Ponto de partida de sua missão foi a realidade camponesa, de um lado, e a educação e a comunicação, por outro. Da problemática camponesa o preocupou o analfabetismo, a tristeza e a melancolia, a caixa fechada ou a cultura do silêncio (introvertidos), a baixa competência comunicativa, o vestido preto, como de luto cotidiano [...]. De todas as maneiras, foram esses camponeses que sustentaram a Rádio nos três primeiros anos, o que nos permite afirmar que a Rádio Sutatenza nasceu e deu seus primeiros passos com apoio popular,

exclusivamente.

Desde o ponto de vista comunicacional, Salcedo teve uma visão instrumental da mídia: ela é veículo de transmissão de conteúdos educativos, de difusão de inovações e de comportamentos. Antes que um saber ou um pensar a mídia, Salcedo se preocupa por fazer uso da mídia. No início da década de 1990, Salcedo aponta elementos novos para a sua visão midiática chamando a atenção para a sua incidência nas formas de ver e interpretar a realidade, na estruturação de esquemas mentais e na conformação da consciência social.

Contrariamente à compreensão dos meios nas décadas de 1950 e 1960, Salcedo, desde seus inícios, não tem uma postura midiacentrista, o que o levou a complementar a comunicação massiva com a comunicação interpessoal, e para isso cria a figura do mediador da ação educacional¹: o auxiliar imediato, *verdadeira invenção das Escolas Radiofônicas*.

Uma vez reconhecida a predileção da cultura oral camponesa pelo meio radiofônico, Salcedo identificou as vantagens da radiodifusão (SÁNCHEZ, 1951) para a ação cultural popular: simultaneidade do ensino com um só mestre; ensino ameno porque em linguagem midiática; número ilimitado de alunos; instrução sem desvincular do ambiente camponês.

Salcedo propôs o uso combinado de meios para a eficácia educacional: audiovisual (rádio, cartilhas, livros, jornal, correspondência, disco-estudio etc.), com o apoio de contatos diretos através dos auxiliares imediatos, líderes, dirigentes camponeses e supervisores. Trata-se de um movimento pendular: da comunicação midiática à comunicação dialógica e vice-versa.

Junto à estratégia de utilizar a mídia para ensinar, a Rádio Sutatenza também ensinou mídia, através de cursos de capacitação, de assessorias e criação de organismos de educação, para transferir os ensinamentos e as experiências de Sutatenza.

¹ Existe um núcleo de pesquisa, no Brasil, de Comunicação e Educação, que nasceu em 1996, no espaço da Universidade de São Paulo. Agrupa professores interessados na interrelação entre Comunicação e Educação: educacional. A partir de pesquisas o grupo define a educacional como o espaço que membros da sociedade encontram “para implementar ecossistemas comunicativos democráticos, abertos e participativos, impregnados da intencionalidade educativa e voltado para a implementação dos direitos humanos, especialmente o direito à comunicação” (www.usp.br/nce/). Entre seus projetos se destaca educacional.rádio, destinado a capacitar professores e alunos do ensino fundamental para o uso do rádio em práticas educacionais.

Do pensamento e prática estratégica de Salcedo merece destacar-se também: sua capacidade de planejamento e coordenação, sua proposta de desenvolvimento do potencial humano, sua ampla rede de amizades e a utilização do imaginário religioso para impulsionar a mudança social.

A outra parte do segundo movimento da pesquisa é a relação produtor/produto. Como a produção se relacionava com o produto, quais foram as marcas e as estratégias da produção da Rádio Sutatenza para interagir ou relacionar-se com a audiência camponesa, ou seja, como configurou sua audiência, quais foram as propostas identitárias e comunicativas?

Na análise e interpretação dos dados do capítulo quinto dedicado à dita relação produtor/produto, demos respostas às questões anteriores e a outras apontadas na aproximação ao objeto. As marcas discursivas e as estratégias da produção para interagir com os camponeses estavam presentes no discurso religioso, com seus programas (terço, catecismo etc.), suas imagens (Virgem de Fátima, Santo Isidoro, Sagrado coração etc.), seus responsáveis (Papa, Bispos e Sacerdotes). O discurso religioso agindo como desarticulador das resistências aos novos paradigmas, criando confiança ante os produtos construídos e suscitando respostas positivas às diferentes propostas.

Marcas discursivas e estratégias presentes no discurso radiofônico, em seus gêneros (programas musicais e, principalmente, falados) e linguagens (música, efeitos, palavras, silêncios; redundância, interpelação, tradução de termos técnicos; técnicas de locução etc.); em seu planejamento: documentação, seleção dos conteúdos e construção do esquema (eventos e prescrições); na sua conjuntura e realidade (informação, análise etc.); e na técnica radiofônica (cobertura nacional; qualidade sonora; estética radiofônica).

Na configuração das marcas discursivas interativas, das propostas identitárias e comunicativas, por parte das lógicas de produção, também incidiram a compreensão do marco institucional, as rotinas produtivas, a visão da Emissora e dos camponeses. O produto foi construído para um sujeito concreto: o campesinato colombiano; para uma ambiência específica: a Escola Radiofônica e o mundo rural colombiano; com uma metodologia própria: comunicação radiofônica, comunicação escrita e visual e comunicação interpessoal.

A relação da produção com o produto foi condicionada pelos recursos disponíveis, o

talento de seus colaboradores, a dinâmica da radiodifusão colombiana e o devir social do país. A isto se deve agregar a intervenção de ações pré-midiáticas: formação profissional, domínio do meio radiofônico e conhecimento do receptor, e pós-midiáticas: autocrítica dos programas, avaliações periódicas e opinião dos ouvintes.

Com o objetivo de fortalecer “os efeitos da educação radiofônica”, de saber “como reagiam os camponeses diante das aulas”, de verificar como “interpretavam os ensinamentos e até que ponto estavam utilizando o aprendido” (BERNAL ALARCÓN, 1971, p. 71), a Rádio Sutatenza promoveu, desde seus inícios, a prática de escrever cartas à produção da Emissora. Foi tão grande a resposta dos camponeses que a *correspondência* se constituiu no principal canal de interatividade estrita com a Rádio e num dos meios de ação do *sistema combinado de meios* da instituição. Todas as cartas eram respondidas e arquivadas. Rádio Sutatenza respondeu 1.229.552 cartas dos alunos e ouvintes das emissoras e dos leitores do jornal.

A Rádio Sutatenza deu destaque relevante ao produto musical em sua programação. A música foi um meio de interação bem significativo. Por exemplo, na programação de 1969, havia muitos programas de música². Por sua parte, Salcedo impulsionou através da Rádio a criação de conjuntos musicais, de bandas, desde os começos da Emissora, e essa campanha, unida aos programas musicais, contribuiu para a criação de milhares de grupos musicais nos campos colombianos. A música recuperou o espaço da *festa* no mundo camponês, despertou a alegria e a diversão e apoiou o desenvolvimento da competência comunicativa.

Outro produto bastante promovido por Sutatenza foi o esporte: basquete, futebol e xadrez. O desenvolvimento desta campanha foi vital para os processos interacionais e para a socialização dos camponeses.

Foi através desta programação, destes produtos, que a Rádio Sutatenza configurou sua audiência: a partir de um forte sentido de pertencimento e de serviço: a *Rádio dos camponeses*; mediante uma programação educativa, informativa e recreativa construída a partir das necessidades, características da audiência e especificidades do meio radiofônico; mediante a identificação, apropriação e difusão de seu imaginário religioso; através da

² Destacamos: *Buenos días, Viajemos por América Latina, Temas femeninos, Pentagrama popular, Con los líderes, Las melodías de ayer y de hoy, Éxitos del momento, Ustedes hacen el programa, Cantemos, Estampas sonoras, Ritmo y melodía, Bandas famosas, Operetas e zarzuelas, Sala de concierto, Ritmos de baile, pentagrama tropical* etc.

passagem da interatividade estrita (correspondência, telefone etc.) à interatividade social ampla (líderes e dirigentes com, e entre, os camponeses).

O material empírico da Rádio Sutatenza permite-nos inferir que a prática contém, em termos gerais, as características da interação midiática radiofônica: identificação (linguagem, libreto radiofônico, afinidade de códigos experienciais e criatividade) com a audiência, apropriação e utilização dos imaginários sociais, interação diferida e difusa e participação do destinatário na produção. Com relação à participação, esta poderia ter sido maior, mas o problema não era só da gramática da produção senão também das competências de reconhecimento porque “somos um povo sem tradições participativas e culturalmente impregnado de vieses de conformismo e tendência a transferir aos governantes a responsabilidade pela solução dos problemas sociais” (PERUZZO, 2006).

Para uma compreensão global nos parece que o que vincula lógicas de produção e competências de reconhecimento são no fundo questões primordiais, arcaicas, que fazem parte do DNA dos camponeses, como a religião, a música e o jogo. Segundo Mircea Eliade (1983), o sentimento do sagrado é a essência das sociedades tradicionais. A vida está sempre relacionada a esta experiência. E, especificamente, sobre a música: “O universo sonoro-musical precede o nascimento [...]. O ser humano é por princípio um ser musical” (NUNES, 1999, p. 17. 22).

Outro aspecto a considerar nas relações produtor/produto educativo é a interface comunicação e educação. Perguntamo-nos: quais foram as estratégias da Rádio Sutatenza para desenvolver um processo educativo da população rural colombiana? Como poderíamos relacionar processo comunicacional e projeto educativo? Quais foram os limites comunicacionais que reduziam a eficácia das Escolas Radiofônicas?

A Rádio Sutatenza entendeu e praticou a relação comunicação e educação como “uma integração prazerosa” (PIOVESAN, 2004), como “um matrimônio” (DIAZ BORDENAVE, 1981), mas, sobretudo, como uma “integração estratégica” para transformar as condições de vida do camponês.

A prática educomidiática da Rádio Sutatenza permitiu constatar que é possível utilizar os meios para transmitir mensagens educativas de forma sistemática e permanente; que o

produto deve ser planejado levando em consideração as características das audiências, dos meios e das necessidades de aprendizagem; que o rádio sozinho não é suficiente para educar e, portanto, é preciso o uso sistemático e combinado dos meios ou seja projeto multimídia; que são imprevisíveis os resultados de um programa educomidiático, mas que é verdadeiro que “os resultados estão influenciados pelas características geográficas, econômicas, culturais das diferentes regiões; e pela composição racial, lingüística, de pautas de população, de posse da terra etc. dos grupos atingidos” (BERNAL ALARCÓN, 1978, p. 266); que o rádio é importante para difundir ideias e motivar mudanças. Mas quando se trata do processo de decidir as mudanças, é necessário utilizar a comunicação interpessoal direta. A comunicação interpessoal, por sua vez, motiva a utilização dos meios.

A ideia de educação adquire em Salcedo uma dimensão existencial: educar para a vida, educar para transformar. Esse foi o objetivo. Por quê? Em palavras de Fals Borda: “Porque há injustiça, há exploração e o mundo tem de ser mais satisfatório, e especialmente a parte colombiana do mundo” (CENDALES; TORRES; TORRES, 2006, p. 78).

Salcedo acreditou numa das utopias mais importantes do século XIX e começos do XX: a de que a instrução dos setores sociais desprivilegiados era o caminho para a transformação social de nossos povos (PREISWERK, 1994). Em realidade, a educação é uma parte, mas não o todo. O mesmo se pode dizer da comunicação.

O modelo educativo seguido por Sutatenza parece-nos que foi, principalmente, aquele que *põe ênfase nos resultados*: pelas suas insistências na modernização, pela difusão de inovações tecnológicas, pela insistência na mudança de atitudes e comportamentos. Este é considerado o modelo que mais influencia na comunicação. Este modelo busca que o homem “faça”. O modelo que põe ênfase nos conteúdos e aquele que põe ênfase no processo ficam em segundo plano.

Entre as estratégias que a Rádio Sutatenza desenvolveu para impulsionar um processo educativo para a população rural na Colômbia temos: a criação de um espaço de audição organizada: as Escolas Radiofônicas; a conceitualização de uma proposta de Educação Fundamental Integral; a criação de uma rede de emissoras Sutatenza capaz de garantir uma cobertura nacional, com excelente qualidade sonora; a organização da correspondência como meio de interação da produção com a recepção; a complementação entre comunicação

massiva (sistema combinado de meios) e a comunicação interpessoal etc.

Para Braga (2001), indagar como a interatividade está sendo operada em casos pontuais específicos é mais importante que verificar se há ou não interatividade. No caso da correspondência, a interatividade foi operada como mecanismo de controle da eficácia da mensagem; como motivação para desenvolver a criatividade, a participação, a organização e o reconhecimento; como experiência de aprendizagem; como forma de apoiar concretamente a rádio: com dinheiro, terrenos, animais etc. Nas marcas discursivas, interpelando e informando sobre a vida no campo, a interatividade esteve sendo operada como fator de agendamento social da realidade rural. Na criação de grupos musicais e de teatro rural, a interatividade foi operada como meio para formar a consciência coletiva, desenvolver a competência comunicativa e superar complexos ancestrais. Em determinadas circunstâncias, a interatividade operou como uma ameaça aos centros de poder, porque ela de forma midiática *empodera* as lógicas de produção e de reconhecimento.

No terceiro movimento, a relação receptor/produto/ações de retorno, propusemo-nos identificar como é tratada a emissão pela recepção; quais as competências interpretativas dos sujeitos; suas resistências e interatividades.

Na análise e interpretação dos dados do capítulo sexto, apresentamos resultados que sugerem respostas aos interrogantes do subsistema receptor/produto/ações de retorno. A partir das cartas analisadas, das entrevistas, das avaliações e outros registros, encontramos que a Escola Radiofônica foi o espaço privilegiado para a interação com os produtos e sobre os produtos, especificamente educativos. A Escola Radiofônica foi a ambiência onde se verificou uma das experiências mais relevantes na vida de milhares de camponeses da Colômbia: aprender a ler e a escrever.

Outro espaço para a interação social ampla sobre os produtos foi a paróquia, lugar de encontro de auxiliares imediatos, líderes, dirigentes camponeses com o pároco para avaliar o funcionamento da Escola Radiofônica, das aulas: conteúdos e formas, qualidade sonora etc. Outros lugares informais de interação midiática social ampla foram a praça de mercado, os campos esportivos, os trabalhos comunitários, sugeridos pelas campanhas da Rádio, as festas familiares e das comunidades rurais etc.

Um momento forte dos processos de interação social ampla, isto é, da circulação das ideias produtivas da Rádio Sutatenza, de suas campanhas, nas camadas camponesas, era percebida na celebração do Natal. Era um momento forte de socialização das motivações de participação, de protagonismo, de exercício da palavra. Os líderes dos diferentes setores rurais de cada município organizavam um dia da novena da maneira mais criativa possível: com luzes, disfarces, carros alegóricos, grupos de canto etc. Depois da celebração da missa e da novena ao menino Jesus, se realizava na praça um ato cultural com apresentações de grupos musicais, de obras de teatro produzidas pelos camponeses, de “coplas” (quadras) com seu destaque de humor, de crítica política e social. Ao final da novena, no dia 24 de dezembro, o pároco anunciava qual setor ou comunidade merecia o primeiro lugar pela organização, participação e criatividade na celebração do dia da novena que animaram. Em Boyacá, na década de 1970 e 1980, isso foi bem expressivo.

A relação da audiência com os produtos da Rádio Sutatenza contribuiu também para melhorar a animação e participação litúrgica. Pela Rádio se ensinavam os cantos litúrgicos que, depois, de maneira diferida e difusa se cantavam na igreja.

Foram interesses educacionais, recreativos e informativos os objetivos dos camponeses nos processos interacionais com e sobre os produtos. Os processos interacionais com os produtos parece terem sido em geral de aceitação em decorrência do conteúdo (educativo), da instituição que o ofertava (Igreja católica), do meio (radiofônico), da pertinência (realidade camponesa), da potência (cobertura e qualidade sonora) e da qualidade do produto (gêneros radiofônicos). A programação era voltada para a família, com algum programa para os jovens e para as crianças.

Além da dificuldade de muitos camponeses para selecionar os produtos radiofônicos a consumir, por causa da sintonia fixa, é preciso lembrar que em muitas circunstâncias a Rádio Sutatenza foi “o único meio de comunicação dos camponeses com o resto do mundo” (BEHRMAN, 1954, p. 48). O único meio de comunicação dos camponeses com a cultura (PUERTA, 1965). As competências interpretativas das mensagens, por parte dos camponeses, foram frágeis devido a sua escassa formação, às características de seu ethos cultural e do seu contexto de incomunicação. O mesmo aconteceu com sua autonomia interpretativa. O objetivo de atingir uma competência crítica a partir dos processos interativos não resulta fácil de determinar.

Não obstante isso, encontramos marcas discursivas de resistência à produção e ao produto: adaptar o aparelho de rádio para que sintonize todas as emissoras; desistir das aulas porque cansativas; desligar o aparelho nos espaços de música sinfônica; reclamar da não sintonia entre produto e realidade do ouvinte. Assim mesmo, às vezes, as relações com os produtos foram contraditórias e conflitivas, como a campanha da reforma agrária e de paternidade responsável. Esta última, apesar de ser promovida por Salcedo, foi rechaçada porque contrariava o imaginário religioso.

Em nossa pesquisa avançamos com uma hipótese de trabalho: estabelecer possíveis relações entre “processos de interação” e “processos de transformação social” na prática da Rádio Sutatenza. Existe, sim, uma relação porque os processos interativos midiáticos são processos de socialização de conhecimentos e destrezas que, se aplicados pelos sujeitos mudam a realidade, como aconteceu com Sutatenza. Por exemplo, o curso de educação permanente e as campanhas ocasionais e permanentes, mudaram a vida de milhares de camponeses e de suas famílias. Mas a relação não é causal porque “os meios não mudam nada. Expressam uma mudança, a amplificam, a potencializam. Não a causam” (MARTIN BARBERO, 2007). Em palavras de Salcedo, a Rádio motiva a mudança.

Torres e Corredor (1961) verificaram esses processos de mudança a partir do conceito de Fals Borda de *divergências significativas* por meio da comunicação e da sociabilidade, confirmando como esse encontro mídia e camponês se cristalizou em muitas obras, como situações problemáticas (incomunicação) foram redimensionadas e como se deu uma aproximação entre o mundo rural e os adiantamentos e transformações do mundo urbano.

Com relação aos processos interativos midiáticos a pesquisa realizada proporcionou algumas conclusões: esses processos não são neutros; eles têm valor simbólico e econômico. Por isso, a relação da Rádio Sutatenza com o povo camponês foi percebida por diversos setores: a indústria os considerou lesivos aos seus interesses monopolistas e de lucro; os setores políticos, a transformação de um setor social passivo em ativo e exigente; o poder religioso os considerou uma postura crítica a concepções históricas e de tradição inquestionável. Os processos interativos são exercícios de poder: poder social, cultural, político e potencialmente econômico. Finalmente, interagir com um setor social obriga a interagir com os diferentes setores sociais. As interações midiáticas não são propriedade de um determinado grupo, são interações sociais, interações públicas.

Quais limites poder-se-iam apontar na prática da Rádio Sutatenza? Esta Emissora ao manter intocável o objetivo inicial da Instituição foi gerando uma brecha, cada vez maior entre o progresso da realidade social e a validade de suas metas institucionais. Nesse sentido, ela não conseguiu ler o *novo cenário cultural*. Por outro lado, as preocupações pela continuidade e expansão da Instituição a fizeram, até certo ponto, perder o contato com os camponeses. Isso foi notado já nos anos 60.

A gramática da produção teve diversos estudos (documentos de trabalho, avaliações internas e externas, pesquisas acadêmicas etc.) que forneceram dados importantes sobre a realidade, eficácia e resultados obtidos pela Rádio Sutatenza, mas não conseguiu transformar essa produção teórica em políticas que articulassem novas propostas e respostas para a população camponesa.

Salcedo recebeu diversas e duras críticas pela prática da sintonia fixa ou fechada dos aparelhos de rádio vendidos pela Instituição. Não obstante a gramática da produção tivesse argumentos técnicos e operativos razoáveis e que este fosse um tipo de aparelho de rádio, inclusive, sugerido pela Subcomissão de Rádio da UNESCO em 1948 (UNESCO, 1949), parece-me que demorou muito em terminar com esta especificidade técnica. Só nos inícios da década dos anos 70 aquela iniciativa foi abandonada, o que prejudicou a imagem da Instituição, dando a sensação de exercer uma comunicação controlada, dominada e dominadora. Esta sintonia fechada talvez não tenha facilitado para que os camponeses exercessem a sua capacidade de escolha, a sua cultura de opções pessoais e de grupos.

Outro dos limites foi o de não dar aos alunos das Escolas Radiofônicas um certificado de estudos reconhecido oficialmente que permitisse continuar estudos em outras instituições ou ser apresentado para aceder a um posto de trabalho: “Os alunos aprendiam a ler, escrever e a fazer as quatro operações, mas este aprendizado não correspondia formalmente a uma melhoria no *status social*” (ABREU, 2004).

Com efeito, a Rádio Sutatenza queria evitar o êxodo camponês para as cidades e, de outra parte, ser coerente com sua prática de que dava educação não-formal e, portanto, seu propósito não era o de proporcionar um título reconhecido. Além disso, de acordo com a produção, que o aluno estudava para a vida e não para obter um título (Bernal, 1978). Estas ideias parecem copiadas da práxis eclesiástica de uma grande parte dos seminários maiores de

não dar nenhum título reconhecido oficialmente, entre outras coisas, para desestimular o abandono da instituição por incompetência profissional.

A sustentabilidade institucional, social e econômica da Rádio Sutatenza foi muito precária. Isto enfraqueceu e retirou autonomia ao projeto sociopolítico que pretendia levar à frente. Dependeu de ajudas internacionais, do Estado colombiano (segundo acordo firmado em 1959) e de fontes próprias. Foi o fracasso da sustentabilidade, em geral, e da econômica, em particular, a causa de sua quebra (Anexo H). Mas, atrás desse fracasso, houve causas endógenas, exógenas e da especificidade do projeto: “Não conheço um meio que trabalhe pelo desenvolvimento e que seja auto-sustentável” (CONTRERAS, 2003, p. 74).

A Rádio Sutatenza, fundamentalmente por razões históricas, econômicas e socioculturais manteve uma posição política de *não-intervenção* em política, especificamente partidária. Isso foi positivo porque esteve acima das confrontações de diversos níveis, desde os políticos de profissão, até os cidadãos em geral, e, de outra parte, conseguiu obter ajudas orçamentárias e isenções importantes para sua obra dos diversos governos, independentemente da cor partidária. Mas, em troca, deixou de exercer uma função fiscalizadora do poder:

Para melhor cumprir seu papel de levar informações ao cidadão, a imprensa precisa fiscalizar o poder – e o verbo fiscalizar carrega, aqui, o sentido de vigiar, de *limitar* poder. Sem ela, não há como se pensar em limites para o exercício do poder na democracia. Portanto, não é saudável nem útil a imprensa que se contente com o papel de apoiar os que governam. Não é saudável, não é útil, nem mesmo imprensa ela é (BUCCI APUD FRANCO, 2009, p. 2).

Dados os processos históricos da Colômbia no campo político, marcados por sectarismo, rivalidades e violência, a política da Rádio Sutatenza de agir à margem da política favoreceu os processos midiáticos interativos diferidos e difusos, mas empobreceu os processos de construção da cidadania e da democracia.

No processo de relacionamento, a emissora não conseguiu incluir realmente em sua organização os representantes camponeses que foram considerados fundadores da instituição. Pelo contrário, as lógicas de produção determinaram que os párocos, dos municípios que tinham camponeses fundadores da obra, os representassem nos diferentes encontros. Parece

que, em geral, no processo de consulta, deliberação e decisão sobre a programação, produtos e instituição, os camponeses só foram consultados, mas ficaram fora dos processos de deliberação e decisão.

Para uma interação mais ativa, participativa e problematizadora das aulas radiofônicas, faltou dedicar mais atenção à pesquisa, orçamento e pessoal competente para a formulação de um gênero radiofônico mais complexo (dramatização) e não tão simples como aquele monologado, de *charla expositiva*. Faltou aplicar melhor a teoria de Arnheim do rádio como meio de expressão.

Que outras descobertas deixa-nos a experiência da Rádio Sutatenza? Desde os começos a Rádio Sutatenza não simplesmente se interessou pela radiodifusão, isto é, pela produção e irradiação de programas, mas também da recepção, isto é, dos sujeitos e das condições, modos e estratégias de audição.

A Rádio Sutatenza se esforçou na aplicação do conceito de Mario Kaplún (1999) de *mudança de cenário cultural*, ou seja, de produzir novelas e outros dramas situados em outros cenários, distintos aos da América do Norte ou da Europa. Assim o campo se transformou em cenário e os camponeses em protagonistas de diversas produções.

Da iniciativa de Salcedo brotou a Universidade aberta e à distância que depois se colocou em andamento na Colômbia. A metodologia, os conceitos e especialmente os meios educativos se anteciparam muitos anos ao que hoje está no auge (BARACALDO PIÑEROS, 2000).

Destacamos algumas contribuições da Rádio Sutatenza à rádio popular e comunitária: encontrar formas de sustentabilidade social, institucional e econômica, para garantir independência política e exercício livre de sua profissão e de seus objetivos; planejar e organizar rigorosamente a rádio; elaborar o manual de estilo para que os membros tenham clareza sobre as pautas de conduta ética que devem guiar; a figura dos correspondentes populares (que já aparece na proposta de uma nova programação de Sutatenza no ano de 1968); dar importância relevante ao discurso musical no rádio como forma de expressão e de desenvolvimento da competência comunicativa, através da formação de grupos musicais, a realização de concursos; promover diversas formas de expressão como concursos de “coplas”,

piadas ou contos; que os serviços informativos cumpram este objetivo: educar orientando; manter uma memória multimídia que Salcedo chamava de *patrimônio cultural do povo* (fotografias, áudios, vídeos, escritos etc.) de tudo o que acontece na rádio; dispor de uma equipe de pesquisadores que aprofundem permanentemente o mundo da rádio e das audiências porque rádio é fundamentalmente pesquisa; evitar os programas de recheio.

A Rádio Sutatenza surgiu numa realidade histórica e política determinada que condicionou sua orientação. Nasceu na marginalidade, mas ela não foi durante seu crescimento, consolidação e decadência uma rádio insignificante ou marginal. Ela participou ativamente da vida política, social e econômica do país: “Teve 1.000 pessoas trabalhando, 25.000 sócios e uma audiência global de suas emissões de uns 8 milhões de pessoas (LEWIS; BOOTH, 1992, p. 229).

O paradigma do rádio educativo impulsionado pela Rádio Sutatenza foi uma experiência que cumpriu seu ciclo, especificamente o que se refere às Escolas Radiofônicas. As condições históricas e políticas hoje são outras. Ficou um modelo que está sendo aproveitado, de maneira flexível e criativa, por exemplo, nos programas de educação a distância. De outra parte, o rádio educativo como tal continua vigente porque a mídia tem uma função social e cultural de serviço à cidadania. A ideia de que “um programa de erradicação da pobreza na América Latina necessariamente deva tomar a educação como ponto de partida” (SALCEDO et alii, 1990, p. 49), obriga-nos a perguntar-nos como o rádio e a mídia, em geral, podem contribuir nesse projeto de transformação social.

Nossa pesquisa foi um processo de aproximação à história, teoria e prática da Rádio Sutatenza, especialmente a partir de seus produtos, e seus processos de interação midiática com os camponeses da Colômbia. Trata-se de uma pesquisa aberta que precisa ser ainda completada.

Finalmente, gostaria deixar três sugestões de pesquisas que me parece poderiam inspirar trabalhos relevantes na área do rádio: primeira, a dimensão educativa da informação na Rádio Sutatenza; segunda, a música e os processos educativos da população rural na Rádio Sutatenza; terceira, Rádio e recepção no povo camponês antes da TV na Colômbia.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista de. *Nas ondas da fé*. (II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004; GT História da Mídia Sonora).

ACPO. Estatutos de Acción Cultural Popular. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Alejandro. *Accion cultural popular: Escuelas Radiofónicas*. Bogotá: Prensas del Ministerio de Educación Nacional. 1950. 61-69p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Primera Asamblea General*: Bogotá, noviembre 10 y 11, 1953. Bogotá: Editorial El Catolicismo, 1953 (?) 101p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Segunda Asamblea General: agosto 20 a 23 de 1957*. Bogotá: Editorial Pio X, 1957 (?). 78p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Escuelas Radiofónicas. Servicios: Materiales de enseñanza, antenas, receptores, pilas, repuestos, talleres de reparación*. La estadística es la base esencial de los servicios de las Escuelas Radiofónicas. Bogotá: Editorial San Pio X, 1956. 19p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Informe anual 1967: una síntesis de la obra de ACPO como organización dinámica al servicio del pueblo colombiano*. Sección estadística [Mauscrito]. p. 32-59.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Tercera Asamblea General: Bogotá, 16 a 18 de abril de 1963*. Bogotá: Editorial Andes, 1963 (?). 116p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Radio Sutatenza. Programación*. Bogotá: Editorial Andes, 1969. 132 p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR RESPONDE. *La industria y el desarrollo social: el caso de la industria privada frente a las entidades fiscalmente exentas o privilegiadas*. Bogotá: Editorial Andes, 1973. 124p.

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Estatutos*. Bogotá: Editorial Andes, 1978. 23p.

ACPO. *Estudio de la audiencia radial*. Material elaborado con base en una entrevista realizada al Dr. Hernando Bernal Alarcón. Lectura básica No. 3. [Manuscrito]. 1979 (?). 28p.

ACPO. *Manual sobre producción radial para comunicación educativa*. Primera unidad:

Elaboración del libreto para una emisión radial. Bogotá: Editorial Andes, junio de 1979a. 68p. (Manuscrito; elaborado por Amparo Cadavid; colaboración de Ernesto Ramírez; Dirección Técnica, Aurora Giraldo Puerta; dibujos: Marina Duque).

ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Cadena de emisoras Sutatenza: Infraestructura de equipos y programación*. Bogotá: ACPO, 1985. 35p. (Manuscrito. A pesquisa contém 2 anexos: Anexo 1: Instalação e equipamentos, snp; Anexo 2: informação sobre programação, 19p.).

ACTIVIDADES de Acción Cultural Popular. *Radio Sutenza-Boletín de Programas*, snv, no. 18, p. 14, feb. 1955.

AGUIRRE ALVIS, José Luis. Diversidad cultural y comunicación desde la diversidad. El papel de las radios comunitarias indígenas del altiplano en la construcción democrática en Bolivia. Disponible em: <www.agujeronegro.net> Acesso em: 14 dez. 2002.

ALTMANN, Werner. O legado do pensamento filosófico de Leopoldo Zea para a América Latina: o latino-americanismo universal. *História Unisinos*, v. 9, n. 2, p. 145-147, maio/ago, 2005.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa Norte-Americana. In: HOHLFELDT, Antônio, MARTINO, Luis C., FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação*. São Paulo: Vozes, 2001. p. 119-130.

ARNHEIM, Rudolf. *La Radio l'arte dell'ascolto*. Roma: editori Riuniti, 1987. 170p.

ARIAS, Andrés. Días de... Radio Sutatenza. *El Tiempo*, Bogotá, 7 nov. 2008. Cultura. Disponible em: <http://www.eltiempo.com/culturayocio/credencial/originalesnoviembre/dias-de-radio-sutatenza_4629963-1> Acesso: 11 nov. 2008.

AZAMBUJA, Germano. As Ideias de Luis Ramiro Beltrán (o homem, seu pensamento), São Paulo: Perfis/Perfiles, PCLA - Volume 1 - número 1: out. / Nov./ dez. 1999. disponível em: www2.metodista.br/UNESCO/PCLA/revista1.perfis1.htm. Acesso: 28/09/2006.

BANDEIRA, Marina. Representante de UNDA. In: *PRIMER Congreso latinoamericano de Escuelas Radiofónicas: 13 a 19 de septiembre de 1963*. Secretaria de la Confederación Latinoamericana para la Educación Fundamental Integral. Bogotá: Editorial Andes, 1963?]. p. 25-27.

BARACALDO PIÑEROS, Ismael. *Monseñor José Joaquín Salcedo. Sus Ideas y pasión por la Educación Campesina*. Tunja: Instituto Universitario Juan de Castellanos, 2000. 240p.

BATESON, BIRDWHISTELL, GOFFMAN, HALL, JACKSON SCHEFLEN SIGMAN WATZLAWICK. *La nueva comunicación: Selección y estudio preliminar* de Yves Winkin. 4. ed. Barcelona: Editorial Kairós, 1994.

BEHRMAN, Daniel. *También las montañas pueden moverse: la ayuda técnica y el aspecto cambiante de América Latina*. Paris: UNESCO, 1954. 84p.

BELTRÁN, Luis Ramiro. *Comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: una evaluación suscita al cabo de cuarenta años*. Lima, 23-26 fev. 1993. Disponível em: <<http://www.swl.net/patepluma/south/colombia/sutatenza.htm>> Acesso em: 20 Set. 2004.

_____. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. *Comunicação Sociedade*, São Paulo, n.6, p. 5-35, set. 1981.

_____. *La comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: un recuento de medio siglo*. Julio de 2005. Disponível em: <http://www.comminit.com/la/drumbeat/drum_beat_135.html>. Acesso em: 24 maio 2006.

_____. La planificación de la comunicación para el desarrollo rural en Latinoamérica: un bosquejo histórico. In: VARIOS. *Curso de planificación de proyectos de comunicación de apoyo al desarrollo campesino*. Quito: CIESPAL, 2 mai – 3 jun. 1988. (Conferencia presentada en el Seminario “La comunicación agrícola en el desarrollo rural”, patrocinado por el Ministerio de Turismo de Venezuela, Caracas, 26 de noviembre de 1979. Manuscrito).

_____. Comunicación y desarrollo económico. *Chasqui*, Quito, n. 2, p. 50-72, 15 abril 1973.

_____. Comunicación para la democracia: la radio popular y educativa en América Latina. *Aportes*, Santa Cruz de la Sierra, n. 4, p. 14-21, abril 1996.

_____. *La radio en la extensión agrícola*. Instituto interamericano de ciencias agrícolas de la OEA Zona Andina – Proyecto 39 – Programa de cooperación técnica Lima, Perú, Noviembre 1962. Manuscrito.

BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação*. São Paulo: Vozes, 2001. 241-277p.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas (1966). *A construção Social da realidade. Tratado de Sociologia do conhecimento*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BERNAL ALARCÓN, Hernando. *Educación fundamental integral: teoría y aplicación en el caso de acpo*. Bogotá: Editorial Andes, 1978. 285p.

_____. *Educación fundamental integral y medios de comunicación social: el uso sistemático de los medios masivos de comunicación en programas de desarrollo*. Bogotá: Editorial Andes, 1971. 103p.

_____. *Acción cultural popular de la realidad a la utopía*. Bogotá: JAVEGRAF, 2005. 126p.

_____. *Los líderes de opinión y su importancia en el desarrollo de la comunidad*. Bogotá: ACPO, 1970. 30p. (Departamento de Sociología. Manuscrito. DT, 14).

BIBLIA Ave Maria. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br>, acesso: 09/03/09.

BIDEGAIN, Ana María. *Iglesia, pueblo y política*. Un estudio de conflictos de intereses. Colombia, 1930-1955. Bogotá: Universidad Javeriana, 1985.p. 201.

BONIN, Jiani Adriana. Estratégias Multimetodológica de captação de dados em pesquisa de recepção: a experiência da investigação da telenovela, identidade étnica e cotidiano familiar. *Rastros*, Joinville, v. 1, p. 6-18, 2004.

_____. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Efendy et. alii. *Metodologías da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BRAGA, José Luiz. Interação & Recepção. In: FAUSTO NETO, Antônio; HOHLFELDT, Antônio; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 109-136. (Comunicação;11Compós.2)

_____. Sobre a conversação. In: FAUSTO NETO, Antonio; PORTO, Sergio Dayrell, BRAGA, José Luis (Orgs.). *Brasil – Comunicação & Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1994. p. 289-308.

_____. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006. 350p.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001. 164p.

BRAUN, Juan. *Comunicación, educación no formal y desarrollo nacional: las radio escuelas colombianas*. Bogotá: Andes, 1976. 174p.

BRECHT, Bertold. Teorias de la radio (1927-1932). *Eptic*, Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol.V, n.2, maio/ago. 2003. Disponível em: www.eptic.com.br Acesso: 24 jun. 2005.

BRUMBERG, Stephan. Los medios masivos de comunicación al servicio del desarrollo rural colombiano. In: BERNAL ALARCON, Hernando. *Educación Fundamental Integral: teoría y aplicación en el caso de ACPO*. Bogotá: Editorial Andes, 1978. p. 53-90.

BRZEZINSKI, Steven John. *The Catholic Church and political development in Colombia*. 1973. 224f. Thesis (Doctor of Philosophy in Political Science). University of Illinois at Urbana-Champaign.

BUCCI, Eugênio. *A imprensa e o dever da liberdade*. São Paulo: Contexto, 2009.

CAMPUS, Victoria. Audiencias; Medios de comunicación. La tiranía de la audiencia. *Telos*, n. 35, septiembre-noviembre 1993.
<http://www.campusred.net/telos/anteriores/num_035/index_035.html?opi_editorial1.html>. Acceso en: 24 Ago. 02.

CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

CASTELLANOS, Néilson. La radio colombiana, una historia de amor y de olvido. *Signo y pensamiento*, Bogotá, v. 20, n. 39, 2001, p. 15-23.

CASTRO VILLARRAGA, Jorge Orlando. *ACPO y el ideal de una progresión cultural: Una mirada a las relaciones entre desarrollo, educación y sociología*. 2005. 214f. Disertación (Maestría en Sociología). Universidad Nacional de Colombia.

CAVALCANTE, Maurina H. *Igreja Católica entre males e esperanças: Brasil e Colômbia (1947-1964)*. 2003. 263f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília.

CELY, Beatriz Quiñones. *Investigación en Medios – Apuntes sobre el diseño Metodológico*. São Leopoldo, 2008, p. 18. (Seminario sobre “Midiatização e Processos Sociais - Aspectos Metodológicos”, promovido pela Rede Prosul, 19-21 nov. 2008).

CENDALES, Lola; TORRES, Fernando; TORRES, Alfonso. A semente tem sua própria dinâmica: sobre as origens e os rumos da Investigación-Acción-Participante (IAP). Entrevista com Orlando Fals Borda. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. *Pesquisa participante: o saber da partilha*. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM / FM*. São Paulo: IBRASA, 1990. 125p.

CÓMO se eleva por Radio el Nivel de Vida Campesino: los milagros logrados al vincular al campesino a su propio mejoramiento. *El Independiente*, s.l. 27 abr. de 1958, p. 6.

1947 CÓMO era Colombia al nacer Acción Cultural Popular 1972. *El Campesino*, n. 726, 20 ago. 1972, p. 8-9. (Suplemento especial: 25 años).

CONFERENCIA EPISCOPAL COLOMBIANA. Pastoral colectiva do Episcopado Colombiano. Sacerdos, Bogotá, nov. 1949, p. 198-204.

CONTRERAS, Adalid. Estrategias de comunicación, desarrollo y radiodifusión. In: JARAMILLO S., Edgar (Editor). *Desafíos de la Radio en el nuevo milenio*. Quito: CIESPAL, 2003. p. 59-80.

CORAZZA, Helena. O lugar da religião no rádio. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Angelo; BENETON, Rosana (orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004. 257-276p.

CPAL-Conferencia de Provinciales Jesuitas de América Latina. El grupo FIDES con 28 radioemisoras. Boletín n. 5 - *Jesuitas en Comunicación*, 16 de julho de 2007. (<http://www.cpalsj.org>).

CUENTO infantil. *Boletín de Programas*, nov. 1960.

DIAZ BORDENAVE, Juan. *O que é comunicação rural*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 112p.

_____. Comunicação e educação. In: WERTHEIN, Jorge; DIAZ BORDENAVE, Juan. *Educação rural no terceiro mundo: experiências e novas alternativas*. São Paulo: Paz e terra, 1981, 239-247p.

DIAZ BORDENAVE, Juan. CARVALHO, Horacio Martins de. *Comunicação e planejamento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 248p.

DONALD, STROETZEL Doroty. Singular cruzada contra la ignorância. In: BERNAL, ALARCÓN, Hernando. *Educación fundamental integral teoria y aplicación en el caso de acpo*. Bogotá: Editorial Andes, 1978. p. 21-29.

DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004. 158p.

EMPRENDEN salvación de ACPO. *El Tiempo*, 30 dic. 1994 (Sección Información General).

ENTREGAM distinção especial a Rádio Sutatenza. *El Campesino*, 23 abril de 1972, ano 13 edição 709, p. 1.

ENDLER, Sergio. *Rádio Continental AM: historia e narrativas, em Porto Alegre, de 1971 a 1981*. 2004. 456f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – UNISINOS, São Leopoldo.

_____. Oitenta anos do rádio no Brasil. *Verso & Reverso*, São Leopoldo, n. 35, 2002/2.

ENSEÑANDO al pueblo por la radio en Colombia – Reducing illiteracy in Colombia via Radio. *Dial*, New York, n. 2, 1950, p. 3-5. (Revista de Electrónica de la Internacional General Electric Co., Español-Inglés).

ESCH, Carlos Eduardo. A construção de relações simbólicas por meio do rádio. In: Jacks Nilda, Piedras Elisa Reinhardt, Vilela, Rosário Sánchez (orgs.). *O QUE sabemos sobre audiências?: estudos latino-americanos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006, 207 p. p. 186-207.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Itinerário de um deslocamento: dos meios às mediações. In: _____. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESPINA CEPEDA, Luis. Radio ECCA Centro Docente. LAS PALMAS DE GRAN CANARIA: Radio ECCA, 1976. 256p.

FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (orgs.). *Mídia & Comunicação*. Rio de Janeiro: Diadorim, COMPÓS, 1997. p. 83-8.

_____. Incomunicação rural: dependência e fatalismo. In: MARQUEZ DE MELO, José (org.). *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1976. p. 85-103.

FELIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Universitária, 1998. 104p.

FERRER MARTÍN, S. *Estudio y evaluación de las escuelas radiofónicas rurales: Colombia 1959*. s.l. ACPO/Editorial Andes, 123p.

FIESTA de las Escuelas Radiofónicas. *Boletín de Programas*, Bogotá, snv, n. 71, p. 15, dic. 1965.

FINO SANDOVAL, María Piedad. *Acción Cultural Popular: historia e ideario (1947-1973)*. 2005. 74f. Monografía (Historiadora). Universidad Nacional de Colombia.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação / a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação*. São Paulo: Vozes, 2001. p. 39-60.

FRANCO, Carlos Alberto Di. O dever da liberdade. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de julho de 2009, p. 2 (Espaço aberto).

FREIRE FILHO, João. Por uma nova agenda de investigação da História da TV no Brasil. *Contracampo*, n. 10/11, p. 201-218, 2004. Edição especial/número duplo.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. 93p.

_____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 150p.

FUENTES NAVARRO, Raúl. Un texto cargado de futuro: apropiaciones y proyecciones de los medios a las mediaciones en América Latina. In: *Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, 1998. p. 181-197.

GARRONI, Emilio. Prefazione. In: ARNHEIM, Rudolf. *La Radio l'arte dell'ascolto*. Roma: editori Riuniti, 1987. 170p. VII-XV.

GEERTS, Andrés, OEYEN Víctor van. *La Radio Popular frente al nuevo siglo: estudio de vigencia e incidencia*. Quito: Aler, 2001. 288p.

GOMES, Pedro Gilberto. O conceito de mediação. In: *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL/Unisinos, 1998. p. 23-45.

_____. Educação e Comunicação - uma relação conflitiva. *Verso & Reverso*, São Leopoldo, n. 24, p. 9-26, jul.-dez. 1997.

_____. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. 2. ed. São Leopoldo: Editoria Unisinos, 2004. 192p.

GOMEZ, Lucila Posada; JOSE, Antonio Niño; PERILLA Mildred; UMAÑA, María. *La audiencia campesina de Radio Sutatenza*. Bogotá: [Manuscrito], febrero de 1970 (DT, 10).

GOTTLIEB, Liana. *Comunicação e mercado*. Mestrado na Cásper Líbero: orientação e resultado. São Paulo: Iglu, 2004. p. 171-184.

GRUPOS musicales y de teatro (4.071). *Boletín de Programas*, Bogotá: editorial Andes, fev. 1961.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In: STRECK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 165-166.

GUMUCIO DAGRON, Alfonso. *Arte de equilibristas: la sostenibilidad de los medios de comunicación comunitarios*. Disponível em: <http://www.comminit.com>; Acesso em: 29 09 04. (Palestra IV Conferência Internacional de Comunicação Social: Perspectivas da Comunicação para a Mudança Social e o Terceiro Encontro Our Media/Nossos Meios. Universidade do Norte. Barranquilla, 19-21 de maio de 2003).

GUTIÉRREZ, Hernán, MATA, Maria Cristina (Editores). *¿Siguen vigentes las Radios Populares?* Opinan 30 especialistas latino-americanos. Quito: ALER, 2001.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. Uma opção metodológica para pesquisas de comunicação. *Revista Brasileira de Comunicação*, INTERCOM, São Paulo, jul/dez 1993, p. 66-77.

HAYE, Ricardo M. *Otro siglo de radio: noticias de un medio cautivante*. Buenos Aires: La Crujía, 2003. 256p.

HERRERA ARÁUZ, Francisco. Radiodifusión e gobernabilidad. In: JARAMILLO S, Edgar (Editor). *Desafíos de la radio en el nuevo milenio*. Quito: CIESPAL, 2003. 347p.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luis C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação*. São Paulo: Vozes, 2001. 277p.

HONNETH, Axel. *Riconoscimento e disprezzo: sui fondamenti di un'etica post-tradizionale*. Soneria Mannelli: Rubbettino Editore, 1993. 52p.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, versão 1.0, dezembro de 2001.

HOUTART, Francisco; PEREZ, Gustavo. *Acción Cultural Popular. Sus principios y medios*

de acción. Consideraciones teológicas y sociológicas. 4ª. Ed. Bogotá: Editorial Andes, 1979. 72p. (1ª. Ed. 1960).

HURTADO, Fernando. Sentido jerárquico del auxiliar parroquial. *Boletín de Programas*, n. 49, set.-out. 1957.

IBAÑEZ ACOSTA, Luis Fernando. *Rádios comunitárias no Paraguai: origem, usos e perspectivas*. 2000. 177f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INICIATIVA DE LA COMUNICACIÓN (LA). Entrevista a Luis Ramiro Beltrán. Abr. 2006. Disponível em: <<http://www.comminit.com/la/entrevistas/laint/entrevistas-151.html>>. Acesso: 23 ago. 2007.

INIZIATIVE Internazionale per l'alfabetizzazione: Il premio 'Reza Pahlavi' a Rádio Sutatenza. Una Voce di speranza nelle ande colombiane. *L'Osservatore Romano*, 20 ene. 1971, n. 15 (33.594), p. 6.

ISER, Fabiana. Pesquisa exploratória: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO, Efendy et. alii. *Metodologías da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 193-216.

JARAMILLO S, Edgar (Editor). *Desafíos de la Radio en el nuevo milenio*. Quito: CIESPAL, 2003. 347p.

JIMÉNEZ, Lázaro. *Reseña histórica de ACPO: 1947-1967*. Bogotá: Sine Nomine, [1968?]. 146p. (Manuscrito. O autor era: Jefe de la Oficina de Estadística de Acción Cultural Popular).

KAPLÚN, Mario. *Producción de programas de radio*. Quito: CIESPAL, 1999. 546p.

LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. p. 105-117.

LEWIS, Peter M.; BOOTH, Jerry. *El medio invisible: Radio pública, privada, comercial y comunitaria*. Barcelona: Paidós, 1992. 320p.

LLANO ESCOBAR, Alfonso. "Me rindo, me entrego, hagan conmigo lo que quieran". Disponível em: www.eltiempo.com Acesso: 17 abril 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera

da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002. 394 p. (Novas buscas em comunicação; 66)

LUCA, Laura de; LOBINA, Walter. *Tu piccola scatola...* La radio: fatti, cose, persone. Milano: Edizioni Paoline, 1993. 376p.

LUQUE, Crisanto. La Iglesia y el campesino. In: ACCIÓN CULTURAL POPULAR. *Segunda Asamblea General: agosto 20 a 23 de 1957*. Bogotá: Editorial Pio X, sd. 78 p.

MANCINI, Mário, História e perspectivas da Rádio América. In: GUTIERREZ, Hernando Vaca. *Radio América 1410 AM: Implantação, Desenvolvimento e Perspectivas*. 2003. 270f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado). Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, São Paulo. (Depoimento para a pesquisa, 27 de agosto de 2002).

MARTI, José. La América, Nova York, maio de 1884. In: *Obras completas*, Vol. 8, p. 288-292.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Bogotá: Convenio Andrés B, 1998. 352p.

_____. Prefacio a la quinta edición: pistas para entre-ver medios y mediaciones. In: *De los medios a las mediaciones*. 5. ed. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998b.

_____. De la comunicación a la filosofía y viceversa: nuevos mapas, nuevos retos. In: *Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, 1998. p. 201-221.

_____. La telenovela en Colombia: televisión, melodrama y vida cotidiana. *Diálogos de la comunicación*. s.n., 1987b.

_____. Medios: olvidos y desmemorias. Debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro. *Ciberlegenda*, No. 6, 2001. Disponible en: www.infoamerica.org; Acceso: 05/10/07.

_____. Entrevista a Jesús Martín Barbero: Los medios solo potencian el cambio. Disponible em: <http://www.maz.uasnet.mx>; Acceso em: 05/10/2007

MARTINEZ MUÑOZ, R. Emiro. *Métodos de periodismo rural en el Semanario el Campesino*. Acción Cultural Popular. Bogotá: Editorial Andes, 1978. 163p.

MATA, Maria Cristina. Rádios y públicos populares. *Diálogos de la comunicación*, n. 19, p. 55-69, ene. 1988.

MATA, Maria Cristina, SCARAFIA Silvia. Lo que dicen las radios. Quito: ALER, 1993.

_____. 1998.

MCBRIEN, Richard P. *Os Papas. Os Pontífices: De São Pedro a João Paulo II.* São Paulo: Loyola, 2000.

MELO, José Marques de; BRITTES, Juçara Gorski. *A trajetória comunicacional de Luis Ramiro Beltrán.* São Paulo: UNESCO/UMESP, 1998. 168p.

MELO, Paula Reis. *Tensões entre fonte e campo jornalístico: um estudo sobre o agendamento mediático do MST.* 2008. 214f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2008].

MENDOZA, Elvira. Monseñor Salcedo, el sacerdote que creó un sistema de cultura que hoy se imita en el mundo, dijo a “Nuevo Boyacá”: llegaremos a la revolución pero un poco más tarde. *Nuevo Boyacá*, s.l., n. 19, agosto de 1964, p. 18-19.

MERAYO PÉREZ, Arturo. Identidad, sentido y uso de la radio educativa. Salamanca: Ediciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2000. (Artículo publicado en *III Congreso Internacional Cultura y Medios de Comunicación*, p. 387-404).

MESA G., Numa Pompilio. Programa de lectura para los participantes. *Boletín de Programas*, Bogotá: ARGRA, No. 14, out. 1954.

MINISTERIO DE COMUNICACIONES. *Políticas para la Radiodifusión en Colombia.* Bogotá, septiembre de 2004. (Serie de cuadernos de política sectorial n.3).

MONSEÑOR SALCEDO: El apóstol de los campesinos. *Revista Boyacá, siglo XXI*, año 2, n. 7, diciembre 1999.

MOREIRA, Sonia Virginia. Análise documental. In: NOVELLI, Ana Lucia Romero et al. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 380 p.

MORGAN, Robert M.; MUHLMAN, Liliana; MASONER, Paul H. *Evaluación de sistemas de comunicación educativa.* Bogotá: Editorial Andes, 1980. 300p.

MURIÓ, Armando Moncada Campuzano. *El Tiempo*, 9 nov. 1996. Disponible em: www.eltiempo.com ; acesso: 22/02/09.

MUSTO, Stefan A. *Los medios de comunicación social al servicio del desarrollo rural: análisis de eficiencia de “Acción Cultural Popular – Radio Sutatenza”*. Prólogo y Glosas de Acción Cultural Popular (ACPO). Colombia. Bogotá: Andes, 1971. 237p.

MUTIS, Alvaro. La tierra de mis sueños. Disponível em: www.eltiempo.com; acesso: 14/12/07. Homenajeado na XXI FERIA do Livro de Guadalajara.

NUESTRA campaña de hoy. *Boletín de Programas*, Bogotá, n. 12, ago. 1954

NUEVA programación de Radio Sutatenza. *Boletín de Programas*, Bogotá, Año III, n. 48, enero de 1964.

NUNES, Márcia Vidal. *Rádio e política: do microfone ao palanque*. Os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996). São Paulo: Annablume, 2000. 376p.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. 3. Ed. São Paulo: Annablume, 1999. 154p.

OBREGÓN, Mauricio. La educación masiva creará una nación Latino-americana. In: *PRIMER Congreso latinoamericano de Escuelas Radiofónicas: 13 a 19 de septiembre de 1963*. Secretaria de la Confederación Latinoamericana para la Educación Fundamental Integral. Bogotá: Editorial Andes, 1963[?]. 92p.

OCAMPO BERRIO, Angel María. Primera Asamblea General de Acción Cultural Popular. In: ACCION CULTURAL POPULAR. *Primera Asamblea General*: Bogotá, noviembre 10 y 11, 1953. Bogotá: Editorial El Catolicismo, 1953 (?) p. 51-57.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. De las mediaciones a los medios: contribuciones de la obra de Martín-Barbero al estudio de los medios y sus procesos de recepción. In: *Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, 1998. p. 91-101.

_____. *Televisión: audiencias e educación*. Buenos Aires: Norma, 2001. 122p.

ORTEGA Rafael Benito. *Las radios internacionales y su relación con la audiencia*. (Tese de Doutorado Universidade Complutense de Madri). Disponível em: <http://www.ucm.es/eprints/3738/>. Acesso em: 12 Mar. 2006.

OZAETA, Pablo María. *Las juntas veredales en la comunidad parroquial*. Bogotá: Editorial Pío X. 40p.

_____. *Propuesta de una nueva programación para las emisoras de Radio Sutatenza*. Bogotá: 1968. 92p. (Manuscrito).

PACHON, Luis Enrique. *La Escuela Radiofónica: metodología para el Cambio*. Bogotá: Sección Profesorado, 1969, 12p. (febrero 25; manuscrito).

PAREJA, Reinaldo. *Balance del estado actual en que se encuentra la investigación en radio en el país*. s.l, s. n. 1978. (manuscrito).

PARRA DE MARROQUIN, Omaira. *Diseño radial*. Bogotá: Editorial Andes, 1979. 34p. (1ª. Unidad, Acción Cultural Popular, Manual de adiestramiento).

PÁRROCO y las Escuelas Radiofónicas (El). *Boletín de Programas*, Bogotá: ARGRA, n. 13, sep. 1954.

PASO nada más (Um). *El Campesino*, 30 de julio de 1972, p. 11.

PERUZZO, Cicília. *Participação nas rádios comunitárias no Brasil*. Biblioteca online de ciências da comunicação. Disponible em: <http://bocc.ubi.pt>. Acesso em: 10/03/06.

PESCUMA, Derna; CASTILLO, Antonio Paulo F. *Referências bibliográficas: um guia para documentar suas pesquisas incluindo Internet, CD-ROM, multimedios (sic)*. São Paulo: Olho d'água, 2001. 116p.

PI, Renzo. La teoría de la dependencia. In: VARIOS. *Curso de planificación de proyectos de comunicación de apoyo al desarrollo campesino*. Quito: CIESPAL, 2 mai. – 3 jun., 1988.(Manuscrito).

PREISWERK, Matthias. *Educación Popular y teología de la liberación*. San José de Costa Rica: DEI, 1994. 312p.

PREMIO para Sutatenza. *El Tiempo*, 14 oct. 1970 (página editorial).

PRIETO CASTILLO, Daniel. La migración en América Latina. In ORELAC. *Comunicación y percepción en las migraciones*. Santiago de Chile, noviembre de 1982. 15-50p.

PRIMER Congreso latinoamericano de Escuelas Radiofónicas: 13 a 19 de septiembre de 1963. Secretaria de la Confederación Latinoamericana para la Educación Fundamental Integral. Bogotá: Editorial Andes, 1963?]. 92p.

PRIMER viernes. *Boletín de Programas*, n. 2, out. 1953.

PRIMROSE, Vincent Marie. *A study of the effectiveness of the educational program of the radiophonic schools of Sutatenza on the life of the Colombian peasant farmer*. 1965. 209 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Graduate School of Saint Louis University.

PUERTA, Carlos. Labor de Radio Sutatenza. *Boletín de Programas*: Bogotá, Ano 3, Num. 61, Fev. de 1965, p. 11.

QUÉ ES el boletín de las Escuelas Radiofónicas? *Boletín de programas*, set. 1953.

RÁDIO AMÉRICA 1410 AM. Uma canção nova em sua vida. Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/america/radio-america>. Acesso em: 16 abr. 2009.

RÁDIO RENASCENÇA. Disponível em: www.radiorenascença.com. Acesso: 12/12/2008.

RADIO SUTATENZA. *Boletín de Programas*: Para las Escuelas Radiofónicas y para los hogares colombianos. Mensual. Bogotá, 1953-1965.

RÁDIO SUTATENZA, Opinán nuestros oyentes. *Boletín de Programas*, publicação mensal, sep. 1953 – oct. 1958.

RÁDIO SUTATENZA. *Professor Numa Pompilio Mesa*. 1962 (Entrevista realizada com motivo dos 15 anos da Rádio Sutatenza).

RADIO SUTATENZA. *Diálogo de los Líderes Campesinos del Instituto de Sutatenza con el candidato Alfonso López Michelsen*. Duración: 67'46". s.l. año 1974(?). (Archivo Sonoro Radio Sutatenza). Disponible en esta pesquisa en: MD, n. 8, f. 33-41.

RADIO SUTATENZA. *Colombia Campesina Canta*. Bogotá: editorial Andes, 1977 (?) (Capa do disco; série A # 19).

RCN. *RCN y su programación especializada*. Disponível em: www.rcn.com.co. Acesso em: 22 ag. 2002.

RESTREPO, Javier Darío. *La revolución de las sotasnas*. Bogotá: Planeta, 1995.

RODRÍGUEZ, Adriano Duarte. *Dicionário breve da informação e da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 2000, 136p.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Alejandro. *Escuelas Radiofónicas: un plan de acción cultural*. Sutatenza: ARGRA, 1949. snp.

_____. *Acción cultural popular: Escuelas Radiofónicas*. Bogotá: Prensas del Ministerio de Educación Nacional. 1950. 73p.

_____. *Palabras pronunciadas por el Sr. Pbro. Alejandro Rodríguez en el homenaje de Rádío Sutatenza al Dr. Mariano Ospina Pérez*. sl. 22 abril 1953 (En la residencia campestre del Dr. Ernesto Roa Gómez).

RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, Gabriel. *Programación 1987. Cadena Sutatenza*. Bogotá: Acción Cultural Popular. 1987. 30p. (Manuscrito).

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. ACPO: origen y nacimiento. In: BERNAL ALARCÓN, Hernando. *Educación fundamental integral teoría y aplicación en el caso de acpo*. Bogotá: Editorial Andes, 1978.

_____. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967. 240p. (Manuscrito).

_____. Primera entrevista con el R.P. José Ramón Sabogal. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967a. p. 1-16. (março 16, 1967. Manuscrito).

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio, ZORNOZA, Luis. Charla con Monseñor José Joaquín Salcedo en casa de Monseñor. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967b. p. 17-34. (março 18, 1967. Manuscrito).

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. Desayuno en Sutatenza. Entrevista de periodista norteamericano. In: _____. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967c. p. 35-42. (março 24, 1967. Manuscrito).

_____. Palabras de Monseñor Salcedo a los alumnos de los Institutos Campesinos de Sutatenza. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967d. p. 54-68. (Março 25, 1967. Manuscrito).

_____. Entrevista con Monseñor Salcedo en Sutatenza, I. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967e. p. 69-103. (Março 25, 1967. Manuscrito).

_____. Entrevista con Monseñor Salcedo, II. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967f. p. 104-154. (Março 26,

1967. Manuscrito).

_____. Entrevista con el Dr. Luis Alejandro Salas, I. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967g. p. 155-186. (Manuscrito).

_____. Entrevista con Lázaro Jiménez y Aurora prieto. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967h. p. 187-212. (Manuscrito).

_____. Entrevista con R.P. José Ramón Sabogal, II. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967i. p. 213-236. (Manuscrito).

_____. Entrevista con el Dr. Luis Alejandro Salas, II. In: RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Indalecio. *Entrevistas sobre Acción Cultural Popular*. Panamá: [s.n.], 1967j. p. 237-240. (Manuscrito).

ROSARIO, Amable. Programación para la radiodifusión. JARAMILLO S, Edgar (Editor). *Desafíos de la Radio en el nuevo milenio*. Quito: CIESPAL, 2003. p. 115-124.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Paulo: Edicon, 1998. 116p.

SABOGAL, José Ramón. En este año. *El amigo*, Bogotá, snv., no. 9, p. 8, nov. 1950.

_____. Diecisiete Escuelas Radiofónicas. *El amigo*, Bogotá, snv., no. 9, p. 8, nov. 1950.

_____. Conversaciones campesinas. *Boletín de Programas*, Bogotá: ARGRA, n. 12, ago. 1954.

_____. Segunda campaña de las Escuelas radiofónicas. *Boletín de Programas*, Sutatenza, n. 2, oct. 1953.

SALAS SALCEDO, Mauricio Alberto. *Rediseño de um projeto de capacitação em estratégias comunicativas para líderes de la educación campesina*. 1984. 107f. Monografía (Comunicador social), Pontificia Universidad Javeriana.

SALAS SALCEDO, Luis Alejandro, DIAZ AMAYA, Mónica. *Descripción y análisis de las manifestaciones estéticas de campesinos de Cundinamarca y Boyacá y el programa educativo de la fundación Acción Cultural Popular*. 1983. 188f. Monografía (Facultad de Artes). Universidad de la Sabana.

_____. *The multimedia Quixote*. 1995. Video VHS 28'50". Dissertação (Master of Arts en Producción de Radio y Televisión), Colegio de Artes Creativas, Universidad del Estado, San Francisco, California.

SALAZAR PALACIO, Hernando. López Trujillo, poderoso y archiconservador. Disponible en: <http://www.semana.com>; Acceso: 14/11/08.

SALCEDO, José Joaquín. La organización: Dirección general de Acción Cultural Popular. *Radio Sutatenza, Boletín de Programas*, n. 8, abril de 1954, p. 10.

_____. La Escuela Radiofónica bien organizada. Esta vez estamos preguntones. Dirección general de Acción Cultural Popular. *Boletín de Programas*, Bogotá, n. 9, p. 10, maio. 1954a.

_____. La Escuela Radiofónica bien organizada. Auxiliares inmediatos (Cont.). *Boletín de programas*, Bogotá, n. 14, p. 10, oct. 1954b.

_____. La Escuela Radiofónica bien organizada. Auxiliares Inmediatos (Cont.). *Boletín de programas*, Bogotá, n. 13, p. 10, sept. 1954c.

_____. La Escuela Radiofónica bien organizada. Auxiliares Inmediatos. *Boletín de programas*, Bogotá, n. 12, p. 10, ago. 1954d.

_____. La Escuela Radiofónica bien organizada. Auxiliares Inmediatos. *Boletín de programas*, Bogotá, n. 25, p. 10, sep. 1955.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de acción cultural popular para 1956: organización, disciplina, organigrama (sic)*. Bogotá: Multilith, 7 diciembre, 1955a. 34p.

_____. La Iglesia y el Estado frente a la educación en Colombia. In: ACPO. Escuelas radiofónicas una obra de la Iglesia Católica. *La educación ante la Iglesia y el Estado*. Bogotá, 1955. p. 7-13.

_____. Proyecto de actividades de Acción Cultural Popular en 1955. s.l. [Manuscrito], s.d. 13p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de acción cultural popular para 1957: Principios ideológicos, plan de acción, organización, normas generales*. Bogotá: Multilith, 21 diciembre, 1956. 27p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de acción cultural popular para 1958*. Bogotá: Multilith, 28 diciembre, 1957. 5p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de acción cultural popular para 1959.* Un nuevo período: Acción Cultural Popular Obra oficial de la Iglesia. Bogotá: Multilith, 28 diciembre, 1958. 27p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de acción cultural popular para 1960.* s.l/s.d.,50p.

_____. *Mensaje de la dirección al personal. 1961.* Bogotá, 2 enero 1961. 16p.

_____. *Mensaje de la dirección al personal.* 1962. Bogotá: Editorial Andes, 2 enero 1962. 20p.

_____. *Mensaje de la Dirección al personal de la Institución.*1963. Bogotá, 15 febrero de 1963. 21p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de la Institución.*1964. Bogotá, 2 enero de 1964. 25p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de la Institución.*1965. Bogotá, 4 enero de 1965. 29p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de la Institución.*1966. Bogotá: Editorial Andes, 3 enero de 1966. 23p.

_____. *Mensaje de la dirección general al personal de la Institución.*1967. Bogotá: Editorial Andes, 2 enero de 1967. 30p.

_____. VON ROTH, Ernst Ostermanni, PALACIO, LONDOÑO, César. *El desarrollo: un problema? Una solución pacífica?* Medellín: Sagrada Familia, 1967. 28p.

_____. *La educación popular y el problema del desarrollo en América Latina:* Conferencia dictada por Monseñor José Joaquín Salcedo en la organización de los Estados Americanos el día 3 de mayo de 1967. Washington: OEA, 1967. 21p.

_____. *Segunda parte del mensaje de la dirección general al personal de la Institución.*1968. Bogotá: Editorial Andes, s.d. 28p.

_____. *Mensaje de la Dirección general al personal de la Institución.*1969. Bogotá: Editorial Andes, 7 enero de 1969. 30p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.*1970. Bogotá:

Editorial Andes, 7 enero de 1970. 33p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* 1971. Bogotá: Editorial Andes, 7 enero de 1971. 29p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* 25 años de servicio a la cultura del pueblo. 1972. Bogotá: Editorial Andes, 7 enero de 1972. 40p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución: el subdesarrollo está en la mente del hombre. La Educación no-formal...* 1973. Bogotá: Editorial Andes, 9 enero de 1973. 39p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* 1 974. Bogotá: Editorial Andes, 7 enero de 1974. 40p.

_____. *Diálogos con los líderes.* Bogotá: Editorial Andes, 1974. 124p. [Documento preparado por el profesor Lázaro Jiménez Acosta; DT, 25].

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* El Auxiliar Inmediato, fundamento de la Escuela Radiofónica. El líder local, una gran esperanza. 1975. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1975. 41p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* Los Estatutos. El Equipo Ejecutivo. Las finanzas. 1976. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1976. 36p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* Treinta años de servicio a la cultura del pueblo campesino. 1977. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1977. 44p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* Una nueva etapa. 1978. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1978. 42p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* Un año más de realizaciones para servir mejor al pueblo. 1979. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1979. 38p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* Un año de revisión y preparación para la acción intensiva en 1981. 1980. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1980. 39p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución.* Un año de

limitaciones, de esfuerzos y esperanzas renovadas. 1981. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1981. 35p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución*. Otro año de limitaciones, de esfuerzos y esperanzas renovadas. 1982. Bogotá, febrero de 1982. 44p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución*. Una Nueva Etapa. 1985. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1985. 55p.

_____. *Mensaje de la dirección general a los colaboradores de la Institución*. Organización y normas directrices. 1986. Bogotá: Editorial Andes, enero de 1986. 15p.

_____. BERNAL ALARCÓN, Hernando; IGLESIAS, Nohora Inés. *América Latina la revolución de la esperanza*. Bogotá: Publicaciones Violeta, 1990.

_____. *Sobrevivirá la democracia en América Latina?* Bogotá: Publicaciones Violeta-Editorial Presencia, 1993. 78p.

_____. *Sin producir riqueza no se acaba la pobreza*. Bogotá: Publicaciones Violeta/Editorial Presencia, 1994. 92p.

SAN ISIDRO agricultor: patrono e modelo de los campesinos. Sutatenza: Andes, 28 mayo de 1967.

SÁNCHEZ, Alvaro. *Escuelas Radiofónicas*. Bogotá: Prensas del Ministerio de Educación Nacional de Colombia, 1951. 47p.

SANTOS, Américo dos. Objetivos da BBC. In: VACA GUTIÉRREZ, Hernando. *Radio América 1410 AM: Implantação, Desenvolvimento e Perspectivas*. 2003. 270f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado). Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, São Paulo.

SARMIENTO, Fernando. Programa conmemorativo en el decimoquinto aniversario de las Escuelas Radiofónicas. 1962.

SE PUEDE enseñar a leer y escribir por medio de la radio? *Boletín de Programas*, Bogotá, snv, sn, p. 15, mar. 1960.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002. 304 p.

SCHRAMM, Wilbur. El desarrollo de las comunicaciones y el proceso de desarrollo. In

Lucian W. (comp.) *Evolución política y comunicación de masas*. Buenos Aires: Troquel, 1969. Disponível em: www.nombrefalso.com.ar/apunte.php?=30

SOUSA, Claudia Moraes de. *Pelas ondas do rádio: cultura popular, camponeses e o MEB*. São Paulo, 2006, f. 365 (doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br> ; acesso: 30/03/09.

THORNTON, Ricardo. Radiodifusão e educação. JARAMILLO S, Edgar (Editor). *Desafios de la Radio en el nuevo milenio*. Quito: CIESPAL, 2003. p. 269-281).

TORRES RESTREPO, Camilo; CORREDOR RODRÍGUEZ, Berta. *Las escuelas radiofónicas de Sutatenza Colombia: evaluación sociológica de los resultados*. Bogotá: Centro de Investigaciones Sociales, 1961. 73p.

TORRES RESTREPO, Camilo; BERNAL ESCOBAR, Alejandro. Acción Cultural Popular y los grandes problemas de la América Latina y de Colombia. In: ACCION CULTURAL POPULAR. *Tercera Asamblea General: Bogotá, 16 a 18 de abril de 1963*. Bogotá: Editorial Andes, sd. p. 39-52.

TRIO Sutatenza (El). Boletín de Programas, Bogotá: ARGRA, 1954.

UNESCO. *Los grupos móviles de cine y radio en la educación fundamental*. Paris: UNESCO, 1949. 204p. (por el FILM CENTRE Londres)

VACA GUTIÉRREZ, Hernando. *Radio América 1410 AM: Implantação, desenvolvimento e perspectivas*. 2003. 270f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado). Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, São Paulo.

_____. Extensão/Comunicação. In: STRECK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 187-189.

_____. Codificação/Decodificação. In: STRECK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 80-82.

_____. *Entrevista à religiosa Coronita Ortíz via internet*. 5 jun. 2005.

_____. *Entrevista a Efraim Medina Mora para esta pesquisa*. La Capilla, set. 2006.

_____. *Entrevista a Floralba Gutiérrez para esta pesquisa*. Via telefônica. 09/02/2009.

VÁZQUEZ CARRIZOSA, Alfredo. Palabras del embajador Vázquez Carrizosa. In:

SALCEDO, José Joaquín. *La educación popular y el problema del desarrollo en América Latina*: Conferencia dictada por Monseñor José Joaquín Salcedo en la organización de los Estados Americanos el día 3 de mayo de 1967. Washington: OEA, 1967. 21p.

VERÓN, Eliseo. *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. 286p.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989. 80p.

VIZER, Eduardo Andrés. *Mundos de la vida mediatizados*. São Leopoldo: Unisinos, 19-21 de nov. 2008. p. 26-27. (Seminário “Mediatização e processos sociais – Aspectos metodológicos”).

WHITE, Robert. *Teoria dell’audience/disegno di programmi religiosi*. Roma: Universidade Gregoriana, 1993. (Apostilas, Manuscrito).

_____. Disegnare il piano di una “campagna” religiosa tramite I mass media. In: _____. *Teoria dell’audience/disegno di programmi religiosi*. Roma: Universidade Gregoriana, 1993. (Apostilas, Manuscrito).

WOLF NAVARRO, Antonio. Uribe, tierra y democracia. Disponível em: www.eltiempo.com; Acesso: 10/02/2007.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 7. ed. Barcarena: Presença, 2002. 271p.

WORLD SUMMIT INFORMATION SOCIETY Geneva 2003 – Tunis 2005. Latin America: ICT Initiatives. ICT Stories from the field. *Radio education in Columbia*. Disponível: <www.itu.int/osg/spu/wsis-themes/ict_stories/LatAMICTInitiatives.html> Acesso em: 29 set. 2004.

YOUNG, Michael, BRAUER, Helen. Nota sobre las Escuelas Radiofónicas de Colômbia (ACPO-Acción Cultural Popular). In: BERNAL ALARCÓN, Hernando. *Educación fundamental integral teoría y aplicación en el caso de acpo*. Bogotá: Editorial Andes, 1978. 91-117p.

ZALAMEA, Luis. *Un Quijote visionario*. Bogotá: Jorge Plazas, 1994. 293p.

APÊNDICE A - CONTEXTO RADIOFÔNICO E DADOS CRONOLÓGICOS DA RÁDIO SUTATENZA

A partir da leitura dos documentos, parece-me que a emissora passa por três momentos significativos: um primeiro momento fundacional e organizacional (1947-1958); um segundo momento de expansão e consolidação (1959-1972); e, um terceiro momento de confrontação e decadência (1973-1989).

Esses três momentos estão atravessados por fatos eclesiais que, bem ou mal, representaram experiências vitoriosas ou de fracasso. Indubitavelmente que podem existir outras formas de periodizar esta caminhada da Rádio Sutatenza, mas acredito que o fator religioso, especificamente a hierarquia da Igreja Católica colombiana, desempenhou um papel central na vida e morte de Sutatenza e, portanto, de seus processos interacionais.

A etapa fundacional e organizacional da Rádio Sutatenza compreende de 1947-1958. Nesse período se levou à frente uma ampla tarefa de educação fundamental e se semearam na massa camponesa esperanças de renovação e de superação; conseguiu-se comprometer centenas de párocos num esforço orientado à revalorização camponesa. “Foi um período em que o fortalecimento econômico e a segurança financeira tomaram muitas horas de trabalho” (SALCEDO, 1958, p. 2).

A publicação de uma Instrução Pastoral (1958) por parte do Episcopado Colombiano, sobre a Cultura Camponesa e Ação Cultural Popular como uma obra da Igreja Católica colombiana, em setembro de 1958, marca, segundo Salcedo, o fim de uma etapa “dedicada a preparar toda uma maquinaria de trabalho, a reunir os imprescindíveis meios de ação, a esquematizar a organização, acomodando-a a seu fim concreto e determinado” (SALCEDO, 1958, p. 2).

Para mudar a dura realidade do camponês colombiano, o padre José Joaquim Salcedo põe no ar uma emissora com um transmissor que não atingia os 100 watts, com a finalidade de educar aos camponeses através do rádio. O primeiro programa da *Emisora Cultural del Valle de Tenza*, assim foi chamada inicialmente *Rádio Sutatenza* (SABOGAL, 1949), foi ao ar em 16 de novembro de 1947, sendo sintonizada pelos três primeiros receptores, que conseguiu Salcedo, movidos com bateria e instalados em três lares da vereda¹ de Irzón.

Previamente, em 28 de setembro foi a instalação e bênção do transmissor e do primeiro receptor; no mês seguinte, em 17 de outubro de 1947, recebeu a permissão de funcionamento da emissora HK-7-HM, por parte do governo nacional mediante a resolução n. 2002 (JIMENEZ, 1968).

Os desafios que a Rádio Sutatenza teve de enfrentar não foram apenas de potência para poder atingir os camponeses de um país de mais de um milhão de quilômetros quadrados, com regiões montanhosas e depressões enormes; foram também os aparelhos de recepção que não existiam e as pilhas enormes que eles precisavam e cujo custo era significativo. Além disso, para ter a emissora no ar, era necessário dispor de um gerador elétrico para ligar o transmissor. Mas, além dos desafios técnicos, estes eram também de caráter econômico, de estrutura, organização e de pessoal competente, entre outros. Porém, todos esses desafios foram enfrentados por Salcedo.

Os primeiros estúdios de Rádio Sutatenza se instalaram em 1947. Em 1948, se contrata na Holanda a fabricação de 5.000 receptores de desenho especial. Este ano de 1948 marcará a vida da Colômbia radicalmente. A 9 de abril é assassinado o líder liberal Jorge Elíecer Gaitán. Sua personalidade, sua inteligência e capacidade oratória o tinham convertido numa esperança para milhares de colombianos. Os partidários ao ver cair o seu representante prenderam um suposto culpado e o esfaquearam. “A emissora Panamericana, situada a poucos passos de onde caiu Gaitán, abriu seus microfones e transmitiu o que estava ocorrendo, ajudando deste jeito a criar pânico e aumentar os abusos” (PAREJA, 1978, p. 13).

Os trágicos sucessos do 9 de abril obrigaram o governo a decretar o Estado de exceção, cancelar as licenças de funcionamento das emissoras, de locutores e rádio-jornais. Devido a essas restrições, surgiu o mecanismo de autocensura do conteúdo dos programas, para evitar a intervenção do Estado e uma possível sanção. É claro que a emissora cultural do Valle de Tenza estava na periferia, nos seus começos e, como o mesmo Salcedo tinha dito, nem foi noticiado quando iniciou suas transmissões; portanto, sua existência ainda era imperceptível. Isto não significa que o impacto do 9 de abril não tenha trazido consequências a médio e longo prazo sobre este nascente projeto radiofônico educacional. Com efeito,

o dia nove de abril marcou um corte histórico para o país e para a radiodifusão. Iniciou-se abertamente o período mais sangrento da história do país com a guerra

¹ Em Boyacá, na Colômbia, chama-se “vereda” a cada uma das partes em que está dividida a área rural de um povoado. Portanto, Irzón é o nome de uma vereda do município de Sutatenza.

civil não declarada e conhecida como a violência. Tanto para o regime de Laureano Gómez, como a tomada do poder pelo General Gustavo Rojas Pinilla em 1953, se traduziu para a radiodifusão em um férreo controle e em um clima generalizado de censura: a Radiodifusora Nacional foi trasladada ao palácio presidencial para tê-la à mão em caso de emergência e evitar sua ocupação como no caso do 9 de abril (PAREJA, 1978, p. 15).

Particularmente, com este fato a situação do controle governamental afetou a programação da radiodifusão. “As redes radiofônicas e as emissoras independentes se viram obrigadas a controlar ou encontrar uma fórmula na programação que fosse ‘politicamente neutra’, para as radionovelas, os programas humorísticos e o esporte” (PAREJA, 1978, p. 15). O esporte particularmente ajudou meritoriamente na necessidade de uma programação com conteúdo ‘apolítico’. E, mais à frente, conclui Pareja (1978) que a programação manteve durante os anos de consolidação das redes (1948-1957) a orientação que o regime determinou.

Em 1948, começa a funcionar a rádio de Salcedo com 250 *watts*, “comprada por US\$ 2.000 dólares aos *stocks* de excedentes de guerra do exercito dos Estados Unidos. Naquele momento havia receptores para 15 escolas e o padre irradiava seu programa uma vez por semana, aos sábados, às cinco da tarde” (BEHRMAN, 1954, 37).

Em 13 de outubro de 1949, a Rádio Sutatenza, com o nome de ‘Acción Cultural Popular’, consegue a aprovação dos primeiros Estatutos e cinco dias mais tarde (18 de outubro) se converteu em pessoa jurídica de direito privado, reconhecida pelo Ministério da Justiça. No dia 11 de abril de 1953, o Bispo de Tunja a constituiu em pessoa jurídica eclesástica.

Em 4 de maio de 1950 se iniciam as conversações radiofônicas do Padre José Ramón Sabogal com os camponeses da Colômbia. Estas conversas duraram ininterruptamente até o fechamento da emissora em 1989. Sabogal é símbolo do sacerdote entrosado com o progresso de seus ouvintes; ele é símbolo de comunicador cristão, de identificação com o mundo camponês, com seus problemas e soluções, de simplicidade e clareza no falar pelo rádio, de autoridade pelos seus conhecimentos. Sabogal conseguiu hospedar-se no coração dos moradores do campo.

Em 13 de julho de 1950, instalou o terceiro transmissor de 1.000 *watts* e se inaugurou o edifício de “Acción Cultural Popular”, ACPO, em Sutatenza. Segundo José Ramón Sabogal (RODRÍGUEZ, 1967h) foi neste momento que se mudou o nome da ‘Emisora Cultural del valle de tenza’ para *Rádio Sutatenza*. A 11 de abril de 1953, são inaugurados os novos transmissores de Sutatenza, com uma potência de 25.000 *watts*. Tal potência converteu a Sutatenza na emissora mais potente da Colômbia (BEHRMAN, 1954, p. 37). Por tal motivo, o Papa Pio XII envia uma mensagem e bênção para os camponeses da Colômbia. A 14 de outubro de 1953, começa a assistência técnica da UNESCO para as Escolas Radiofônicas. Esta assistência durará até 1957.

Em 13 de outubro de 1954 inaugura-se a primeira filial de Rádio Sutatenza, “Rádio Belencito”, em Belencito, Boyacá; a 15 de agosto de 1955, inaugura-se a segunda emissora filial “Rádio Sutatenza em Bogotá”; em 23 de setembro de 1958, a Conferência Episcopal da Colômbia declara a ACPO e, portanto, a Rádio Sutatenza, como uma obra da Igreja Católica Colombiana.

A etapa de expansão e consolidação vai de 1959 a 1972. Esta nova etapa se inicia com a resolução unânime do Episcopado Colombiano de adotar a Rádio Sutatenza e a Fundação ACPO, como um todo, como obra oficial da Igreja Católica colombiana. Para Salcedo esta nova etapa vai contribuir para fixar na opinião publica os nítidos propósitos desta instituição de redenção camponesa que tem como único fim “elevantar a vida do homem do campo à posição que lhe corresponde como católico e como colombiano (SALCEDO, 1958, p. 3).

Nessa etapa se consolidam as Escolas Radiofônicas, o sistema combinado de meios, a potência e cobertura da Rádio Sutatenza, chegando, mais ou menos, a 700 *quillowatts* (a mais potente da Colômbia e uma das maiores no mundo). A bênção da emissora, em 23 de agosto de 1968, foi do Papa Paulo VI num encontro inédito com milhares de camponeses da Colômbia e América Latina, num episódio que representou o fato mais importante da instituição em sua caminhada: “Poder-se-ia dizer que essa data marcou o ponto mais alto do poder da Rádio Sutatenza. É também anotar-se que essa data marcou sua imediata queda” (ARIAS, 2008). Ainda teria uma data de muitos festejos e lembranças em 1972, nos vinte e cinco anos da fundação.

Em 11 e 12 de junho de 1960 foi abençoado o novo equipamento e transmissor de 50 *quillowatts*, em ondas curtas, de Sutatenza. Nessa ocasião o Papa João XXIII enviou uma mensagem aos camponeses da Colômbia. Em janeiro de 1961 chegam ao país os primeiros 10.000 receptores transistorizados procedentes da casa Philips da Holanda, para as Escolas Radiofônicas de Sutatenza.

Em 10 de agosto de 1963, com o apoio de empresários de Antioquia, a Rádio Sutatenza estabeleceu em Medellín sua emissora Regional, com 10 Qw.

Em 1967 a Rede estabeleceu outra Emissora Regional em Barranquilla, com 10 Qw. “O critério regional da Rede foi adaptar a programação à cultura e necessidades regionais, gerando localmente ao menos

parte das horas transmitidas” (ACCIÓN CULTURAL POPULAR, 1985, p. 13)

O ano de 1968 significou para Sutatenza seu momento de máximo esplendor. Desenvolveu o “Plano Paulo VI”, ao ensejo da primeira visita de um Papa à América Latina, no contexto da realização da segunda Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín.

O diretor conseguiu um encontro do Papa com os camponeses no dia 23 de agosto, em Mosquera (Cundinamarca). Aí ficou demonstrada a capacidade de convocação da Rádio Sutatenza. Mais de um milhão de pessoas estiveram no encontro. Naquela ocasião o Papa inaugurou e abençoou a nova rede de transmissão da Rádio Sutatenza em ondas médias. Num folheto publicitário daquela época encontramos este slogan: “*Nuestra potencia se ríe de las hondonadas, de las curvas, de las distancias. Transmitimos conociendo la geografía del país*”.

Esse acontecimento não só foi o fato mais importante da Instituição (MUSTO, 1971), senão que se transformou em motivo de fortes polêmicas a favor e contra a obra de Salcedo.

É a partir daquela data que Sutatenza se constitui na Rede radiofônica mais potente da Colômbia:

No momento Rádio Sutatenza tem à sua disposição aproximadamente 700 *quillowatts* (Anexo I) de poder de transmissão assim: em ondas longas 250 Qw, na central de Bogotá; 120 Qw, em Cali; 120 Qw em Barranquilla/Magangué, e 100 Qw em Medellín; e ondas curtas em Bogotá, 50, 25 e 10 Qw. Com sua considerável capacidade de transmissão a Rádio Sutatenza é capaz de cobrir a maior parte do território da Colômbia, como parte também dos países vizinhos. A interconexão dos transmissores de ondas longas, na rede nacional, foi completada em 1969, por meio da instalação de uma rede de cinco transmissores repetidores de FM. Paralelamente à rede de FM, há um sistema de rádio-telefone que proporciona comunicação em duas vias entre a rede de instalações (BERNAL, 1978, p. 68).

“Em janeiro de 1969 começou a funcionar uma emissora nova em Cali, iniciando-se com isto a operação Valle” (MUSTO, 1971, p. 76).

A etapa de confrontação e decadência vai de 1973 a 1989. Esta terceira etapa está marcada por momentos de fortes tensões entre o Fundador da Rádio Sutatenza e o Episcopado Colombiano; pela crise financeira que atinge a instituição devido à perda do apoio econômico que estava recebendo do Governo colombiano e da Igreja Católica alemã; pelo enfrentamento com as mídias comerciais (rádio e impressos) que buscavam diminuir a influência de Sutatenza e impedir que colocasse publicidade no ar; pela falta de renovação e inovação da proposta de Sutatenza às novas realidades do país; pelo enfraquecimento da mística da instituição “entre seus membros, os camponeses e os líderes” (BRAUN, 1976, p. 135).

Nestas circunstâncias, Salcedo vai para o exterior sob muitas pressões, num quase exílio, não declarado, e exerce uma espécie de “telegêrência” de sua obra. Este fato não será perceptível num primeiro momento, mas, com o passar do tempo, fica a obra quase sem direção, sem a avaliação e controle necessários em todo o sistema de comunicação. Estas e outras circunstâncias levariam ao fechamento da emissora em 16 de fevereiro de 1989.

Num estudo patrocinado pelo Banco Mundial, em 1974, sobre “o ataque à pobreza rural, como pode ajudar a educação não formal”, entre 25 casos analisados no mundo, o da Rádio Sutatenza foi selecionado como válido na América Latina. Isto significou o reconhecimento internacional do modelo de uso do Rádio para a educação, desenvolvido na Colômbia.

O financiamento da emissora foi feito com meios próprios, com ajudas nacionais (especialmente estatais) e de grupos da Igreja Católica da Alemanha e de outros países europeus. Mais tarde, obteve o apoio de instituições de financiamento como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Conhecida internacionalmente como Rádio Sutatenza ficou fora do ar (17 fev. 1989), pela venda de suas emissoras à Rede CARACOL (Cadena Radial Colombiana).

Para Pareja (1978), o que ajudou no surgimento da Rádio Sutatenza como rádio educativo e seu rápido desenvolvimento foi a situação de violência no campo, a necessidade de levar uma ajuda real a esta porção da população e a ajuda outorgada pela UNESCO. É indubitável que junto a esses fatos se tem que considerar a novidade da relação radiodifusão – educação e a inclusão da figura do Auxiliar Imediato nas Escolas Radiofônicas.

Para Arias (2008), os três motivos a considerar são: o impacto produzido pelo rádio seis décadas atrás. Não eram comuns os aparelhos de rádio nas cidades e, pior ainda, no campo. Portanto, a incursão da Rádio Sutatenza, popularizando os aparelhos de rádio, ensinando seu manejo e preparando líderes camponeses para ser, entre outras coisas, técnicos capazes de reparar os aparelhos, isso produziu o que se convencionou a “febre do

rádio”; um segundo motivo foi o fato de que a Rádio Sutatenza se converteu numa oportunidade para os governos fomentarem a educação de adultos, um objetivo que foi considerado pouco ou nada pelos presidentes até esse momento.

E, finalmente, desde a fundação da Rádio Sutatenza até dez anos após, a Colômbia foi governada por representantes do partido conservador muito próximos à Igreja que não só facilitaram a concessão de frequências senão que seu desenvolvimento. É claro que, para os governos, a Rádio Sutatenza representou uma possibilidade de ter notoriedade e exercer influência política.

A isso se teria que somar também a ideia obsessiva, prática e romântica de Salcedo e de suas estratégias; a contribuição magnânima do povo camponês de Sutatenza; o ser considerada com clareza em seus inícios como “obra da Igreja” e ter, nesse sentido, como carta fundamental o respaldo do bispo de Tunja e depois cardeal de Bogotá, Crisanto Luque; o apoio logístico (isenção de impostos) e econômico do Governo Nacional e de organizações católicas, entre outros motivos.

É importante lembrar que a radiodifusão na Colômbia “foi introduzida pelos integrantes de uma classe social que, além de estar em postos políticos de importância, também representava a classe dominante na economia” (PAREJA, 1978, p. 27). Portanto, serão esses tipos de interesses (político-econômicos) os que caracterizaram o rádio na Colômbia. Essa lógica comercial marcará seu funcionamento e sua programação.

A crítica na década dos anos 70 que recolhe Pareja (1978), de Rádio Sutatenza, é que, apesar de ser uma emissora cultural, entrou pelas vias da plena comercialização, sem renunciar a seus privilégios e não obstante o protesto dos representantes da radiodifusão comercial que tem qualificado isso de competência desleal. Frente a isso, dirá Salcedo (ACCIÓN CULTURAL POPULAR RESPONDE, 1973) que a finalidade da comercialização é para manter e socializar, com os lucros, o serviço ao povo marginalizado e não para encher o bolso de alguém.

Acreditamos que a carência de uma legislação clara que defenda e sustente economicamente o papel do rádio educativo, com função social, e que permita sua existência, prejudica a mudança social e a permanência de projetos dessa índole.

A função social do rádio ficou reduzida na Colômbia

a servir de instrumento de difusão de produtos, sob a cobertura de um ‘são entretenimento’ (a radiodifusão não contemplou a categoria de emissora cultural, senão até 1937 e não aparece a Rádio Sutatenza, senão até 1948). Ademais, conseguiu articular-se às necessidades dos dirigentes da política, dando ao radiouvinte a imagem que queriam projetar os políticos, não a imagem da situação real que se vivia ao interior dos partidos, ou a que sofria a grande massa camponesa operária: baixos salários, alta do custo de vida, desemprego (PAREJA, 1978, p. 27).

A partir da teoria crítica, Pareja (1978) demonstra como a radiodifusão ligou o país com a dependência cultural. As radionovelas e as notícias não sendo produção local veicularam os interesses dos produtores e das agências de notícias estrangeiras. Além disso, “é de capital importância desentranhar a ação específica da radiodifusão no desenvolvimento econômico do país: ser agente produtor, reproduzidor de ideologia” (PAREJA, 1978, p. 36). O rádio, em última instância, educou o radiouvinte para ser consumidor de um modelo de sociedade e não de outro.

Em síntese, a radiodifusão, orientada e manejada com o critério comercial e de “marginalidade política”, “foi historicamente determinada pela burguesia para que cumpra seu papel ideológico de educador do povo como consumidor, como agente neutralizador dos conflitos sociais, e a participação possível dos radiouvintes na sua solução” (PAREJA, 1978, p. 43). Desse enquadramento não se salva a Rádio Sutatenza.

Certamente, esta crítica será relativizada, anos mais tarde, na década de oitenta, pelos estudos culturais que irão enfatizar que a comunicação não é simplesmente questão de ideologias, de aparelhos ideológicos, senão de sujeitos, de cultura e de culturas. Isso significa que os processos de recepção não são mecânicos, ou seja, predeterminados pela produção.

Bernal (2005, p. 12) tenta sintetizar os elementos mais importantes do que foi a Rádio Sutatenza:

Em sua criação e nascimento desempenharam papel fundamental os camponeses colombianos, muito especialmente os que pertencem aos grupos andinos situados

nos departamentos (estados) de Boyacá, Cundinamarca, Santander, Tolima Grande, Antioquia e a zona cafeeira, Valle, Cauca e Nariño. Foi propiciada pela Igreja Católica, uma instituição muito influente na vida do país, principalmente através das paróquias rurais, que foram as comunidades de base onde teve origem e se desenvolveu. Contou com o apoio do Estado colombiano, muito especialmente nos anos de 1953 e 1974. Recebeu o reconhecimento nacional e internacional de diferentes entidades, tanto no âmbito oficial como no privado (BERNAL, 2005, p. 12).

Resumindo: a Rádio Sutatenza foi o principal meio de ação da organização Ação Cultural Popular, ACPO, cujo objetivo era proporcionar educação fundamental integral aos camponeses da Colômbia. Esta emissora iniciou suas emissões em novembro de 1947 e foram interrompidas, por venda de sua rede, a 17 de fevereiro de 1989. Foi conhecida como Sutatenza da Colômbia. Em sua expressão prática denominou-se-a como “Escolas Radiofônicas”. Enquanto organização, filosofia e caráter jurídico ficou conhecida como *Acción Cultural Popular*, ACPO.

ANEXO A – EVENTOS SIGNIFICATIVOS DA RÁDIO SUTATENZA/AMÉRICA LATINA E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

- 1948** → Discurso de salcedo ante las naciones unidas.
- 1953** → La UNESCO otorga ayuda técnica a ACPO.
- 1958** → La UNESCO realiza un estudio de evaluación del trabajo y de la influencia de ACPO en Colombia.
- 1960** → El cardenal Spellman visita a ACPO.
- 1963** → Primer congreso sobre las escuelas radiales en Latinoamérica, con participación de 170 delegados y 44 observadores de 22 países.
- Creación de la confederación Latinoamericana de educación Fundamental integral.
 - Creación del Instituto Latinoamericano de comunicación de masas.
- 1964** → El director general de ACPO preside el “Comité asesor de la campaña mundial de Alfabetización” en París, creado por la UNESCO.
- Discurso de Salcedo en Santiago de Chile.
 - El instituto Latinoamericano de comunicación de masas inicia sus actividades con 46 becados de 14 países latinoamericanos.
 - La universidad de Fordham declara que ACPO es un modelo para la creación de instituciones similares en otros países en desarrollo.
 - Término del primer curso del instituto Latinoamericano de comunicación de masas, en presencia de los embajadores de los países Latinoamericanos en Colombia.
- 1965** → COLEFI fracasa debido a las rivalidades entre las organizaciones afiliadas.
- El instituto Latinoamericano de Comunicación de masas suspende sus actividades por razones financieras.
- 1966** → El presidente de Chile, E. Frei, visita ACPO.
- El presidente de Venezuela, R. Leoni, visita ACPO.
 - La sociedad Internacional de profesionales de radio y televisión, con sede en Holanda, nombra a salcedo miembro ejecutivo.
- 1968** → El papa Pablo VI inaugura la emisora de ACPO en Bogotá, en presencia de campesinos y de representantes de organizaciones de educación popular de toda Latinoamérica.

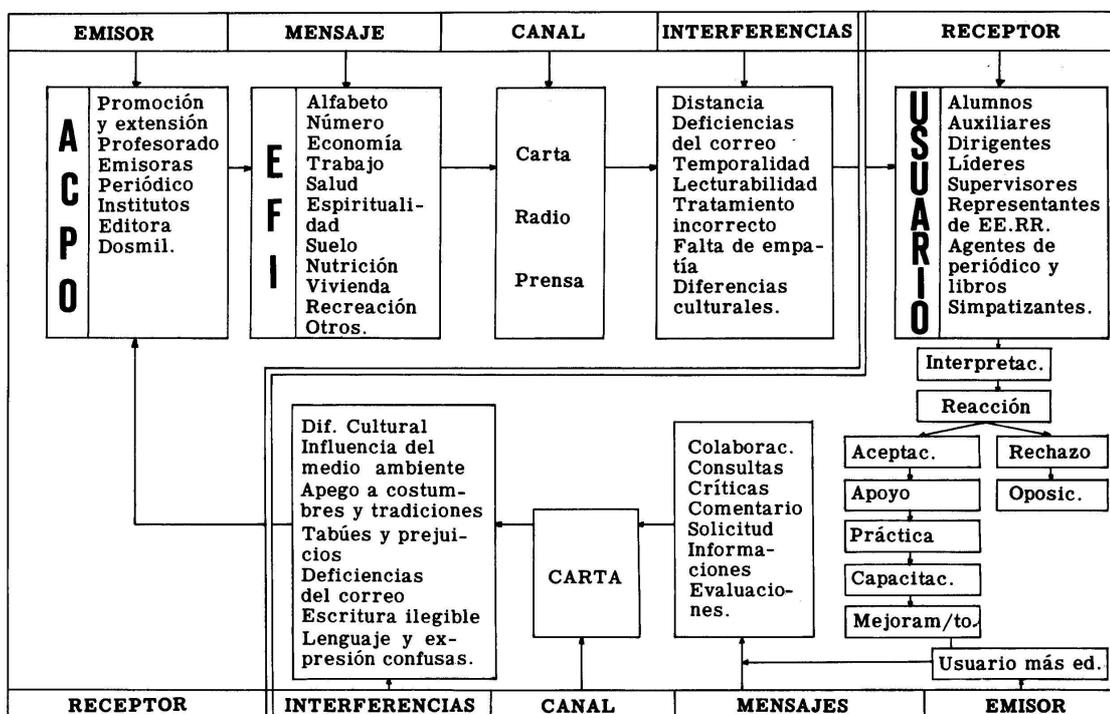
Fonte: Musto (1971, p. 152).

ANEXO B – ESCOLAS RADIOFÔNICAS NA AMÉRICA LATINA

Musto (1971, p. 153), baseado em informações de OSAL, encontrou que até 1968 um total de 116 instituições pediram apoio a esse departamento de serviços. Até esse mesmo ano adotaram o sistema das Escolas Radiofônicas, 24 destas instituições:

1. “Escuelas Radiofónicas de Huayococotla” (México)
2. “Centro de educación Fundamental Integral” (Guatemala)
3. “Escuelas Radiofónicas de Suyapa” (Honduras)
4. “Escuelas Radiofónicas de El Salvador”
5. “Radio Católica de Nicaragua”
6. “Centro de Estudios, Promoción y Asistencia Social” (Panamá)
7. “Acción Cultural Popular de Venezuela”
8. “Escuelas Radiofónicas de Pichincha” (Ecuador)
9. “Escuelas Radiofónicas Populares” (Ecuador)
10. “Radio Católica” (Ecuador)
11. “Radio Onda Azul” (Perú)
12. “Radio 800 Huallaga” (Perú)
13. “Emisoras Bolivia”
14. “Radio Emisor Juan XXIII” (Bolivia)
15. “Radio Loyola” (Bolivia)
16. “Escuelas Radiofónicas – Radio San Gabriel” (Bolivia)
17. “Radio Cultura” (Bolivia)
18. “Escuelas Radiofónicas Santa Clara” (Chile)
19. “Instituto de Cultura Popular” (Argentina)
20. “Misión Salesiana” (Argentina)
21. “Escuela de Comunicación Social” (Paraguay)
22. “Prelazia Nullius de Humanita” (Brasil)
23. “Aulas Radiofónicas” (Brasil)
24. Programa de Educación Popular del Estado de Paraná (Brasil)

ANEXO C – A RÁDIO SUTATENZA – ACPO: MODELO DO PROCESO DE COMUNICAÇÃO

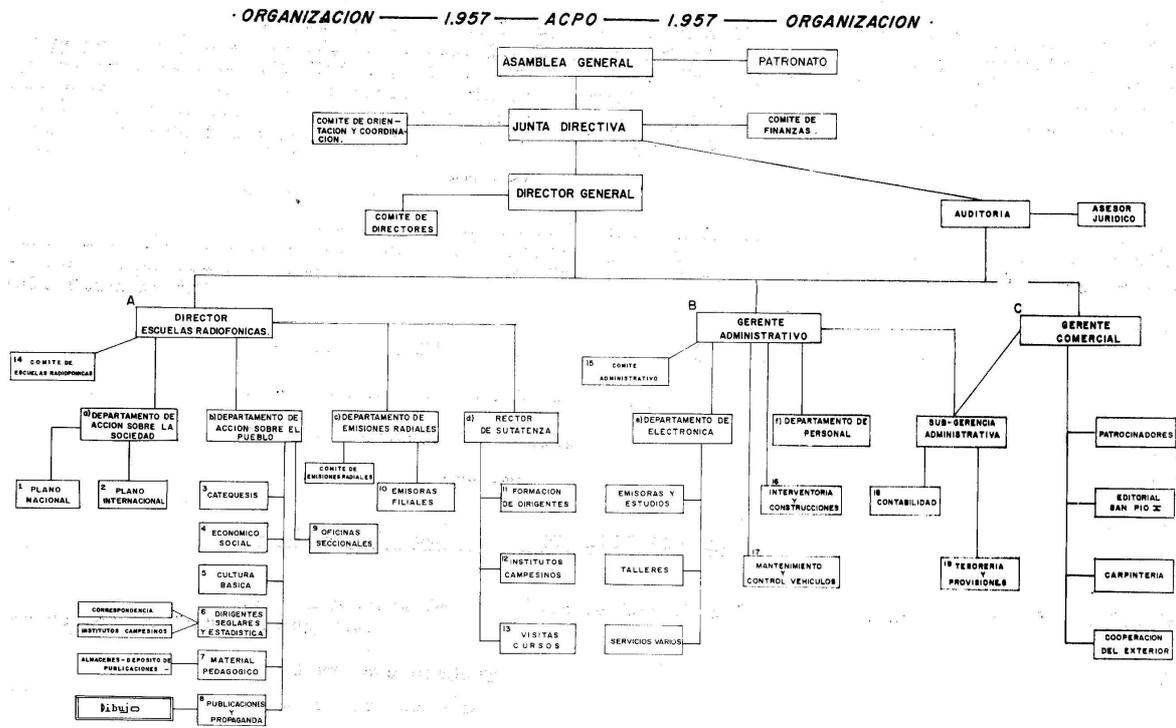


EL PROCESO DE COMUNICACION

ACPO - USUARIOS - USUARIOS - ACPO, A TRAVES DE LA CORRESPONDENCIA CULTURAL.

Fonte: Martínez Muñoz (1978)

ANEXO D – ORGANOGRAMA ACPO – ESCOLAS RADIOFÔNICAS 1957



Fonte: Salcedo (1957).

ANEXO E – MODELOS DE PROGRAMAÇÃO RADIO SUTATENZA

Programação 1953

Además de los Programas de clases para las Escuelas Radiofónicas (6.00 a 7.15 am. y 4 a 6.30 pm.) *Radio Sutatenza* tendrá las siguientes transmisiones para los *Hogares Colombianos*.

PROGRAMAS VESPERTINOS:

Lunes a Sábado: 6:30 P.m. → El Santo Rosario

“ “ 6:50 P.m. → Cartas de nuestros oyentes.

“ “ 7:00 P.m. → Noticiero.

“ “ 7:05 P.m. → Música Popular.

Lunes a Viernes: 7:15 P.m. → Nuestros Colaboradores.

Lunes a Sábado: 7:30 P.m. → *Acción Cultural Popular* en marcha.

“ “ 8:00 P.m. → Música Selecta.

“ “ 8:30 P.m. → Voces del campo.

“ “ 9:00 P.m. → Noticiero. Buenas Noches. Fin de la Transmisión.

Los Días Sábados 7:15 P.m. → Texto y Comentario del Santo Evangelio.

PROGRAMAS MATINALES:

Lunes a Sábado: 7.15 am. – Noticias y comentarios.

7.30 ” - La Caja Agraria habla a los colombianos.

8.00..” - Fin de la transmisión.

PROGRAMAS DOMINICALES

2:00 P.m. → Música Popular

2:15 P.m. → Noticias y Comentarios.

2:30 P.m. → La hora del Santo Catecismo.

3:00 P.m. → Buzón de la Semana.

3:10 P.m. → Música Popular.

3:25 P.m. → Mensaje a las Escuelas Radiofónicas.

3:40 P.m. → Teatro y Variedades.

4:00 P.m. → Invitación al deporte. Fin de la Transmisión

Fonte: *Boletín de Programas*, n. 1, set. 1953

Programação 1969

PROGRAMACION -A-

590-700-810 Kc. – Ondas Largas;

5095 Kc. 62 metros. Onda corta

LUNES A VIERNES

A.m.

3:55 Sintonía
 4:00 Buenos Días.
 5:30 Curso de educación permanente
 6:30 Curso de educación Básica
 7:00 Noticiero Sutatenza. 1ª emisión.
 7:20 Comentario deportivo.
 7:30 Un nuevo día para progresar.
 8:00 Noticia y hora.
 8:02 Intermedio.
 8:15 Los misterios de la naturaleza.
 8:30 Intermedio.
 8:32 Viajemos por América Latina.
 9:00 Noticia.
 9:02 Vidas Ilustres.
 9:15 Temas femeninos.
 10:00 Noticia y hora.
 10:02 Nuestro pequeño mundo.
 10:15 Orquestas famosas.
 10:30 Noticia y hora.
 10:32 Radionovela.
 11:00 Noticia y hora.
 11:02 La importante historia de cosas sin importancia.
 11:15 Pentagrama popular.
 11:30 Noticia y hora.
 11:32 El correo de radio Sutatenza.
 11:45 Con los líderes.

M

12:00 Noticia y hora.
 pm
 12:02 Rodando... Rodando...
 12:30 Noticia y hora.
 12:32 El refrán enseña.
 12:45 Las melodías de ayer y de hoy.
 1:00 Noticiero Sutatenza. 2ª Emisión.
 1:20 Éxitos del momento.
 1:30 Charlas con la familia.
 1:40 Sonido en alta fidelidad.
 2:00 Noticia y hora.
 2:02 Ustedes hacen el programa.

2:30 Noticia y hora.
 2:32 Viñetas históricas.
 2:45 Cantemos.
 3:00 Noticia y hora.
 3:02 Curso de educación permanente.
 4:00 Noticia y hora.
 4:02 Estampas sonoras.
 4:15 La ciencia agrícola al día.
 4:30 Noticia y hora.
 4:32 El maestro agrícola.
 5:00 Noticia y hora.
 5:02 Trampas del lenguaje.
 5:15 Rondas infantiles.
 5:30 Noticia y hora.
 5:32 Había una vez...
 5:45 La juventud.
 6:00 Noticia y hora.
 6:02 Curso de educación permanente.
 7:00 Noticiero Sutatenza. 3ª emisión.
 7:20 Comentarios deportivos.
 7:30 Curso de educación básica.
 8:00 Noticia y hora.
 8:02 Programas en el auditorio.
 8:30 Noticia y hora.
 8:32 Programas en el auditorio.
 9:00 Noticia y hora.
 9:02 Curso de cultura superior.
 9:30 Noticia y hora.
 9:32 Curso de cultura superior.
 10:00 Noticiero Sutatenza. 4ª emisión.
 10:20 Nuestros programas de mañana.
 10:30 Ideal y acción.
 11:00 Fin de la emisión.

PROGRAMACIÓN - A - SABADO

Am.
 3:55 Sintonía
 4:00 Buenos Días.
 5:30 Curso de educación permanente
 6:30 Curso de educación Básica
 7:00 Noticiero Sutatenza. 1^{ra} emisión.
 7:20 Comentario deportivo.
 7:30 Un nuevo día para progresar.
 8:00 Noticia y hora.
 8:02 Ritmo y melodía.
 8:30 Noticia y hora.
 8:32 Viajemos por América Latina.
 9:00 Noticia y hora.
 9:02 Vidas Ilustres.
 9:15 Temas femeninos.
 10:00 Noticia y hora.
 10:02 Mañana es domingo..
 10:30 Noticia y hora.
 10:32 Alrededor del mundo.
 11:00 Noticia y hora.
 11:02 Turismo para todos.
 11:30 Noticia y hora.
 11:32 El correo de radio Sutatenza.
 11:45 Con los líderes.
 M
 12:00 Noticia y hora.
 Pm.
 12:02 Rodando... Rodando...
 12:30 Noticia y hora.
 12:32 Las melodías de ayer y de hoy.
 1:00 Noticiero Sutatenza. 2^{da} emisión.
 1:20 Éxitos del momento.
 1:30 Noticia y hora.
 1:32 Charlas con la familia.
 1:40 Sonido en alta fidelidad.
 2:00 Noticia y hora.
 2:02 Ustedes hacen el programa.
 2:30 Noticia y hora.
 2:32 Servicios del exterior.
 3:00 Noticia y hora.
 3:02 Curso de educación permanente.
 4:00 Noticia y hora.
 4:02 Estampas sonoras.
 4:15 La ciencia agrícola al día.
 4:30 Noticia y hora.
 4:32 Pasatiempos para la familia.
 5:00 Noticia y hora.
 5:02 La juventud.
 5:15 Ronda infantil.
 5:30 Noticia y hora.
 5:32 El cuento del sábado.
 6:00 Noticia y hora.
 6:02 Curso de educación permanente.
 7:00 Noticiero Sutatenza. 3^{ra} emisión.
 7:20 Comentarios deportivos.
 7:30 Curso de educación básica.
 8:00 Noticia y hora.

8:02 Institutos campesinos.
 8:30 Noticia y hora.
 8:32 Ritmos de baile.
 10:45 Noticiero Sutatenza 4^a emisión.
 11:00 Fin de la emisión.
**PROGRAMACIÓN - A-
DOMINGO**
 A.m.
 4:55 Sintonía
 5:00 El día del señor.
 6:00 Nuestro folclor.
 6:30 El mercado agropecuario.
 7:00 Estampas sonoras.
 7:15 Como amaneció el mundo.
 7:30 Leyendo "El campesino".
 7:45 Bandas famosas.
 8:00 Honores al pabellón.
 8:15 Nuestros compositores.
 8:30 Hoy es domingo.
 10:30 En marcha.
 11:00 Recreación deportiva.
 11:30 Discoteca selecta. Concierto infantil.
 M
 12:00 Nuestra casita esta a la orden
 P.m.
 12:30 El correo de radio Sutatenza.
 12:45 Con los líderes.
 1:00 Noticiero Sutatenza.
 1:15 Competir y ganar.
 1:30 Colombia viva.
 2:00 Juventud campesina.
 2:15 Pentagrama musical.
 2:30 Por las veredas y los caminos.
 3:00 Mis viejos queridos.
 3:15 Estampas sonoras.
 3:30 Alegría y optimismo.
 5:00 Historia del pueblo colombiano (I).
 5:15 Cancionero popular.
 5:30 Historia del pueblo colombiano (II).
 5:45 Tiples y guitarras.
 6:00 Honores al pabellón.
 6:05 Rodando... Rodando....
 7:00 Reserva deportiva dominical.
 7:15 Noticiero Sutatenza.
 7:30 Operetas y zarzuelas.
 8:00 El dirigente campesino.
 8:15 Sala de concierto.
 9:00 Cuadros campesinos.
 9:30 Nuestros programas de la semana.
 10:00 Fin de la transmisión.

Fonte: Acción Cultural Popular (1969, p. 29-33)

**PROGRAMACIÓN –B-
5.075 kc. 62 mts.
6.075 Kc. 49 mts.
LUNES A SABADO**

am.

3:55 Sintonía
4:00 Buenos Días.
5:30 Curso de educación básica.
6:00 Viajemos por América latina.
6:30 Ustedes hacen el programa.
7:00 Noticiero Sutatenza. 1^{ra} emisión.
7:20 Comentario deportivo.
7:30 Curso de educación básica.
8:00 Curso de educación permanente.
9:00 Vidas Ilustres.
9:15 Los misterios de La naturaleza
(Melodías de ayer y de hoy).
10:00 Curso de educación permanente.
11:00 La ciencia agrícola al día.
11:15 Pentagrama popular (Estampas
sonoras).
11:30 Curso de educación básica.

M

12:00 Curso de educación permanente.

Pm.

1:00 Noticiero Sutatenza. 2^{da} emisión.
1:20 Éxitos del momento.
1:30 Curso de educación básica.
2:00 Curso de educación permanente.
3:00 Radionovela (Turismo para todos).
3:30 Curso de educación básica.
4:00 Curso de educación permanente.
5:00 Con los líderes
5:15 Ronda infantil.
5:30 Curso de educación básica.
6:00 Temas femeninos.
6:45 Charlas con la familia.
7:00 Noticiero Sutatenza. 3^{ra} emisión.
7:20 Comentario deportivo.
7:30 La juventud.
7:45 El correo de radio Sutatenza.
8:00 Rosario.
8:20 Programas en el auditorio.
9:00 Curso de cultura superior.
9:30 Noticia y hora.
9:32 Curso de cultura superior.
10:00 Noticiero Sutatenza. 4^{ta} emisión.
10:20 Nuestros programas de mañana.
10:30 Ideal y acción.
11:00 Fin de la emisión.

**PROGRAMACIÓN -B-
DOMINGO**

**Se repiten los programas del curso de
Educación básica realizados en la
semana inmediatamente anterior.**

am.

4:55 Sintonía
5:00 El día del señor.
6:00 Nuestro folclor.
6:30 El mercado agropecuario.
7:00 Estampas sonoras.
7:15 Como amaneció el mundo.
7:30 Leyendo “El campesino”.
7:45 Bandas famosas.
8:00 Curso de educación básica
(Repetición del lunes).
8:30 Curso de educación básica
(Repetición del martes).
9:00 Pasatiempos para la familia.
9:30 Alrededor del mundo.
10:00 Curso de educación básica
(Repetición del miércoles).
10:30 Curso de educación básica
(Repetición del jueves).
11:00 Recreación deportiva.
11:30 Ritmo y melodía.

m.

12:00 Curso de educación básica
(Repetición del viernes)

pm.

12:30 Curso de educación básica
(Repetición sábado).
1:00 Cadena con programación –A-.

*Programação 1987***LUNES A VIERNES**

04:00 a 05:00 a.m.	Buenos Días
05:30 a 06:00 A.m.	Leo y Escribo --- Hago cuentas
06:00 a 07:00 A.m.	Unisur --- Universidad Abierta
07:00 a 08:00 A.m.	Noticiero Sutatenza
08:00 a 08:30 A.m.	Segundo de Primaria
08:30 a 09:00 A.m.	Tercero de Primaria
09:00 a 10:00 A.m.	Quinto de Primaria
10:00 a 11:00 A.m.	Primero de Bachillerato
11:00 a 12:00 m	Segundo de Bachillerato
12:00 a 12:30 P.m.	El Sentir de La Comunidad
12:30 a 01:30 P.m.	Noticiero Sutatenza
01:30 a 02:00 P.m.	Deportivo Sutatenza
02:00 a 03:00 P.m.	Ustedes hacen el Programa
03:00 a 04:00 P.m.	Tercero de Bachillerato
04:00 a 05:00 P.m.	Cuarto de Bachillerato
05:00 a 05:30 P.m.	Separata Musical
05:30 a 06:00 P.m.	Vespertino Sutatenza
06:00 a 07:00 P.m.	Vivamos mejor.
07:00 a 07:30 P.m.	Deportivo Sutatenza
07:30 a 08:00 P.m.	Aquí R.S. 87
08:00 a 09:00 P.m.	Noticiero Sutatenza
09:00 a 10:00 P.m.	Quinto de Bachillerato.
10:00 a 11:00 P.m.	Sutatenza al mundo – Cierre de Emisión

SÁBADO

04:00 a 04:30 a.m.	Buenos Días
04:30 a 05:00 a.m.	ICA Informa
05:00 a 05:30 a.m.	Surcos de Progreso
05:30 a 06:00 a.m.	Espacio Verde
06:00 a 06:30 a.m.	Escuela Nueva
06:30 a 07:00 a.m.	Correo Directo
07:00 a 08:00 a.m.	Noticiero Sutatenza
08:00 a 08:30 a.m.	Libreta Universitaria
08:30 a 09:30 a.m.	El tutor es su Casa
09:30 a 10:00 a.m.	Colombia escucha a Colombia
10:00 a 10:30 a.m.	Cooperación para el Desarrollo.
10:30 a 11:00 a.m.	Tablero y Tiza
11:00 a 11:30 a.m.	I C B F
11:30 a 12:00 p.m.	Series Especiales
12:00 a 12:30 p.m.	Magazín Educativo
12:30 a 01:30 p.m.	Noticiero Sutatenza
01:30 a 02:00 p.m.	Deportivo Sutatenza
02:00 a 03:00 p.m.	Sábado en caso
03:00 a 05:50 p.m.	Cinta Musical
05:50 a 06:00 p.m.	Boletín de Noticias
06:00 a 07:00 p.m.	Fiesta Vallenata

07:00 a 07:30 p.m. Temas de Ciencia y Cultura
 07:30 a 08:00 p.m. Gaceta
 08:00 a 09:00 p.m. Viva el Sábado
 09:00 a 10:00 p.m. (*)Quinto de Bachillerato --- Al Ritmo de hoy --- Cierre Emisión.
 (*) Cuando los miércoles haya transmisión de Fútbol.

DOMINGO

04:00 a 04:30 a.m. Buenos Días
 04:30 a 05:00 a.m. ICA Informa
 05:00 a 05:30 a.m. Surcos de Progreso
 05:30 a 06:00 a.m. Naturaleza Presente y Futura
 06:00 a 06:30 a.m. Escuela Nueva
 06:30 a 06:45 a.m. Mensaje de Optimismo
 06:45 a 07:00 a.m. Mis Viejos Queridos
 07:00 a 07:40 a.m. Noticiero Sutatenza
 07:40 a 07:45 a.m. Cita con la Patria
 08:00 a 09:00 a.m. El tutor en su casa
 09:00 a 10:00 a.m. Colombia letra y música
 10:00 a 12:00 p.m. Hoy es Domingo Panorama Musical
 12:00 a 12:30 p.m. Temas y Personajes
 12:30 a 01:00 p.m. Noticiero Sutatenza
 01:00 a 05:45 p.m. Deportivo Sutatenza
 05:45 a 06:00 p.m. Boletín de Noticias
 06:00 a 06:30 p.m. Colombia Activa
 06:30 a 07:00 p.m. SENA
 07:00 a 07:30 p.m. Ciencia para todo el Público.
 07:30 a 08:00 p.m. Deportivo Sutatenza
 08:00 a 09:00 p.m. Encuentro Latinoamericano
 09:00 a 09:30 p.m. COMFAMA
 09:30 a 10:00 p.m. MEN --- Cierre Emisión

Fonte: Acción Cultural Popular (1987, p. 12-14).

ANEXO F - PROGRAMA NUESTRO BIENESTAR

TÍTULO DE LA SERIE	NUESTRO BIENESTAR
TÍTULO DEL CAPITULO	No. 5
LIBRETO	LUIS ALEJANDRO SALAS
PRODUCCIÓN	LUIS ALEJANDRO SALAS
TRANSMISIÓN	1980 (?).
DURACIÓN:	11'53"

1. CONTROL: ENTRA MÚSICA Y BAJA A FONDO

2. LOCUTOR: Esta emisora y Acción Cultural Popular Presentan: NUESTRO BIENESTAR. Un curso que nos ayuda a conocer y recordar normas que al practicarlas contribuyen a conseguir completo bienestar físico, mental y social.

3. CONTROL: SUBE CORTINA MUSICAL 5" BAJA A FONDO Y DESAPARECE

4. LOCUTOR: Salud amigos. A cada uno corresponde aplicar las normas de higiene que conoce para vivir bien. Y a cada uno corresponde tratar de encontrar otras nuevas formas de vivir, de conservar su existencia, de buscar su bienestar. No podemos decir que lo que ya sabemos, es todo lo que podemos aprender y es todo lo que nos sirve en la vida, hay que estudiar permanentemente. La educación tiene que ser constante, progresiva, permanente.
- Tenemos que esforzarnos por el estudio, por la capacitación cada vez más adecuada, a fin de llevar una vida mejor y de contribuir así al bienestar de la familia y de la comunidad.
- Decíamos que es importante usar correctamente los servicios de salubridad y que los médicos son especiales servidores de la sociedad, son grandes protectores de nuestra salud. La medicina, se dice, es ciencia y arte para la curación de los enfermos, para la defensa de los sanos, para la salud de todos, es decir para el bienestar. Vale la pena acudir al médico, recurrir a él, utilizar sus servicios; hay que aprovechar los conocimientos y las experiencias, las técnicas que él tiene y seguir sus consejos, sus indicaciones, pero también tenemos que tener el criterio suficiente para entender cómo los médicos no son sabios absolutos, no son la sabiduría completa, la sapiencia plena. Todos los médicos nos equivocamos y muchas veces infortunadamente. Hay que saber reconocer también las equivocaciones, esto me parece que es también ser honorable, honrado e instaurar un tratamiento diferente o un consejo distinto, cuando nos damos cuenta que hemos indicado a un paciente lo que no le corresponde, lo que no debe ser, pero es claro que los médicos estamos estudiando en forma constante, observando, analizando, preocupándonos por practicar más correctamente nuestra profesión en servicio de la humanidad, por lo tanto estamos en condiciones quizás más favorables que otras para indicar lo que mejor le puede corresponder a una persona. Sin embargo, no hay medico alguno en el universo que sea capaz de curar todo los males, ni siquiera de descubrirlos o de diagnosticarlos de darse cuenta quizás de ello. Es imposible para la mente humana, para las capacidades, todos podemos cada día perfeccionarnos, todos podemos estar y debemos estar buscando cada día la verdad, pero tenemos precisamente la oportunidad de estar descubriendo en forma constante si nos preocupamos. Vale la pena acudir al médico responsable, al médico honorable, al que nos dice la verdad, al que sabemos no se conforma con lo que ya aprendió y con lo que sabía, sino está estudiando, está observando, indagando, preocupándose, investigando por ayudar, contribuir al bien de la comunidad, utilicemos los servicios del médico, vayamos al el siquiera cada año, aunque nos sintamos sanos, para que nos indique como debemos seguir o como debemos modificar nuestra manera de comportarnos para sentirnos y estar bien.

5. CONTROL: CORTINA MUSICAL (4'20 – 4'40)

6. LOCUTOR: Las personas en condiciones especiales, deben acudir con frecuencia mayor al médico, quienes están enfermas deben ir cuanto antes para tratar de remediar pronto, no sólo de aliviar una afección o un síntoma, sino, ojalá curar el mal, quitarlo de raíz. Hay también un estado especial que exige un control o una revisión médica más cercana, más próxima, la mujer embarazada, es decir encinta, debe acudir cada mes al médico y lógicamente si se presenta alguna complicación antes del mes siguiente, pues antes debe ir, porque tiene que defender su vida, proteger su existencia y además la de ese ser extraordinario y maravilloso que está desarrollándose en su vientre. Los niños deben ser atendidos también de manera especial, porque ellos están creciendo, están desarrollándose y recordemos una frase que se utiliza, no es el mismo caso exactamente para las personas pero, “árbol que crece torcido nunca su rama endereza”. Tenemos que ver si el niño está creciendo, si está desarrollándose y adopta posiciones inadecuadas o tiene una afección, tiene una enfermedad que no se corrige, pues esto le va a traer después complicaciones mayores quizás para su toda su existencia o muy difíciles de tratar después, es conveniente que el médico revise al pequeño con periodicidad, con frecuencia, más, entre más pequeño sea, digamos, porque quizás tiene menos defensa, porque hay que controlarlo, porque hay que corregir las cosas que vayan presentándose en forma inadecuada para hacer que la vida sea mejor. El médico debe indicar cuando debe examinar de nuevo al niño, claro mientras no haya una enfermedad, porque si se presentan síntomas, como el niño está mal, pues debe acudirse pronto para tratar de remediarlo, aliviarlo y de curarlo para que siga desarrollándose correctamente, no cierto.

7. CONTROL: CORTINA MUSICAL: 17” BAJA A FONDO Y DESAPARECE

8. LOCUTOR: Un consejo importante para las mujeres mayores de 35 años. Estoy hablando ahora a las jóvenes que no tienen esa edad pero conocen a la mamá, a la tía, a una prima, a una amiga o a muchas mayores de 35 años a quienes pueden dar este consejo, acudir al médico cada 6 meses o cada año para que haga unos exámenes especiales y unos controles especiales para saber si no hay cáncer, toda persona está expuesta al cáncer, pero al cáncer en ciertos órganos genitales. Hay que examinar a las mujeres mayores de 35 porque hay una facilidad de controlarla y de hacer tratamiento oportuno, rápido, a fin de dominar este mal que puede ser mortal. Nos vamos entendiendo?. Apliquemos entonces esta norma de higiene, de usar bien los servicios de salubridad.

9. CONTROL: CORTINA MUSICAL: 11” BAJA A FONDO Y DESAPARECE

10. LOCUTOR: Muchos nos ayudan para la salud, no solamente los médicos: los odontólogos o los dentistas, los que contribuyen también para el buen estado de la salud oral o de la boca, que tiene que ver con todo nuestro organismo, una pieza dañada, un acceso, puede ocasionar lesiones a distancia, reumatismos por ejemplo o afecciones del riñón, nefritis muy serias que pueden traer complicaciones muy graves, en un momento dado, meningitis o encefalitis, es decir, afecciones infecciosas del cerebro o de las membranas que lo recubren y pueden inclusive ocasionar la muerte, y septicemia, es decir un regarse por todo el organismo un proceso infeccioso. Los odontólogos o dentistas son personas que deben aprovecharse para la conservación de la salud de las personas.

11. CONTROL: CORTINA: 15” BAJA A FONDO Y DESAPARECE

12. LOCUTOR: Los laboratoristas, las personas que en laboratorios clínicos realizan exámenes, contribuyen grandemente a la protección de la vida y a la búsqueda del bienestar de la gente, cuando presentan, claro está, bien hechos los resultados de unos exámenes y así indican al médico como debe hacer un tratamiento, cómo está acertando en su diagnóstico o le facilitan la manera de indicar un tratamiento correcto para salvar la vida, para curar los males o poder aliviar también a una persona. Los farmacéuticos, los boticarios, los inspectores de sanidad, los educadores sanitarios, vacunadores, rociadores, camilleros, promotoras de salud, son gentes que están ayudando a la

comunidad para la búsqueda del bienestar, tenemos que saber, así como la actividad de las enfermeras y de las auxiliares de enfermería, aprovechar y utilizar a la gente de buena voluntad, que también con técnica, con conocimientos, está brindando a la humanidad sus servicios para buscar el bienestar.

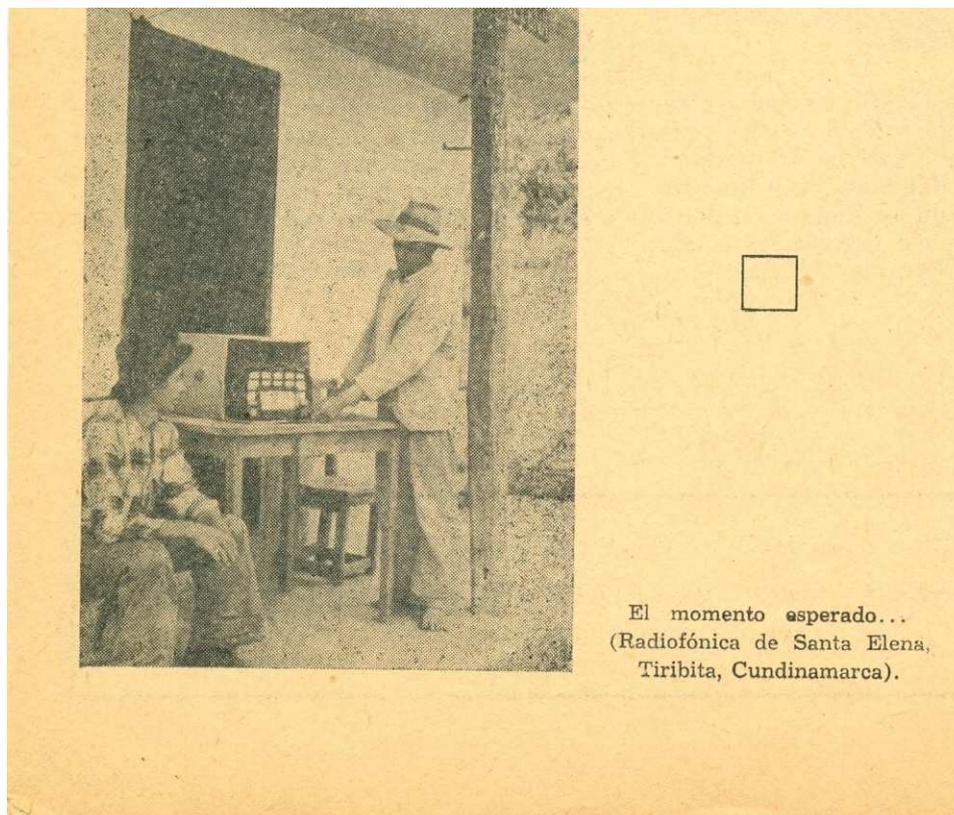
Muchos nos ayudan para la salud, todos debemos ser voluntarios de la salud, todos debemos contribuir al bien de los demás, todos tenemos que aprovechar los servicios que otros pueden darnos para el bien común. Salud amigos.

13. CONTROL: ENTRA MÚSICA Y BAJA A FONDO

14. LOCUTOR: Esta emisora y acción cultural presentaron NUESTRO BIENESTAR. Practiquemos las normas que contribuyen al bien común, al bien de la familia y al bien de cada persona.

ANEXO G – FOTOS ALUNOS DAS ESCOLAS RADIOFÔNICAS

Foto 1: o aparelho de rádio era guardado numa caixa de madeira



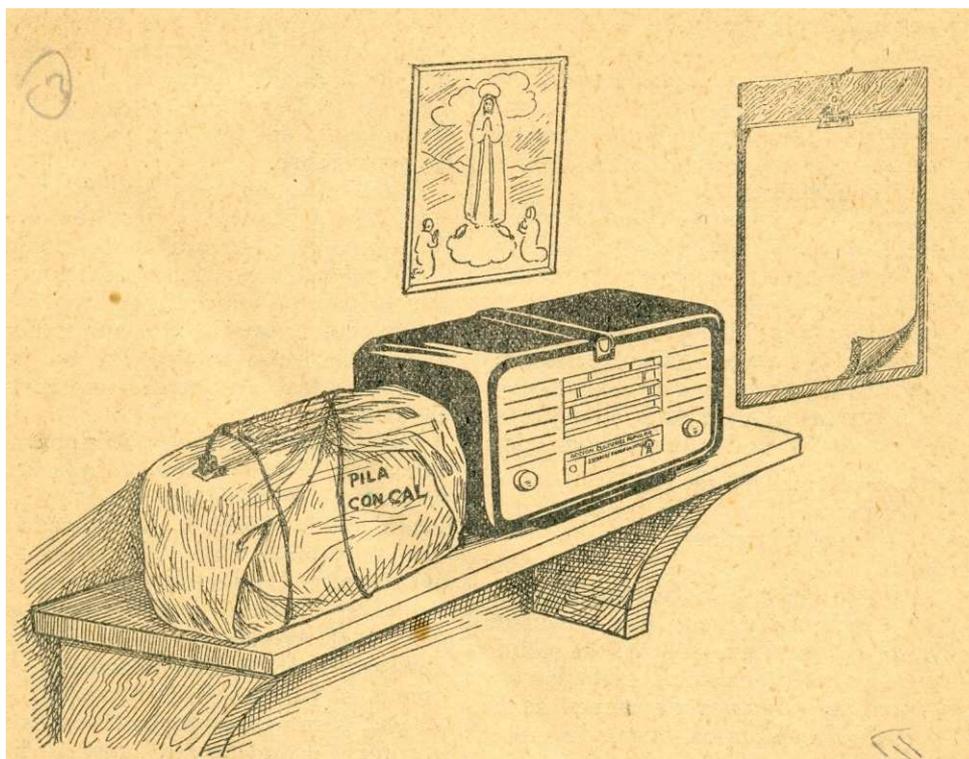
Fonte: *Boletín de Programas*, nov. 1953

Foto 2: Na Escola radiofônica



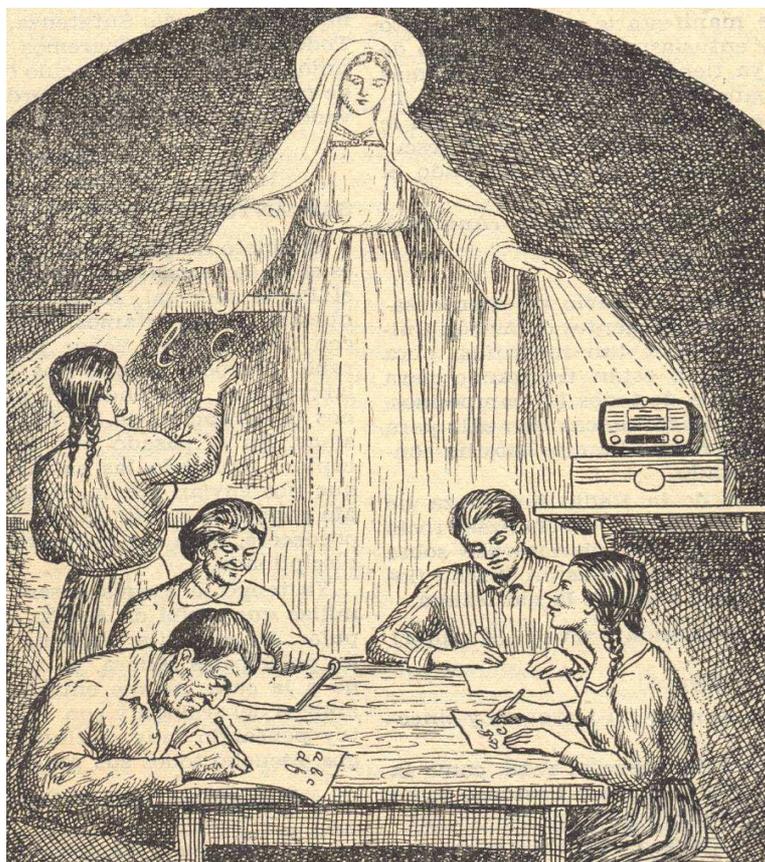
Fonte: *Boletín de Programas*, Nov. 1961.

Ilustração: Nossa Senhora de Fátima, o aparelho de Rádio, a pilha e planilha de assistência.



Fonte: *Boletín de Programas*, out. 1953

Nossa Senhora de Fátima, Padroeira das Escolas Radiofônicas. Ilustração da capa do *Boletín de Programas*, n. 42, fev. 1957.



Fonte: Capa do *Boletín de Programas*, fev. de 1957

ANEXO H: MENSAGEM DE DESPEDIDA DO AR DA RÁDIO SUTATENZA.

CORTINA MUSICAL

LOCUTOR: Lealtad, rectitud y respeto. Son ingredientes para conseguir la paz

CORTINA MUSICAL:

IDENTIFICACIÓN: *Desde Colombia para el mundo, esta es la señal internacional de la cadena Sutatenza. Estaciones en Bogotá, Barranquilla, Cali, Magangué y Medellín. Cadena Sutatenza, Radio sin fronteras.*

CORTINA MUSICAL: (Efeito de sinos, som característico da identificação da Rádio Sutatenza).

LOCUTOR: Salud amigos! El sábado 23 de agosto de 1947 llegó a Sutatenza como vicario cooperador de la Parroquia de San Bartolomé el neo-presbítero José Joaquín Salcedo Guarín, designado por el Señor Obispo de Tunja, Crisanto Luque. Comenzó entonces allí su servicio como educador. Tuvo el apoyo de los campesinos. El 19 de septiembre proyectó una película. El 13 de octubre comenzó la demolición de la pesebrera de la casa cural, para iniciar allí la construcción del teatro cultural. Y el domingo 21 de septiembre de 1947 llegó a Sutatenza su transmisor de radio aficionado, construido por su hermano Antonio José. El 17 de octubre se recibió licencia del gobierno para operar con las letras HK7HM.

Y el domingo 16 de noviembre se hizo la primera transmisión cultural. Un conjunto de música de cuerdas conformado por campesinos de una vereda de la localidad de Sutenza. En agosto de 1948 se dio licencia de operación a una emisora de 250 vatios de potencia con letras de identificación HJKY en la frecuencia de 1580 kilociclos por segundo.

El 23 de agosto de 1968 el Papa Pablo VI bendijo los transmisores de 250 kilovatios en la frecuencia de 810 kilohertz para radio Sutatenza en Bogotá y los demás de la cadena de emisoras en Barranquilla, Cali, Magangué y Medellín.

Estas emisoras de radiodifusión han sido uno de los elementos de acción que ha empleado la fundación ACPO para el cumplimiento de su objetivo.

El 18 de octubre de 1949 se reconoció la personería jurídica civil de esta organización, reconocida luego como fundación colombiana de la iglesia católica y según declaración del consejo de estado en 1977 con plena autonomía para su funcionamiento y desarrollo. He aquí algunos artículos de esos Estatutos.

Artículo 3. ACPO tiene por fin la educación fundamental integral cristiana del pueblo, especialmente de los campesinos adultos, mediante la escuela radiofónica con sus elementos de acción. Sus contenidos abarcan la capacitación básica y la preparación para la vida social y económica del pueblo, a la luz de los principios cristianos, de acuerdo con las diversas condiciones, para despertar en aquel el espíritu de reflexión e iniciativa que lo motive a seguir, contando con su propio esfuerzo en el trabajo del desarrollo personal y comunitario.

Artículo 4. ACPO dentro del marco de sus objetivos generales, propenderá por la creación de esquemas de pensamiento y de pautas de comportamiento que permitan la expresión de una responsabilidad y solidaridad, individual y comunitaria, en los niveles familiar, económico, laboral, organizativo, político, religioso y recreativo. Para esto trabajará en coordinación con otras entidades o agencias que persigan fines similares.

Artículo 5. Para el cumplimiento de sus objetivos, la Fundación utilizará un sistema

combinado de comunicación social, integrado por medios masivos y agentes de comunicación directa interpersonal que se reforzaran mutuamente. Puesto que la acción cultural para el desarrollo es una tarea popular, y esta a su vez es el fruto de un caer en cuenta y de una realización práctica de los valores de la propia dignidad, responsabilidad y solidaridad, los elementos de que dispone la Institución serán utilizados para ayudar en los procesos educativos de decisión que generen una real participación, y las actividades de la misma serán orientadas en forma de servicios a las comunidades.

Artículo 6.- ACPO no intervendrá en cuestiones políticas de índole partidista. Sus elementos de acción y sus actividades culturales, serán un servicio prestado a las comunidades, sin discriminación alguna.

Hasta aquí estos 4 artículos de los Estatutos de ACPO. Durante más de ocho lustros esta fundación ha sido fiel a su objetivo y espera seguir siéndolo.

El pueblo campesino ha respaldado la tarea de esta institución, ha hecho su verdadera Acción Cultural Popular, para nosotros ha sido una honra y un noble orgullo el haber servido al pueblo y especialmente al campesinado colombiano.

Por más de 40 años hemos presentado mensajes de paz y de trabajo, de unión para el bien, de búsqueda del progreso, hemos fomentado el desarrollo, hemos servido a la educación.

La cadena de emisoras de radio Sutatenza, ha cumplido una misión importante en la vida del país y del mundo, así lo proclaman los extranjeros, a quienes también consideramos como hermanos, así lo sienten, lo viven y lo demuestran las gentes usuarias de los servicios de ACPO a quienes queremos agradecer su compañía, muchas gracias a todos nuestros oyentes y escuchas. Les reiteramos nuestra cordial invitación a vivir mejor, a obrar correctamente, a buscar el bien común.

Muchas gracias a todas las entidades nacionales y extranjeras que de una u otra manera han participado en el patrocinio de nuestra labor. Gracias a nuestros anunciadores. Gracias a los gobernantes que apoyaron esta labor de ayuda en la capacitación popular. Gracias a las personas y entidades religiosas, civiles, militares y de cualquier otra índole que nos han brindado su respaldo. De todo corazón muchas gracias a todos los que han conformado en esta empresa los diferentes equipos de trabajo, que durante tantos años y de tan diversas maneras se han establecido para el cumplimiento de muchas funciones, que han permitido éxitos en el servicio al pueblo.

Quienes han pertenecido a la nomina de colaboradores de ACPO han sido artífices de un mejor estar de la comunidad.

Homenaje especial para gentes especiales: Monseñor José Joaquín Salcedo, fundador y director general de ACPO por 40 años. El Padre José Ramón Sabogal, el de las campañas de mejoramiento con los viejos queridos, desde mayo de 1948. Cecilia Aurora Prieto, colaboradora por muchos años y actual gerenta administrativa.

Todos y cada uno de quienes están o han estado vinculados laboralmente a esta empresa.

Por dificultades económicas, la fundación acción cultural popular se ha visto precisada a prescindir de las instalaciones y equipos de la cadena de emisoras de Radio Sutatenza. Otras personas serán las responsables de la utilización de estos poderosos instrumentos de comunicación. Ojalá siempre sean empleados para el bien de la comunidad, de cada familia y de cada persona.

Hemos llegado al final de una etapa en la vida de Acción Cultural Popular, esperamos ser mejores servidores y líderes de la educación del pueblo.

La educación básica es de gran urgencia para el pueblo, dice la frase correspondiente a la semana anterior en el almanaque ideológico de ACPO y la de la presente semana nos dice: amemos y sirvamos a Dios y al prójimo.

Me ha parecido adecuado el presentar a ustedes, amigos de ahora y del pasado, al país y al mundo, este mensaje explicativo de agradecimiento y de esperanza.

En la primera edificación de Acción Cultural Popular, en la casa central en Sutatenza hay una piedra fechada el 23 de noviembre de 1947 donde se lee “por la fe y la cultura, bases del verdadero progreso, se dio comienzo a esta obra”.

Para quienes quieran comunicarse por escrito con nosotros, la dirección es: Radiofónicas - Bogotá o Apartado 71 70 Bogotá – Colombia.

Muchas gracias a todos. Salud amigos!

Les habló el médico Luis Alejandro Salas Lezaca, director de la División cultural, de Acción Cultural Popular, ACPO. Locutor con licencia número un mil veinte ocho del Ministerio de Comunicaciones de Colombia.

CORTINA

IDENTIFICACIÓN: Desde Colombia para el mundo, esta es la señal internacional de la cadena Sutatenza. Estaciones en Bogotá, Barranquilla, Cali, Magangué y Medellín. Cadena Sutatenza, Radio sin fronteras.

(Transcripción realizada directamente del audio de este comunicado, por el autor de esta investigación).

El mensaje fue difundido el 17 de febrero de 1989 a las cinco de la tarde por Rádio Sutatenza en Bogotá. Último día de labores.

ANEXO I – TRANSMISORES DA RADIO SUTATENZA

La cadena de emisoras Sutatenza tiene transmisiones de onda media y en onda corta, con un total de 700 kilowatios, localizados en Bogotá, Medellín, Cali, Barranquilla y Magangué, Según la siguiente tabla.

TRANSMISIONES DE RADIO DE LA CADENA SUTATENZA

Ubicación y Frecuencia	Potencia en Kw.	Cubrimiento
BOGOTA		
810 KHZ (onda media)	250 KW.	788.000 Kilómetros
5.095 KHZ (onda corta 62 mts)	50 KW	13.750.000 habitantes nacional e internacional
5.075 KHZ (onda corta 62 mts)	25 KW	“
6.075 KHZ (onda corta 49 mts)	10 KW	“
MEDELLIN		
590 KHZ (onda media)	100 KW	68.000 Kilómetros 3.850.000 habitantes
CALI		
700 KHZ (onda media)	120 KW	70.000 Kilómetros 3.850.000 habitantes
BARRANQUILLA		
1.010 KHZ (onda media)	10 KW	
MAGANGUE		
960 KHZ (onda media)	120 KW	112.000 Kilómetros 6.050.000 habitantes

Fonte: Acción Cultural Popular (1985).